

Lucas Corrêa da Cunha Silva

**A biblioteconomia e a ciência da informação nas obras de
Luciano Floridi:
uma análise de conteúdo**

Marília, 2026

Lucas Corrêa da Cunha Silva

**A biblioteconomia e a ciência da informação nas obras de
Luciano Floridi:
uma análise de conteúdo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida

Marília

2026

Ficha catalográfica

S586b

Silva, Lucas Corrêa da Cunha

A biblioteconomia e a ciência da informação nas obras de Luciano Floridi : uma análise de conteúdo / Lucas Corrêa da Cunha Silva. -- Marília, 2026

219 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Carlos Cândido de Almeida

1. Biblioteconomia. 2. Ciência da informação. 3. Filosofia da informação. 4. Luciano Floridi. I. Título.

Lucas Corrêa da Cunha Silva

**A biblioteconomia e a ciência da informação nas obras de
Luciano Floridi:
uma análise de conteúdo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Linha de pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação

Data da defesa: 30/04/2026

Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Daniel Martinez-Ávila
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. Daniel Abraão Pando
IFSP – Birigui, SP

Marília, 30 de abril de 2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, que incentivaram-me no caminho dos estudos, mesmo quando não entendiam muito bem o que eu estava estudando. Agradeço, também, aos professores que me motivaram nessa longa trajetória, que ainda é curta. Não poderia deixar de agradecer a todos os amigos que me incentivaram, em especial ao Rodrigo que sempre viu como algo óbvio meu caminho passar pela pós-graduação (a ponto de irritar-se quando duvidei desse caminho ser possível). Aos amigos e colegas que estiveram ao meu lado antes, durante e depois da jornada, meu agradecimento.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu orientador, que me deu verdadeiras aulas nesses anos, a todos os que ofereceram críticas às ideias que compartilhei e também a você que está lendo meu trabalho. Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar quais as definições de “biblioteconomia” e “ciência da informação” presentes nas obras do filósofo Luciano Floridi. O universo da pesquisa foram as obras de Luciano Floridi, e o corpus de análise constituiu-se de 335 obras de Floridi presentes no banco de dados da Scopus. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica para a seleção dos materiais e a análise de conteúdo no corpus levantado. Para a construção do referencial teórico, revisou-se a história da biblioteconomia como campo de estudos da biblioteca e sua transformação ao longo do tempo. Revisou-se a história da bibliografia e da documentação como campos que influenciaram no surgimento da ciência da informação, abordou a ciência da informação a partir do contexto histórico do surgimento, as principais correntes e os conceitos de informação presentes na literatura. Abordou-se a conceituação do campo da filosofia da informação presente nas obras de Floridi. A análise dos dados tratou do conceito de biblioteconomia e ciência da informação nas obras de Luciano Floridi, suas características disciplinares e suas relações com a filosofia da informação e com a epistemologia social. Conclui apresentando as lacunas existentes na abordagem de Floridi em relação com a consideração que os campos tem sobre seus estudos e projeções de estudos para o melhor entendimento da área.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ciência da informação. Filosofia da informação. Luciano Floridi.

ABSTRACT

This study aims to investigate the definitions of “library science” and “information science” found in the works of philosopher Luciano Floridi. The scope of the research comprises the works of Luciano Floridi, and the corpus for analysis consists of 335 of Floridi’s works available in the Scopus database. The methodology involves a literature review to select the materials and content analysis of the collected corpus. To construct the theoretical framework, it reviews the history of library science as a field of library studies and its transformation over time. It reviews the history of bibliography and documentation as fields that influenced the emergence of information science, addresses information science from the historical context of its emergence, the main schools of thought, and the concepts of information present in the literature. It addresses the conceptualization of the field of the philosophy of information present in Floridi’s works. The data analysis deals with the concept of library and information science in the works of Luciano Floridi, their disciplinary characteristics, and their relationships with the philosophy of information and social epistemology. It concludes by presenting the gaps in Floridi’s approach regarding the fields’ consideration of his studies and proposals for further research to better understand the area.

Keywords: Library science. Information science. Philosophy of information. Luciano Floridi.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – Eventos do surgimento da ciência da informação	49
Quadro 2 – Conferências e resultados de evento da “Conceptions of Library and Information Science” (CoLIS)	55
Quadro 3 – Conferências EDICIC	57
Quadro 4 – Estrutura das abordagens do conceito de informação	71
Figura 1 – Dicotomias da informação	76
Quadro 5 – Conceitos de informação na ciência da informação	83
Figura 2 – O triângulo fundacional	146
Quadro 6 – Síntese das categorias tratadas por Floridi	172

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Problema da Pesquisa e Objetivos.....	11
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Estrutura da dissertação.....	14
2 BIBLIOTECONOMIA.....	16
3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	32
4 A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO DE FLORIDI.....	85
5 METODOLOGIA.....	91
5.1 Tipo de Pesquisa.....	91
5.2 Universo da pesquisa.....	92
5.3 Técnica de análise dos dados.....	93
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	97
6.1 Definição de biblioteconomia e ciência da informação.....	97
6.2 Relações entre filosofia da informação e biblioteconomia e ciência da informação.....	100
6.3 Relações interdisciplinares.....	107
6.4 A filosofia da informação como fundação teórica.....	119
6.5 Crítica da epistemologia social como fundação teórica.....	131
6.6 Interação entre os três campos.....	143
6.7 Substituição da fundação teórica.....	154
6.8 Panorama das considerações abordadas por Floridi.....	171
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS.....	188
APÊNDICE A - LISTA DE TRABALHOS RECUPERADOS COM AUTORIA DE LUCIANO FLORIDI.....	198

1 INTRODUÇÃO

A ciência da informação é um campo ou disciplina científica que se ocupa do estudo sobre o fenômeno da informação, do seu processamento, gestão e uso. Sua formação se desenvolveu a partir da segunda metade do século XX, decorrente do impacto causado pelo aumento crescente da importância dada à informação e de sua acelerada expansão advinda da evolução tecnológica e científica. A importância da informação como um componente social imprescindível aumentou com o avanço científico e tecnológico com maior impulso a partir do século XIX e com a explosão informacional no pós Segunda Guerra Mundial e, a partir de então, buscou-se construir uma disciplina que tratasse dos problemas existentes entre os produtores e os usuários de informação, ou seja, entre aqueles que produziam informação e desejavam dar acesso a ela, e aqueles que necessitavam de informação e precisavam buscá-la. Assim, o corpus teórico da ciência da informação se relaciona aos estudos da informação científica (a informação gerada e circulada dentro de campos científicos específicos, bem como a circulação da informação na sociedade gerada pelo fazer científico), da gestão e da comunicação da informação, e busca, através do encontro interdisciplinar, entender a informação dentro da sociedade.

A informação, desmaterializada de seu suporte, o documento, é levada ao centro dos trabalhos técnicos e organizacionais a partir dos trabalhos da documentação. A ciência da informação, herdando os trabalhos sobre tratamento da informação, instituiu-se enquanto disciplina a partir dos anos 1960 no ocidente e ganhou cada vez mais notoriedade na segunda metade do século XX, relacionando-se com campos como a ciência da computação, a psicologia, a biblioteconomia, e a engenharia. Por essas relações interdisciplinares, López Yepes (1995) ressalta que pode-se encontrar a ciência da informação ora tratada como campo encarregado de estudar a comunicação interpessoal e ora vinculada a domínios como processamento de dados e sistemas de controle militar.

A ciência da informação se comunica conceitualmente com diversos campos do saber para a construção de seu próprio corpo teórico. A multiplicidade dessa relação se estabelece por uma interdisciplinaridade, caracterizada por uma colaboração de troca de experiências, uma interação entre os campos do saber humano, que se encontra presente na ciência da informação desde seu surgimento (Le Coadic, 1996; Saracevic, 1999). Por meio dessa articulação, a ciência da

informação cruza fronteiras com a matemática, a linguística, a psicologia, a computação, a biblioteconomia, a comunicação e outras áreas similares. Saracevic (1999) ainda ressalta que essa interdisciplinaridade na ciência da informação foi introduzida por duas causas. A primeira se deu porque os problemas acerca da informação não podem ser resolvidos por abordagens presentes em apenas uma disciplina, sendo a interdisciplinaridade uma predeterminação para a realização dos seus estudos.

Segundo, interdisciplinaridade na ciência da informação foi introduzida e tem sido perpetuada até o presente pelas próprias diferenças de origem das pessoas que abordam os problemas descritos. Diferenças de origem são muitas; elas criam riqueza para o campo e dificuldades na comunicação e educação. Claramente nem toda disciplina na origem da pessoa trabalhando no problema produziu uma equivalente contribuição relevante, mas a variedade foi responsável por sustentar uma interdisciplinaridade forte, característica da ciência da informação¹ (Saracevic, 1999, p. 1059, tradução nossa).

Conforme os próprios campos se desenvolvem interdisciplinarmente, como é o caso, por exemplo, da filosofia da informação – uma proposta de ramo da filosofia feita por Luciano Floridi que relaciona seus estudos com conceitos como a cognição, a informação, o conhecimento, a tecnologia e a sociedade – a própria ciência da informação encontra um espaço aberto, amplo e multidisciplinar para expandir seu aporte teórico e pragmático.

A proposta de filosofia da informação, conforme é defendida por Luciano Floridi, mesmo apresentando uma semelhança em seu objeto de estudo, tem seu desenvolvimento dissociado do desenvolvimento ocorrido dentro da ciência da informação, mas enfrentaram problemas semelhantes. Apesar de não terem entre si relações íntimas, ambas foram afetadas pelo desenvolvimento tecnológico e pelo impacto do crescimento da importância da informação no contexto social. A partir do crescente uso das tecnologias de informação e comunicação, a filosofia da informação cresceu seu aporte teórico a ponto de poder ser considerada por Floridi um campo autônomo dentro da filosofia, preocupando-se com o que é a informação, o que pode ser considerado informação e como ela afeta a vida humana.

¹ “Second, interdisciplinarity in information science was introduced and is being perpetuated to the present by the very differences in backgrounds of people addressing the described problems. Differences in background are many; they make for richness of the field and difficulties in communication and education. Clearly not every discipline in the background of people working on the problem made an equally relevant contribution, but the assortment was responsible for sustaining a strong interdisciplinary characteristic of information science.”

Desde a delimitação do seu campo de atuação, por Luciano Floridi (n. 1964) (Ilharco, 2003), a filosofia da informação busca investigar o fenômeno da informação que impacta não apenas o desenvolvimento tecnológico como também influencia na vida social, na gestão empresarial, nas comunicações, na forma de ver o mundo por parte dos sujeitos, entre outros problemas. Estes avanços de investigação, se bem traduzidos, podem contribuir para a investigação da ciência da informação na medida em que levantam discussões sobre o que representa a informação e o que a informação representa para os sujeitos e para as organizações, os efeitos que ela causa e as consequências destes efeitos.

1.1 Problema da Pesquisa e Objetivos

À medida que os campos do saber humano se expandem, encontra-se espaço para, dentro de seus estudos, o estabelecimento de relações proximais entre os diferentes conhecimentos produzidos. As relações de proximidade tendem a encontrar espaço para um intercâmbio de teorias e conceitos, que podem enriquecer ou dificultar os estudos. Para que os estudos possam se tornar frutíferos dentro de um campo, a correspondência dos termos a serem tratados precisa ser analisada com rigorosidade. A maneira como um campo considera os conceitos presentes em outro molda as formas como este se relaciona com os conhecimentos produzidos e em como são incorporados.

Dentro da ciência da informação, é comum considerar que seu desenvolvimento, passado e presente, se dá por meio da interdisciplinaridade. Entre os campos nos quais a ciência da informação estabelece limites interdisciplinares se encontra a filosofia. Entre os campos da filosofia, um campo que tem recebido atenção é a filosofia da informação.

Revoredo (2015), propondo tratar a representação da filosofia dentro da literatura da ciência da informação, busca verificar em que medida os debates propostos por Luciano Floridi sobre filosofia da informação repercutiram nos estudos da ciência da informação no Brasil, objetivando trazer novas maneiras de pensar a área.

Leite (2018) pontua a relação entre biblioteconomia e ciência da informação com a Filosofia da Informação como sendo óbvia por possuírem o mesmo objeto de estudo (a informação). Pontuando que, na obra de Floridi, a biblioteconomia e

ciência da informação (tratada como um campo) é apresentada como "filosofia da informação aplicada", e pouco relacionada com a epistemologia social, Leite (2018) não se concentra na discussão e foca nos conceitos desenvolvidos por Floridi para discutir sobre a confiabilidade da informação.

Suave (2020) estabelece uma relação entre a filosofia da informação e a ciência da informação e busca analisar esta relação presente nas publicações do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. O trabalho busca visualizar a relação entre as duas áreas presentes no Grupo de Trabalho de Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação e nos problemas da Filosofia da Informação estabelecidos por Luciano Floridi.

Apesar de estudos serem feitos buscando uma relação interdisciplinar entre a ciência da informação e a filosofia, destacando-se aqui a filosofia da informação, existe uma lacuna quanto a proximidade terminológica entre os dois campos de estudo. As relações teóricas entre eles deixam de lado sobretudo a forma como o próprio campo da ciência da informação é tomado dentro dos estudos na filosofia da informação, a fim de compreender a forma como o campo é considerado.

Visando preencher essa lacuna, este trabalho busca levantar e delimitar os conceitos de "biblioteconomia" e de "ciência da informação" nas obras de Luciano Floridi. Esta dissertação tem como questão de pesquisa: **quais as definições de "biblioteconomia e ciência da informação" presentes nas obras de Luciano Floridi?**

O objetivo deste trabalho é analisar os conceitos de "biblioteconomia" e de "ciência da informação" presente nas obras de Luciano Floridi. Para atingir esse objetivo, pretende-se revisar os conceitos centrais da história da biblioteconomia e da ciência da informação, de forma a esclarecer da melhor forma as delimitações dos campos. A seguir, propôs-se localizar e identificar as produções de Luciano Floridi, para extrair destas os conceitos de "biblioteconomia" e "ciência da informação" e, assim, analisar o estado da área na biblioteconomia e da ciência da informação presentes nas obras.

1.2 Justificativa

A ciência avança a construção de seus paradigmas proporcionados pelos novos conceitos que incorpora, seja por seus agentes – através de novas ideias – ou

pelas relações entre disciplinas – as inter-trans-multidisciplinaridades. As relações estabelecidas entre a ciência da informação e a filosofia, a ciência da computação, a sociologia, a matemática, as ciências cognitivas fazem parte da construção do campo da ciência da informação pelo entrecruzamento de conceitos e saberes comuns ao objeto da informação.

As relações interdisciplinares que ocorrem no campo da ciência da informação são posições que ocupam espaço no estudo da epistemologia deste campo. A incorporação de conceitos ou relações entre outros campos de estudos não pode estabelecer-se como mera transposição de termos e estudos que desconsideram ou diminuem a importância dos problemas que se ocupa a ciência da informação, do contexto em que esses conceitos são empregados em outras áreas ou a relação entre os conjuntos de conhecimentos a serem interligados.

Para que o relacionamento interdisciplinar possa ocorrer, uma postura consciente dos conceitos e contextos precisa ser estabelecida. Essa postura consciente parte de uma reflexão sobre os pressupostos teóricos abordados, e esta atitude pode auxiliar na compreensão e ajuste da ciência para com as necessidades do campo que se parte e da sociedade. Neste sentido, o presente trabalho justifica-se pela tentativa de proporcionar ao campo da ciência da informação uma perspectiva da forma como o próprio campo é representado na produção científica de Luciano Floridi no campo da filosofia da informação.

A tentativa de relacionamento entre a ciência da informação e a filosofia da informação não é nova, mas busca-se proporcionar aos trabalhos futuros uma investigação que procura verificar se há, de fato, meios de estabelecer uma relação interdisciplinar entre os dois campos ou incentivar a tentativa de contornar as dificuldades de diálogos, por meio do ajuste teórico.

Dentro do estabelecimento das formas de relações interdisciplinares da ciência da informação, o presente trabalho justifica-se ao trabalhar os pressupostos teóricos da ciência da informação e as possíveis relações com a filosofia da informação para a formação profissional e ampliar o horizonte de estudos, da mesma forma que alerta quanto a relacionamentos pouco frutíferos, direcionando os esforços para as questões dentro do campo que demandam mais atenção. O entendimento do campo e de suas fronteiras interdisciplinares pode auxiliar os profissionais a tomarem conhecimento do seu campo, esclarecer limites e proporcionar melhores ferramentas de análise de suas práticas.

Ao objetivar um melhor entendimento do campo, melhores ferramentas de análise aos profissionais e direcionamento, os resultados deste estudo podem, indiretamente, fornecer melhores serviços à sociedade. A filosofia da informação procura abordar temas sociais que impactam na atualidade, e a ciência da informação, como ciência social, busca fornecer e melhorar serviços de informação, democratizar acessos, refinar sistemas de informação que impactam diretamente na sociedade.

Os resultados do aprimoramento de um campo não podem ser sentidos de modo pontual, mas a partir de um coletivo de esforços que direcionam a esse aperfeiçoamento. Desta forma, busca-se contribuir com esse aprimoramento, em conjunto com esse coletivo, para gerar impactos positivos futuros.

1.3 Estrutura da dissertação

A primeira e presente seção apresenta a introdução contendo o problema de pesquisa norteador do estudo, os objetivos do trabalho e a justificativa para a pesquisa.

A segunda seção aborda a biblioteconomia, apresentando definições sobre o campo, o desenvolvimento como disciplina e em função da sua relação com as bibliotecas ao longo do tempo, das associações profissionais e os impactos no campo do estudo da informação.

A terceira seção aborda a ciência da informação, apresentando o histórico da bibliografia e da documentação, sua influência para o surgimento da ciência da informação como campo de estudos, as principais correntes dentro da disciplina, os conceitos de informação e suas abordagens presentes na literatura.

A quarta seção apresenta um panorama geral da proposta de filosofia da informação apresentada por Luciano Floridi. Tendo como base as obras de Floridi, apresenta o conceito de filosofia da informação, as principais características do campo e as preocupações que o estudo propõe para a área.

A quinta seção apresenta a metodologia de pesquisa aplicada na seleção e análise dos dados estudados sobre o conceito de biblioteconomia e ciência da informação nas obras de Floridi.

A sexta seção apresenta a análise da representação dos campos da biblioteconomia e da ciência da informação nas obras de Luciano Floridi, o conceito

de biblioteconomia e ciência da informação, as relações da disciplina com a filosofia da informação e com a epistemologia social apresentados no corpus.

A sétima seção apresenta as considerações finais do trabalho, os desafios e respostas encontrados, um panorama das representações abordadas e projeções que a pesquisa pode direcionar.

2 BIBLIOTECONOMIA

Esta seção tem como objetivo abordar o campo da biblioteconomia nos séculos XIX e XX. Trata da história da biblioteconomia como campo científico e profissional, os interesses voltados aos assuntos concernentes ao campo e as inclinações das organizações que influenciaram no surgimento do campo da ciência da informação em meados do século XX, bem como as relações entre a biblioteconomia e a documentação no campo profissional.

A biblioteconomia é a ciência que compreende os conhecimentos teóricos e técnicos relacionados com a essência, organização, administração e funcionamento de uma biblioteca e dos materiais bibliográficos que nela contém (Arruda; Chagas, 2002; García Ejarque, 2000; Martinez de Sousa, 2004). De um modo mais geral, a biblioteconomia pode ser vista como o campo de estudos sobre o manejo da informação registrada e as formas como ela é selecionada, adquirida, organizada, armazenada, mantida, recuperada e disseminada (Reitz, 2004), ou o “estudo das técnicas necessárias para a organização e funcionamento de uma biblioteca”² (Carrión Gútez, 1993, p. 712, tradução nossa).

A biblioteconomia é uma área do conhecimento incumbida do conjunto de conhecimentos e habilidades profissionais que tratam dos princípios racionais da reunião, processamento e disseminação de informações registradas nos mais diversos tipos de suporte para proporcionar a interação entre o conhecimento registrado e o usuário (Arruda; Chagas, 2002). Esse estudo e prática pode ser dividida em duas partes: uma científico-técnica, compreendendo “a teoria da seleção e aquisição de livros, catalogação, classificação e regime econômico-administrativo da biblioteca: recursos, local e mobiliário, pessoal, conservação dos livros e uso da biblioteca [...]”³ (Buonocore, 1972, p. 91, tradução nossa), respondendo aos problemas suscitados pelos acervos, pela própria biblioteca e pelos usuários (Le Coadic, 1996); e uma parte político-administrativa, que envolve a administração da biblioteca e o estudo dos métodos, meios e formas mais convenientes direcionados a realizar com maior eficácia e menor esforço um bom serviço de leitura (Buonocore, 1972; Arruda; Chagas, 2002). Carrión Gútez (1993) ressalta que o sentido de

² “estudio de las técnicas necesarias para la organización y funcionamiento de una biblioteca”

³ “la teoría de la selección y adquisición de libros, catalogación, clasificación y el régimen económico-administrativo de la biblioteca: recursos, local y mobiliario, personal, conservación de los libros y uso de la biblioteca”

"biblioteca", apesar de sua etimologia, não é de um móvel ou edifício para guardar livros, mas uma coleção de livros devidamente organizada e disponibilizada para seu uso, sendo a formação, organização e disponibilização dessa coleção a serviço da sociedade a razão de existir uma biblioteca.

Orera Orera (1998) define a biblioteconomia como uma ciência documental que estuda a biblioteca entendida como um sistema de informação, englobando os estudos sobre sua tipologia e de suas formas de cooperação bibliotecária na forma de redes e de sistemas. Orera Orera (1998) relata que a biblioteconomia sofreu uma grande evolução, iniciando com um conjunto de regras baseadas na experiência de organização das primeiras bibliotecas, e, impulsionada pelas transformações da biblioteca ao longo do tempo, passa a ser considerada uma disciplina científica, estabelecendo relações com outras disciplinas e formando um perfil científico e profissional definido. Ortega (2004), por sua vez, delimita que:

A Biblioteconomia tem origem efetiva na atividade de preservação das unidades do conhecimento registrado, alterando-se com o tempo por meio da democratização do acesso à educação e à cultura em atividade de gestão de serviços de biblioteca, porém sem constituir área cientificamente fundamentada no seu todo. É marcada pela intensa disseminação de seus equipamentos físicos, as bibliotecas, muitas das quais estabeleceram redes cooperativas de catalogação, cujos laços são essencialmente produtivos e formais, mas não estabelecidos com base na informação e seu contexto de produção e uso.

Ortega (2004) e Shera e Egan (1961) afirmam que a biblioteconomia e a bibliografia, por muitos séculos, foram considerados quase sinônimos. Orera Orera (1998) cita que a evolução da biblioteconomia progrediu paralelamente ao desenvolvimento das bibliotecas e do livro, tendo seus princípios estabelecidos pela primeira vez por Gabriel Naudé, em sua obra *Advis pour dresser une bibliothèque*, em 1627. O termo "biblioteconomia", por sua vez, tem sua primeira aparição na obra de Naudé, *Bibliografía Política*, de 1633 (Orera Orera, 1998), e utilizado pela primeira vez em um título quase dois séculos depois, em 1808, na obra *Versuch eines vollständigen Lehrbuchs der Bibliothek-Wissenschaft: oder, Anleitung zur vollkommenen Geschäftsführung eines Bibliothekars: in wissenschaftlicher Form abgefasst*, de Martin Schrettinger em dois volumes (Hjørland, 2019) e em 1839 na obra *Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation et l'administration des bibliothèques*, de Léopold-Auguste-Constantin Hesse (Orera Orera, 1998; Ortega, 2004). Ortega (2004) também cita que, considerando a

bibliografia como princípio da documentação, os dois campos só vieram a se separar com a sistematização de Otlet e La Fontaine da documentação enquanto disciplina distinta da biblioteconomia ao final do século XIX. A diferenciação de ideias sobre o papel da biblioteca frente ao aumento da produção de registros de conhecimento no início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos, contribuíram para o progressivo distanciamento da biblioteconomia, da bibliografia e da documentação.

Araújo (2014) afirma que a consolidação da biblioteconomia como campo do conhecimento se deu formalmente expresso através da obra de Melvil Dewey, *A classification and subject index, for cataloging and arranging the books and pamphlets of a library*, conhecido como "Classificação de Dewey", em 1876. Essa formação do campo da biblioteconomia atuou por separar esta prática dos campos em que era considerada auxiliar (como as artes, a história e a literatura), bem como sua separação dos campos da arquivologia e da museologia, cada uma adquirindo um conjunto próprio de técnicas e áreas de atuação. Araújo (2014) divide a evolução do estudo em biblioteconomia em quatro "momentos" distintos, que não seguem uma sucessão linear mas que se sobrepõem no tempo. Araújo (2014) divide esses momentos na perspectiva funcionalista, a perspectiva crítica, os estudos sobre sujeitos e os estudos sobre representação.

Para Araújo (2014), a perspectiva funcionalista tem sua principal força localizada entre o final do século XIX e o início do século XX, de um lado inspirado pelo ideal iluminista do acesso ao conhecimento por parte de todos os cidadãos, e de outro pelo discurso da eficácia, de retornar à sociedade todos os investimentos feitos à biblioteca. Araújo (2014) menciona que o salto teórico-conceitual da perspectiva funcionalista da biblioteconomia ocorreu com o grupo de pesquisadores da Graduate Library School da University of Chicago, passando de uma orientação profissionalista para uma orientação científica e representado pela criação do programa de doutoramento em biblioteconomia em 1928. Araújo (2014) e Delgado López-Cózar (2002) citam que entre os principais trabalhos do grupo estão o livro *Investigating library problems*, de Douglas Waples, publicado em 1939, o início da publicação do periódico *The Library Quarterly*, em 1931, e o livro *An introduction to library science*, de Pierce Butler, publicado em 1933. Para Delgado López-Cózar (2002) o livro de Butler não representa apenas o compromisso da publicação de resultados de investigação assumido pela Graduate Library School, mas também o paradigma para a constituição de uma nova ciência, a *Library Science*, substituindo

o paradigma da *Library Economy*, e defendendo como requisito a adoção do método científico para investigar os problemas bibliotecários.

Araújo (2014) cita também a participação de outros dois autores na perspectiva funcionalista: Jesse Shera e S. R. Ranganathan. De acordo com Araújo (2014), entre as contribuições de Ranganathan, destacam-se a criação da teoria da classificação facetada e um sistema de classificação bibliográfica, a *Colon Classification* (Classificação dos Dois Pontos). Araújo (2014, p. 33) destaca, também, sua discussão em torno das cinco leis da biblioteconomia: "os livros são para usar; a cada leitor, seu livro; a cada livro, seu leitor; poupe o tempo do leitor; a biblioteca é um organismo em crescimento".

Outro autor da perspectiva funcionalista, de acordo com Araújo (2014, p. 33), Shera propôs a criação de uma nova área do saber a fim de entender "[...] mais profundamente o papel da biblioteca no enquadramento cultural da sociedade, e conferir fundamento filosófico para a prática bibliotecária [...]". A esta área do saber, segundo Araújo (2014), Shera deu o nome de epistemologia social, uma disciplina encarregada de estudar o papel social do conhecimento por meio do estudo das interações que ocorrem entre os processos intelectuais, ou o conhecimento produzido, comunicado, entre outros meios, através dos registros gráficos, e as atividades sociais impactadas por eles.

A epistemologia social é uma disciplina originalmente proposta por Margaret Egan e Jesse Shera que serviria de fundamento para o estudo da comunicação do conhecimento dentro e através da estrutura social (Egan; Shera, 1952). A proposta de desenvolveu como uma opção para os estudos dos registros gráficos, seu desenvolvimento e utilização como forma de comunicação dentro da sociedade, que, segundo os autores, serve de base para a bibliografia (Egan; Shera, 1952). Egan e Shera (1952) propõem a epistemologia social como uma disciplina encarregada de investigar os meios pelo qual a sociedade, como um todo, adquire e compartilha conhecimento, e sugerem a necessidade de um avanço nos estudos da bibliografia e da biblioteconomia em direção à correção da abordagem teórica e metodológica da comunicação por registros gráficos a ser empregada de modo mais eficiente.

Shera prossegue com os estudos em direção à epistemologia social, nomeada desta forma por "falta de um nome melhor" (Egan; Shera, 1952), e procura abarcar a prática do bibliotecário e os estudos de biblioteconomia a partir da perspectiva desta disciplina. Shera (1972) defende que não apenas o entendimento

da natureza do conhecimento é necessário, mas também o papel desempenhado pelo conhecimento na sociedade, impactando no trabalho bibliotecário em entender como as pessoas e sociedades podem conhecer, além de investigar a evolução do conhecimento nas variadas culturas e os problemas relacionados à comunicação destes conhecimentos.

Segundo Araújo (2014), a perspectiva crítica da biblioteconomia, iniciada desde o século XIX, argumenta que o conflito, em oposição à integração, é o que constitui o principal fundamento da realidade humana. Para Araújo (2014), esta perspectiva surge como uma reação ao pensamento positivista. Araújo (2014) argumenta que essa linha de pensamento se expressa por meio da redefinição do conceito de biblioteca, buscando substituir o que era conhecido como a biblioteca tradicional, tida como um "depósito silencioso de livros", em direção ao entendimento da biblioteca como centro de cultura, uma visão que considera a biblioteca como uma instituição social dinâmica que promove a participação ativa das pessoas que a frequentam. Araújo (2014) chama a atenção para a reformulação da nomenclatura de "biblioteca pública", entendida também como biblioteca popular, bem como das designações de "viva" e "dinâmica", presentes na perspectiva crítica bem como no modelo funcionalista. Para Araújo (2014), em ambas perspectivas há a crítica da ideia de uma passividade e que resulta na busca por um dinamismo da biblioteca; mas, segundo o autor, é a natureza desse dinamismo que diferencia as duas abordagens.

Araújo (2014) cita, entre os autores da perspectiva crítica, a proposta de Vilém Flusser de uma ação profissional para o bibliotecário que ultrapasse a atuação como agente da domesticação, que atua na interiorização de certos valores, chegando a uma atuação como agente da emergência cultural, numa ação libertadora que proporciona o surgimento da criação e da invenção. Para Araújo (2014), o bibliotecário não seria alguém que sabe ou determina quais livros deve-se ler ou considerar como bons, mas alguém que permite que o usuário tenha influência nos livros que compõem o acervo, rompendo com a cultura do silêncio.

O terceiro "momento" abordado por Araújo (2014) envolve os estudos sobre sujeitos, iniciados nos primeiros anos do século XX, surgidos como ferramenta para a produção de diagnósticos de bibliotecas almejando o planejamento e a otimização dos serviços e processos desempenhados por ela, e buscando resgatar o papel de sujeitos ativos e no estudo de suas apropriações. Essa perspectiva também é citada

por Araújo (2014) como surgida no grupo da Graduate Library School da University of Chicago, e destaca bibliotecários e docentes como Pierce Butler, Douglas Waples, Carleton B. Joeckel e William M. Randall. Araújo (2014) cita também, entre os estudiosos sobre sujeitos, a participação de Jesse Shera e sua consideração da tríade conceitual da biblioteconomia composta pelo indivíduo, os registros de conhecimento e a organização técnica. A partir desta tríade, Araújo (2014) ressalta que a teoria de Shera apoia a biblioteconomia em três processos básicos: a aquisição, voltada ao que a biblioteca precisa adquirir; a organização, voltada ao arranjo dos materiais da biblioteca; e a interpretação, que se apoia nos outros dois processos para se tornar a razão de ser da biblioteca. Os estudos tinham como foco os grupos sociais tomados em conjunto, e propõem o estudo efetivo dos usuários para além da pura manifestação de uma preocupação quanto a eles, e a partir desta visão desenvolveu-se o conceito de "usuários" (Araújo, 2014).

Os estudos sobre sujeitos, segundo Araújo (2014), foram motivados por um interesse em saber como e o que as pessoas liam, e o uso que as pessoas faziam da biblioteca em geral. Araújo (2014) cita que os principais estudos desenvolvidos por essa linha se focavam nos hábitos de leitura das comunidades, ou grupos sociais. Entre as principais contribuições desses estudos, Araújo (2014) cita a percepção de que os meios de comunicação de massa pouco atendiam as necessidades informacionais das pessoas, que as fontes de informação mais buscadas eram amigos e familiares, que o uso de bibliotecas e serviços profissionais de informação eram muito baixos, e que o uso de fontes por parte dos usuários seguia uma tendência maior em direção àquelas mais facilmente acessíveis em detrimento das fontes de informação com maior qualidade.

O quarto momento abordado por Araújo (2014) é definido como os estudos de representação, desenvolvidos ao longo do século XX e que buscam explicar os processos e esquemas de representação de suas coleções para facilitar o acesso e uso. Surgindo ainda no século XIX, em um período onde os esquemas gerais e enumerativos ganhavam ênfase, o campo, que segundo Araújo (2014) é normalmente designado por “tratamento da informação”, engloba as questões relacionadas à descrição e a organização presentes na fundação do campo da biblioteconomia. Entre os temas, esse momento engloba a área da catalogação, com a criação de formatos internacionais de registros de dados bibliográficos, controle de autoridade, pontos de acesso e remissivas (Araújo, 2014); a área da classificação

bibliográfica, com classificações sistemáticas que refletissem os elementos de ligação na reunião de conceitos, a classificação facetada; e as linguagens de indexação na apresentação de textos e frases para expressar os assuntos contidos em documentos.

Carrión Gútiez (1993) cita que, tradicionalmente, a prática de organização de uma coleção de livros demandava um panorama de conhecimentos constituinte de muitos ramos do saber: a bibliologia, no conhecimento da história dos livros e das artes gráficas; a bibliotecnia, no conhecimento das técnicas industriais e comerciais dos livros, de sua conservação e restauração; a bibliografia, no conhecimento das características bibliográficas e história dos exemplares, as técnicas de classificação e catalogação; a bibliotecologia, englobando a bibliotecografia no conhecimento da história das bibliotecas, e a biblioteconomia no conhecimento das normas de administração de bibliotecas.

A evolução dos estudos em biblioteconomia, para Carrión Gútiez (1993), dado pela evolução da biblioteca como instituição que desempenha um serviço social, foi provocada não somente pela mudança da natureza dos materiais (dos antigos rolos para o códex e o digital, para citar alguns), mas também pela acumulação progressiva do conhecimento social, o conhecimento transcrito em signos e, por isso, transportável, e pelas variações produzidas nas necessidades e exigências dos usuários em relação a este conhecimento. Carrión Gútiez (1993, p. 42, tradução nossa) define, assim, a biblioteca como

uma instituição que sai em busca das necessidades informativas da sociedade, a excitá-las quando é preciso, a diferenciá-las e a satisfazê-las. A velha biblioteconomia se transformou porque pede-se à biblioteca atual que transcenda seus próprios fins tradicionais.⁴

Carrión Gútiez (1993) cita a diferença dos modelos de biblioteca pública como reflexo da evolução da biblioteca e da importância social que ela representava. Carrión Gútiez (1993) cita que nos Estados Unidos a biblioteca pública se desenvolveu a partir de suas bases sociais fortemente pluralista, buscando desvincular-se ao máximo da intenção docente e educadora, defendendo que o

⁴ “una institución que sale a buscar las necesidades informativas de la sociedad, a excitarlas cuando es preciso, a diferenciarlas y a satisfacerlas. La vieja biblioteconomía se ha transformado porque a la biblioteca actual se le pide que trascienda sus propios fines tradicionales.”

acesso às ideias e ao livre enfrentamento com elas é capaz de produzir as condições necessárias para uma convivência democrática e um autogoverno efetivo.

Diferente da biblioteca pública estadunidense, para Carrión Gútiez (1993), na Europa e em países em desenvolvimento não havia a projeção de "neutralidade". Carrión Gútiez (1993) cita que as bibliotecas europeias nasceram de uma tradição culta ligada a instituições dominantes, e, assim, o movimento de bibliotecas populares caminharam em direção ao objetivo de preparar o cidadão para participar de suas bibliotecas em uma ação de "redenção social", onde crianças e estudantes estivessem presentes. O bibliotecário, dessa forma, se coloca em compromisso com a comunidade, presente ativamente no trânsito de informação e colocando a biblioteca como centro na circulação de ideias e ação cultural (Carrión Gútiez, 1993).

O terceiro modelo citado por Carrión Gútiez (1993), dos países socialistas, é o de biblioteca encarregada do papel pedagógico e formativo como meio de edificar a sociedade. Neste modelo, segundo Carrión Gútiez (1993), a biblioteca deve priorizar o cumprimento de suas tarefas culturais e pedagógicas, disponibilizar acesso de obras do marxismo-leninismo. O bibliotecário, neste modelo, deve manter uma relação pessoal estreita com seus leitores, direcionando seu trabalho para a formação de adultos e para a educação popular.

Orera Orera (1998) trata a evolução da biblioteconomia também pelo desenvolvimento do papel da biblioteca, dividindo-o em quatro momentos. No primeiro momento, Orera Orera (1998) trata da biblioteconomia pré-científica, correspondendo com o momento em que a biblioteca possuía a função de depósito dos bens bibliográficos e abarcando o período da antiguidade até o período moderno. O papel da biblioteconomia, neste período, é concebida como arte de conservação destes bens e acompanha o surgimento da biblioteca no mundo antigo, a presença das bibliotecas monásticas e, posteriormente, das bibliotecas universitárias na idade média, a invenção da imprensa no século XV e a criação de grandes bibliotecas nos séculos XV e XVI decorrente do aumento da disponibilidade de registros bibliográficos (Orera Orera, 1998).

O segundo momento posto por Orera Orera (1998) trata da biblioteconomia científica, que aparece no século XIX, acompanhando o surgimento das bibliotecas públicas por uma demanda social enraizada no aparecimento da leitura pública circunstanciada pelo triunfo da cultura secular frente à religiosa e o aumento de livros em língua vernácula, em contraposição aos livros em língua latina. A biblioteca

pública, enraizada nestes fatores, buscava proporcionar livros às classes sociais que não teriam acesso em momentos anteriores, com uma função social de formação profissional, moral e recreativa proporcionada pela mobilidade social da sociedade industrial, o barateamento do livro e as demandas de leitura (Orera Orera, 1998). A biblioteconomia, adaptada a esta mudança da biblioteca, se apresenta como a ciência da seleção organizada e da difusão de seus recursos bibliográficos, e encontra na criação das primeiras associações profissionais, na institucionalização do ensino de biblioteconomia em universidades, e na aparição de obras especializadas no assunto, bases para a construção de seu espaço científico (Orera Orera, 1998).

Os terceiro e quarto momentos da biblioteconomia tratam da especialização da biblioteca em nível interno, da biblioteca, e externo, da sociedade. O terceiro momento apresentado por Orera Orera (1998) trata da biblioteconomia especializada, utilizada pela primeira vez por John Cotton Dana quando da separação da American Library Association para a fundação da Special Libraries Association em 1908. Este momento da biblioteconomia, encarregada do estudo dos distintos tipos de bibliotecas, desenvolve-se como resposta à diversificação das bibliotecas no século XX (Orera Orera, 1998). O quarto momento, da biblioteconomia internacional, por sua vez, busca responder ao crescimento da demanda de leitores, de publicações e a necessidade de uma cooperação internacional dos serviços bibliográficos (Orera, Orera, 1998).

Por volta de 1850, o movimento de criação e disseminação das bibliotecas públicas fez com que o bibliotecário desviasse sua atenção dos processos de análise e representação do conhecimento registrado e fosse absorvido pela função de educação universal, resultante da necessidade causada pela Idade do Iluminismo, pelo crescimento do Mercantilismo e pela Revolução Industrial de alfabetização e treinamento dos trabalhadores em tarefas manuais específicas (Ortega, 2004). Os conhecimentos abarcados pela biblioteconomia passaram a se estender ao que se refere à história das bibliotecas, dos bibliotecários e dos livros, bem como a mediação que era necessária para organizar o conhecimento social de modo a proporcionar o acesso à informação contida nos documentos (Cárrion Gútiéz, 1993).

Cárrion Gútiéz (1993) pontua que, para o desenvolvimento de um caráter científico para a biblioteconomia, torna-se necessária a construção de duas formas

de reconhecimento: o reconhecimento epistemológico, pela investigação realizada com métodos científicos reunidos em torno de uma terminologia própria, e o reconhecimento social, pela existência de pesquisadores identificáveis por sua especialidade e pela aceitação de seus estudos como disciplina universitária. Essas formas de reconhecimento tiveram representação na institucionalização estadunidense dos estudos bibliotecários no Columbia College, por Melvil Dewey em 1887, pela criação de cursos de graduação pela University of Chicago em 1926 (Carrión Gútiéz, 1993) e pela criação do curso de doutorado na Graduate Library School da University of Chicago (Carrión Gútiéz, 1993), exemplos que foram seguidos em outros países, como Canadá, Grã-Bretanha e Espanha (Carrión Gútiéz, 1993).

O movimento científico de reconhecimento epistemológico citado por Carrión Gútiéz (1993) pode ter seu início representado pela publicação de Pierce Butler do livro *An introduction to library science*, em 1933. Butler (1971) procura desenvolver uma ciência da biblioteca, que, em sua explicação, busca abranger o lado racional da transmissão de experiência social acumulada através do produto social que é o livro aos membros individuais da sociedade. Butler (1971) aborda o lado social, psicológico e histórico da ciência da biblioteca, da transmissão do acúmulo social de conhecimento, colocando a biblioteca como uma instituição social responsável por formar coleções de registros gráficos para atender aos hábitos intelectuais da sociedade e dos seus indivíduos. Butler (1971) defende, também, que o dever do bibliotecário não é converter os usuários da biblioteca para o seu modo de pensar, mas administrar os arquivos culturais da sociedade.

A responsabilidade que ele assume com seu ofício é explorar êsses arquivos para uma vantagem comunitária no melhor de sua habilidade. Portanto, uma fase importante do serviço do bibliotecário junto a qualquer leitor individual será ajudá-lo a chegar a um método efetivo para atingir seu próprio objetivo particular, contanto que isso não seja anti-social, e salvaguardá-lo da perda de esforços em atividades que são inúteis com relação ao seu próprio desejo imediato. (Butler, 1971, p. 80).

Ortega (2004) cita que o desenvolvimento da biblioteconomia e da documentação, até o final do século XIX, era em grande parte inseparável, com o emprego de processos e instrumentos comuns, objetivos quase idênticos e pesquisadores presentes nas duas áreas simultaneamente. A separação entre as atividades dos dois grupos motivou-se pela tentativa dos pesquisadores voltados à

documentação de fazer uma análise do conteúdo dos documentos de maneira mais aprofundada, além de interesses particulares do tratamento das instituições. Com isso, não apenas a separação entre os grupos se deu, como iniciou-se a adoção de atitudes intolerantes entre si (Ortega, 2004). Com a criação e disseminação das bibliotecas públicas e, por consequência, o enfoque dos bibliotecários na missão educacional e de disseminação da cultura, os documentalistas começaram a adotar e aperfeiçoar as técnicas da biblioteconomia para abarcar o crescimento da importância dos periódicos como veículos de publicação científica, frente à impossibilidade dos bibliotecários de continuarem este trabalho, uma vez que seus instrumentos, focados em monografias, não abarcavam a preocupação com a diversidade intelectual dos conteúdos dos periódicos (Ortega, 2004). Ainda segundo Ortega (2004, p. 4):

Neste contexto, em especial na Inglaterra e nos Estados Unidos, por volta de 1850 (portanto, no período do auge do crescimento dos periódicos), a biblioteca pública era considerada uma agência educacional das massas e da democratização da cultura.

Os processos de análise e representação das unidades do conhecimento registrado e o serviço de informação, deixados em segundo plano pelos bibliotecários, foram adotados pelos documentalistas, que continuaram a utilizar as técnicas da biblioteconomia no tratamento dos documentos, sobretudo dos periódicos, que cresciam sua importância como meios de divulgação científica (Ortega, 2004). Essa cisão entre biblioteconomia e documentação, iniciada no século XIX e que se estendeu pelo século XX, foi demarcada pelos grupos de bibliotecários tradicionais e bibliotecários especializados quando, em 1908, um grupo de bibliotecários especializados membros da American Library Association se separaram da instituição para formarem sua própria associação, a Special Libraries Association (Shera; Egan, 1961; Orera Orera, 1998; Ortega, 2004).

A proximidade do trabalho de documentação dentro da biblioteca, e a divergência de posicionamento quanto à função educativa ou especialista da biblioteca e do trabalho bibliotecário refletiu-se na segmentação das associações que representavam a biblioteconomia no país. Williams (1997) ressalta que mesmo a Special Libraries Association tendo começado sua existência dentro da American Library Association, e tendo uma identificação forte com os profissionais e o trabalho

bibliotecário, rapidamente as diferenças entre as duas organizações começaram a se ressaltar. A representação, dentro da American Library Association, se expandiu rapidamente em direção às bibliotecas públicas, enquanto os membros da Special Libraries Association representavam departamentos legislativos, agências governamentais e outras organizações e companhias industriais e empresariais. Ao final dos anos 1920, movimentações da Special Libraries Association encontraram resistências dentro da American Library Association, como, por exemplos citados por Williams (1997), quanto a problemas de definições, a insistência em manter uma organização separada de bibliotecários especializados, e, particularmente, o estabelecimento da Business Libraries Roundtable dentro da American Library Association. Esses atritos, ressalta Williams (1997), fizeram com que as possibilidades de cooperação entre as duas organizações se tornassem limitadas. Enquanto a American Library Association se concentrava em expandir as bibliotecas públicas, os membros da Special Libraries Association focavam no desenvolvimento de serviços de informação para as organizações que representavam, focados majoritariamente na orientação por assuntos (Williams, 1997).

Na Grã Bretanha, a formação da Association of Special Libraries and Information Bureaux (Aslib), em 1924, ocorreu de forma semelhante ao movimento que ocorreu nos Estados Unidos (Shera; Egan, 1961). Williams (1997) afirma haver uma diferença distintiva entre os bibliotecários tradicionais e os bibliotecários especializados no período da formação da Special Libraries Association nos anos 1920. O foco em proporcionar o acesso à informação, e não apenas às fontes, foi uma característica marcante desses bibliotecários, e encontrou aceitação por parte da Association of Special Libraries and Information Bureaux (Aslib) na Inglaterra. As duas organizações, então, estabeleceram intercâmbios de representações, pontos de vista e técnicas (Williams, 1997).

A divisão do campo da biblioteconomia não se limitou somente à relação entre os bibliotecários tradicionais e bibliotecários especializados. Em 1937, uma divisão de bibliotecários passou a representar a documentação, criando o American Documentation Institute (Ortega, 2004). O American Documentation Institute era constituído por diversos representantes de sociedades eruditas, buscando meios de fornecer auxílio científico e facilitar as atividades bibliográficas. Shera e Egan (1961) e López Yepes (1995) citam o interesse por parte dos membros da American Documentation Institute pela reprodução fotográfica, especialmente em microfilme,

de materiais raros ou não publicados, característica pela qual a documentação nos Estados Unidos foi mais conhecida.

Williams (1997) considera que, durante o período de 1939 e 1949, as atividades da American Documentation Institute não foram expressivas. Entre os problemas enfrentados pela organização, Williams (1997) lista a dificuldade de encontrar financiamento, a limitação de projetos em desenvolvimento e a concentração das ações de documentação na disseminação, enquanto outros aspectos tiveram interesse limitado. Outro ponto observado por Williams (1997) foi a presença de membros dentro da American Documentation Institute que também eram membros da Special Libraries Association e da American Library Association, sendo os últimos mais encontrados na liderança da American Documentation Institute, e os primeiros sendo encontrados como membros ativos que davam suporte no trabalho da organização. Williams (1997) cita que essa presença se tornou um conflito de interesses quando, em uma tentativa de aproximação da *Fédération Internationale de Documentation* em ter um representante da documentação nos Estados Unidos, a organização mais cotada a ser candidata foi a American Library Association. A justificativa, segundo Williams (1997), se deu pela consideração de membros tanto da American Documentation Institute quanto da American Library Association de que a primeira, apesar de ser a melhor opção, precisaria antes ser reorganizada para que pudesse desempenhar esse papel. A aproximação da *Fédération Internationale de Documentation* e da American Documentation Institute se cogitava pelas duas instituições representarem interesses próximos, concentrados na disseminação da informação, enquanto a Special Libraries Association se aproximava mais da aquisição da informação e de serviços proativos de informação para usuários (Williams, 1997).

Williams (1997) afirma que, no período entre 1950 e 1960, o desenvolvimento das associações profissionais aproximaram os documentalistas ao que eram antigos bibliotecários especialistas, enquanto os bibliotecários especialistas se tornaram mais parecidos com os bibliotecários em geral. Os avanços científicos e tecnológicos emergidos no século XX, e o enfoque dado a eles dentro do campo, foram moldando a evolução da biblioteconomia e esse desenvolvimento contribuiu para o surgimento da ciência da informação. As áreas como a biblioteconomia, a bibliografia e a documentação acompanhavam e participavam da evolução tecnológica no período anterior à Segunda Guerra

Mundial, até mesmo antes da invenção de computadores eletrônicos. Buckland (1992, 1996) cita diversas inovações tecnológicas e cientistas que buscaram incorporar essas inovações ao campo da informação antes deste período. Os tubos à vácuo e a fotografia em cerca de 1900, a fotografia colorida nos anos 1920, o desenvolvimento do rádio, a extensão das linhas de telefone, dos filmes e da TV. Os computadores analógicos e cartões perfurados tiveram muitas aplicações, e a célula fotoelétrica se mostrou muito versátil. Dentre os principais, o emprego da microfotografia permitiu reduzir o volume de espaço para armazenamento de informações em comparação com livros impressos.

Apesar dos avanços tecnológicos e seu emprego na área dos estudos de informação, a biblioteconomia, em especial nos Estados Unidos, não acompanhou essas transformações. Buckland (1996) afirma que uma das razões para que estudos sobre design e tecnologia estivessem fora dos interesses expressos nos estudos de biblioteconomia nos Estados Unidos, durante o segundo quarto do século XX, residia no fato de que o grupo acadêmico mais influente, a Graduate Library School da University of Chicago, estava engajado em desenvolver uma nova escola de pensamento. O movimento do campo da biblioteconomia nos Estados Unidos, liderado pela Graduate Library School da University of Chicago, apesar de atento às inovações tecnológicas, demonstrou-se desinteressado pela inovação técnica e tecnológica, na qual os documentalistas se empenhavam em utilizar, e acabou por seguir a linha firmada por essa faculdade em ser interdisciplinar com campos como a sociologia, ciências políticas, educação e administração (Buckland, 1996). Porém, apesar dessa interdisciplinaridade, a escola de pensamento possuía limitado interesse nas possíveis contribuições que o campo das humanidades poderia adicionar à biblioteconomia. Buckland (1996) cita que o interesse liderado pela Graduate Library School refletia a tentativa da University of Chicago de tornar as ciências sociais mais científicas, o que levou a escola a não abarcar a abordagem científica e a aplicação da engenharia no campo.

Essa falta de representatividade científica dentro da biblioteconomia encontrou resistência por parte de profissionais envolvidos com a disseminação do conhecimento científico nas ciências. Nos anos 1930, afirma Buckland (1996), a Graduate Library School da University of Chicago e os documentalistas europeus representavam escolas de pensamento diferente. Buckland (1996) cita que, enquanto na Europa o período da década de 1930 viu movimentações em direção a

melhores meios de recuperação de documentos, como os trabalhos sobre teoria de hipertextos de Paul Otlet, o uso de sistemas digitais para pesquisa bibliográfica, por Frits Donker Duyvis (1894-1961). Esses movimentos, segundo Buckland (1996), representam uma orientação ao uso das tecnologias que surgiram na época dentro do trabalho documentalista. Com base em dois exemplos (o trabalho *Introduction to library science*, de Peirce Butler, e a análise de conteúdo do *The Library Quarterly*, da Graduate Library School da University of Chicago), Buckland (1996) defende estar presente na biblioteconomia, na qual a Graduate Library School era a maior expoente dos Estados Unidos à época, uma conceituação limitada do campo e uma orientação menos voltada à técnica e à tecnologia. Sua orientação, segundo o autor, estava mais concentrada nas bibliotecas públicas, a geografia da leitura e "uma centralidade pela motivação de tornar as ciências sociais científicas por meio de métodos quantitativos"⁵ (Buckland, 1996, p. 72, tradução nossa).

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, Buckland (1996) sugere haver uma tensão causada entre a orientação da Graduate Library School (chamada pelo autor de "escola de Chicago") para um paradigma não-tecnológico e orientado para as ciências sociais, e uma parte de fora da biblioteconomia que tinha sérios interesses em estudos sobre design e tecnologia. Esse interesse, que chegou à Europa vinte anos antes, foi alimentado nessa época pelo desenvolvimento de novas e melhores máquinas. Essa insatisfação, de ambos os lados, fez com que os profissionais interessados na disseminação do conhecimento científico começassem a se denominar "information scientists" e encontrou apoio para formar uma nova ciência, a *information science*.

Durante os anos 1950, o maior fator de impacto na literatura da biblioteconomia nos Estados Unidos foi a presença de indivíduos que provinham de outras áreas de atuação inclinados ao estudo da aplicação das novas tecnologias na solução de problemas dentro do campo (Buckland, 1996). A dominância da influência da Graduate Library School da University of Chicago, e sua liderança voltada mais aos aspectos sociais do que tecnológicos da área, fez com que a biblioteconomia no país carecesse de profissionais e pesquisadores conhecedores das tecnologias sofisticadas da época ou com experiência e expertise nos problemas e nas oportunidades que o emprego da tecnologia nas práticas e pesquisas em

⁵ "a center for the drive to make social sciences scientific through quantitative methods"

biblioteconomia, documentação e gestão de informação especializada poderiam representar.

Todos esses problemas se expressaram em um contexto onde, após a Segunda Guerra Mundial e os esforços empregados para a vitória na guerra, os Estados Unidos se encontrava em um ambiente onde a tecnologia, os investimentos governamentais da chamada "Big Science", e a participação empresarial no mercado da informação se reuniam como fatores dentro das tentativas de sustentação dos interesses nacionais frente a Guerra Fria (Buckland, 1996). As pesquisas em recuperação da informação, iniciadas nos anos 1950, e a tentativa de tirar vantagem das tecnologias da informação para a resolução dos problemas da explosão informacional impactaram o campo das ciências que se ocupavam do tratamento e acesso à informação (Saracevic, 1999). Para melhor explorar esse tema, a próxima seção aborda o surgimento da ciência da informação como disciplina, o contexto histórico de seu aparecimento e as principais ocorrências que influenciaram na sua consolidação.

3 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Nesta seção busca-se expor os fundamentos da ciência da informação como campo disciplinar que estuda os processos informacionais dentro da sociedade. Para isso, busca elucidar as origens da ciência da informação como campo de estudos, recuperando os antecedentes históricos das disciplinas científicas da informação que influíram na ciência da informação e no seu estabelecimento como campo autônomo no século XX, envolvendo o campo das ciências que se ocupavam do tratamento da informação e do espaço criado por suas práticas. Em seguida, aborda as principais correntes teóricas dentro da ciência da informação e a forma como consideram este campo de estudo, para trabalhar os principais conceitos de informação, como este se relaciona com os processos informacionais e abordar estudos que se mostraram importantes no assunto ao longo da história do desenvolvimento epistemológico da ciência da informação.

Alguns estudos abordam que o tratamento da informação pode ser encontrado desde práticas antigas, como o tratamento e a organização de documentos desde as bibliotecas da antiguidade. Porém, entende-se neste trabalho que o campo da ciência da informação como estudo sistematizado se originam a partir da bibliografia e da documentação. A partir dessa abordagem, e tendo abordado a história da biblioteconomia, busca-se recuperar a história desses campos, entendendo-os como antecedentes teóricos e práticos fundantes da ciência da informação e abordar o contexto histórico do surgimento da ciência da informação enquanto projeção de campo de estudo.

Seja em estudos epistemológicos ou em abordagens históricas, o resgate da produção científica sobre o surgimento e o desenvolvimento da ciência da informação auxilia a entender a conceituação dada à disciplina, pois a teoria de um campo determina sua extensão, seu objeto, problemas e paradigmas. Antes de abordar a ciência da informação como um campo de conhecimentos reconhecido dentro da comunidade acadêmica, torna-se necessário situar a disciplina dentro do espaço que veio a ocupar nos estudos voltados à informação.

Wersig e Neveling (1975) identificam que o estabelecimento de um campo científico que recebeu o nome de ciência da informação se deu de forma diferente de outras ciências, que se estabeleceram por meio do desenvolvimento interno de ciências anteriores (caso exemplificado com a psicologia) ou da união de duas

ciências (como foi o caso da bioquímica). Por sua vez, a ciência da informação formou-se, segundo os autores (Wersig; Neveling, 1975), para resolver uma necessidade dos cientistas de acessar os conhecimentos produzidos e publicados dentro de sua área de atuação. O acesso aos conhecimentos foi afetado pela explosão informacional, ocupando um espaço pouco preenchido entre os conhecimentos produzidos em ciência e tecnologia com os produtores de ciência e tecnologia que buscavam acessar esses conhecimentos.

O fenômeno da explosão informacional – “o contínuo crescimento exponencial da informação e de registros de informação, particularmente em ciência e tecnologia”⁶ (Saracevic, 1992, p. 6, tradução nossa) – e *lost knowledge** evidenciado por Bush (1945), possuem ligação com o desenvolvimento das tecnologias de reprodução técnica da escrita iniciadas com a prensa de tipos móveis inventada por Gutenberg no século XV. A possibilidade de transferência de fragmentos de conhecimentos a um largo público e o desenvolvimento da reprodução técnica da pesquisa científica levou ao aumento da distribuição de publicações de valor científico e a emergência de publicações técnicas na forma de revistas científicas nos séculos XVII e XVIII.

Com a primeira revolução industrial no século XIX, a relevância da ciência para o desenvolvimento industrial e a especialização da ciência refletiu-se no aumento de publicações científicas especializadas, gerando maior produção e procura dessas publicações dentro dos campos científicos de estudo. Os métodos antigos de gestão da informação não foram suficientes para acompanhar o crescimento da produção científica, dando espaço para o surgimento de duas disciplinas: a documentação, proposta por Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943) a partir do desenvolvimento da bibliografia, e a recuperação da informação, desenvolvida dentro do campo de bibliotecas especializadas e da bibliografia.

A ciência da informação, pela sua herança teórica e principalmente técnica, surge então de um espaço criado entre a biblioteconomia e a documentação, emanando-se dos estudos da bibliografia e da documentação, da ordenação da informação e do tratamento de documentos científicos, e a domínios como

⁶ “the unabated exponential growth of information and information records, particularly in science and technology.”

processamento de dados burocráticos e sistemas de comando militar (López Yepes, 1995).

Em resumo, pode-se levantar duas raízes principais para a ciência da informação: de um lado, se encontram a bibliografia e a documentação, bem como a biblioteconomia, com foco no tratamento dos registros do conhecimento científico; de outro lado, possui raiz na recuperação da informação, com foco nas aplicações tecnológicas em sistemas de informação (Pinheiro, 2005). A partir dessas raízes, os campos da documentação e da recuperação da informação não se mostraram suficientes para lidar apenas com a prática, e da área de pesquisa científica voltada para o estudo do processamento de dados e informações emergiu a ciência da informação (Wersig, 1975).

Para estabelecer uma compreensão do campo da ciência da informação, torna-se necessário apresentar os avanços e limites do corpo de disciplinas da bibliografia e da documentação como campos de prática e conhecimento do tratamento da informação. Estes campos relacionaram-se com a história da biblioteconomia e influenciaram no surgimento da ciência da informação, dando abertura para seus estudos e problemas relacionados ao acesso ao conhecimento científico na segunda metade do século XX.

Por sua etimologia, *bibliografia* deriva do grego *biblio-* acrescido de *gréphein* ou *grapho*, que significa escrever (Buonocore, 1976; Martinez de Sousa, 2004). A Bibliografia designava, antigamente, o ato de escrever à mão os volumes, sendo "bibliógrafo" o copista consagrado a conceber de forma manuscrita os livros, por meio da cópia ou do que se era ditado (Buonocore, 1976). A primeira bibliografia que se tem conhecimento data do século II, a obra *De libris propii liber*, do médico grego Cláudio Galeno (c. 129-c. 217), sendo esta obra um catálogo de todos os seus livros escritos (Buonocore, 1976; Shera; Egan, 1961; García Ejarque, 2000). A produção de conhecimento escrito fez surgir a necessidade de ordenar as referências bibliográficas de produção científica, para catalogar uma coleção, obter reconhecimento de suas obras ou identificar a localização dos materiais gráficos. A partir da invenção da imprensa, no século XV, o aumento da produção de livros na Europa tornou disponível para a sociedade uma grande quantidade de obras, que se espalharam também entre variadas instituições, tornando mais difícil, para os estudiosos, a localização destas obras. O problema do aumento de publicações

circulando consistia em saber onde encontrar as fontes disponíveis nos catálogos, tornando necessária uma listagem das obras e sua localização.

O surgimento da bibliografia sistemática, então, pode ser vista nos inventários e catálogos de bibliotecas individuais na Europa, no Oriente Médio e na Ásia, durante as eras pré-cristãs e cristãs.⁷ (Shera; Cleveland, 1977, p. 249, tradução nossa).

As primeiras listagens dos livros existentes, sobre algum assunto, em diferentes bibliotecas de uma região ou país foram produzidas por Johann Tritheim (1462-1516) e Conrad Gesner (1516-1565) (Shera; Egan, 1961; Araújo, 2018). A bibliografia sistemática, de forma mais próxima como conhecemos a bibliografia hoje, teve seu início no fim do século XV, com a compilação de Johann Tritheim de seu *Liber de Scriptoribus Ecclesiasticis* e do *Catalogus Illustrum Virorum Germaniae* (Shera; Egan, 1961). Meio século mais tarde, Conrad Gesner, no século XVI, preparou a primeira tentativa de uma bibliografia universal, a *Bibliotheca Universalis*, descrevendo doze mil obras em grego, latim e hebraico que o autor tinha conhecimento (Buonocore, 1976). Das obras de Tritheim e Gesner seguiram-se muitas outras publicações de bibliografias especializadas e catálogos de bibliotecas.

A utilização do termo "bibliografia" para titular uma obra, porém, somente teve início de fato com Gabriel Naudé (1600-1653), ao publicar a *Bibliographia politica*, em 1633 (García Ejarque, 2000). Anterior a essa data, os termos utilizados para nomear uma catalogação de livros resumiam-se a *Catalogus*, *Bibliotheca*, *Index* ou *Repertorium* (Buonocore, 1972). Ainda com a necessidade de ordenar a produção científica, em 1895 surge a edição do *Répertoire bibliographique universel*, de Paul Otlet e Henri La Fontaine, que tinha como objetivo maior reunir toda a bibliografia produzida no mundo (Machado, 2003).

Segundo Buonocore (1976), o termo bibliografia pode apresentar quatro sentidos distintos. Como erudição, a bibliografia é o conhecimento de livros, do seu valor intrínseco e de suas diversas edições. Baseia-se no estudo do livro e de documentos similares como objetos físicos portadores de uma mensagem (García Ejarque, 2000). De certa forma, aproxima-se da bibliologia, a ciência do livro, sendo a bibliografia apresentada ora como parte da bibliologia e ora como classe maior desta (Cunha; Cavalcanti, 2008).

⁷ "The beginnings of systematic bibliography, then, may be seen in the inventories and catalogs of individual libraries in Europe, the Middle East, and Asia, during the pre-Christian and Christian eras."

Em um segundo sentido dado por Buonocore (1976), a bibliografia como documentação designa uma fonte de informação, um catálogo ou lista de obras e documentos, reunidos de acordo com um princípio diretor constante, abarcando a produção intelectual de um autor ou que tratam de uma matéria (Martinez de Sousa, 2004). Este sentido remete à história da bibliografia, que remonta a tentativa de reunir a literatura manuscrita disponível para o conhecimento dos demais "homens da ciência". Martinez de Sousa (2004, p. 95) cita que o profissional bibliógrafo havia recebido uma definição antes mesmo que a bibliografia pudesse ser definida, aparecendo no *Dictionnaire de Trévoux*, de 1704, e na *Enciclopedia* de Diderot e D'Alembert, de 1751 como a "pessoa versada em antigos manuscritos". A palavra bibliografia, por sua vez, só aparece na quarta edição do *Dictionnaire de l'Académie Française*, em 1762, definida como a "ciência do bibliógrafo", e este sendo "quem decifra os antigos manuscritos e é versado no conhecimento de todos os livros tanto impressos como manuscritos"⁸ (Martinez de Sousa, 2004, p. 95, tradução nossa).

O terceiro sentido tratado por Buonocore (1972) é a bibliografia como técnica, a arte da descrição normalizada e anotação dos impressos, de livros e documentos similares, como portadores de uma mensagem, bem como a organização das descrições que são obtidas por meio desta técnica. Este sentido, junto ao sentido anteriormente mencionado da bibliografia como documentação, é amplamente encontrado na literatura científica sobre o tema. A bibliografia como técnica consiste na listagem sistemática e no estudo analítico dos livros, manuscritos e outros documentos, impressos ou multigrafados. O objetivo da aplicação da técnica é fazer o registro, indicação, descrição, classificação e análise qualitativa de publicações com o intuito de proporcionar a compreensão e acurácia do campo escolhido para a cobertura, a criação de instrumentos de busca, a organização de serviços apropriados de modo a facilitar o trabalho intelectual, bem como auxiliar o pesquisador a se manter atualizado com a literatura corrente (Arruda; Chagas, 2002; Feather; Sturges, 2003).

A escolha do campo de cobertura pode ser definida cronologicamente, geograficamente, por assunto, autor ou formato de publicação, bem como compreender a combinação de dois ou mais destes critérios. Buonocore (1972) cita que, neste sentido, a bibliografia aproxima-se similarmente da catalografia, ainda

⁸ "quien descifra los antiguos manuscritos y es versado en el conocimiento de todos los libros tanto impresos como manuscritos."

que elas não sejam idênticas. *Bibliografia* designa, portanto, a técnica de identificação e descrição de documentos, bem como a organização das descrições que são obtidas por meio dessa técnica.

O quarto sentido que é abordado por Buonocore (1972, p. 67, tradução nossa) trata a bibliografia com significação de uma disciplina autônoma, "com fundamentos culturais, método especial e fins próprios"⁹. O sentido dado para a bibliografia em 1762, no *Dictionnaire de l'Academie Française*, a define como a "ciência do bibliógrafo". Em 1802, Gabriel Peignot (1767-1849) define a bibliologia como a ciência do livro, e a bibliografia como um de seus ramos de estudo, responsável pelo estudo dos repertórios dos livros (Martinez de Sousa, 2004). Diferindo de Peignot, a *Grande Encyclopédie*, de 1885, caracteriza a bibliografia como "a ciência dos livros considerados desde o ponto de vista de sua descrição e classificação"¹⁰ (Buonocore, 1972, p. 67, tradução nossa; Machado, 2003). Martinez de Sousa (2004) não deixa de destacar, entretanto, que a bibliografia não deixou de ser tratada em grande parte dos trabalhos como sendo a ciência dos livros, seguindo a definição de 1762 e consolidada durante a Revolução Francesa.

Em 1897, Charles Mortet (1852-1927) define a bibliografia como o "estudo dos repertórios em que os livros são descritos e classificados e aos quais se deve recorrer constantemente para identificá-los ou para saber o que se tem produzido sobre uma matéria"¹¹ (Martinez de Sousa, 2004, p. 95, tradução nossa). Este sentido proposto se aproxima do tratamento da bibliografia como técnica, mas aborda esta técnica dentro de um campo de estudo.

O sentido proposto para a investigação bibliográfica por Mortet é, de acordo com Martinez de Sousa (2004), o significado corrente. Em 1950, Louise-Noëlle Malclès define a bibliografia como conhecimento de todos os textos publicados, exclusivo dos textos impressos ou reproduzidos por algum procedimento similar (Buonocore, 1972). Neste sentido, a bibliografia abarca o estudo aplicado aos livros impressos excluindo os livros manuscritos. Os livros manuscritos pertenceriam, então, à arquivística, enquanto os demais documentos ficariam a cargo da documentação (Buonocore, 1972). A investigação bibliográfica dessa forma compreenderia o livro impresso em todas as suas formas de impressão, bem como

⁹ "con fundamentos culturales, método especial y fines propios"

¹⁰ "la ciencia de los libros considerados desde el punto de vista de su descripción y clasificación"

¹¹ "estudio de los repertorios en los que los libros son descritos y clasificados y a los cuales se debe recurrir constantemente para identificarlos o para saber qué se ha publicado sobre una materia"

qualquer texto reproduzido com o objetivo de difusão. No entanto, Buonocore (1972) critica esta visão da bibliografia, que poderia fazer sentido na época em que foi firmada, mas que perdeu seu uso à medida que a tecnologia e os documentos mudaram sua forma. Além disso, encerrar as definições de maneira rígida seria como renunciar previamente desenvolvimentos ainda desconhecidos.

Feather e Sturges (2003) acrescentam que os bibliógrafos também podem ser considerados estudiosos da história do livro, e dividem o campo da bibliografia em duas áreas: a bibliografia histórica e a bibliografia analítica. A primeira área lida com a história do mercado livreiro, da produção de livros, a história da leitura e uso de bibliografias, e a história do livro enquanto um artefato cultural. A bibliografia analítica, por sua vez, parte do pressuposto de que os livros contêm uma grande quantidade de evidências que tratam sobre sua produção, e, portanto, são fontes de informação para a veracidade do documento, o período que foi produzido e as pessoas que se envolveram. A ciência da bibliografia, segundo a perspectiva de Buonocore (1972), exigiria, portanto, do bibliógrafo a prática como tarefa especulativa em si mesma.

O surgimento da bibliografia remonta a sua prática junto da biblioteconomia na organização do conhecimento humano registrado desde as bibliotecas do mundo antigo e da Idade Média. A invenção da imprensa de tipos móveis por Gutenberg no século XV e a rápida proliferação de livros impressos nos séculos seguintes forçaram os profissionais da organização do conhecimento, bibliotecários e bibliógrafos, a desenvolverem sistemas efetivos de controle bibliográficos. Do século XV ao fim do século XVI, a proliferação de bibliografias especializadas e catálogos de bibliotecas particulares, juntamente às bibliografias comerciais, as listas de livros à venda, intensificaram os problemas de organização bibliográfica (Shera; Egan, 1961).

Shera e Egan (1961, p. 19) citam que, ao final do século XVI, “o volume da literatura registrada era tão grande que os estudiosos sentiram a necessidade de sistematizá-la de alguma forma”. A partir desta necessidade, bibliotecários e bibliógrafos encontraram respostas diferentes para problemas semelhantes. Enquanto os bibliotecários se concentraram na criação de catálogos para o registro dos livros contidos em uma biblioteca, bibliógrafos procuraram registrar as descrições físicas dos livros, independente dos objetos particulares ou da localização de um livro específico (Feather; Sturges, 2003).

A bibliografia e a biblioteconomia encontraram, então, um ponto de divergência que permite distingui-las. Enquanto a biblioteconomia objetivava em sua prática montar uma coleção, ou constituir uma instituição física que comportaria essa coleção, a bibliografia formou sua prática concentrando-se em construir meios de inventariar a produção intelectual humana expressa em diferentes livros e manuscritos que se encontravam espalhados por diferentes bibliotecas, em diferentes regiões ou diferentes países. Araújo (2018) chama essa perspectiva do tratamento do conhecimento humano registrado, característico da bibliografia, de uma perspectiva pós-custodial, não mais preocupada com a custódia dos materiais produzidos, mas com a disponibilização ou facilitação de acesso aos materiais produzidos.

O desenvolvimento da ciência da bibliografia, como estudo do repertório nos quais os livros são descritos e classificados para seu acesso futuro e dado pelo aperfeiçoamento das técnicas de organização de bibliotecas e bibliografias para lidar com o crescimento da literatura da experiência humana (Shera; Egan, 1961), contribuiu não somente ao desenvolvimento da biblioteconomia, sendo diretamente ligada à história da documentação, por meio de Paul Otlet e Henri La Fontaine. Ao final do século XIX, Paul Otlet e Henri La Fontaine começaram a estabelecer as bases de um movimento de documentação mundial motivados pelo problema da bibliografia científica (Shera; Cleveland, 1977).

Inspirados nas ideias e práticas da bibliografia, Otlet e La Fontaine realizaram uma reunião na casa de Otlet, em Bruxelas, em 1892, e no mesmo lugar criaram o *Office International de Bibliographie* (Escritório Internacional de Bibliografia), com o objetivo de estabelecer uma bibliografia universal de todos os registros documentais do mundo disponível para os pesquisadores (Ortega, 2004). Otlet e La Fontaine começaram por construir um índice exaustivo por assunto em fichas, motivados pela busca de La Fontaine por materiais documentários sobre ciências sociais (Bradford, 1961). Em 1895, Otlet e La Fontaine convocaram a *Première Conférence Internationale de Bibliographie* (I Conferência Internacional de Bibliografia), na Bélgica, onde os dois apresentaram aos delegados participantes 400 mil referências coletadas e classificadas com base na Classificação Decimal de Dewey. A Conferência exigiu pouco esforço para acontecer (Shera; Cleveland, 1977), e, a partir da sua realização, decidiu-se expandir a atuação do Escritório, criando o *Institut International de Bibliographie* (Instituto Internacional de Bibliografia

– IIB), e adotar a Classificação Decimal de Dewey como sistema para aplicar a um índice exaustivo das informações registradas no mundo (Bradford, 1961).

O Instituto, mais do que representar a atenção dos estudiosos e pesquisadores do mundo sobre o crescimento e a difusão do conhecimento científico, influenciou nas práticas e teorias desenvolvidas dentro da organização do conhecimento (Vignoli, 2021). O objetivo da criação do Instituto, segundo Araújo (2018, p. 10), era "a construção de um grande movimento cooperativo, em nível planetário, para que fosse estabelecida uma espécie de "inventário" de toda a produção humana de conhecimento registrado". Outra criação dos cientistas belgas na mesma linha de pensamento era o *Répertoire Bibliographique Universel* (Repertório Bibliográfico Universal), enfatizando a padronização das formas de tratamento dos registros documentais com as fichas catalográficas e a Classificação Decimal Universal. A construção destes instrumentos estabeleceu um diálogo intenso com a biblioteconomia, ao fornecer as principais bases para o seu desenvolvimento, e com a documentação, sendo este o primeiro passo para que Paul Otlet começasse a ver a construção desta disciplina.

Bradford (1961, p. 183, grifo do autor) ressalta que, a princípio, o objetivo do Instituto era "executar, *através de cooperação*, uma bibliografia completa da literatura em geral", em nível planetário, "e fornecer aos consulentes listas de referências à literatura de qualquer assunto", e que esse objetivo expandiu-se para "a fundação de uma biblioteca central universal", um inventário de toda a produção de conhecimento registrado, visto que o preparo de uma bibliografia exaustiva exigiria a consulta da literatura e a compilação da bibliografia por parte dos consulentes. Para atingir os objetivos propostos, o Instituto Internacional de Bibliografia se envolveu na construção de um Repertório Bibliográfico universal e na aplicação da organização das fichas catalográficas, a forma de tratamento técnico dos registros, por meio da Classificação Decimal Universal (Araújo, 2018).

Em 1931, o *Institut International de Bibliographie* (Instituto Internacional de Bibliografia – IIB) teve seu nome alterado para *Institut International de Documentation* (Instituto Internacional de Documentação – IID) e, em 1937, após disputas e recomendações ocorridas no Congresso Mundial de Documentação Universal, o Instituto tornou-se *Fédération Internationale de Documentation* (Federação Internacional de Documentação – FID) (Bradford, 1961; Ortega, 2004).

O uso da palavra documentação em comunicação corrente é difícil de ser rastreado, mas sua utilização como termo técnico tem sua origem nos trabalhos que, assim como os advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, no final do século XIX, ocupavam-se da promoção da bibliografia universal com pretensões de internacionalidade da comunicação dos conhecimentos científicos (Shera; Egan, 1961).

Uma das definições do termo documentação o coloca como processo de criação, coleta, organização, armazenamento, recuperação e disseminação de informações, em especial de natureza científica, técnica ou legal. O objetivo desses processos seria facilitar o trabalho de pesquisa por parte dos pesquisadores ou de preservar a memória institucional de uma organização (Reitz, 2004). Associada a esse significado, uma segunda definição pode ser resumida como um conjunto de documentos sobre uma questão, ou a comprovação efetuada por meio desses documentos.

A documentação pode também ser definida como uma disciplina que abrange mais do que um conjunto de habilidades profissionais de organização de documentos enquanto fontes de informação. Buonocore (1972) resume as definições dadas à documentação em dois pontos. O primeiro ponto dado por Buonocore (1972) é que a documentação é uma técnica ou arte com o propósito de racionalizar a atividade intelectual para que esta se realize dentro de condições que assegurem a garantia da autenticidade da informação, da rapidez no tempo entre sua produção e sua utilização, ou início e fim do ciclo da informação, e a seguridade e agilidade quanto à verificação das fontes de conhecimento utilizadas. O segundo ponto é que a prática documentária é complexa e se executa dentro de um ciclo ou processo que compreende várias etapas de desenvolvimento, sendo estes: a) buscar, localizar e reunir documentos; b) organizá-los, isto é, catalogá-los e classificá-los; c) interpretá-los, seja por síntese, tradução, etc.; d) distribuí-los, ou fazer chegar aos interessados para o seu aproveitamento integral e oportuno; e e) conservá-los adequadamente, caso contrário fracassaria os frutos da busca (Buonocore, 1972).

O surgimento da documentação como disciplina da organização de registros não representou uma novidade. Shera e Egan (1961) afirmam que, antes da documentação, a bibliografia já buscava resolver os problemas da organização bibliográfica desde o século II, com Claudio Galeno, e desenvolveu-se, ao longo dos séculos, junto à biblioteconomia. As bibliotecas também representavam essa

tentativa de organização do conhecimento científico, por meio do armazenamento e da catalogação das obras contidas em seu acervo.

A documentação surgiu em parte como uma necessidade de acesso aos produtos do conhecimento científico gerada pelo desenvolvimento das técnicas de produção e comunicação científicas originadas no século XVIII. Em meados do século XIX, o aumento da produção de revistas e artigos científicos tornava os periódicos um dos principais veículos de divulgação, e sua importância para os estudiosos fez com que os bibliotecários se convencessem de que era necessário elaborar uma técnica diferente das atuais, baseadas no livro para a organização, por assunto, do conteúdo das publicações (Shera; Egan, 1961). O catálogo de bibliotecas, bem como o esquema de classificação e ordenação, que se baseavam até então no livro, na monografia, foram idealizados para reunir materiais semelhantes em uma proximidade física. O periódico, por sua vez, embora fisicamente unido como um volume, é composto por muitas unidades bibliográficas, onde cada artigo é uma unidade separada e com uma diversidade intelectual entre seus conteúdos (Shera; Egan, 1961). A proliferação dos periódicos não foi, portanto, apenas a multiplicação do registro do conhecimento humano, como fora com a revolução da imprensa, mas trazia consigo a necessidade da representação de maior volume de acessos por assunto, na forma de fichas, e, junto a esse aspecto, o problema da organização do conhecimento para classificação, guarda e recuperação dos registros. Essa demanda não conseguiu ser suprimida pela bibliografia, que se concentrava na descrição física dos materiais, ou pelas bibliotecas, por suas políticas de seleção e resistência às novas técnicas.

Rayward (1997) afirma que Otlet se preocupou durante toda sua vida com as noções de um campo que ele chamou de documentação, e que essa preocupação culminou em um sistema de estudo e pesquisa, sendo o resultado da sistematização de suas ideias publicadas até então condensadas na publicação do *Traité de Documentation*, em 1934. Otlet não apenas delimitou um campo do saber, como também trabalhou no uso de novas tecnologias no tratamento documental (Buckland, 1996). Buckland (1996) cita, também, a participação de Otlet na inserção das inovações tecnológicas ao campo da informação, com a CDU fazendo "aprimoramentos explícitos para o operador Booleano "AND" e moveu a teoria da classificação um longo caminho em direção aos princípios da classificação facetada

[...]"¹² (Buckland, 1996, p. 64, tradução nossa), além dos trabalhos junto a Robert Goldschmidt sobre a aplicação do microfilme para a redução do volume de espaço de armazenamento.

Vignoli (2021, p. 75) cita que Otlet teria emprestado da bibliografia e da biblioteconomia teorias, práticas e instrumentos para implementação na documentação, "em uma área focada em todo tipo de documento e seus formatos e com viés no conhecimento e divulgação científica", trabalhando com a ideia de representação. "Na biblioteconomia, estendeu sua atuação para os periódicos científicos; na bibliografia, expandiu os formatos para todos os existentes no período" (Vignoli, 2021, p. 75). A disciplina desenvolvida por Otlet, portanto, não apenas emprestava os elementos que as áreas irmãs possuíam, mas expandia os mesmos.

A documentação, enquanto disciplina científica, se encontra de um lado dentro dos postulados e no ambiente geral de trabalho da ciência da ciência e, de outro, dentro das ciências sociais, mais especificamente dentro das ciências informativas, e tem sua base na expansão de fontes de conhecimento que afetou os campos científicos no século XIX (López Yepes, 1995). O objetivo da documentação é buscar as causas últimas da comunicação da ciência, ou seja, ocupar-se de todos os processos que possibilitem a transmissão dos conhecimentos científicos com a finalidade de que se converta em fonte de novos conhecimentos. Com Otlet, a documentação não era apenas uma prática, mas uma disciplina científica. A documentação não seria, portanto, apenas um conjunto complexo de objetivos profissionais baseado em técnicas e ferramentas, mas também um conjunto de racionalizações que proporcionam um contexto para a aplicação dessas práticas (Rayward, 1997). A documentação seria a teoria que se ocupa dos problemas colocados pela construção e pelo uso dos documentos. Essa teoria não trata apenas dos materiais que constituem o documento ou da extensão do seu conteúdo, mas também da interpretação dos documentos de modo a "buscar meios e métodos que dêem conta da mensagem do autor do documento de modo rápido e preciso" (Ortega; Lara, 2009, p 14).

Para materializar o objeto da comunicação científica de que trata a documentação, Otlet sintetiza no termo "documento" o conhecimento registrado em

¹² "explicit provision for Boolean "AND" searching and moved classification theory a long way towards the principles of the faceted classification"

um suporte. Ao falar do objeto da documentação, portanto o documento, López Yepes (1995) levanta as propriedades do documento, sendo este composto por cinco características:

A) Uma realidade objetiva; B) Um pensamento subjetivo, estado provocado pelo confronto do eu e da realidade; C) Um pensamento objetivo ou resultado da reflexão sobre os dados da realidade até chegar à ciência; D) Uma linguagem ou instrumento de expressão do pensamento.¹³ (López Yepes, 1995, p. 79, tradução nossa).

O quinto elemento, que é próprio do documento, é o pensamento fixado em suporte material pela escrita de palavras, imagens, signos visíveis. Portanto, prossegue López Yepes (1995), são objetos próprios da documentação os signos e os suportes, ou seja, os documentos. Estes, na documentação, são estudados em todos os seus aspectos: as interrelações das ideias, palavras e imagens estabelecendo relações com as ciências, as técnicas e os planos de organização. Otlet desenvolve o conceito de documento significando todo artefato humano portador de conhecimento registrado nas mais diversas formas, nos mais diversos suportes. O documento é, na proposta de Otlet, um termo genérico que cobriria todos os tipos de materiais do conhecimento, ou seja, a unidade intelectual abstrata que se encontra concreta e realmente nas mais diversas formas (Ortega; Lara, 2009). O documento ou *biblón* poderia se manifestar na forma de revistas, artigos, cartas, fotografias, discos, filmes, folhetos ou livros.

A ênfase dada ao conteúdo e a maneira como o conteúdo é tratado visa armazenar organizadamente a informação, bem como a sua recuperação direcionada ao serviço do usuário. Robredo (2003) associa a formação do pensamento voltado ao documento, de Otlet e La Fontaine, à atenção maior que é dada ao conteúdo dos documentos para sua organização, mais do que aos documentos em si. Esse método de tratamento dos documentos se diverge do método anterior, em que a localização dos documentos era estabelecida por autores e/ou títulos conhecidos, e amplia a resposta à procura por temas e outros critérios ao considerar o conteúdo do documento como informação (Robredo, 2003).

É a partir dessa noção de documento que, posteriormente, é elaborado o conceito de "informação" dentro da ciência da informação (Araújo, 2018). Rayward

¹³ "A) Una realidad objetiva; B) Un pensamiento subjetivo, estado provocado por la confrontación de lo yo y la realidad; C) Un pensamiento objetivo o resultado de la reflexión sobre los datos de la realidad hasta llegar a la ciencia; D) Un lenguaje o instrumento de expresión del pensamiento."

(1997) defende que o entendimento de Otlet sobre documentação ou organização de documentos é um campo de estudo e pesquisa que pode ser compreendido hoje como ciência da informação, onde os processos técnicos e profissionais, bem como os fenômenos abstratos discutidos por Otlet podem ser substituídos pelo termo "informação".

Para Rayward (1997), o conteúdo do *Traité* seria, na verdade, um tratado de armazenamento e recuperação da informação em um amplo contexto de práticas de comunicação e de conhecimento. A documentação não envolve apenas os documentos como fontes de informação, cabendo ao documentalista a tarefa de organização desses documentos, bem como a extração e a organização da informação contida neles (Rayward, 1997). A atividade documentária, segundo Rayward, estaria contida em seis estágios:

Produção de trabalhos em que "ideias, experimentos, novas descobertas, etc. são registradas em publicações". Um segundo estágio envolvendo coletar esses trabalhos, a função básica das bibliotecas (e alguém pode adicionar os museus, dependendo da natureza do "documento" envolvido). A seguir vem a análise para fornecer um resumo do trabalho. Isto é seguido pela "distribuição sistemática" – as publicações são dissecadas e suas várias partes são fisicamente redistribuídas de uma forma que informações similares são agregadas em arquivos documentais. Finalmente vem a "codificação e a enciclopédia", envolvendo o que é original em cada trabalho sendo incorporada em "uma estrutura geral, a planta do edifício científico", toda repetição e duplicação que foi revelada como resultado do estágio anterior tendo sido eliminada (Otlet apud Rayward, 1990).¹⁴ (Rayward, 1997, p. 32).

Shera e Cleveland (1977) chamam a atenção para o fato de que a documentação não se ocupa com o fluxo de informação que acontece regularmente em sociedade, entre não-especialistas. O objetivo central da documentação seria, portanto, descrita pelo encontro de dois padrões: "o padrão de toda atividade acadêmica em que o uso de registros gráficos primários desempenha uma parte e o padrão de serviços intermediários que transmitem registros materiais primários do

¹⁴ "Production of works in which "ideas, experiments, new discoveries, etc. are registered in publications". A second stage involved collecting these works, the basic function of libraries (and one might add museums, depending on the nature of the "document" involved). Next comes analysis to provide a summary of a work. This is followed by "systematic redistribution" – the publications are dissected and their various parts are physically redistributed in such a way that similar information is assembled in documentary files. Finally comes "codification and the encyclopedia" involving what is original in each work being incorporated into "a general structure, the objective blueprint of the scientific edifice", all repetition and duplication that were revealed as a result of the previous stage have been eliminated (Otlet apud Rayward, 1990)."

acadêmico como produtor para o acadêmico como usuário”¹⁵ (Shera; Cleveland, 1977, p. 251, tradução nossa).

A documentação se desenvolveu a partir de uma perspectiva menos patrimonial e mais dinâmica no uso da informação. Segundo Silva e Ribeiro (2002), a proposta de documentação de Otlet considera a função primária do serviço de documentação sendo o processamento da informação contida nos documentos, e que esse serviço deve considerar como documento qualquer registro ou objeto que possa fornecer informação útil. Araújo (2018) chama essa perspectiva de "pós-custodial", que intensifica as ações que vinham sendo feitas no campo da bibliografia. Para Araújo (2018) a documentação não adota uma postura de negação da custódia dos acervos documentais, mas a adoção de uma frente de trabalho no tratamento de uma rede de registros dos acervos custodiados pelas instituições. A preocupação da documentação não está em juntar uma coleção em uma instituição, mas promover um serviço transversal e cooperativo entre as instituições através de uma listagem de onde poderia estar cada um dos documentos produzidos (Araújo, 2018).

Cabe, por fim, ressaltar que as movimentações que visavam a melhor organização do conhecimento científico não se resumiram à proposta da documentação de Otlet e La Fontaine. Em período muito próximo ao surgimento do Repertório Bibliográfico Universal, a Royal Society de Londres começou a ocupar-se da necessidade da sistematização da literatura científica com uma proposta feita por Joseph Henri, em 1883, de um catálogo de trabalhos científicos. Em 1896, a Royal Society lançou as bases do *International Catalogue of Scientific Literature* e, em 1901, sua publicação teve início (Shera; Egan, 1961). Neste período, as linhas de evolução da documentação e da biblioteconomia começaram a se separar. Estando com os problemas da organização bibliográfica em mãos, os documentalistas não viam na biblioteconomia a preocupação com o acesso aos assuntos dos livros, mas sim a prioridade em estender os privilégios da educação a todos os setores da população (Shera; Egan, 1961). Buscando a solução para seus problemas, no despontar do século XX, esses dois campos se bifurcaram e seguiram rumos próprios.

¹⁵ “the pattern of all scholarly activity in which the use of primary graphic records plays a part and the pattern of intermediary services which transmit primary recorded materials from the scholar as producer to the scholar as user.”

A ciência da informação surgiu como uma disciplina autônoma entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960. Sua emergência se deu em um espaço criado entre o escopo teórico das ciências da informação (biblioteconomia, bibliografia e documentação), abarcando os problemas da recuperação da informação e da comunicação científica, expandidos pelo desenvolvimento tecnológico e pelos esforços para uma consolidação nacional dos Estados Unidos e da União Soviética como potência política global durante a Guerra Fria.

O problema da explosão informacional (o crescimento exponencial da produção e uso de documentos, em especial nas áreas técnico-científicas) e do desaparecimento de conhecimentos (*lost knowledge*), ponderados por Vannevar Bush em 1945 no artigo “As we may think”, recebeu muita atenção por parte dos cientistas que se ocupavam da comunicação científica no pós Segunda Guerra Mundial (Shera; Cleveland, 1977).

Esse problema teve como causa a transformação que o meio científico sofreu pela evolução tecnológica e o exponencial efeito de transformação mútua entre ciência e tecnologia. O impacto sentido por essa transformação, além do próprio desenvolvimento tecnológico, se deu no aumento do número de cientistas e pesquisadores que passaram a atuar nos campos de estudo e na aceleração do tempo das pesquisas e da produção do conhecimento, em específico na agilidade entre a produção, a disponibilização e o uso de conhecimentos científicos bem como na velocidade que um novo conhecimento passava a ser substituído por outro mais recente (Pinheiro, 2005).

A revolução que a inserção de novas tecnologias proporcionou ao campo científico e os desdobramentos desse fenômeno nos campos da comunicação, da comunicação e da ciência em meados do século XX gerou novos problemas e novas necessidades de mão de obra em uma diversidade de profissionais, não deixando de ser sentidas nas áreas da documentação e da recuperação da informação (Wersig; Neveling, 1975). Concentrados ao redor do conceito de “informação”, a colaboração de muitos cientistas, provenientes de muitas disciplinas diferentes, cada um com seus conhecimentos em campos de estudo diversos, causaram uma grande diversidade de aplicações teóricas e práticas em um campo comum, que veio a se denominar posteriormente de ciência da informação. Não apenas a diversidade de conhecimentos, o aumento na criação de cursos de documentação e instituições voltadas à informação científica, bem como a intrincada relação que se deu entre

instituições governamentais, militares, acadêmicas e empresariais durante o período entre 1950 e 1960 também podem ser elencados como fatores relevantes para o desenvolvimento do campo (López Yepes, 1995).

Cabe, antes de abordar uma linha do tempo da institucionalização da ciência da informação como disciplina científica, a colocação do momento histórico vivenciado pelo movimento do surgimento desse campo de estudos. Após a Segunda Guerra Mundial, as potências vencedoras, Estados Unidos e União Soviética, entraram em uma espécie de equilíbrio de poder pela hegemonia mundial, dividindo o mundo em zonas de influência capitalista e zonas de influência comunista, estabelecendo a chamada Guerra Fria que se estendeu até 1989. Durante este período, a tensão existente entre esses dois países desdobrou-se em uma corrida pela superioridade nacional nos mais variados campos, da influência política à corrida espacial.

Saracevic (1999) coloca o ponto de partida para o surgimento da ciência da informação como sendo o artigo de Vannevar Bush e sua repercussão no meio científico e estatal nos Estados Unidos. Saracevic (1999) cita que o artigo de Bush, definindo um problema informacional e propondo uma solução tecnológica, fez com que cientistas e profissionais aceitassem o seu desafio. A National Science Foundation, nos Estados Unidos, publicou atos incentivando, em 1950, o intercâmbio de informações científicas entre os Estados Unidos e outros países, a disseminação de informação científica para o interesse nacional e, em 1958, o desenvolvimento de métodos e sistemas mecânicos para o melhor fornecimento de informações científicas aos cientistas (Saracevic, 1999). Saracevic (1999) aponta que o desenvolvimento da ciência da informação nos Estados Unidos teve como suporte os esforços para a aplicação da informação científica e tecnológica em agências governamentais, mas que esses estudos continuaram a crescer mesmo após a redução da participação governamental em seu financiamento. O quadro 1 resume os principais eventos elencados na literatura como integrantes do surgimento da ciência da informação como disciplina.

Estabelecendo uma linha temporal, Freire (2001) cria um quadro com eventos considerados significativos para o surgimento da ciência da informação. O primeiro evento marca de 1948, a realização da Royal Society Scientific Information Conference, em Londres (Pinheiro, 1997; Freire, 2001; Araújo, 2018). Barreto (1989) ressalta que, até esse ano, o volume de informações acumuladas após a Segunda

Guerra Mundial, que havia sido mantida em segredo até então, foi colocado à disposição da sociedade. O evento ocorrido em Londres marcou o início do tratamento da informação como ciência (Barreto, 1989). Freire (2001) marca como outro evento significativo as duas conferências sobre biblioteconomia e documentação ocorridos em 1950 em Paris, promovidas pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). No mesmo ano, Shera e Cleveland (1977) colocam como acontecimento a eleição da American Documentation Institute como representante americana junto à Fédération International de Documentation, o que fez com que sua participação internacional aumentasse. Em 1952, houve a criação do Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsi (VINITI) com o objetivo de fornecer informação técnica e científica na União Soviética, em 1953 a criação do Comitê para Treinamento de Documentalistas da Fédération International de Documentation e, em 1955, a Conferência do International Union on Pure and Applied Chemistry, em Londres (Freire, 2001).

Quadro 1 – Eventos do surgimento da ciência da informação

1945	Publicação do artigo de Vannevar Bush “As we may think”
1948	Realização da Royal Society Scientific Information Conference, em Londres
1950	Realização das conferências sobre biblioteconomia e documentação promovidas pela UNESCO, em Paris
1950	Eleição da American Documentation Institute (EUA) como representante estadunidense junto à Fédération International de Documentation
1950	Publicação dos atos da National Science Foundation (EUA) de intercâmbio de informações científicas entre Estados Unidos e demais países
1952	Criação da Vsserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsi, ou VINITI (URSS)
1953	Criação do Comitê para Treinamento de Documentalistas, da Fédération International de Documentation
1955	Realização da conferência do International Union on Pure and Applied Chemistry, em Londres

1957	Lançamento do satélite Sputnik (URSS)
1958	Realização da International Conference on Scientific Information, em Washington
1958	Desenvolvimento de métodos e sistemas mecânicos para informação científica pela National Science Foundation (EUA)
1959	Publicação dos anais da International Conference on Scientific Information
1959	Publicação do “Finalidades y problemas de la información científica”, de Alexander Ivanovich Mikhailov
1960	Publicação do “The future of information work”, de Jason Farradane
1961/1962	Realização da Conferences on Training Science Information Specialists na Georgia Institute of Technology (EUA)
1965	Realização da conferência Education for Information Society pela American Documentation Institute (EUA) [p. 58]
1966	Início da publicação da Annual Review of Information Science and Technology, pela American Documentation Institute (EUA) e definição de Information science por Robert Taylor
1968	Alteração do nome da American Documentation Institute para American Society for Information Science (EUA)
1968	Publicação do “Information science: what is it?”, de Harold Borko

Fonte: elaborado pelo autor.

Com igual importância ao primeiro evento marcante para o surgimento da ciência da informação, Freire (2001) cita o lançamento do satélite soviético Sputnik, em 1957, e o reconhecimento do progresso científico da União Soviética nas atividades de informação científica. Debons e Horne (1997) afirmam que foi o lançamento do satélite o fator que mais influenciou as atividades científicas, tecnológicas e de pesquisa e desenvolvimento de engenharia nos Estados Unidos. O evento mudou as ordens das prioridades militares, fazendo com que as instituições acadêmicas, bibliotecas e laboratórios ganhassem importância, e “a aquisição, disseminação e uso das experiências humanas registradas (documentação) ganharam atenção e foco”¹⁶ (Debons; Horne, 1997, p. 210, tradução nossa). Shera e Cleveland (1977) afirmam que, com o lançamento do satélite

¹⁶ “the acquisition, dissemination, and use of human recorded experience (documentation) gained attention and focus.”

soviético, a American Documentation Institute passou a receber maior atenção, pois, apesar do aumento do interesse pela informação científica nos anos 1950, a instituição sobrevivia com dificuldades, com queda de membros e problemas financeiros. A conquista do espaço pelas equipes científicas da União Soviética e o progresso na organização da atividade documental levou o governo dos Estados Unidos a colocar o problema das necessidades informacionais no centro da preocupação da comunidade científica.

A ocorrência da International Conference on Scientific Information, em Washington no ano de 1958, é posto como outro marco na história da ciência da informação (Freire, 2001; Pinheiro, 1997). Shera e Cleveland (1997) marcam esse acontecimento como a transformação da documentação em ciência da informação. O evento foi resultante da cooperação do American Documentation Institute, a Fédération International de Documentation, da National Academy of Sciences e do National Research Council. Silva e Ribeiro (2002, p. 52) citam que “este evento, bem como um financiamento da National Science Foundation atribuído ao ADI, que lhe permitiu superar a crise em que se encontrava, marcam o início de uma nova era, que se desenvolverá em pleno a partir da década de 60”. Em 1959, os anais da Conferência de 1958 foram publicados, contendo, entre trabalhos de diversos países, um capítulo de Mikhailov sobre o funcionamento do VINITI, e o Boletín de la UNESCO para las Bibliotecas Públicas publicou no mesmo ano “Finalidades y problemas de la información científica”, também de Mikhailov (Freire, 2001; Pinheiro, 1997). Em 1960, Farradane publicou o trabalho “The future of information work” e, em 1961 e 1962, o marco da ciência da informação como disciplina institucionalizada é a ocorrência da *Conferences on Training Science Information Specialists*, no Georgia Institute of Technology.

Para Shera e Cleveland (1977), os anos 1960 proporcionaram um clima propício para o desenvolvimento da ciência da informação nos Estados Unidos. Shera e Cleveland (1977) elencam que os interesses por parte dos cientistas do mundo, bem como das instituições governamentais, nos estudos voltados para os problemas da informação alcançaram níveis nunca vistos. O investimento suscitado pela corrida tecnológica com a União Soviética levou o governo dos Estados Unidos a aumentar seu financiamento de pesquisas em ciência e tecnologia, além do desenvolvimento de um sistema nacional de informação por parte das agências de

governo que deram espaço para o surgimento de organizações voltadas à informação (Shera; Cleveland, 1977).

De acordo com Shera e Cleveland (1977), o período compreendeu também uma aceleração do desenvolvimento de novas tecnologias no campo da comunicação e do processamento de informação. Um grande número de pessoas passou a se preocupar com a criação e com o uso de informação científica e técnica, e o choque no meio científico causado pelo lançamento do Sputnik levou a reaver o prestígio da educação científica e à exploração espacial (Shera; Cleveland, 1977). Os autores ressaltam que o resultado do investimento em ciência e tecnologia teve como consequência a introdução de computadores de terceira geração utilizando componentes miniaturizados desenvolvidos para a utilização no programa espacial, permitindo novas possibilidades de aplicações tecnológicas de processamento e uso na informação foram atingidas. O aumento massivo da capacidade de armazenamento de dados e altas velocidades de acesso a dados também impactaram nos estudos da informação (Shera; Cleveland, 1977).

A institucionalização da ciência da informação recebeu sua primeira formulação nos resultados dos trabalhos apresentados no *Conferences on Training Science Information Specialists* em dois encontros, realizados no Georgia Institute of Technology em 1961 e 1962 (Taylor, 1966). A disciplina que aí surgia tinha como foco a resolução dos problemas informacionais gerados pela explosão da informação e a perda de conhecimentos em decorrência dela. A desordem e a dificuldade de acesso a documentos científicos pelos pesquisadores fez crescer a necessidade de um campo de estudo que lidasse com esse fenômeno, em uma sociedade onde estar bem informado ou ter informação tornava-se uma exigência (Fernandes, 2012). Somado a isso, associou-se a esse fato o entendimento de que as inovações produzidas no campo científico são essenciais para o desenvolvimento econômico, e que estas dependiam da produção de novos conhecimentos e da circulação da informação.

A partir dos encontros ocorridos no Georgia Institute of Technology a ciência da informação começou a ganhar uma forma definida. Em 1966, a American Documentation Institute iniciou a publicação do *Annual Review of Information Science and Technology* (Silva; Ribeiro, 2002; Robredo, 2003), onde Robert Taylor (1966) abordou os aspectos profissionais da “Information Science and Technology”, e resume a definição do campo da ciência da informação levantado nos encontros

do Conferences on Training Science Information Specialists. Em relação ao surgimento do campo da ciência da informação, antes de sua instituição enquanto disciplina, Taylor (1966) pontua os esforços em lidar com a informação tecnológica e científica da comunidade acadêmica dentro da documentação em lidar com os efeitos frequentemente mencionados de "explosão informacional" e de "conhecimento perdido", além das citações ao trabalho de Vannevar Bush, "As we may think".

Taylor (1966) prossegue afirmando que esse campo, que se institucionalizou por meio da criação de novos cursos em universidades e de estudos que versavam sobre sua composição teórica, se estabeleceria de forma diferente das ciências que contribuíram em sua formação. Essa mudança não se origina somente pelo objeto da ciência da informação, mas também pelas mudanças que continuavam a acontecer nos campos em que faz fronteira interdisciplinar. López Yepes (1995) pontua que desta época em diante o termo "informação" e "Information Science" começou a ganhar espaço em cursos, reuniões e expressões e que a inserção da Teoria Matemática da Comunicação, de Claude Shannon, ganhou mais força dentro da biblioteconomia e da documentação.

Em 1968, Harold Borko publicou um artigo chamado "Information Science: what is it?", inspirado pela sugestão da American Documentation Institute de mudança do nome da organização para American Society for Information Science, a fim de melhor representar a diversidade dos membros e dos interesses da organização (Borko, 1968). Nesse artigo, Borko (1968) define a ciência da informação tendo como base as definições dadas por Taylor, que se baseiam nos resultados da conferência do Georgia Institute of Technology. Em sua definição, Borko (1968) relaciona a disciplina com vários campos como a matemática, a lógica, a computação, a linguística, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão, entre outros. Sua concepção teórica traz como herança as perspectivas interdisciplinares que influenciaram os estudiosos a decidir que um campo de estudos próprio necessitaria ser criado para o estudo dos fluxos informacionais que impactaram no desenvolvimento social da época. Os aspectos da definição de Borko para a ciência da informação e seus desdobramentos serão analisados no capítulo seguinte.

O problema epistemológico de sua função formal enquanto ciência reside, nesse ponto, no foco de seu direcionamento que dita suas práticas de pesquisa baseadas nas perspectivas em que se encontrava: como nova versão da

biblioteconomia; como parte da ciência da computação; como saber próprio e específico da documentação, envolvendo análise ou processamento de documentos científicos; o enfoque na perspectiva do estudo de comportamento; como disciplina encarregada dos estudos da comunicação interpessoal; e, por fim, o segmento que considera a ciência da informação vinculada aos estudos da informação direcionada aos negócios ou controle militar (López Yepes, 1995, p. 160). O desenvolvimento tecnológico e o uso da informação para o desenvolvimento tecnocientífico no período posterior à Segunda Guerra Mundial seguiram-se de uma intersecção do plano infra-estrutural com o plano bélico das principais potências econômicas. A informação, neste período, passou a ser concebida estrategicamente para os interesses nacionais na União Soviética e nos Estados Unidos (Rabello, 2008). A disciplina foi incluída em tópicos como ciência do comportamento, classificação, transferência da informação e linguagem, estando relacionada com a comunicação e o comportamento.

Araújo (2018) pontua que, nesse processo de institucionalização da ciência da informação, o campo foi se firmando a ideia de uma ciência dedicada à investigação e ao trabalho com a informação no ambiente da ciência e da tecnologia. Esta visão se baseava em uma preocupação com a circulação da informação, seu fluxo e ao atendimento das necessidades do fazer científico em uma vertente pós-custodial (Araújo, 2018).

O desenvolvimento de uma ciência da informação com enfoque estadunidense conduziu a uma hegemonia de uma vertente com ênfase na informação atrelada ao enfoque mercadológico em detrimento da informatika russa (Rabello, 2008).

Com a consolidação do campo de estudos da ciência da informação, eventos internacionais de pesquisa começaram a surgir, reunindo pesquisadores de diversos países para cooperação em pesquisa. O evento *Conceptions of Library and Information Science (CoLIS)* teve sua primeira conferência em 1991, na Universidade de Tampere, Finlândia, com anais publicados em 1992. Os eixos temáticos do evento foram as perspectivas históricas, abordagens filosóficas, exploração do domínio, busca por paradigmas, problemas na construção de teorias e mapeamento de terrenos.

O evento constitui um dos importantes eventos internacionais no campo da ciência da informação, e teve sua 12ª edição em 2025. O quadro 2 reúne as edições e anais do evento (1991-2025).

Quadro 2 – Conferências e resultados de evento da “Conceptions of Library and Information Science” (CoLIS)

CoLIS – 26-28 de agosto, 1991 (Tampere, Finlândia)
VAKKARI, Peter; CRONIN, Blaise. (ed.). Conceptions of Library and Information Science. Historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham, 1992.
2 CoLIS – 13-16 de outubro, 1996 (Copenhague, Dinamarca)
INGWERSEN, Peter; PORS, Niels Ole (ed.). Proceedings of the Second International Conference Conception of Library and Information Science. Information science: Integration in perspective. Copenhagen: The Royal School of Librarianship, 1996.
3 CoLIS – 13-26 de maio, 1999 (Dubrovnik, Croácia)
APARAC, Tatjana; SARACEVIC, Tefko; INGWERSEN, Peter; VAKKARI, Peter. (ed.). Digital Libraries: Interdisciplinary conceptions, challenges, opportunities. Proceedings of the Third International Conference on Conceptions of Library and Information Science. Zagreb: Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti, Filozofski fakultet; Lokve: Naklada Benja, 1999. Proceedings content: Disponível em: https://www.ffzg.unizg.hr/infoz/colis3/proceed.htm .
4 CoLIS – 21-25 de julho, 2002 (Seattle, Estados Unidos)
BRUCE, Harry; FIDEL, Raya; INGWERSEN, Peter; VAKKARI, Pertti (ed.). Emerging frameworks and methods: proceedings of the Fourth International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Seattle, WA, July 21–25, 2002. Greenwood Village, CO: Libraries Unlimited, 2002. Comentários: https://doi.org/10.1002/bult.265
5 CoLIS – 4-8 de junho, 2005 (Glasgow, Reino Unido)
CRESTANI, Fabio; RUTHVEN, Ian (ed.). Information context: nature, impact, and role - 5th International Conference on Conceptions of Library and Information Sciences, CoLIS 2005, Glasgow, UK, June 4-8, 2005, Proceedings. Heidelberg: Springer Berlin, 2005. DOI: https://doi.org/10.1007/b137025 . Disponível em: https://link.springer.com/book/10.1007/b137025 .

6 CoLIS – 13-16 de agosto, 2007 (Borås, Suécia)
Proceedings of the Sixth International Conference on Conceptions in Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 12, n. 4, special supplement, out. 2007. Disponível em: https://informationr.net/ir/12-4/colis/colis.html .
7 CoLIS – 21-24 de junho, 2010 (Londres, Reino Unido)
Proceedings of the Seventh International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 15, n. 3, special supplement, set. 2010. Disponível em: https://informationr.net/ir/15-3/colis7/colis7.html . Information Research, Borås, v. 15, n. 4, special supplement, dez. 2010. Disponível em: https://informationr.net/ir/15-4/colis7.html .
8 CoLIS – 19-22 de agosto, 2013 (Copenhague, Dinamarca)
Proceedings of the Eighth International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 18, n. 3, special supplement, set. 2013. Disponível em: https://informationr.net/ir/18-3/colis/contents.html .
9 CoLIS – 27-29 de junho, 2016 (Uppsala, Suécia)
Proceedings of CoLIS: 9th International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 22, n. 1, special supplement, mar. 2017. Disponível em: https://informationr.net/ir/22-1/colis/colis2016.html .
10 CoLIS – 16-19 de junho, 2019 (Ljubljana, Eslovênia)
Proceedings of CoLIS: 10th International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 24, n. 4, special supplement, dez. 2019. Disponível em: https://informationr.net/ir/24-4/colis/colis2019.html .
11 CoLIS – 29 de maio - 1 de junho, 2022 (Oslo, Noruega)
Proceedings of CoLIS: 11th International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 27, n. especial, out. 2022. DOI: https://doi.org/10.47989/colis2022 . Disponível em: https://informationr.net/ir/27-SplIssue/CoLIS2022/colis2022.html .
12 CoLIS – 2-5 de junho, 2025 (Glasgow, Reino Unido)
Proceedings of CoLIS: 12th International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Information Research, Borås, v. 30, n. CoLIS, 2025. Disponível em: https://publicera.kb.se/ir/issue/view/4768 .

Entre os eventos internacionais de ciência da informação, pode-se adicionar também os Encontros EDICIC, organizados pela Associação de Educação e Pesquisa em Ciência da Informação da Ibero-América e do caribe (EDICIC). O evento se propõe a ser organizado em anos pares, e teve sua primeira ocorrência em 1993 em San Juan, Porto Rico (EDICIC, [2024]). O evento realizou-se em 14 edições, tendo a 14a edição ocorrido em 2024, e duas reuniões (2002, em Cuba, e 2003, em Costa Rica), totalizando 16 eventos (EDICIC, [2024]). O quadro 3 reúne as edições do evento (1993-2024).

Quadro 3 – Conferências EDICIC

I EDIBCIC – 1993 – San Juan – Puerto Rico
14 a 15 de novembro de 1993 – Universidad de Puerto Rico (UPR)
II EDIBCIC – 1995 – México D.F. – México
19 a 23 de junho de 1995 – Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)
III EDIBCIC – 1996 – San Juan – Puerto Rico
11 a 17 de agosto de 1996 – Universidad de Puerto Rico (UPR)
IV EDIBCIC – 1998 – Maracaibo – Venezuela
20 a 24 de abril de 1998 – Universidad de Zulia (LUZ)
V EDIBCIC – 2000 – Granada – España
21 a 25 de fevereiro de 2000 – Universidad de Granada (UGR)
Reunión EDIBCIC – 2002 – La Habana – Cuba
10 e 11 de dezembro de 2002 – Universidad de La Habana (UH)
Reunión EDIBCIC – 2003 – Heredia – Costa Rica
18 de junho de 2003 – Universidad Nacional de Costa Rica (UNA)
VI EDIBCIC – 2004 – Mar del Plata – Argentina
2 e 3 de setembro de 2004 – Universidad Nacional de Mar Del Plata (UMdP)
VII EDIBCIC – 2006 – Marília/SP – Brasil
22 a 24 de novembro de 2006 – Universidade Estadual Paulista (Unesp)

VIII EDIBCIC – 2008 – Ciudad México – México
12 a 14 de novembro de 2008 – Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)
IX EDICIC – 2011 – Marília/SP – Brasil
30 de mayo a 01 de junho de 2011 – Universidade Estadual Paulista (Unesp)
X Encontro EDICIC – 2016 – Belo Horizonte/MG – Brasil
21 a 23 de setembro de 2016 – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
XI Encontro EDICIC – 2018 – Medellín – Colômbia
16 a 19 de outubro de 2018 – Universidad de Antioquia (UdeA)
XII Encontro EDICIC 2021 – San Jose – Costa Rica
26 a 29 de outubro de 2021 – Universidad de Costa Rica (UCR)
XIII Encontro EDICIC 2022 – (online)
De 21 a 23 de novembro de 2022
XIV Encontro EDICIC 2024 – 2024 – Lisboa – Portugal
De 01 a 03 de julho de 2024 – Universidade de Lisboa (ULisboa)

Fonte: adaptado de EDICIC, [2024].

A ciência da informação, desta forma, desenvolveu-se localmente e internacionalmente. Pode-se notar, através da literatura, que o desenvolvimento da ciência da informação seguiu caminhos próprios de acordo com as pesquisas desenvolvidas, diferenciando-se em diversos países. Apesar destes desenvolvimentos próprios, marcados por adoções diferentes na nomenclatura do campo, objetos e enfoques de estudo, há também uma tentativa de comunicação dentro do campo através da internacionalização das pesquisas desenvolvidas em eventos internacionais. A evolução destes campos, considerando suas particularidades e cooperação internacional, ainda é um estudo a ser desenvolvido. Na próxima seção, investiga-se algumas correntes de estudo da ciência da informação presentes na literatura para, em seguida, abordar os conceitos de informação adotados pelo campo.

A ciência da informação é tratada como uma disciplina que se ocupa do estudo da informação e dos processos informacionais que acontecem dentro dos ambientes sociais. Esse ramo científico possui um caráter de ciência pura, de desenvolvimento de teorias sobre seus objetos, e um caráter de ciência aplicada, de desenvolvimento de produtos e serviços voltados à melhor utilização da informação. Para o desenvolvimento de seu corpo científico, tanto no caráter teórico quanto prático, a ciência da informação se utiliza dos conhecimentos interdisciplinares produzidos dentro de seu campo e dentro de outras ciências com que faz proximidade.

Järvelin e Vakkari (1993) afirmam que o desenvolvimento da ciência da informação e biblioteconomia (Library and Information Science – LIS) pode ser representado em três partes. Através de um estudo sobre a literatura produzida dentro do campo da ciência da informação, os autores dividem a análise dos trabalhos em três anos, 1965, 1975 e 1985, justificando a escolha pelas mudanças ao longo dos anos no campo: o intervalo de 1965 representa o crescimento do campo pelos estudos Cranfield, as projeções no campo da computação e o crescimento da aplicação de financiamentos após a "era Sputnik". Em 1975, os fatores marcantes para o período são os investimentos restritos nos serviços de bibliotecas e informação e de pesquisas em ciência da informação, o crescimento de estudos em sistemas de recuperação da informação e a redução de estudos sobre a natureza da ciência da informação e biblioteconomia. O ano de 1985 representa a maturidade dos mercados internacionais em recuperação da informação, o declínio de financiamento para escolas tradicionais de ciência da informação e biblioteconomia e a emergência de novas tecnologias e temas.

López Yepes (1995) faz uma construção histórica da ciência da informação a partir da história da documentação, abordando uma perspectiva informativa da documentação para separá-la em três segmentos: a documentação como ciência da informação documental, abarcando a *Information Science* ou a ciência da informação anglo-americana; a escola alemã da *Informations-und Dokumentationswissenschaft* ou a ciência da informação e documentação; e a escola soviética da *Informatika*. Importante ressaltar que, apesar da divisão feita por López Yepes, as escolas referidas não se desenvolveram completamente isoladas. Mello e Martínez-Ávila (2021) relatam um diálogo entre as escolas anglo-americana e russa. Pode-se notar, também, pela multiplicidade de escolas representadas nas

publicações da Fédération International de Documentation, que a comunicação científica no campo das ciências da informação se dava de forma internacional.

Saracevic (1996) busca definir a ciência da informação a partir dos problemas que são propostos dentro do campo, englobando a pesquisa científica, as práticas profissionais, os problemas que propõe e os métodos que escolhe para solucioná-los. Para estabelecer um modelo de compreensão do campo, Saracevic (1996) levanta três características da evolução da ciência da informação: a sua natureza interdisciplinar, a ligação com a transformação da sociedade pela tecnologia e sua participação ativa nesta, e a dimensão social e humana que a ciência da informação desempenha.

Por essa participação social na evolução científica e tecnológica em todo o mundo, Saracevic (1996) defende que, apesar do papel proeminente dos Estados Unidos no desenvolvimento da ciência da informação, não há mais uma "ciência da informação americana" pois, mesmo acompanhando diferentes acontecimentos ou prioridades em diferentes países, a justificativa e os conceitos básicos são os mesmos. Saracevic (1999) identifica, então, dentro dos estudos da ciência da informação, dois agrupamentos principais: o conjunto do domínio, caracterizado pelo estudo das manifestações e comportamentos fundamentais dos fenômenos e objetos da ciência da informação; e o conjunto da recuperação, caracterizado pelo estudo da implementação, comportamento e efeitos das interfaces entre literaturas e pessoas.

As ciências da informação, como sugerido por Taylor (1963 apud López Yepes, 1995, p. 162-163), possuem duas características principais: a primeira, ocupar-se do estudo das propriedades da informação; a segunda, por meio da prática científica, o desenvolvimento de métodos para a melhor organização e utilização da informação nos variados campos de atuação. Em sua concepção, as ciências da informação possuem dois campos de atuação: o campo teórico e o campo operacional. No campo teórico, estas ciências relacionam informação, sistemas e seres humanos como elementos do processo de comunicação interpessoal, preocupando-se, assim, com suas interrelações, utilizando-se das ciências de apoio à ciência da comunicação, como as matemáticas, a lógica, a psicologia, a neurofisiologia e a linguística. No campo operacional, estas ciências desenvolvem sistemas humano-máquina para a melhor utilização da informação e do conhecimento especializado, bem como sua recuperação. Os limites propostos

para as ciências da informação estariam na união das áreas teóricas das ciências da comunicação em geral com as aplicações de tecnologias de recuperação da informação.

Taylor (1966), em um capítulo publicado na primeira edição do “Annual Review of Information Science and Technology”, esboça uma primeira definição de Information Science baseado nos trabalhos apresentados na “Conferences on Training Science Information Specialists” ocorrida no Georgia Institute of Technology em outubro de 1961 e abril de 1962, definindo-a como ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação. O direcionamento proposto para o estudo da disciplina se volta não apenas para o uso da informação e sua máxima acessibilidade, mas também a predisposição do fluxo da informação como uma entidade autônoma, cabendo à Information Science também o estudo das forças que governam esse fluxo (López Yepes, 1995). Taylor (1966) cita quatro pontos significativos resultantes das “Conferences”, encontrando-se entre esses pontos a primeira definição de “information science”, tida como:

A ciência que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças governando o fluxo de informação e os meios de processar informação para ótima acessibilidade e usabilidade. Os processos incluem a origem, disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação. O campo é derivado de ou relacionado com a matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia da computação, operações de pesquisa, artes gráficas, comunicação, ciência da biblioteca, administração e alguns outros campos.¹⁷ (Taylor, 1966, p. 19, tradução nossa).

O campo da ciência da informação, segundo sua definição, estaria relacionado, entre outros campos, com as matemáticas, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia dos computadores, a investigação operacional, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia e a administração. Taylor (1966) cita que, após o “Conferences on Training Science Information Specialists” do Georgia Institute of Technology, outros congressos ocorridos nos anos seguintes também deram atenção ao campo da ciência da informação e à educação e treinamento de documentalistas. Nestes congressos, o autor destaca ter havido uma mudança de

¹⁷ “The science that investigates the properties and behaviour of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability. The processes include the origination, dissemination, collection, organization, storage, retrieval, interpretation and use of information. The field is derived from or related to mathematics, logic, linguistics, psychology, computer technology, operations research, the graphic arts, communications, library science, management, and some other fields.”

atitude dos profissionais frente à aceleração do desenvolvimento da tecnologia da informação, além de uma maior atenção para o campo por parte de matemáticos, psicólogos e cientistas da computação.

Em setembro de 1965, a American Documentation Institute financiou um simpósio em "Education for Information Science". Taylor (1966) considera este simpósio importante pois, segundo o autor, pela primeira vez pessoas que atuavam em disciplinas muito diversas se encontraram para discutir o tema em um terreno comum. Taylor (1966) nota que, nas abordagens apresentadas no simpósio, havia uma tendência de os estudos requererem um certo nível de sofisticação matemática. O autor também revelou uma necessidade de criação de soluções interdisciplinares evidenciada nos trabalhos apresentados, a necessidade de estudos que abordem as relações entre homem e máquina, homem e homem e entre homem e documento, a liderança da American Documentation Institute no desenvolvimento da ciência da informação, além do estabelecimento de um consenso na definição do campo:

Ciência da Informação é particularmente preocupada com mensagens armazenadas ou registradas, sua criação como marcas distinguíveis ou documentos, sua propagação e uso. A disciplina tem duas características de ciência: um componente de ciência pura que inquire sobre os assuntos sem preocupação com sua aplicação, e um componente de ciência aplicada que desenvolve serviços e produtos.¹⁸ (Taylor, 1966, p. 28, tradução nossa).

Borko (1968), seguindo o trabalho de Taylor e a definição exposta na "Conferences on Training Science Information Specialists" do Georgia Institute of Technology e no "Education for Information Science" da American Documentation Institute, define a Information Science como:

Ciência da informação é aquela disciplina que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças governando o fluxo de informação, e os meios de processar informação para ótima acessibilidade e usabilidade. Ela é preocupada com o corpo de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação de representações da informação em sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente de mensagens, e o estudo de dispositivos e técnicas de processamento de informação como computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência interdisciplinar derivada de e relacionada com os campos como matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia da computação, operações de

¹⁸ "Information Science is particularly concerned with stored or recorded messages, their creation as distinguishable marks or documents, their propagation and use. The discipline has two characteristics of science: a pure science component which inquires into the subject without regard to its application, and the applied science component which develops into services and products."

pesquisa, artes gráficas, comunicação, ciência da biblioteca, administração e outros campos similares. Possui um componente de ciência pura, que inquire sobre os assuntos sem preocupação com sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos.¹⁹ (Borko, 1968, p. 3, tradução nossa, grifo do autor).

O que há de novo em relação à definição do Georgia Institute of Technology se encontra na terceira frase: "Isto inclui a investigação de representações da informação em sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente de mensagens, e o estudo de dispositivos e técnicas de processamento de informação como computadores e seus sistemas de programação"²⁰ (Borko, 1968, p. 3, tradução nossa). A diferenciação entre ciência pura e aplicada se encontra na segunda definição de Taylor, com base no simpósio da American Documentation Institute. O trecho citado, como evidenciado por Borko no parágrafo anterior, é uma síntese da definição de ciência da informação baseada no trabalho de Taylor que busca fornecer aos pesquisadores dessa então nova ciência uma base de definição da disciplina, de seus objetivos, problemas que se ocupa e conceitos que se relaciona.

A definição da ciência da informação por sua literatura nos Estados Unidos nos anos iniciais – especificamente tratado no texto em 1968, ano de publicação do texto de Borko – puxa sua conceituação para um conjunto de conhecimentos com a finalidade de produzir satisfação de necessidades informacionais da sociedade (López Yepes, 1995). López Yepes (1995) acentua que, neste conceito, há subjacente os conceitos de dado como feitos não avaliados, não estabelecido um valor para algum uso específico, de conhecimento como conjunto de dados acrescidos de sua avaliação e de informação como processo que ocorre na mente humana ao se utilizar os dados na resolução de um problema. O conhecimento,

¹⁹ "Information Science is that discipline that investigates the properties and behavior of information, the forces governing the flow of information, and the means of processing information for optimum accessibility and usability. It is concerned with that body of knowledge relating to the origination, collection, organization, storage, retrieval, interpretation, transmission, transformation, and utilization of information. This includes the investigation of information representations in both natural and artificial systems, the use of codes for efficient message transmission, and the study of information processing devices and techniques such as computers and their programming systems. It is an interdisciplinary Science derived from and related to such fields as mathematics, logic, linguistics, psychology, computer technology, operation research, the graphic arts, communications, library Science, management, and other similar fields. It has both a pure Science component, which inquires into the subject without regard to its application, and an applied Science component, which develops services and products."

²⁰ "This includes the investigation of information representations in both natural and artificial systems, the use of codes for efficient message transmission, and the study of information processing devices and techniques such as computers and their programming systems."

segundo López Yepes (1995), se aloja na geração dos dados, na transmissão (dos dados para a mente), e na utilização produtiva.

Com um conceito diferente de ciência da informação, a informatika, palavra russa para informática, surgiu em um trabalho de Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii, em 1966, como resposta ao trabalho científico que se iniciou na década de 1940 com a revolução científica e tecnológica. Os tópicos de discussão que deram base para o surgimento do campo se concentravam no questionamento de que se haveria diferença deste trabalho de informação científica proeminente no século XX do trabalho feito pela biblioteconomia e a bibliografia até então ou se essa diferenciação residia apenas nos termos utilizados. Além disso, questionava também se esse trabalho de informação científica se encontrava abarcado pelo campo da documentação. Este campo proposto pela informatika, ressalta Foskett (1970), não se ocupa dos conteúdos específicos contidos na informação científica, sendo esse de preocupação dos próprios praticantes das ciências, mas de sua estrutura e propriedades. Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii (1975, p. 54-55, tradução nossa) definem essa disciplina como: "Informatika é uma disciplina científica estudando a estrutura e as propriedades gerais da informação científica, bem como as regularidades de todos os processos da comunicação científica"²¹.

A informatika, por se concentrar no estudo da estrutura e propriedades gerais da informação científica, não se ocupa de todas as formas de informação, mas os processos de comunicação científica por canais formais e informais, através da literatura científica ou de comunicações pessoais entre cientistas e especialistas.

A proposta da informatika não ficou confinada à União Soviética ou aos países do leste europeu. Foskett (1970) cita que, após a publicação de Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii em 1966, uma tradução circulou em língua inglesa em 1967. No mesmo ano, Mikhailov circulou um memorando sobre a base teórica da Informatika, almejando incentivar a ocorrência de uma conferência da FID em 1968. Apesar da conferência não ter ocorrido, Foskett (1970) cita que os trabalhos foram reunidos e publicados pelo VINITI. Em 1975, na publicação da FID "Problems of Information Science" contou com diversos trabalhos abordando a Informatika.

Para Debons e Otten (1969), a ciência da informação tem origem na convergência entre as ciências e tecnologias relacionadas com a informação que

²¹ "Informatics is a scientific discipline studying the structure and the general properties of scientific information, as well as the regularities of all processes of scientific communication."

tiveram ímpeto no desenvolvimento ocorrido durante e posteriormente à Segunda Guerra Mundial, evidenciando a importância da utilização da tecnologia da informação no processamento de dados e na sua utilização para a decisão humana.

Debon e Otten (1969) citam o primeiro e o segundo congresso Information System Sciences, ocorridos em 1963 e 1965, em que se estabelecem três pontos importantes para o surgimento da ciência da informação: primeiro, o desenvolvimento de sistemas militares para lidar com um volume de dados complexos para operações militares e, como consequência, os sistemas militares que surgiram para o comando e controle; o desenvolvimento destes sistemas forneceram a base para a utilização de equipamentos e programas de informação, que ocasionaram o desenvolvimento de computadores e tecnologias de comunicação. Segundo, que o conhecimento em comunicação, cibernética, linguística e teoria dos sistemas se mostrou insuficiente para lidar com os problemas de desenvolvimento dos sistemas de informação; a ciência da informação emergiu, portanto, do desenvolvimento das pesquisas teóricas e práticas sobre os aspectos da informação em laboratórios governamentais, industriais e universitários, priorizando pesquisas em teoria dos sistemas, modelagem, linguística, inteligência artificial, reconhecimento de padrões e linguagens de programação. Terceiro, como resultado desse esforço, a identificação dos pesquisadores envolvidos como "information systems specialists", sendo auxiliados por sociedades profissionais e organizações militares na publicação desses estudos em simpósios, convenções e congressos no início dos anos 1960.

Debons e Otten (1969) ressaltam o desenvolvimento pluridisciplinar da ciência da informação em conjunto com o desenvolvimento de diversos campos nos quais as ciências se ocuparam a fim de lidar e entender o papel da informação. O campo teórico da ciência da informação estaria, desta forma, relacionado às tecnologias de informação e comunicação e ao intercâmbio de conhecimentos interdisciplinares no tratamento da informação dentro da cibernética, da teoria da comunicação, da ciência da computação e da linguística (Debons; Otten, 1969).

Além desses estudos, Debons e Otten (1969) também colocam a convergência de interesses contidos nas teorias da documentação e da recuperação da informação como influências no campo da ciência da informação. Para Debons e Otten (1969), essa convergência de estudos, apesar de definirem um avanço para os estudos da informação, contribuíram também, por outro lado, para uma

difficuldade no delineamento do campo profissional da ciência da informação. Os autores destacam que, apesar da contribuição de várias disciplinas no desenvolvimento da ciência da informação, essa relação criou diversos segmentos, tornando-os incapazes de solucionar os problemas da informação por si mesmos (Debons; Otten, 1969).

Klempner (1969) divide o campo de atuação da ciência da informação em três segmentos que ele nomeia de: Conceitualização, Armazenamento/Transmissão e Utilização. O segmento exposto por Klempner (1969) de Conceitualização, o primeiro de três segmentos, abrange a retirada de conceitos da informação disponível. Nesse sentido, o processo descrito se estabelece no subjetivo do indivíduo, na interpretação, classificação, a apreensão do conceito e o estabelecimento de relações proposto pela informação. A partir desse processo se estabelece as operações de indexação, classificação, resumo. A informação, contida no documento, é conceitualizada e traduzida em nova informação.

O segundo segmento (Armazenamento/Transmissão) compreende a informação objetiva, com propriedades físicas e independente do sujeito, que pode ser transportada e transmitida, seja por meio de símbolos ou por meio de sinais que podem ser convertidos. Os suportes informacionais são, neste sentido, canais de armazenamento/transmissão capazes de transcender barreiras do tempo e do espaço. Klempner (1969, p. 341, tradução nossa) recupera a definição de Taylor de ciência da informação e sua afirmação de que a ciência da informação investiga "a tecnologia necessária para processar informação"²² como uma definição acerca do segmento de armazenamento/transmissão da informação.

O terceiro segmento proposto por Klempner (1969) consiste na Utilização. Após o nível da Conceitualização, de caráter subjetivo, e o nível do Armazenamento/Transmissão, de caráter objetivo, o nível da Utilização da informação pode tanto ser de caráter subjetivo, relacionado ao processo de apreensão, quanto um caráter intersubjetivo, relacionado à utilização social da informação (López Yepes, 1995). Klempner (1969), ocupa esse segmento com o caráter subjetivo, da apreensão da informação transmitida, e a ciência da informação se ocupando da investigação de sua melhor acessibilidade e uso, agrupando atividades a nível cultural, ético, recreativo ou sociopolítico.

²² "the technology necessary to process information."

Ainda na década de 1960, Hayes (1969) se baseia em três conceitos essenciais para se aproximar da disciplina: informação; sistema de informação; e a Information Science, a ciência que se ocupa dos estudos dos processos informativos em um sistema de informação. Yovits (1969) coloca a Information Science como ramo de estudo que se ocupa dos fluxos informativos em sistemas de informação. Kochen (1969, apud López Yepes, 1995), por sua vez, coloca a ciência da informação no centro do trabalho científico e, este, com origem na documentação e na recuperação da informação.

Para Wersig (1975), o processo de desenvolvimento das disciplinas científicas se tornou mais complexo ao longo do tempo. Abordando o caso da ciência da informação, Wersig (1975) aponta que seu desenvolvimento não acompanhou a transformação de uma área específica no estudo de uma parte da experiência humana, mas surgindo na interseção entre disciplinas tradicionais requerida pelo trabalho intelectual de reflexão por parte da comunidade científica, que criou a necessidade de processamento de dados e de pesquisas científicas que tratassem da organização da produção disponível para o trabalho científico.

Wersig (1975) cita que, no século XIX, essa nova atividade científica que lidava com o trabalho de informação e documentação para ciência e tecnologia começou a se desenvolver, sendo conhecida como "documentação" no início do século XX. A emergência da ciência da informação em meados do século XX teve influência da colaboração de muitos cientistas de campos de estudos diferentes, causando uma grande diversidade de aplicações envolvendo a informação e tendo seu desenvolvimento abarcado por três conceitos: ciência da informação nos países angloamericanos; informática nos países socialistas; e ciência da informação e documentação na Alemanha.

Wersig (1975, p. 171-172, tradução nossa) define as "ciências da informação" como sendo "todas as disciplinas científicas que se ocupam do processos informacionais que são afetados por sistemas de comunicação organizada"²³, e divide as áreas centrais, ou "disciplinas preocupadas com diferentes sistemas de informação" em:

- ciência da informação e documentação (concentradas em sistemas de informação científica e técnica)

²³ "all the scientific disciplines concerned with information processes which are affected by systems of organized communication."

- biblioteconomia (concentrada em bibliotecas como elementos de sistemas de informação)
- pesquisa em comunicação de massa (concentrada em processos de informação pública)
- arquivologia (concentrada em arquivos como elementos de sistemas de informação)

Wersig e Neveling (1975) acrescentam à evolução do campo da ciência da informação seu desenvolvimento primeiramente a partir de necessidades específicas das áreas da documentação e da recuperação da informação. Essa necessidade, causada não apenas pela mudança do trabalho prático relacionado à informação, teve como um dos motivadores de sua emergência a inserção de novas tecnologias às práticas científicas, em particular o processamento eletrônico de dados (Wersig; Neveling, 1975).

Wersig e Neveling (1975) fazem uma sistematização sobre o campo da ciência da informação em quatro categorias principais. A visão orientada ao fenômeno defende a existência de um fenômeno chamado "informação", e a ciência da informação nessa visão é a ciência que se ocupa deste fenômeno. A visão orientada aos meios define a ciência da informação com base na sua aplicação em práticas de informação. A visão orientada à tecnologia encara a ciência da informação como uma ramificação da ciência da computação aplicada ao processamento, armazenamento e recuperação de dados. A visão orientada ao propósito define a ciência da informação a partir do ponto de vista de uma necessidade social e que a ciência da informação deve se desenvolver a fim de cumpri-la.

Yovits (1975) pontua que, dentro da teoria de Shannon e Weaver, o contexto da mensagem não é relevante. A teoria da comunicação de Shannon e Weaver se preocupa com a probabilidade de recebimento de qualquer mensagem disposta em um sistema de transmissão, sendo essa preocupação apenas uma pequena parte do que se ocupa a ciência da informação.

A ciência da informação, para Yovits (1975), teria como áreas importantes as que envolvem o contexto, sentido e efetividade da mensagem. Yovits (1975), assim, faz duas considerações sobre a Teoria Matemática da Comunicação. De uma parte, a Teoria Matemática da Comunicação se mostra muito restritiva para uma aplicação dentro da ciência da informação; de outra parte, "o tratamento da informação ser

sinônimo a conhecimento enquanto esta seria quase a mais ampla visão que poderia ser tomada, aparenta ser amplo demais para levar a princípios e relações que são significativas e úteis"²⁴ (Yovits, 1975, p. 92, tradução nossa).

Brookes (1975) pontua que a Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon, é uma teoria mais voltada ao processo de informação entre mecanismos do que entre humanos, pois assume que a codificação e a decodificação de sinais é um processo possível de ser invertido, além de atribuir igual valor entre os sinais recebidos, sendo processados similarmente. Essas condições, segundo Brookes (1975), entretanto, são raramente aplicáveis aos discursos humanos.

López Yepes (1995) identifica quatro atribuições de ciência da informação dentro das monografias de caráter geral: as monografias que se ocupam das questões relacionadas com a comunicação da informação científica e tecnológica; as monografias que se concentram no uso da tecnologia; as monografias que se concentram no estudo dos sistemas de informação; e as monografias que estudam a transmissão da informação no meio social. Nesta última categoria, López Yepes (1995) atribui a definição de "Information Science como disciplina acadêmica".

Na interpretação de López Yepes (1995), a ciência da informação teria os objetivos de estudar o comportamento dos emissores, receptores, usuários da informação, o estudo quantitativos e a organização semântica das mensagens e dos canais em seus diversos tipos, a fim de facilitar sua identificação, o estudo dos problemas que afetam o armazenamento, análise e recuperação da informação, bem como a organização dos sistemas de informação e o estudo do contexto social da transferência da informação, seus aspectos econômicos e políticos.

Na construção histórica de López Yepes (1995) sobre a ciência da informação, o autor ressalta algumas abordagens dos autores sobre a conceituação de informação. Para López Yepes (1995), o estudo do conceito de ciência da informação deve ser iniciado pelo conceito central que torna-se seu objeto de pesquisa enquanto ciência e que nominaliza o campo: o conceito de informação. A partir dessa conceituação, esta ciência pode abrir perspectivas de atividades e pesquisas e ampliar seu escopo. O processo documental (parte do processo de informação registrada em documentos, como continuidade deste e fonte para gerar

²⁴ "the treatment of information to be synonymous with knowledge while this would be almost the broadest view that could be taken, appears to be far too broad to lead to principles and relationships that are meaningful and useful."

outro processo informativo) radica-se dentro do estudo do conceito de informação e de processo informacional.

López Yepes (1995) separa em duas concepções principais que limitam o conceito de informação. A primeira, a partir da Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver, a informação é o conteúdo de uma mensagem reproduzida em um ponto exata ou aproximadamente em outro ponto. Nesta concepção, apenas a possibilidade de recepção da mensagem é importante, sendo irrelevante os aspectos semânticos ou a significação. A segunda concepção, apontada por López Yepes, considera informação equivalente a conhecimento, sendo definida pelo autor como a mais apropriada ao contexto da ciência da informação.

Wersig e Neveling (1975) chamam a atenção para a polissemia na comunicação técnica sobre informação e documentação presente no termo "informação". Muitos autores (Wersig; Neveling, 1975; Belkin, 1975, 1978; Brookes, 1975, 1980; López Yepes, 1995; Capurro, 2017; Silva; Ribeiro, 2002; Yovits, 1969) concordam que a polissemia da conceito de informação pode levar à imprecisão e gerar dificuldade na formação de um núcleo teórico do campo da ciência da informação. Belkin (1978) nota que, no campo, não existem muitas pesquisas acerca da definição de informação, mas sim abordando conceitos de informação. A distinção é feita afirmando que definições se preocupam em delimitar o que é o fenômeno, enquanto conceito é uma maneira de interpretar o fenômeno, sendo preferido encontrar um conceito útil de informação do que uma definição verdadeira e universal. No presente trabalho, recupera-se algumas estruturas estabelecidas por estudos que procuram analisar a forma como o conceito de informação é trabalhado na literatura da ciência da informação, resumido no quadro 4.

A abordagem do conhecimento postula que o conhecimento construído com base na percepção da estrutura do mundo é o que chamamos de informação. Essa abordagem, segundo Wersig e Neveling (1975), é perigosa devido à polissemia do termo "conhecimento", podendo este ser usado apenas como um outro termo para significar informação. O conhecimento, nesta abordagem, pode ser definido como algo objetivamente dado, que pode ser atualizado ou não, como algo a ser adquirido por um sujeito como conceitos ou ideias, ou não apenas ser adquirido, como disponibilizado em comunicação.

Quadro 4 – Estrutura das abordagens do conceito de informação

Wersig e Neveling (1975)	Seis abordagens: abordagem da estrutura, abordagem do conhecimento, abordagem da mensagem, abordagem do sentido, abordagem do efeito e abordagem do processo.
Saracevic (1999)	Três conceitos: sentido restrito, sentido amplo e sentido mais amplo.
Capurro (2017)	Três paradigmas: paradigma físico, paradigma cognitivo e paradigma social

Fonte: Elaborado pelo autor.

A abordagem da mensagem, ligada à Teoria Matemática da Comunicação, postula que informação é a mensagem transmitida, como processo físico que se transmite de uma mente a outra, como conjunto de símbolos produzidos na comunicação, ou como uma unidade de transmissão física contendo um significado compreensível.

A abordagem do sentido, diferente da abordagem da mensagem, considera apenas o sentido da mensagem como informação. Wersig e Neveling (1975) também chamam a atenção para essa abordagem, uma vez que, segundo os autores, "sentido" também pode ser usado de forma ambígua e, assim como o termo "conhecimento", ser utilizado como outro termo para "informação". Wersig e Neveling (1975, p. 24, tradução nossa) exemplificam com o caso de linguistas, que afirmam que "O significado de um sinal é a informação sobre o objeto designado encarnado, fixado e expresso pelo sinal"²⁵.

A abordagem do efeito postula que a informação apenas ocorre como um efeito específico de um processo. A informação, neste sentido, pode ser o resultado de um processo sobre dados, uma abstração que ocorre na mudança do conhecimento, ou o processo da redução ou remoção da incerteza.

A abordagem do processo postula que a informação não é um componente do processo, mas o próprio processo. A informação, nesta abordagem, pode ser o processamento de dados pela mente humana ou o processo de comunicação em ações direcionadas a um propósito específico.

²⁵ "The meaning of a sign is the information about the designated object embodied, fixed and expressed by the sign."

Saracevic (1999) estabelece três conceitos para a informação dentro da ciência da informação: os sentidos restrito, amplo e mais amplo, em uma sequência de aumento de complexidade entre elas.

No sentido estrito, a informação é considerada como conjunto de sinais ou mensagem utilizados para tomada de decisão. Este sentido envolve pouco ou nenhum processo cognitivo no tratamento da informação, e esta é tratada como propriedade de uma mensagem. A informação possui um valor, que é calculada com base na diferença entre a utilidade da decisão tomada sem a informação e a utilidade da decisão após a informação ser recebida e analisada.

No sentido amplo, a informação é tratada como o que afeta ou muda o estado de uma mente, por meio de um processo e entendimento cognitivo. Este sentido considera haver duas estruturas cognitivas em interação: uma mente e um texto. A informação é, portanto, algo intangível, que se apresenta a um usuário no contato com material tangível (documento, texto, palavras, imagens, etc.) e que afeta sua mente, por meio da conceitualização e do entendimento humano, para outro estado.

No sentido mais amplo, a informação é tratada em um contexto, envolvendo não apenas uma mensagem (sentido estrito) processada cognitivamente (sentido amplo), mas também o seu uso em uma situação, motivação ou intencionalidade conectada com um contexto social.

Capurro (2017) se aprofunda em três paradigmas epistemológicos predominantes na ciência da informação, dividindo em físico, cognitivo e social. Capurro (2017) defende, na história da ciência da informação houveram três estágios: o nascimento "em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social [...]".

O paradigma físico se caracteriza pela influência da Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver e da Cibernética de Norbert Wiener. Este paradigma caracteriza a informação como analogia da veiculação de sinais e mensagens, sendo um ser físico passível de ser manipulado e transmitido de um ponto a outro. O paradigma cognitivo, tendo origem na documentação de Paul Otlet e Henri La Fontaine, que caracteriza a informação o conteúdo dos suportes que existem no espaço cognitivo ou mental. A informação, portanto, faz parte de um processo que altera o "modelo mental" do "mundo exterior" de um sujeito

cognoscente. No paradigma social, Capurro (2017) defende a existência de uma hermenêutica intrínseca à informação como componente social das comunidades de intérpretes e discursivas. A informação, assim, se constrói nos processos informativos de forma social.

É possível identificar, dentro da ciência da informação, conceituações que tratam a informação baseadas na Teoria Matemática da Comunicação, em associação direta ou aproximada do conceito de informação presente nesta teoria. Dentro das conceituações ligadas à Teoria Matemática da Comunicação, pode-se inserir a concepção citada anteriormente por López Yepes (1995), a abordagem da mensagem de Wersig e Neveling (1975) e o paradigma físico de Capurro (2017). Para além desse segmento, a identificação e agrupamento de conceitos utilizados na ciência da informação por vezes podem ter delimitações difusas. Wersig (1975) chama a atenção que, apesar das ciências da informação terem em seu centro de estudos o conceito de informação, a teoria de Shannon e Weaver forma apenas um caso especial do que Wersig nomeia de "teoria geral da informação".

Averigua-se, porém, que na literatura, a partir das definições de ciência da informação dada por Taylor (1966) e a reformulação popularizada por Borko (1968), os autores do campo que abordam os conceitos internos fazem relações entre os conceitos de dado, informação e conhecimento que ocorrem em um processo informacional dentro de um sistema de informação (López Yepes, 1995).

Apoiando-se na Teoria Matemática da Comunicação de Shannon e Weaver, e na Cibernética de Wiener, esse caráter fundamentava-se na eficiência da transmissão de uma informação de um emissor para um receptor, utilizando princípios estatísticos (Mello; Martínez-Ávila, 2021). O controle da informação constituiu, assim, o pilar para o aumento da eficiência dessa transmissão, reduzindo a incerteza e a entropia dos sistemas de que se ocupava.

A Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver (1949), apresenta um modelo de comunicação entre fonte e destino por meio de um canal em que há transmissão de uma mensagem. Esse esquema envolve também a codificação da mensagem a ser transmitida e a decodificação pelo receptor. López Yepes (1995) afirma que, apesar dessa teoria ser utilizada para interpretar os processos de informação, ela dificilmente pode ser aplicada aos contextos de comunicação entre seres humanos, por ser um modelo de comunicação que não abarca os conteúdos semânticos das mensagens transmitidas. A teoria da

informação proposta por Shannon e Weaver não é propriamente uma teoria da informação, mas uma teoria de transmissão de sinais, da capacidade que um meio qualquer tem de transmitir uma mensagem, sem muita relação com a utilização do saber registrado, uma vez que não leva em conta qualitativamente o conteúdo da mensagem transmitida (López Yepes, 1995). Apesar dessa limitação, a aplicação do modelo da Teoria Matemática da Comunicação, assim como em outras ciências, teve muita influência nas pesquisas desde o surgimento da ciência da informação.

Hayes (1969a, 1969b) chama a atenção para a diversidade de significados aplicados ao conceito de "informação". Exemplificando essa multiplicidade de sentidos para o termo, Hayes (1969a, 1969b) cita a identificação, por parte dos engenheiros, da informação como transmissão de sinais na comunicação e, por parte dos filósofos, da informação como fatos registrados, como conteúdo de textos ou a experiência humana registrada na mente. Hayes (1969b) faz uma aproximação do conceito de informação a partir dos conceitos de dado, conhecimento e sabedoria, e define informação como o resultado do processamento de dados. Nestes processos informacionais, Hayes (1969b) inclui a transmissão, seleção e análise. Dado, por sua vez, é aquilo que é registrado como símbolos que podem ser processados e produzir novos símbolos. Em outras palavras, Hayes (1969b) define:

Informação é o dado produzido como resultado de um processo sobre dados. Este processo pode ser uma simples transmissão de dados (que neste caso, as definições e medidas usadas em teoria da comunicação são aplicáveis); pode ser uma seleção de dados; pode ser uma organização de dados; pode ser uma análise de dados.²⁶ (Hayes, 1969b, p. 219, tradução nossa).

Hayes (1969b) ressalta que a informação não pode existir independente dos processos que a produzem, e só pode ser estudada dentro do contexto específico dos sistemas de informação. Em outro trabalho, Hayes (1969a) volta a abordar a definição de informação, e define:

Informação é o dado produzido como resultado de um processo sobre dados. Este processo pode ser uma transmissão (que neste caso, as definições e medidas usadas em teoria da comunicação são aplicáveis);

²⁶ "Information is the data produced as a result of a process upon data. That process may be one simply of data transmission (in which case, the definition and measure used in communication theory are applicable); it may be one of data selection; it may be one of data organization; it may be one of data analysis."

pode ser uma seleção; pode ser uma organização; pode ser uma análise.²⁷ (Hayes, 1969a, p. 363, tradução nossa).

Hayes (1969a, 1969b) estabelece a relação entre dado e informação de uma forma complexa, sendo a informação os dados produzidos pelo processamento de dados e os dados sendo a informação em sua forma registrada. Uma diferença entre as duas publicações de Hayes (1969a, 1969b) pode notar-se na identificação dos processos dentro da definição de informação, deixando em aberto se os processos de transmissão, seleção, organização e análise que ocorrem nos sistemas de informação processam dados ou informação.

Algumas definições também são ressaltadas por López Yepes (1995). Yovits (1969, p. 374, tradução nossa) define informação como "informação é dado com valor na tomada de decisão"²⁸. Yovits (1969) afirma que, apesar de restritiva, essa descrição possui aplicação universal, visando sua quantificação e conceituação necessária para estabelecer uma ciência real, baseada na interação entre a informação e as decisões decorrentes de sua recepção.

Klempner (1969) desenvolve um conceito de informação como o produto do ato ou processo de interpretação de uma imagem mental, ação ou coisa, formado pela generalização de particulares. Esse processo, chamado por ele de "conceitualização", envolve a organização das partes ou fragmentos de dados, resultando no ato de informar.

Outra vertente de estudos da informação são encontrados nas produções sobre a informatika, definida por López Yepes (1995) como a escola russa da ciência da informação, disseminada na União Soviética e nos países do leste europeu. No estudo da informação científica, Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii (1975) dividem a informação em dicotomias, representado na figura 1. A informação, em sua teoria, se divide em informação social e não social; a informação social se divide em informação semântica e não semântica; e a informação semântica, por sua vez, se divide em informação científica e não científica. A informatika, portanto, se ocuparia da informação social-semântica-científica, não estando no seu campo de estudo todas as outras formas de informação. A informação científica, dessa forma, é a informação que é por natureza social, com fonte na atividade cognitiva do ser

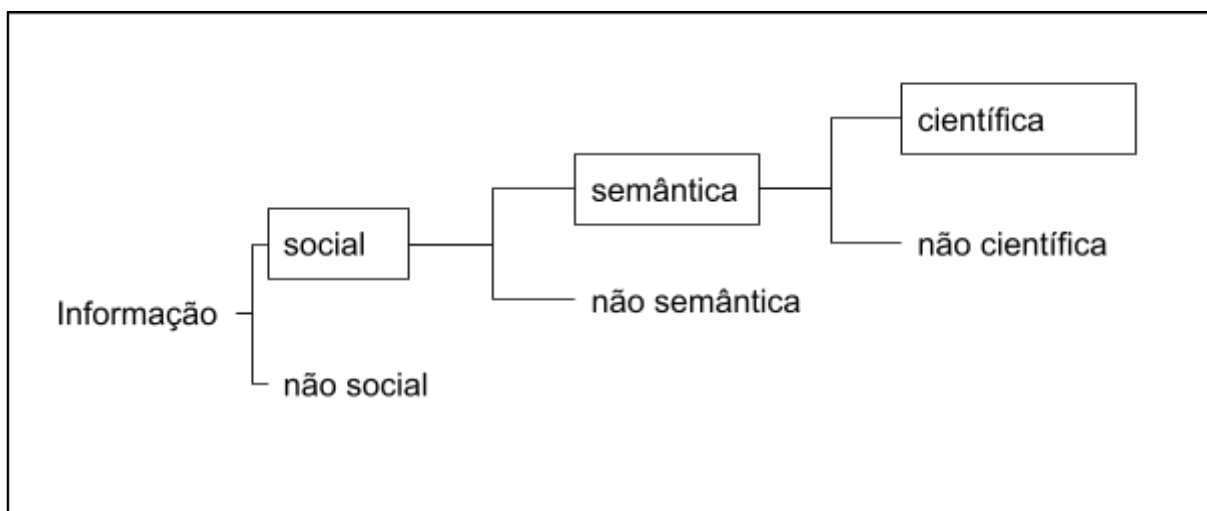
²⁷ "Information is the data produced as a result of a process upon data. That process may simply be one of transmission (in which case, the definition and measure used in communication theory are applicable); it may be one of selection; it may be one of organization; it may be one of analysis."

²⁸ "information is data of value in decision-making."

humano e da sociedade como um todo, especificamente na forma conceitual que toma sentido na forma de palavras, expressões, objetos e fenômenos de forma estruturada, passível de articulação e tradução. A informação científica, social e semântica, é uma forma de existência e expressão do pensamento humano de forma lógica na forma de símbolos, servindo como um sentido na comunicação humana, porém com características próprias de cumulatividade, independência dos criadores, envelhecimento e dispersão (Mikhailov; Chernyi; Gilyarevskii, 1975).

López Yepes (1995) afirma que o crescimento de estudos que buscam estabelecer um conceito para informação dentro da ciência da informação inicia-se a partir do trabalho de Brookes (1975). Brookes (1975) critica a adoção de um modelo de informação baseado na Teoria Matemática da Comunicação por não ser aplicável aos discursos humanos. Em contrapartida, também critica o uso de um modelo de informação muito amplo, pois o aumento da complexidade causado pela evolução dos sentidos aplicados ao termo levaria a um processo não direcionado. Para evitar essa complexidade, Brookes (1975) busca direcionar seu conceito em direção a uma maior coleta, processamento e exploração efetiva da informação.

Figura 1 – Dicotomias da informação



Fonte: adaptado de Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii (1975)

Brookes (1975, 1980), a partir da consideração que faz da ciência da informação, estabelece uma relação entre informação e conhecimento. Sua definição de conhecimento é colocada como uma estrutura de conceitos ligados por seus relacionamentos, sendo a informação uma pequena parte desta estrutura.

Partindo e diferindo da Teoria Matemática da Comunicação, que cunha e populariza o conceito de informação, Brookes (1975) modifica esse modelo por meio da inserção de três elementos em cada lado do processo: os elementos físico, biológico e cognitivo. A partir desse desenvolvimento, Brookes (1975) elabora sua Equação Fundamental da Ciência da Informação. Em sua primeira apresentação, contida na coleção de obras do Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information" (International Federation for Documentation, 1975), Brookes (1975) exhibe o problema da pluralidade terminológica no senso comum, e define conhecimento como o corpo de informação acumulado e organizado que qualquer humano pode obter por meio do aprendizado.

Para sintetizar essa relação, Brookes (1975) elabora, de forma simbólica, a Equação:

$$\Delta I + (S) \Rightarrow (S + \Delta S) \quad (1)$$

Sua fórmula resume de forma compacta a transformação do conhecimento, onde ΔI é o acréscimo de informação que, ao ser "adicionado" à "estrutura do conhecimento" (S) , modifica essa estrutura.

Posteriormente, Brookes (1980) modifica sua Equação, representando-a como

$$K[S] + \Delta I = K [S + \Delta S] \quad (2)$$

onde a "estrutura do conhecimento" $(K[S])$ é modificada pela informação (ΔI) , gerando uma nova estrutura $(K[S + \Delta S])$, sendo ΔS o indicativo do efeito de modificação da estrutura de conhecimento. Na proposta de Brookes (1980), a informação é uma pequena parte do conhecimento, e a diferencia da proposição feita de que "informação é dado com sentido" pois, apesar de depender de uma observação sensorial, ela depende da interpretação subjetiva de uma estrutura de conhecimento. Essa interpretação, ressalta Brookes (1980), não limita seu efeito somente a uma adição do conhecimento, mas pode abarcar uma mudança da estrutura, como o ajustamento das relações que ligam os conceitos.

Brookes (1975) procura expandir o conceito de informação para além da teoria baseada nos conceitos de Shannon e Weaver. Como um modelo teórico

voltado para a comunicação, Brookes (1975) defende haver uma limitação da Teoria Matemática da Comunicação, em sua aplicação mais adequada à comunicação entre máquinas do que entre humanos, para utilização na ciência da informação. Brookes (1975) defende uma expansão do espectro dos fenômenos de informação, partindo do nível físico mas adicionando dois outros níveis no esquema de informação: o biológico e o cognitivo. A ciência da informação, segundo Brookes (1975) se ocuparia, portanto, da informação que se manifesta no espectro cognitivo dos fenômenos.

Para López Yepes (1995), a concepção de Brookes de que a relação entre informação e conhecimento dentro da ciência da informação se concentra propriamente sobre o processo documental, visto que o conhecimento abordado na teoria se define pelo conhecimento público e objetivo, registrado em documentos, em consonância com a teoria da epistemologia social de Jesse Shera e Margareth Egan, e do conhecimento objetivo, ou Mundo 3, de Karl Popper. A ciência da informação, portanto, se ocuparia da interpretação e estudo da relação entre os seres humanos e os depósitos externos de informação (López Yepes, 1995).

Na interpretação de López Yepes (1995), o conhecimento na equação fundamental da ciência da informação proposto por Brookes engloba apenas o conhecimento objetivo, o conhecimento registrado em documentos ou socializado. A alteração do conhecimento objetivo ($K(S)$) que resulta em novo conhecimento ($K(S + \Delta S)$) se dá mediante a inserção de uma informação (ΔI).

As duas proposições de Brookes (1975, 1980) apresentam distinções entre si. A diferença pode ser notada principalmente no primeiro texto de Brookes (1975), uma vez que a equivalência dos estados de conhecimento não é aplicada. Nessa equação, a informação, adicionada à estrutura de conhecimento, transforma o estado geral por uma estrutura de conhecimento com um novo conhecimento, que pode ser uma adição ou uma transformação, e a estrutura sendo alterada, não completa mas parcialmente. A presença do sinal de igualdade (=) na Equação de Brookes (1980) sugere a leitura, apesar da explicação ser contrária, de que há uma equivalência entre a estrutura de conhecimento anterior e a informação com a estrutura de conhecimento posterior, tendo a informação apenas mudado de estado, de fragmento de conhecimento para conhecimento objetivo, sendo a estrutura anterior mantida a mesma.

Ressalta-se que a ausência da igualdade é importante para a representação do teorema pois o símbolo que indica mudança de estado ($\Rightarrow$) não supõe uma mudança equivalente entre a informação adicionada ao contexto da estrutura de conhecimento e a alteração dessa estrutura. O contato da informação, portanto, não é mera adição, mas sim mudança na estrutura do conhecimento $K(S + \Delta S)$, que se tornará, para observações futuras, $K(S)$.

A alteração do processo de mudança de estado ($\Rightarrow$) para uma igualdade ($=$) nos trabalhos de Brookes (1975, 1980) muda, portanto, a interpretação possível da equação proposta. A mudança, por sua vez, não pode ser identificada na argumentação de Brookes (1980). Em sua explicação da equação não há alteração da teoria nem quanto aos seus fundamentos, ou mesmo na exposição da representação pretendida, sendo, como ressaltado anteriormente, essa transformação do estado de conhecimento não apenas uma adição. O que está em jogo não é uma matematização da ciência da informação, uma vez que não é possível transpor a equação para fatos calculáveis ou prever, por meio do conhecimento de um estado anterior, os efeitos exatos causados pelo contato, mas uma condensação da argumentação em símbolos para a compreensão de maneira não rigorosa.

Belkin (1975) propõe um conceito de informação para o campo da informatika, partindo de um conceito de informação de base psicológica e filosófica, em uma analogia à forma como a mente humana se organiza. Ele trata o conhecimento como uma construção interna, uma representação estruturada do mundo e que a estrutura das representações é comum entre as sociedades. Essas experiências cognitivas comuns permitem, assim, a comunicação e se reflete no conhecimento objetivo. Belkin (1975) utiliza-se da Equação de Brookes (1975) para tratar da informação na qual se ocupa a informatika, considerando a informação como dado estruturado em ação de transformação um estado ou estrutura de conhecimento. Belkin (1975) busca expandir o conceito de Brookes (1975) para definir propor uma fórmula que descreva a transformação da informação em:

$$\text{Data} \xrightarrow{\text{Cognition}} H_D; H_D * S_n^i \longrightarrow S_{n+1}^i \dots\dots (3)$$

em que H_D é a função de informação, ou a estrutura do conjunto de dados, * indica uma operação, e S_i é o estado de conhecimento. Belkin (1975, p. 82, tradução nossa) explica a equação como: “dado (parcialmente estruturado) passa pelo processo de cognição, produzindo uma estrutura de dados específica chamada de função de informação dos dados. A função de informação opera no estado de conhecimento do receptor, transformando-o em um novo estado de conhecimento”²⁹.

Belkin (1975) define como dados os símbolos físicos que operam na cognição em uma comunicação com propósito e parcialmente ordenados com base na função de informação no qual se associa. Esta, associa uma seleção de dados à informação e altera seu estado de conhecimento. Para Belkin (1975), essa estrutura de conhecimento pode ser tanto uma representação do estado de conhecimento individual ou social.

Em um trabalho posterior, Belkin (1978) apresenta uma outra representação para a Equação de Brookes, exposto na expressão:

$$\Delta I = (S + \Delta S) - (S) \quad (4)$$

tendo como explicação que um estado de conhecimento existente é afetado por um incremento de informação resultando em um novo estado de conhecimento. A exposição de Belkin (1978) da Equação de Brookes mistura elementos das duas fórmulas, e essa nova representação muda o contexto da síntese da representação da proposição de Brookes exposta anteriormente, fazendo com que os elementos possam ser intercambiados no processo. Essa representação, reproduzida em outros estudos (López Yepes, 1995), leva a concluir que a informação é um elemento isolável do contexto da estrutura do conhecimento, podendo ser encontrada e resumida à alteração da estrutura do conhecimento posterior ao contato frente à estrutura de conhecimento anterior.

Belkin e Robertson (1976) definem dois conceitos como base para o campo da ciência da informação. Dentro da ciência da informação, Belkin e Robertson (1976, p. 201, tradução nossa) definem texto como “uma coleção de sinais propositalmente estruturados por um remetente com a intenção de mudar a

²⁹ “(partially structured) data undergo the process of cognition, yielding a specific data structure called the information function of data. The information function operates in the recipient's state of knowledge, transforming it into a new state of knowledge.”

imagem-estrutura de um receptor"³⁰ e a informação sendo "a estrutura de qualquer texto que é capaz de mudar a imagem-estrutura de um receptor"³¹. A partir destas definições, Belkin e Robertson (1976) estabelecem os fenômenos básicos da ciência da informação. O primeiro fenômeno é posto como sendo o texto e sua estrutura, ou seja, a sua informação. O segundo e terceiro fenômenos, mais ligados à psicologia, são a imagem-estrutura do receptor e as mudanças ocorridas nessa estrutura, e a imagem-estrutura do emissor e sua estruturação do texto.

A partir dos estudos de sua tese de doutorado, Belkin (1978) resgata as definições de diversos autores para formar sua teoria do Estado Anômalo de Conhecimento (Anomalous State of Knowledge – ASK) dentro da teoria da informatika, da disciplina que se ocupa da informação científica. Belkin (1978) afirma que o receptor investiga o sistema de informação a partir do reconhecimento de uma anomalia em seu estado de conhecimento. Essa anomalia reconhecida é convertida em uma estrutura comunicável na forma de pergunta, que será utilizada para a busca no corpo de textos a fim de resolver a anomalia em seu estado de conhecimento. A partir do contato com o texto e sua interpretação, a estrutura do texto é identificada e interage com a anomalia no estado de conhecimento do receptor, que faz uma escolha, se a anomalia foi sanada ou não (Belkin, 1978).

Belkin (1978) defende que, a partir da decisão de resolução do estado de anomalia, esse sistema de interação receptor-texto pode ser fechado, ou um novo estado de anomalia de seu conhecimento pode ser definido. No nível linguístico desse sistema, encontra-se a relação entre geradores, textos e receptores. Em nível cognitivo, o sistema engloba os estados de conhecimento (do gerador e do receptor da informação), a informação e o estado anômalo de conhecimento do receptor.

López Yepes (1995) afirma que, com Belkin, se inaugura o novo paradigma cognitivo da ciência da informação, que trata de explicar a natureza do processo documental. Esse paradigma tem como principais características a mudança do interesse do acesso à informação para o interesse no usuário, a mudança do interesse no comportamento do usuário para o interesse do seu comportamento cognitivo não observável, e a crença de que a informação é um fenômeno subjetivo elaborado, ao menos em parte, pelo usuário.

³⁰ "a collection of signs purposefully structured by a sender with the intention of changing the image-structure of a recipient."

³¹ "the structure of any text which is capable of changing the image-structure of a recipient."

López Yepes (1995) pontua que essa abordagem de Belkin implica que a ciência da informação estuda a informação documental nos sistemas de comunicação humana e cognitiva, as relações entre a informação com o produtor e com o usuário, a partir da ideia da informação solicitada e da efetividade desta informação em sua transmissão.

Buckland (1991) parte do efeito da informação, relacionada com a redução da incerteza e da ignorância e, analisando a forma como a informação é usada na ciência da informação, estabelece três definições baseadas no Oxford English Dictionary. A primeira definição, a informação-como-processo, é o ato de informar ou ser informado, de mudar o que se sabe ou o que alguém sabe. A segunda definição é a informação-como-conhecimento, é o que se comunica ao se buscar a informação-como-processo e que reduz a incerteza. A terceira definição, a informação-como-coisa, é quando o termo "informação" é atribuído a objetos por serem "informativos", como dados e documentos. Buckland diferencia informação-como-conhecimento de informação-como-coisa não apenas pela tangibilidade da informação-como-coisa, mas por ser uma representação que se difere do conhecimento: qualquer representação do conhecimento em forma tangível na forma de sinal, texto, filme, etc. e que pode ser armazenado e recuperado é informação-como-coisa.

Em estudos posteriores ao trabalho de López Yepes, é possível identificar aproximações ao conceito de informação. Le Coadic (1996) define a informação como um conhecimento inscrito ou gravado sob a forma escrita, oral ou audiovisual graças a um sistema de signos, ou significantes associados a um significado que é transmitido a um ser consciente por meio da mensagem registrada. Essa visão de Le Coadic (1996) associa a mensagem ao conhecimento a ser transmitido inscrito em um suporte espacial-temporal, sendo este a materialização da informação. Para Capurro (2017), a informação é o processo de seleção a partir de uma oferta de sentido, ou mensagem, e sua integração em um sistema de pré-compreensão. O dado registrado é uma oferta de sentido ao sujeito, que desempenha o papel de se informar, ou selecionar o sentido, e integrá-lo ao seu conjunto de conhecimento para formar uma nova pré-compreensão.

O quadro 5 apresenta os conceitos levantados que definem as perspectivas de informação na literatura do campo.

Quadro 5 – Conceitos de informação na ciência da informação

López Yepes (1995), Capurro (2017), Wersig e Neveling (1975)	Citação de conceituações baseadas na Teoria Matemática da Comunicação em pelo menos uma abordagem do conceito de informação
Hayes (1969a, 1969b)	Informação como dado produzido como resultado de processos sobre dados
Yovits (1969)	Informação como dado de valor em processos de decisão
Klempner (1969)	Informação como produto do ato ou processo de interpretação de uma imagem mental
Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskii (1975)	Informação científica, social e semântica
Brookes (1975, 1980)	Informação como parte da estrutura de conceitos ligados por seus relacionamentos, o conhecimento
Belkin (1975)	Informação como dado estruturado em ação de transformação de um estado ou estrutura de conhecimento
Belkin e Robertson (1976)	Informação como estrutura de uma coleção de signos estruturados que é capaz de alterar a imagem-estrutura de um receptor
Buckland (1991)	Informação-como-processo, ou o ato de mudar o que alguém sabe; informação-como-conhecimento, ou o que se comunica; informação-como-coisa, ou a atribuição do termo “informação” para objetos por serem “informativos”
Le Coadic (1996)	Informação como conhecimento inscrito ou gravado graças a um sistema de significantes que transmitem um significado a um ser consciente
Capurro (2017)	Informação como processo de seleção a partir de uma oferta de sentido ou mensagem

Fonte: elaborado pelo autor

A ciência da informação possui um histórico de estudos que remonta o desenvolvimento das práticas e pesquisas em bibliografia e documentação, sendo desenvolvida formalmente durante o século XX, apresentando diversas formações em contextos nacionais e internacionais. Sua teoria, mais do que apenas prática, buscou investigar não apenas os problemas de informação, mas o que pode ser

considerado como informação para seu campo de estudos, apresentando convergências e divergências dentro de sua pesquisa. Tendo estabelecido um panorama do histórico da ciência da informação, suas correntes de pesquisa e os conceitos adotados de informação, na próxima seção abordamos a proposta de campo da filosofia da informação preconizada por Floridi.

4 A FILOSOFIA DA INFORMAÇÃO DE FLORIDI

Esta seção busca apresentar a definição de filosofia da informação na obra de Luciano Floridi (n. 1964). Para abordar esse tema, buscou-se abordar as principais obras do autor que conceituam esse campo, seu objeto de estudo e a forma como ele é trabalhado dentro da filosofia da informação. De acordo com Floridi (2010) a proposta de uma filosofia da informação apareceu pela primeira vez no final dos anos 1990, conceituada por ele em uma palestra na King's College, em Londres, intitulada "Should there be a philosophy of information?". Após essa palestra, o autor afirma que, de maneira mais consolidada, a filosofia da informação tornou-se um campo autônomo ao ser publicado seu artigo "What is the philosophy of information?" na revista *Metaphilosophy* em 2002 (Floridi, 2010). Após essa data, Floridi estendeu sua proposta em diversos outros trabalhos, tratando do campo, dos problemas que ele se ocupa e seus principais conceitos.

Luciano Floridi é um filósofo nascido em Roma, em 1964. Floridi é graduado em filosofia pela Sapienza Università de Roma, Itália, em 1988, mestre em filosofia pela University of Warwick, Reino Unido, em 1989, doutor em filosofia, pela mesma universidade, em 1990, e teve seu pós-doutorado em filosofia pela Wolfson College da University of Oxford, Reino Unido, entre 1990 e 1994 (Floridi, [2023]). Atualmente, Floridi é professor no Cognitive Science Program da Yale University, Estados Unidos, e professor de meio-período de sociologia da cultura e comunicação na Università di Bologna, Itália (Floridi, [2023]). Sua pesquisa se concentra principalmente em torno da ética digital, ética da inteligência artificial, filosofia da informação e filosofia da tecnologia, tendo trabalhos que abordam também os temas de epistemologia, filosofia da lógica e filosofia e história do ceticismo (Floridi, [2023]).

Ao tratar do surgimento do campo da filosofia da informação, Floridi (2011) faz uma construção do traçado histórico que veio a dar surgimento a essa corrente. Segundo Floridi (2011), a filosofia da informação surgiu como a filosofia da inteligência artificial em 1978, ainda de forma prematura por ser demasiado inovadora em seus tópicos, métodos e teorias. Introduzindo um paradigma computacional/informacional na filosofia, a filosofia da informação prosseguiu em transdisciplinaridade com outros campos também provenientes da revolução tecnológica. Esse paradigma computacional, iniciado com a publicação dos seminários de Alan Turing nos anos 1930, atraiu o interesse da comunidade

filosófica para a cibernética, teoria da informação, inteligência artificial, teoria dos sistemas, ciência da computação, teoria da complexidade e as tecnologias da informação e comunicação (Floridi, 2011).

Floridi (2011) argumenta que, ao final da década de 1980, a filosofia da informação começou a se tornar uma área de investigação filosófica mais consolidada. A nomeação do computador como "Homem do Ano" pela revista Time Magazine em 1982, a criação do Committee on Philosophy and Computers na American Philosophical Association em 1985, a publicação do volume *Computers and Ethics* pelo jornal científico *Metaphilosophy* no mesmo ano e a primeira conferência financiada pela associação *Computing and Philosophy* na Cleveland State University em 1986 são marcos que mostram essa virada da computação dentro da filosofia (Floridi, 2011).

De acordo com Floridi (2003, 2011), a revolução computacional, as tecnologias da informação e da comunicação, a virada informacional e a sociedade da informação geraram problemas conceituais, novas ideias, novos meios de abordar problemas antigos e um novo território a ser explorado pela filosofia. A consolidação da filosofia da informação como campo de investigação mais sólido colocou em debate dentro da filosofia conceitos, fenômenos e modelos que foram considerados cada vez mais relevantes. Como exemplo do efeito da filosofia da informação no debate, Floridi cita:

Conceitos ou processos como algoritmo, controle automático, complexidade, computação, rede distribuída, sistema dinâmico, implementação, informação, retroalimentação ou representação simbólica; fenômenos como IHC (interação humano-computador), CMC (comunicação mediada por computador), crime computacional, comunidades eletrônicas, ou arte digital; disciplinas como IA ou teoria da informação; problemas como a natureza dos agentes artificiais, a definição de identidade pessoal em um ambiente desincorporado, e a natureza das realidades virtuais; modelos como aqueles proporcionados pelas máquinas de turing, redes neurais artificiais, e sistemas de vida artificial. Estes são apenas alguns exemplos de um crescente número de tópicos que são mais ou menos comumente percebidos como sendo novos, de interesse filosófico urgente, e academicamente respeitáveis.³² (Floridi, 2011, p. 6, tradução nossa).

³² "Concepts or processes like algorithm, automatic control, complexity, computation, distributed network, dynamic system, implementation, information, feedback or symbolic representation; phenomena like HCI (human-computer interaction), CMC (computer-mediated communication), computer crimes, electronic communities, or digital art; disciplines like AI or information theory; issues like the nature of artificial agents, the definition of personal identity in a disembodied environment, and the nature of virtual realities; models like those provided by turing machines, artificial neural network, and artificial life systems. These are just come examples of a growing number of topics that were more and more commonly perceived as being new, of pressing philosophical interest, and academically respectable."

Desde então, o paradigma emergido a partir da computação, as novas noções, oportunidades e desafios que este propõe, proporcionando um novo prisma no qual se pode ver os problemas filosóficos, mudou a maneira dos filósofos entenderem os conceitos fundamentais da filosofia (Floridi, 2002, 2011). A pesquisa computacional e de teoria informacional se tornou, a partir de então, crescente e fértil, e diversas propostas foram levantadas para dar nome a esse novo campo de pesquisa: ciberfilosofia, filosofia digital, filosofia computacional, epistemologia formal, filosofia da ciência da computação, filosofia da computação, filosofia da inteligência artificial, computadores e filosofia, computação e filosofia, filosofia do artificial e epistemologia artificial são os termos levantados por Floridi (2011). Floridi (2011) cunha o termo "filosofia da informação" para coligir todas as outras tendências que caminhavam em direção ao estudo da informação expressas pela revolução tecnológica, em busca de estabelecê-la como uma área madura da investigação filosófica.

Na definição de Floridi (2002, 2011), a filosofia da informação é:

o campo filosófico preocupado com (a) a investigação crítica da natureza conceitual e princípios básicos da informação, incluindo suas dinâmicas, utilização e ciências; e (b) a elaboração e aplicação de teorias informacionais e metodologias computacionais à problemas filosóficos.³³ (Floridi, 2002, p. 137; 2011, p. 14, tradução nossa).

Na concepção de Floridi (2002, 2011), a filosofia da informação é um campo da pesquisa filosófica com abordagem orientada à informação que se ocupa com o domínio do fenômeno de primeira ordem representado pelo mundo da informação, da computação e a sociedade da informação, aproveitando os avanços das metodologias e teorias oferecidas pelas ciências da informação e da computação (Floridi, 2002, 2011).

Floridi (2002, 2011) ressalta que a filosofia da informação não busca desenvolver uma teoria unificada da informação e não restringe sua investigação com a teoria da informação de comunicação de dados ou análise estatística. A filosofia da informação interpreta a questão "Qual a natureza da informação?" como

³³ "the philosophical field concerned with (a) the critical investigation of the conceptual nature and basic principles of information, including its dynamics, utilisation, and sciences; and (b) the elaboration and application of information-theoretic and computational methodologies to philosophical problems."

um marco de um novo campo no qual ela se ocupa, provendo investigação crítica para desenvolver

uma família integrada de teorias que analisam, avaliam e explicam os vários princípios e conceitos da informação, suas dinâmicas e utilização, com especial atenção aos problemas sistêmicos que surgem de diferentes contextos de aplicação e as interconexões com outros conceitos-chave em filosofia, como Ser, conhecimento, verdade, vida ou sentido.³⁴ (Floridi, 2002, p. 137; 2011, p. 14, tradução nossa).

De acordo com Floridi (2002), a filosofia da informação defende que a informação é um componente fundamental de qualquer ambiente. Floridi (2002, 2008) defende que a informação, bem como seus conceitos cognatos (computação, dados, comunicação, etc.), seus métodos, técnicas e teorias, atua como metáforas poderosas e "dispositivos hermenêuticos" que utilizamos para ver, entender, modelar, interpretar e transformar a realidade.

Dessa forma, Floridi (2002) defende que a informação estabeleceu uma linguagem metadisciplinar e unificada, que se tornou comum em todos os temas científicos e na filosofia. O conceito de informação alcançou sua importância como fenômeno primário, na visão de Floridi (2002, 2011), devido ao desenvolvimento das ciências e tecnologias da computação, como as tecnologias da informação e da comunicação, levando a filosofia à sua "virada informacional" e ao surgimento da filosofia da informação. Floridi (2008) defende que, para compreender o que é informação, o melhor meio é compreender a informação semântica, analisando de maneira factual ou epistemológica, em relação ao conhecimento que a informação pode dizer sobre aquilo a que se refere e, para compreender o fenômeno e seus efeitos, a filosofia da informação deve se ocupar dos estudos da computação e da informação, sendo a computação um dos processos no qual a informação pode ser envolvida.

A filosofia da informação busca, portanto, fornecer uma abordagem compreensiva às investigações filosóficas sobre o que pode ser considerado como informação e como ela pode ser criada, processada, gerenciada e utilizada, moldando e aperfeiçoando as bases conceituais, metodológicas e teóricas das ciências da informação e da computação, proporcionando o que Floridi (2002, 2011)

³⁴ "an integrated family of theories that analyse, evaluate, and explain the various principles and concepts of information, their dynamics and utilization, with special attention to systemic issues arising from different contexts of application and the interconnections with other key concepts in philosophy, such as Being, knowledge, truth, life, or meaning."

chamada de filosofia das ciências da informação e da computação (*philosophy of ICS*).

Floridi (2002, 2011) define como "dinâmica da informação", a qual a filosofia da informação investiga, como a constituição e modelagem de ambientes e sistemas de informação, o processo informacional do ciclo de vida da informação (ocorrência, processamento, gestão e uso) e computação no sentido de processamento algorítmico e processamento de informação.

Em outro trabalho, Floridi (2004c) chama a atenção para as dinâmicas da informação estudadas na filosofia da informação, dando destaque à investigação das dinâmicas do fluxo da computação e da informação. Essas dinâmicas não se ocupam da natureza dos processos de gestão (busca da informação, recuperação, distribuição, etc.), mas com os próprios processos do fluxo de informação como transmissão de informação por dados sobre um referente, possível por regularidades em um sistema (Floridi, 2004c).

Floridi (2002) defende que a filosofia da informação se estabelece em um novo paradigma, descritível em termos de uma filosofia informacional. A filosofia da informação pressupõe que um problema ou uma explicação pode ser legítima e genuinamente reduzida a um problema ou explicação informacional, na qual a teoria da informação é não somente sua fundação como também a fundação do campo da filosofia da informação (Floridi, 2002). Dessa forma, a filosofia da informação se preocupa em como as tecnologias da informação e da comunicação podem expandir os meios filosóficos de pensamento (Floridi, 2004c).

Tem-se que, na visão de Floridi, a filosofia da informação é um campo da filosofia que aborda os problemas filosóficos e sociais em uma virada para a informação. Esse campo, segundo Floridi, surgiu no início dos anos 2000 reunindo estudos anteriores que tratavam da inteligência artificial e da computação. A virada em direção à informação, tomada pela filosofia, se ocupa não apenas da investigação da natureza da informação, seus componentes, surgimento, efeitos e desaparecimento, mas também o modo humano de lidar com a informação e seus impactos na sociedade. Ressalta-se que a filosofia da informação de Floridi possui uma ligação muito forte com a tecnologia, tanto pelo seu surgimento quanto pelos direcionamentos de estudos. Entretanto, como afirma o autor, não se pode reduzir a filosofia da informação a uma filosofia da tecnologia pois, na filosofia da informação, a tecnologia é o meio no qual a informação circula.

A partir das considerações de Floridi sobre a filosofia da informação, busca-se na próxima seção analisar os conceitos de biblioteconomia e ciência da informação presentes nas obras de Floridi. O objetivo é analisar como sua filosofia da informação, desenvolvida em direção a uma "filosofia das ciências da informação e da computação", como citado pelo autor, considera os campos da ciência da informação e da biblioteconomia.

5 METODOLOGIA

O objetivo desta seção é apresentar o delineamento metodológico escolhido para a pesquisa, bem como a sua caracterização, os procedimentos de coleta e de análise dos dados, o universo dos dados a serem trabalhados e as ações traçadas para o desenho deste estudo.

5.1 Tipo de Pesquisa

A execução de uma pesquisa científica visa aprimorar e conceber conhecimentos dentro do campo científico no qual se insere, por meio da compreensão de um problema proposto e norteador do trabalho. O conhecimento produzido a partir desse movimento deve trazer consigo a herança acumulada pelos trabalhos precedentes e, dessa forma, a pesquisa bibliográfica se apresenta como meio de recapitulação da literatura existente sobre determinado tema e base para construção de novos conhecimentos. Em outras palavras, a pesquisa bibliográfica é o levantamento da bibliografia publicada com a finalidade de colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito sobre determinado assunto, reforçando a análise da pesquisa ou manipulação das informações, oferecendo meios para resolver os problemas conhecidos e explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram (Marconi; Lakatos, 2011).

A pesquisa bibliográfica é uma tipologia de pesquisa que busca explicar um problema a partir de referências teóricas por meio da utilização de documentos. Esse tipo de pesquisa busca conhecer e analisar "as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema" (Cervo; Brevian, 2002, p. 65), sendo realizada de forma independente, em uma pesquisa inteiramente bibliográfica, ou como parte de uma pesquisa descritiva ou experimental.

Considera-se uma pesquisa teórica ou pura aquela que "tem por finalidade melhorar o próprio conhecimento", aplicada a fim de melhorar e acrescentar o conhecimento existente sobre um objeto que se escolhe pesquisar (Trujillo Ferrari, 1982, p. 169). Essa aplicação visa o

desenvolvimento de métodos, técnicas e procedimentos que permitam alcançar diagnósticos cada vez mais acurados sobre os problemas ou fenômenos existenciais ou de estudá-los mais adequadamente. Trata-se de desenvolver teorias e procedimentos mais exatos (Trujillo Ferrari, 1982, p. 169).

Os procedimentos aplicados a uma pesquisa bibliográfica constituem-se de fases delimitadas que fornecem uma organização racional e eficiente no desenvolvimento da pesquisa, além de auxiliar a manter a perspectiva global do trabalho. As fases seguem-se em um processo contínuo, onde cada uma das etapas pressupõem a etapa que a precede e que se completa na que a segue (Salvador, 1973). O encaminhamento de um projeto, a coleta da documentação, a investigação e análise das soluções culminam, portanto, na síntese integradora que visa fornecer respostas ao problema proposto à pesquisa que se aplica, constituindo, assim, o conjunto de procedimentos para a pesquisa bibliográfica.

O início do seu desenvolvimento, portanto, se baseia em dois pontos centrais: primeiro, a coleta de fontes bibliográficas, ou seja, o levantamento da bibliografia pertinente aos assuntos que a pesquisa se propõe a estudar; em seguida, a coleta de informações, fatos, dados contidos na bibliografia e utilizados para o levantamento de soluções (Salvador, 1973). A posição reflexiva e crítica sobre o material utilizado em uma pesquisa bibliográfica inicia-se desde o momento da seleção dos materiais. A busca e o recorte das fontes bibliográficas a serem utilizadas na pesquisa pressupõem uma atitude crítica frente aos documentos que se pretende estudar (Asti Vera, 1978).

Assim, a pesquisa bibliográfica deve ser empreendida de forma metódica com vistas a atingir um resultado mais confiável e próximo do objetivo fim pretendido, a saber, a pesquisa heurística (Trujillo Ferrari, 1982), a descoberta por meio da pesquisa científica de forma a abarcar, desde a identificação do problema até a redação do trabalho, o melhor conhecimento do objeto de pesquisa possível.

5.2 Universo da pesquisa

O corpus documental que serviu de base para a análise dos dados é composto pelas obras de Luciano Floridi em filosofia da informação. A busca foi realizada entre o período de 18 de setembro a 2 de outubro de 2025. A estratégia de busca foi utilizando a indexação da base de dados dos trabalhos do autor (Luciano

Floridi³⁵). Os artigos foram buscados no Scopus e os livros acessados via biblioteca da Unesp.

A produção científica de Luciano Floridi aborda os temas de Ética digital, Ética da inteligência artificial, Filosofia da informação e Filosofia da tecnologia. Além destes temas, o autor adiciona em sua área de interesse pesquisas no campo da Epistemologia, Filosofia da lógica e História e Filosofia do ceticismo (Floridi, [2023]).

O repositório da Scopus retornou 363 resultados, entre artigos, capítulos de livros, livros completos e conferência, tendo 4 resultados repetidos, 18 resultados errados (17 de autoria de Lucia Floridi, 1 de autoria de Paul Guyer) e 2 livros em que aparece como editor. Não foi possível acessar quatro dos resultados encontrados de autoria de Floridi (dois artigos, um capítulo de livro e uma tradução).

Desta forma, o corpus documental de análise comporta um total de 335 trabalhos, entre livros completos, capítulos de livros, artigos e entrevistas. A lista dos trabalhos recuperados encontra-se no Apêndice A.

5.3 Técnica de análise dos dados

Para a elaboração das análises dos dados, foi adotado o método de análise de conteúdo. Em linhas gerais, a análise de conteúdo consiste em uma atitude interpretativa sustentada por processos técnicos de validação (Bardin, 2000). Ela constitui-se de um conjunto de vias possíveis para a reconstrução do sentido do conteúdo que se propõe analisar (Laville; Dionne, 1999).

Na análise qualitativa de conteúdo, a presença ou ausência de determinadas características em um determinado fragmento de mensagem é tomado em consideração (Bardin, 2000). O texto como um todo, ao apresentar estas características, fornece ao pesquisador a base onde se estrutura o quadro operacional e as estratégias de análise. Desta forma, não há na análise de conteúdo, exceto para usos simples ou generalizados, um modelo pronto a ser aplicado a todos os contextos. Porém, encontra-se algumas regras de base para a seleção e interpretação das unidades selecionadas para atingir o objetivo pretendido.

³⁵ A indexação de autoria de Luciano Floridi pode ser encontrada em <https://www.scopus.com/authid/detail.uri?authorId=6603039594>

Este tipo de análise pretende tomar em consideração a totalidade do texto, e seleciona suas unidades de análise pelo crivo da classificação segundo a presença de itens de sentido. Cada um dos fragmentos que compõem a unidade de análise e que foram selecionados pela classificação devem, portanto, ser completos em si no plano de sentido, variando de extensão conforme os critérios e modalidades que determinam a seleção das mesmas (Laville; Dionne, 1999).

Laville e Dionne (1999) nomeiam essa estratégia de emparelhamento (ou *pattern-matching*), consistindo na associação dos dados recolhidos à um modelo teórico para sua comparação. Os autores definem que o modelo teórico adotado pelo pesquisador é utilizado para imaginar um modelo de um fenômeno ou uma hipótese acerca da situação em estudo, que será utilizada para verificar se há verdadeiramente correspondência entre a construção teórica adotada e a situação observável, o modelo lógico ao que aparece nos conteúdos.

A partir do corpus documental da comunicação, é realizado um recorte, ou a seleção da "unidade de registro". O recorte feito neste trabalho utiliza como unidade de registro o tema. A unidade de registro, segundo Bardin (2000, p. 104) é "a unidade de significação a codificar e correspondente ao segmento de conteúdo a considerar como base [...]". A busca dos temas visa recortar as ideias constituintes em enunciados e proposições portadoras de significado, descobrindo os "núcleos de sentido" da comunicação a ser analisada. Desta forma, os temas centram-se nas menções em relação ao campo da biblioteconomia e da ciência da informação dentro dos textos selecionados.

A unidade de contexto em que a unidade de registro se insere é selecionada para ampliar o sentido aplicado à comunicação da menção no texto. Bardin (2000, p. 107) explica a relação da unidade de registro com a unidade de contexto ao dizer que:

A unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registro.

A análise de conteúdo das unidades selecionadas segue a técnica da análise por categorias, ou análise categorial. A unidade de registro, ou unidades de

codificação, é fragmentada do corpus documental pelo analista, que define o aspecto exato e delimitado do corte.

Bardin (2000) define que uma das primeiras tarefas a serem feitas pelo pesquisador consiste em efetuar um recorte dos conteúdos a serem analisados em elementos que serão ordenados dentro de categorias. Estes elementos devem ser portadores de sentido em relação ao material analisado e às intenções da pesquisa e constituirão as unidades de análise. A seleção dos elementos obedece ao princípio da objetividade e da racionalização generalizada, não podendo haver critérios subjetivos de adição ou supressão de elementos que correspondem ao critério definido. A categorização, ou a operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, visa fornecer uma representação simplificada dos dados por condensação, por decomposição para sua posterior reconstrução, ou executar o desmembramento do texto em unidades, e o posterior reagrupamento analógico por categorias.

O estabelecimento das categorias, os títulos conceituais de cada conjunto, foi definido a posteriori. As unidades do texto reconstruído, ao serem reagrupadas, foram vistas a partir da semelhança de seu conteúdo e, assim, os rótulos das categorias estabelecidas por esse agrupamento foram definidos de maneira a melhor representar o conjunto.

O método aplicado não estabeleceu categorias *a priori*. A seleção dos textos e dos trechos a serem analisados foi estabelecida por meio da busca dos termos associados ao objeto de pesquisa deste estudo. A primeira seleção, de textos, foi feita por uma busca dos termos "Librarianship", "Library science", "Library and information science", "LIS", "Information science", "Information and computation science", "Information and computational sciences", "Informational and computational sciences", "Information and communication sciences", "ICS", "Social epistemology", "SE" e "Documentation", não apresentando nenhuma menção a esse último termo voltada à disciplina de documentação. A seleção encontrou 29 textos contendo os termos citados.

Para a seleção dos trechos de análise, foi realizada uma leitura flutuante para o recorte das unidades de contexto e a identificação da quantidade de ocorrências das unidades de registro. A análise focou-se, primeiramente, nos textos que apresentavam múltiplas unidades, por representarem textos em que o autor dedica atenção ao assunto que nos propomos a analisar, partindo, em seguida, para

os trechos em que o autor faz menção a um dos termos poucas vezes. A seleção das unidades de contexto encontrou 110 trechos que citam uma ou mais vezes um ou mais dos termos buscados.

As unidades selecionadas foram analisadas individualmente, expandindo sua interpretação para o contexto do texto. A partir da análise dos trechos, os temas foram elencados e definidas as categorias representantes do tema tratado. As categorias estabelecidas após a análise foram a **definição de biblioteconomia e ciência da informação**, as **relações entre filosofia da informação e biblioteconomia e ciência da informação**, as **relações interdisciplinares** estabelecidas pela biblioteconomia e ciência da informação, a **filosofia da informação como fundação teórica** da biblioteconomia e ciência da informação, a **crítica da epistemologia social como fundação teórica** da biblioteconomia e ciência da informação, a **interação entre os três campos** e a **substituição da fundação teórica** da epistemologia social para a filosofia da informação na base da biblioteconomia e ciência da informação. Após o agrupamento das categorias e o estabelecimento da análise, foi-se realizado o confronto com a literatura do referencial teórico para ganhar densidade conceitual.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objetivo desta seção é analisar as citações relativas aos campos da ciência da informação e da biblioteconomia nas obras de Luciano Floridi. Para esta análise, procurou-se levantar as obras do referido autor e extrair delas os trechos que tratam sobre os dois campos. A partir da extração dos trechos, pretende-se realizar a categorização, a análise das categorias e sua exposição conjunta, correlacionando cada uma das categorias dentro do corpus. Objetiva-se, com essa aplicação, o descobrimento, dentro da literatura, das representações de biblioteconomia e ciência da informação nas obras de Floridi, para a construção de um panorama de análise e reflexão.

6.1 Definição de biblioteconomia e ciência da informação

Apesar de tratar no texto sobre a ciência da informação ou sobre a biblioteconomia, Floridi evidencia que, para ele, ciência da informação e biblioteconomia são expressos no termo "biblioteconomia e ciência da informação"³⁶. Desta forma, quando Floridi fala de biblioteconomia, ciência da informação ou biblioteconomia e ciência da informação ele pode estar falando da mesma disciplina, apenas com termos diferentes. Três trechos exemplificam essa posição:

Essa necessidade foi bem expressa por Hjørland (2000, p. 6): 'O desafio real para a ciência da informação [que é BCI] é portanto desenvolver conhecimento específico, que seja relativamente independente do conhecimento subjetivo, mas que não seja uma abstração vazia'.³⁷ (Floridi, 2002a, p. 39, tradução nossa).

Nesta resposta, eu gostaria de contribuir com seus esforços por brevemente relembrar os conteúdos de dois artigos em que eu argumento que CI (ou BCI, biblioteconomia e ciência da informação, como é conhecida nos Estados Unidos) pode ser entendida como FI aplicada, que poderia fornecer suas fundações conceituais.³⁸ (Floridi, 2012, p. 259, tradução nossa).

³⁶ Trata-se neste trabalho "biblioteconomia e ciência da informação" como um termo único, em vista do tratamento adotado por Floridi de utilizar a terminologia anglo-americana "Library and information science – LIS" para o campo.

³⁷ "This requirement has been well expressed by Hjørland (2000, p. 6): 'The real challenge for information science [that is LIS] is therefore to develop specific knowledge, which is relatively independent of subject knowledge, but which is not an empty abstraction'."

³⁸ "In this reply, I would like to contribute to their effort by briefly recalling the contents of two articles in which I argued that IS (or LIS, library and information science, as it is known in the States) might be understood as applied PI, which could provide its conceptual foundations."

Infelizmente, por razões de espaço, nem todas as suas sugestões puderam ser seguidas neste contexto. Aqui estão alguns dos tópicos deixados de fora ou apenas tocados marginalmente: ciência da informação como filosofia da informação aplicada; [...] ³⁹ (Floridi, 2004b, p. xiv, tradução nossa).

Outro exemplo a se observar sobre a consideração de Floridi para a semelhança das disciplinas se encontra na forma em que o autor, ao falar sobre o mesmo assunto, altera a forma de tratamento de biblioteconomia para ciência da informação ou biblioteconomia e ciência da informação e vice-versa.

Na medida em que a FI satisfaz o papel de uma fundação teórica da BCI, ela fornece um entendimento sistemático dos conceitos básicos relacionados com a biblioteconomia e ciência da informação, estudando a natureza, valores e objetivos das práticas na biblioteconomia. ⁴⁰ (Floridi, 2002a, p. 47-48, tradução nossa)

Floridi (2002a) argumenta que, à medida em que a filosofia da informação é tida como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, ela pode prover o entendimento sistemático sobre os conceitos básicos da disciplina estudando a natureza, valores e objetivos da prática em biblioteconomia.

Floridi (2002a), ao citar o papel da fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação a ser desempenhado pela filosofia da informação, afirma que os estudos dos conceitos básicos, da natureza e da prática estão relacionados à biblioteconomia. Também as tentativas precedentes de construção de uma fundação teórica são citadas por Floridi (2002a) apenas na tentativa da construção da filosofia da biblioteconomia. A natureza, valores e objetivos da prática em ciência da informação não são mencionados. Hjørland (2000) cita, entre os termos adotados para o campo da biblioteconomia e ciência da informação, a adoção de biblioteconomia, ciência da informação e documentação para nomear o campo, ao passo que Floridi adota a nomenclatura do campo para tratar apenas o primeiro.

Desta forma, apesar desta dissertação procurar analisar os conceitos de "biblioteconomia" e de "ciência da informação" nas obras de Luciano Floridi, a diferenciação se mostra infrutífera pois, na visão do autor, os dois termos possuem o mesmo significado.

³⁹ "Unfortunately, for reasons of space, not all their suggestions could be followed in this context. Here are some of the topics left out or only marginally touched upon: information science as applied philosophy of information; [...]"

⁴⁰ "Insofar as PI satisfies the role of a theoretical foundation of LIS, it provides a systematic understanding of the basic concepts related to library and information science, by studying the nature, value and goals of practices in librarianship."

Floridi (2002a) propõe uma definição de biblioteconomia e ciência da informação a partir de uma consideração desta como disciplina aplicada da filosofia da informação. Apesar de tratar de aspectos da relação entre biblioteconomia e ciência da informação e filosofia da informação, Floridi não retorna a essa definição em outras obras, sendo essa a única definição presente. Floridi (2002a, p. 46) define a biblioteconomia e ciência da informação como:

A definição a seguir tenta capturar as clarificações introduzidas até então:
(BCI) Biblioteconomia e Ciência da Informação como Filosofia da Informação Aplicada é a disciplina preocupada com documentos, seus ciclos de vida e os procedimentos, técnicas e dispositivos em que estes são implementados, gerenciados e regulados. BCI aplica os princípios fundamentais e técnicas gerais da FI para resolver problemas definidos, práticos, e lida com fenômenos específicos, concretos. Em contrapartida, conduz pesquisas empíricas para propósitos práticos orientados a serviços (p.ex. conservação, valorização, educação, pesquisa, comunicação e cooperação), contribuindo assim para o desenvolvimento de pesquisa básica em FI.⁴¹

Floridi (2002a) faz uma proposta de definição da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, sendo esta a disciplina que se ocupa dos documentos, seus ciclos de vida e dos procedimentos, técnicas e dispositivos que tornam possível sua implementação, administração e regulação. Como filosofia da informação aplicada, a biblioteconomia e ciência da informação aplica os princípios fundamentais e técnicas da filosofia da informação em problemas definidos e práticos para lidar com fenômenos específicos. A biblioteconomia e ciência da informação, dessa forma, contribui com o desenvolvimento de pesquisa básica na filosofia da informação ao conduzir pesquisas empíricas para resolver serviços práticos, como a conservação, valorização, comunicação de documentos, e a educação, pesquisa e cooperação por meio deles.

⁴¹ “The following definition attempts to capture the clarifications introduced so far:

(LIS) Library and Information Science as Applied Philosophy of Information is the discipline concerned with documents, their life cycles and the procedures, techniques and devices by which these are implemented, managed and regulated. LIS applies the fundamental principles and general techniques of PI to solve definite, practical problems and deal with specific, concrete phenomena. In turn, it conducts empirical research for practical service-oriented purposes (e.g. conservation, valorization, education, research, communication and co-operation), thus contributing to the development of basic research in PI.”

6.2 Relações entre filosofia da informação e biblioteconomia e ciência da informação

A definição de Floridi (2002a) para a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada é melhor entendida junto à consideração do autor para o campo da filosofia da informação. Para Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011), o campo da filosofia da informação tem seu surgimento a partir de um ponto de vantagem consistido na apropriação das metodologias e teorias dos campos das ciências da informação, da comunicação e da computação para o seu desenvolvimento inicial. Construindo seu corpo teórico e metodológico a partir de tudo o que foi produzido sobre informação, Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011) defende ser legítimo falar de filosofia da informação em autores que viveram antes da revolução da informação. Floridi defende que é preciso traçar uma evolução diacrônica da filosofia da informação, provendo um método conceitual e uma perspectiva privilegiada do seu desenvolvimento antes mesmo da revolução digital. Desta forma, justifica-se que as teorias e metodologias construídas em torno da informação pertençam ao campo da filosofia da informação anacronicamente, tendo em vista que sua proposta surge apenas na transição do século XX para o século XXI.

Essa constituição do campo da filosofia da informação proposta por Floridi, conjunto a sua definição para a biblioteconomia e ciência da informação, demove toda a teoria produzida no campo para a filosofia da informação. Como, para Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011), as teorias e metodologias sobre informação compõem o corpo teórico da filosofia da informação, o autor parece descartar uma possível relação interdisciplinar e, por consequência do possível esvaziamento teórico da biblioteconomia e ciência da informação, sua proposta defende estabelecer uma relação hierárquica desta com a filosofia da informação. Uma vez que a teoria da biblioteconomia e ciência da informação, por força de definição, se encontra na filosofia da informação, e os dois campos se relacionam de forma hierárquica, como consequência resta para a biblioteconomia e ciência da informação tornar-se uma disciplina aplicada da filosofia da informação.

Como disciplina aplicada da filosofia da informação, para Floridi (2002a) a biblioteconomia e ciência da informação não se ocupa do estudo da informação, mas apenas da informação representada na forma de dados registrados em documentos.

No escopo de estudo dos documentos, a biblioteconomia e ciência da informação se ocupa do seu ciclo de vida, dos procedimentos, técnicas e design de dispositivos e sistemas que tornam possível que esses registros sejam implementados, geridos e regulados. O objeto da biblioteconomia e ciência da informação passa a ser limitado aos documentos enquanto entidade física, ou seja, na sua forma material, excluindo todas as outras possíveis manifestações da informação que se despregam do documento. Pela proposta de Floridi (2002a), as preocupações historicamente presentes no campo da ciência da informação, sobre disseminação da informação científica, da profissão e educação em biblioteconomia e ciência da informação, sua epistemologia, para citar alguns exemplos, são reduzidas a uma preocupação quanto ao modo como os documentos circulam nesses espaços, e esta preocupação passa a ser, por sua vez, pertencente ao âmbito da filosofia da informação. O escopo, concentrado na aplicação dos documentos, retira do campo de estudos da biblioteconomia e ciência da informação o desenvolvimento teórico do campo, suas metodologias, seu desenvolvimento profissional e suas críticas. Esses estudos, na proposta de Floridi (2002a), não deixariam de existir, mas ficariam a cargo da filosofia da informação, responsável por pensar criticamente seu campo.

Para Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação seria responsável por aplicar os princípios e técnicas, antes desenvolvidos dentro do campo, que se encontram na filosofia da informação. Essa aplicação, concentrada em seu objeto, o documento, lida com fenômenos específicos para a resolução de problemas práticos. Como disciplina aplicada da filosofia, seu caráter social é deixado para segundo plano. A prática da biblioteconomia e ciência da informação não deixa de ter impacto social, porém sua preocupação primária é o estudo e manejo do documento, e este, por estar em relação social, atua desta forma ao ser implementado. O fenômeno específico e concreto no qual a biblioteconomia e ciência da informação, na definição de Floridi (2002a), não é o fenômeno social, mas o fenômeno informacional. O predicado de social passa, assim, da biblioteconomia e ciência da informação para o seu objeto.

Como consequência de ser uma disciplina aplicada da filosofia da informação, para Floridi (2002a) a biblioteconomia e ciência da informação conduziria pesquisas empíricas sobre documentos para serviços práticos, e essas pesquisas contribuiriam com o desenvolvimento de pesquisas básicas em filosofia da informação. Essa perspectiva de disciplina aplicada ocupada em resolver

problemas aplicados em situações práticas se opõe ao modelo de ciência da informação proposto no simpósio do Georgia Institute of Technology e disseminado por Taylor (1966) e Borko (1968), em que a ciência da informação teria um caráter aplicado, bem como também seria composta por um caráter de pesquisa pura, de investigação teórica sobre a informação sem a preocupação com sua aplicação.

Com essa perspectiva, a proposta de Floridi (2002a) rompe, em última instância, as relações entre a ciência e a filosofia. A biblioteconomia e ciência da informação, posta como disciplina aplicada ocupada com os aspectos práticos do documento, subsume na filosofia da informação os campos da ciência da informação, da biblioteconomia, da ciência da comunicação e da ciência da computação, e retira do seu estudo o desenvolvimento de pesquisas epistemológicas, éticas e metodológicas. Esses aspectos, agora de responsabilidade da filosofia da informação, tornam a biblioteconomia e ciência da informação dependente dos desenvolvimentos suscitados neste campo. Desta forma, se estabelece uma linha clara, onde o desenvolvimento de conhecimento básico se torna responsabilidade unicamente da filosofia, que oferece uma base para a construção da ciência em seu domínio, e que deixa para esta suas aplicações.

A biblioteconomia e ciência da informação também recebe o tratamento a partir da associação da ciência da informação com a ciência da comunicação e a ciência da computação. As definições e limites entre as disciplinas não são apresentados na literatura analisada, mas sua associação com a filosofia da informação é posta de forma histórica e científica. Floridi (2002a, 2002b, 2011)⁴² aborda as "ICS", em um trecho definindo como as ciências da informação e comunicação e, em outro, as ciências da informação e computação, como ciências que deram base para a fundação da filosofia da informação:

Vice versa, FI, como a filosofia da matemática, é fenomenologicamente inclinada. É primariamente preocupada com o domínio completo do fenômeno de primeira ordem representado pelo mundo da informação, computação e a sociedade da informação, embora direcione seus problemas partindo do ponto de vista representado pelas metodologias e teorias oferecidas pelas ciências da informação e comunicação (CIC), e pode-se observar uma inclinação para abordagem metateórica a medida em

⁴² Foi necessário apresentar trechos que apresentam repetições totais ou parciais, pois Floridi não apenas reproduz seus trechos integralmente em vários trabalhos como faz pequenas alterações, sejam textuais ou contextuais.

que é metodologicamente crítica em relação a suas fontes.⁴³ (Floridi, 2002a, p. 43, tradução nossa)

Vice versa, FI, como a filosofia da matemática, é fenomenologicamente inclinada. É primariamente preocupada com o domínio completo do fenômeno de primeira ordem representado pelo mundo da informação, computação e a sociedade da informação, embora direcione seus problemas partindo do ponto de vista representado pelas metodologias e teorias oferecidas pelas CIC [ciências da informação e computação], e pode-se observar uma inclinação para abordagem metateórica a medida em que é metodologicamente crítica em relação a suas fontes.⁴⁴ (Floridi, 2002b, p. 136-137, tradução nossa)

Vice versa, FI, como a filosofia da matemática, é fenomenologicamente inclinada. É primariamente preocupada com o domínio completo do fenômeno de primeira ordem representado pelo mundo da informação, computação e a sociedade da informação, embora direcione seus problemas partindo do ponto de vista representado pelas metodologias e teorias oferecidas pelas CIC [ciências da informação e computacional], e pode-se observar uma inclinação para abordagem metateórica a medida em que é metodologicamente crítica em relação a suas fontes.⁴⁵ (Floridi, 2011, p. 14, tradução nossa)

Floridi (2002a, 2002b, 2011) cria uma dualidade dentro do campo filosófico relativo à abordagem que adota para investigar seu objeto: o polo fenomenológico e o polo metateórico. Uma área filosófica que aborda seu objeto fenomenologicamente, para Floridi (2002a, 2002b, 2011), é uma fenomenologia ou filosofia de um fenômeno que direciona sua pergunta “o que é?” a um fenômeno de primeira ordem específico, como é o caso da epistemologia. Em outro polo, uma metateoria, para Floridi (2002a, 2002b, 2011), investiga problemas surgidos de um sistema organizado do conhecimento que investigam algum fenômeno natural ou humano, como é o caso da filosofia das ciências sociais.

⁴³ “Vice versa, PI, like philosophy of mathematics, is phenomenologically biased. It is primarily concerned with the whole domain of first order phenomena represented by the world of information, computation and the information society, although it addresses its problems by starting from the vantage point represented by the methodologies and theories offered by information and communication sciences (ICS), and can be seen to incline towards a metatheoretical approach insofar as it is methodologically critical towards its sources.”

⁴⁴ “Vice versa, PI, like philosophy of mathematics, is phenomenologically biased. It is primarily concerned with the whole domain of first-order phenomena represented by the world of information, computation, and the information society, although it addresses its problems by starting from the vantage point represented by the methodologies and theories offered by ICS [information and computation sciences] and can be seen to incline towards a metatheoretical approach, insofar as it is methodologically critical towards its own sources.”

⁴⁵ “Vice versa, PI, like philosophy of mathematics, is phenomenologically biased. It is primarily concerned with the whole domain of first-order phenomena represented by the world of information, computation and the information society, although it addresses its problems by starting from the vantage point represented by the methodologies and theories offered by ICS [information and computational sciences], and can be seen to incline towards a metatheoretical approach in so far as it is methodologically critical towards its own sources.”

Floridi (2002a, 2002b, 2011) coloca que, entre os dois polos de investigação, algumas filosofias podem se encontrar em meio a eles, mostrando uma tendência maior para um ou para outro polo. A partir dessa diferenciação, Floridi (2002a, 2002b, 2011) vai argumentar em defesa de uma inclinação fenomenológica da Filosofia da informação. Floridi (2002a, 2002b, 2011) defende que a Filosofia da informação preocupa-se primeiramente com o fenômeno de primeira ordem da informação, representado pelo mundo da informação, da computação e da sociedade da informação. Para Floridi, a Filosofia da informação investiga seus problemas a partir dos desenvolvimentos metodológicos e teóricos fornecidos pelas ciências da informação e da comunicação (Floridi, 2002a) e pelas ciências da informação e da computação (Floridi, 2002b, 2011), inclinada à uma abordagem metateórica e metodologicamente crítica de suas fontes.

Pode-se inferir que, para Floridi (2002a, 2002b, 2011), a biblioteconomia e a ciência da informação são consideradas como sendo a mesma disciplina, nomeada de biblioteconomia e ciência da informação (library and information science – LIS), condensada em suas semelhanças e retirando suas diferenças e especificidades e este campo, por sua vez, conjunto às ciências da informação e comunicação e às ciências da informação e computação. Para Floridi (2002a, 2002b, 2011), este último campo, que pode ser visto como o conjunto da ciências da informação, comunicação e computação em um campo indistinguível, serve de “vantagem” para a filosofia da informação, do ponto de vista de desenvolvimento da campo, pois fornece o material metodológico e teórico da filosofia da informação, sem que esta precise iniciar os estudos dos seus problemas do zero. Uma vez em posse do desenvolvimento fornecido pelas ciências da informação, da comunicação e da computação, a filosofia da informação se coloca em posição metateórica, responsável por criticar metodologicamente os campos que sua teoria abarca. Essa relação, estabelecida entre o campo das ciências da informação, comunicação e computação e a filosofia da informação, é abordada em trechos que colocam a filosofia da informação como o campo filosófico adotado pelos pesquisadores para construir sua base teórica e metodológica de investigação:

De uma perspectiva ambiental, a FI é prescritiva e legisla sobre o que pode contar como informação, e como informação pode ser adequadamente criada, processada, gerenciada e usada. Entretanto, o viés fenomenológico da FI não significa que ela falha em fornecer retorno crítico. Pelo contrário, escolhas metodológicas e teóricas em CIC [ciências da informação e

comunicação] são profundamente influenciadas pelo tipo de FI que um pesquisador adota mais ou menos conscientemente. É, portanto, essencial enfatizar que FI criticamente avalia, molda e aguça as bases conceituais, metodológicas e teóricas das CIC, em resumo, que também fornece uma *filosofia das CIC*, como já foi clarificado em trabalhos anteriores na área de filosofia da IA (Colburn, 2000).⁴⁶ (Floridi, 2002a, p. 44, tradução nossa).

De uma perspectiva ambiental, a FI é prescritiva e legisla sobre o que pode contar como informação, e como informação pode ser adequadamente criada, processada, gerenciada e usada. O viés fenomenológico da FI, entretanto, não significa que ela falha em fornecer retorno crítico. Pelo contrário, escolhas metodológicas e teóricas em CIC [ciências da informação e computação] também são profundamente influenciadas pelo tipo de FI que um pesquisador adota mais ou menos conscientemente. É, portanto, essencial enfatizar que FI criticamente avalia, molda e aguça as bases conceituais, metodológicas e teóricas das CIC – em resumo, que também fornece uma *filosofia das CIC*, como já foi clarificado em trabalhos anteriores na área de filosofia da IA (Colburn 2000).⁴⁷ (Floridi, 2002b, p. 138, tradução nossa).

De uma perspectiva ambiental, a FI é crítica e normativa sobre o que pode contar como informação, e como informação pode ser adequadamente criada, processada, gerenciada e usada. Escolhas metodológicas e teóricas em CIC (Ciências da Informação e do Computador) também são profundamente influenciadas pelo tipo de FI que um pesquisador adota mais ou menos conscientemente. É, portanto, essencial enfatizar que FI criticamente avalia, molda e aguça as bases conceituais, metodológicas e teóricas das CIC, em resumo, que também fornece uma *filosofia das CIC*, como já foi clarificado em trabalhos anteriores na área de filosofia da IA (Colburn 2000).⁴⁸ (Floridi, 2008, p. 114, tradução nossa).

De uma perspectiva ambiental, a FI é crítica e normativa sobre o que pode contar como informação, e como informação pode ser adequadamente criada, processada, gerenciada e usada. Escolhas metodológicas e teóricas

⁴⁶ “From an environmental perspective, PI is prescriptive about, and legislates on what may count as information, and how information should be adequately created, processed, managed and used. However, PI’s phenomenological bias does not mean that it fails to provide critical feedback. On the contrary, methodological and theoretical choices in ICS [information and communication sciences] are also profoundly influenced by the kind of PI a researcher adopts more or less consciously. It is therefore essential to stress that PI critically evaluates, shapes and sharpens the conceptual, methodological and theoretical basis of ICS, in short that it also provides a *philosophy of ICS*, as this has been plain since early works in the area of philosophy of AI (Colburn, 2000).”

⁴⁷ “From an environmental perspective, PI is prescriptive about, and legislates on, what may count as information, and how information should be adequately created, processed, managed, and used. PI’s phenomenological bias, however, does not mean that it fails to provide critical feedback. On the contrary, methodological and theoretical choices in ICS [information and computation sciences] are also profoundly influenced by the kind of PI a researcher adopts more or less consciously. It is therefore essential to stress that PI critically evaluates, shapes, and sharpens the conceptual, methodological, and theoretical basis of ICS – in short, that it also provides a *philosophy of ICS*, as this has been plain since early work in the area of philosophy of AI (Colburn 2000).”

⁴⁸ “From an environmental perspective, PI is critical and normative about what may count as information, and how information should be adequately created, processed, managed and used. Methodological and theoretical choices in ICS (Information and Computer Sciences) are also profoundly influenced by the kind of PI a researcher adopts more or less consciously. It is therefore essential to stress that PI critically evaluates, shapes and sharpens the conceptual, methodological and theoretical basis of ICS, in short that it also provides a *philosophy of ICS*, as this has been plain since early work in the area of philosophy of AI (Colburn, 2000).”

em ciências da informação e computação (CIC) também são profundamente influenciadas pelo tipo de FI que um pesquisador adota mais ou menos conscientemente. É, portanto, essencial enfatizar que FI criticamente avalia, molda e aguça as bases conceituais, metodológicas e teóricas das CIC – em resumo, que também fornece uma *filosofia das CIC*, como tem sido óbvio em trabalhos anteriores na área de filosofia da inteligência artificial (IA).⁴⁹ (Floridi, 2009, p. 155, tradução nossa).

De uma perspectiva ambiental, a FI é prescritiva e legisla sobre o que pode contar como informação, e como informação pode ser adequadamente criada, processada, gerenciada e usada. Entretanto, o viés fenomenológico da FI não significa que ela falha em fornecer retorno crítico. Pelo contrário, escolhas metodológicas e teóricas em CIC [ciências da informação e computacional] também são profundamente influenciadas pelo tipo de FI que um pesquisador adota mais ou menos conscientemente. É, portanto, essencial enfatizar que FI criticamente avalia, molda e aguça as bases conceituais, metodológicas e teóricas das CIC, em resumo, que também fornece uma *filosofia das CIC*, como já foi clarificado em trabalhos anteriores na área de filosofia da IA (Colburn (2000b)).⁵⁰ (Floridi, 2011, p. 15, tradução nossa).

Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011) considera que a filosofia da informação é prescritiva e crítica, e legisla ou normatiza o que se pode considerar informação e em como ela pode ser criada, processada, administrada e utilizada. Floridi afirma também que as escolhas teóricas e metodológicas adotadas pelas ciências da informação e comunicação (Floridi, 2002a) e pelas ciências da informação e computação (Floridi, 2002b, 2008, 2009, 2011) são influenciadas pela filosofia da informação adotada pelo pesquisador. A filosofia da informação, na proposta de Floridi, fornece uma “filosofia das ciências da informação e comunicação” (Floridi, 2002a) e “uma filosofia das ciências da informação e computação” (Floridi, 2002b, 2008, 2009, 2011) ao criticar as bases teóricas, metodológicas e conceituais dessas ciências.

⁴⁹ “From an environmental perspective, PI is critical and normative about what may count as information, and how information should be adequately created, processed, managed, and used. Methodological and theoretical choices in information and computer sciences (ICS) are also profoundly influenced by the kind of PI a researcher adopts more or less consciously. It is therefore essential to stress that PI critically evaluates, shapes, and sharpens the conceptual, methodological, and theoretical basis of ICS – in short, that it also provides a *philosophy of ICS*, as has been obvious since early work in the area of philosophy of artificial intelligence (AI).”

⁵⁰ “From an environmental perspective, PI is prescriptive about, and legislates on, what may count as information, and how information should be adequately created, processed, managed, and used. However, PI’s phenomenological bias does not mean that it fails to provide critical feedback. On the contrary, methodological and theoretical choices in ICS [information and computational sciences] are also profoundly influenced by the kind of PI a researcher adopts more or less consciously. It is therefore essential to stress that PI critically evaluates, shapes and sharpens the conceptual, methodological, and theoretical basis of ICS, in short that it also provides a *philosophy of ICS*, as has been plain since early work in the area of philosophy of AI (Colburn (2000b)).”

Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011) retorna à generalização de campos teoricamente diferentes, reduzindo-os a um campo único para tratar dele como parte da filosofia da informação. Diferente do tratamento anteriormente dado à biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a, 2002b, 2011) não elabora uma extensão do que pode ser considerado como conteúdo das ciências da informação, comunicação e computação. Ao observar os trechos, Floridi (2002a, 2002b, 2011) une a biblioteconomia, a ciência da informação, a ciência da comunicação e a ciência da computação em um campo único, ou uma única representação, que serviu de base para o surgimento da filosofia da informação e no qual esta é responsável por suas teorias, metodologias e críticas. A única conexão possível a fazer para entender o campo proposto reside no domínio adotado pela filosofia da informação: o mundo da informação, da computação e da sociedade da informação. Porém, este objeto é muito amplo e vago, não somente por abarcar um grande número de teorias, perspectivas e possibilidades, mas pela aplicação científica e adoção desses objetos por muitas ciências. O que se tem é a adoção de um conceito externamente construído, de ciências da informação e comunicação e de ciência da informação e computação que ocupam o mesmo espaço, porém Floridi não apresenta definição para este conceito.

Após a apropriação dos métodos e teorias do campo das ciências da informação, comunicação e computação, para Floridi (2002a, 2002b, 2011), a filosofia da informação estabelece com este uma relação hierárquica, sendo a filosofia a metateoria responsável por fornecer o desenvolvimento de métodos e teorias dentro desses campos. Pela proposta de Floridi (2002a, 2002b, 2011) para o desenvolvimento do campo da filosofia da informação, há uma apropriação das teorias e métodos desenvolvidos pela ciência da informação, pela ciência da computação e pela ciência da computação. Estas ciências, tendo construído seu conhecimento ao longo de sua prática, vêm nascer o campo da Filosofia da informação, que toma como dela sua teoria e se coloca superior a eles, responsável por seu desenvolvimento e sua prática.

6.3 Relações interdisciplinares

Ao tratar do objeto da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002) busca em definições do campo apoio para sua defesa. Floridi (2002a) faz uma

análise da epistemologia social como fundação teórica para a biblioteconomia e ciência da informação, sugerindo uma diferença entre fontes de informação e fontes de conhecimento e ressalta, com base nesses objetos, que o escopo da biblioteconomia e ciência da informação não se encaixa na epistemologia.

ES e BCI não fazem um casamento feliz porque BCI trabalha em um nível mais fundamental do que a epistemologia. Seu objeto não é o conhecimento em si mas as fontes de informação que o tornam possível, ainda que apenas indiretamente. Por isso, o ALA Glossary online define Biblioteconomia como 'o conhecimento e habilidade profissional em que informação registrada é selecionada, adquirida, organizada, e utilizada em encontro com as demandas informacionais e necessidades de uma comunidade de usuários'. (<http://thorplus.lib.purdue.edu/engr/glossary.html> também citado em Stieg, 1992, que critica a ausência do 'lado humanístico' da biblioteconomia nessa descrição). E Borko (1968) argumenta que ciência da informação é:

uma ciência interdisciplinar que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam o fluxo e uso da informação, e as técnicas, manuais e mecânicas, de processamento da informação para melhor armazenamento, recuperação e disseminação (1968, p. 5).

Focar apenas no conhecimento – quer para acessar ou criticar sua possibilidade e natureza – introduz um viés epistemológico inconsistente com a real natureza da BCI. Claro, qualquer coisa pode ser uma fonte de conhecimento sobre si ou seu referente. Entretanto, isto é exatamente o porquê a BCI possui um escopo muito mais amplo que a epistemologia. Seria muito enganador concluir que o objeto da BCI é assim apenas o domínio do conhecimento organizado em si, ainda que alguém adote o conceito muito liberal de conhecimento de Shera.⁵¹ (Floridi, 2002a, p. 41, tradução nossa).

Floridi (2002a) defende que a biblioteconomia e ciência da informação trabalha em um nível mais fundamental do que a epistemologia, sendo o objeto da

⁵¹ “SE and LIS do not make a happy marriage because LIS works at a more fundamental level than epistemology. Its object is not knowledge itself but the information sources that make it possible, even if only indirectly. Thus, the online ALA Glossary defines Library Science as ‘the professional knowledge and skill by which recorded information is selected, acquired, organized, and utilized in meeting the information demands and needs of a community of users’. (<http://thorplus.lib.purdue.edu/engr/glossary.html> also quoted in Stieg, 1992, who criticizes the lack of the ‘humanistic side’ of librarianship in this description.) And Borko (1968) argues that information science is:

an interdisciplinary science that investigates the properties and behavior of information, the forces that govern the flow and use of information, and the techniques, both manual and mechanical, of processing information for optimal storage, retrieval and dissemination. (1968, p. 5)

To focus only on knowledge – whether to assess or criticize its possibility and nature – introduces an epistemological bias inconsistent with the real nature of LIS. Of course, anything can be used as a source of knowledge, at least because, reflexively, anything can be a source of knowledge about itself and its reference. However, this is exactly why LIS has a much wider scope than epistemology. It would be very misleading to conclude that LIS’ object is therefore only the domain of organized knowledge itself, even if one adopts Shera’s very liberal concept of knowledge.”

biblioteconomia e ciência da informação não o conhecimento em si, mas as fontes de informação que tornam possível o conhecimento, ainda que seja indiretamente. Para defender seu argumento, que a biblioteconomia e a ciência da informação investigam a informação registrada, Floridi (2002a) utiliza a definição de biblioteconomia (Library Science) da ALA Glossary e a definição de ciência da informação (Information Science) sumarizada por Harold Borko no artigo “Information Science; what is it?”. Floridi (2002a) argumenta que focar no conhecimento, na avaliação ou crítica de sua possibilidade e sua natureza, introduz na biblioteconomia e ciência da informação um viés epistemológico que não condiz com sua natureza. Floridi (2002a) chama a atenção que qualquer coisa pode ser usada como fonte de conhecimento e que, por isso, a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo maior que a epistemologia. Floridi (2002a) afirma ser muito enganador concluir que o objeto da biblioteconomia e ciência da informação se resume ao domínio do conhecimento organizado, ainda que se adote o que em sua visão seria um conceito liberal de conhecimento proposto por Shera.

A partir de sua definição do objeto da biblioteconomia e ciência da informação, é possível perceber que, o que Floridi (2002a) considera como “fontes de informação” engloba um escopo mais amplo do que sua consideração de “fontes de conhecimento”. Para Floridi (2002a), tudo pode ser usado como fonte de conhecimento, e estes são objetos do ramo da epistemologia. Entretanto, Floridi (2002a) não deixa explícito o que considera como “fontes de informação”, deixando a compreensão de sua extensão a partir das afirmações dadas anteriormente: A biblioteconomia e ciência da informação, que tem como objeto as fontes de informação, possui um escopo muito mais amplo do que a epistemologia, que tem como objeto as fontes de conhecimento.

Floridi (2004a) aborda a adoção do conhecimento como objeto da biblioteconomia e ciência da informação referindo-se que o objeto da disciplina não é o conhecimento, mas o conteúdo, referindo-se ao conceito de conhecimento para a epistemologia, e separando este do objeto da biblioteconomia e ciência da informação pela diversidade de temas contidos nos documentos em uma biblioteca:

Primeiro, o conteúdo é uma condição necessária para o conhecimento, mas não é a única. Conhecimento significa algo muito preciso em epistemologia: é o conteúdo que é pelo menos verdadeiro (epistemólogos falam sobre crenças verdadeiras) e possivelmente justificado, isto é, suportado por algumas boas razões (adivinhar corretamente que *p* não é ainda conhecer

que p). A análise de conhecimento como crenças verdadeiras e justificadas não é satisfatória (veja Floridi, no prelo-d), mas isto não é razão para pensar que podemos prescindir da condição de verdade. Falar de "conhecimento falso" é sem sentido, exatamente como falar de "solteiros casados". Ninguém pode saber que a terra é plana pelo simples fato de que ela não pe. Ainda assim, as bibliotecas estão cheias de "conhecimento falso". Então falando de BCI como uma disciplina que se preocupa com conhecimento ao invés de conteúdo é no mínimo impreciso e no pior dos casos equivocado. BCI lida com conteúdos entendidos como dados significativos. Isto não tem nada a ver com manejo de dados no sentido de um processamento e gerenciamento mecânico e sem cérebro de bytes. Em vez disso, está conectado com a atividade de intencionalidade do ambiente semântico.⁵² (Floridi, 2004a, p. 662, tradução nossa)

Floridi (2004a) argumenta que as bibliotecas estão cheias de “falso conhecimento”, ou seja, aquilo que é considerado conhecimento mas que, na epistemologia, não possui as características de ser verdadeiro e justificado com boas razões. Desta forma, Floridi (2004a) argumenta que a biblioteconomia e ciência da informação não é uma disciplina que se interessa pelo conhecimento, e sim pelo conteúdo, entendido como dados significantes. Floridi (2004a) defende que essa posição da biblioteconomia e ciência da informação não tem a ver com a administração de dados, mas conectado com a atividade de gerenciamento dos recursos de um ambiente semântico.

Para Floridi (2004a) a biblioteconomia e ciência da informação não se ocupa com o conhecimento no sentido forte, de crença verdadeira e justificada, mas no sentido de representação. Floridi (2004a) está correto em questionar a noção de conhecimento na biblioteconomia e ciência da informação, uma vez que seu uso pode ser feito sem o rigor necessário. Porém, sua redução do objeto de estudo da biblioteconomia e ciência da informação em conteúdo pode gerar limitações dos estudos dentro do campo. A redução ao conteúdo limita o escopo do trabalho da biblioteconomia e ciência da informação, pois mesmo em bibliotecas, que lidam diretamente com documentos e seu conteúdo, existem preocupações que não se

⁵² “First, content is a necessary condition for knowledge, but is not the only one. Knowledge means something very precise in epistemology: it is content that is at least true (epistemologists speak of true beliefs) and possibly justified, that is, supported by some good reasons (guessing correctly that p is not yet knowing that p). The analysis of knowledge as true, justified beliefs is not satisfactory (see Floridi, in press-d), but this is no reason to think that we can do without the true condition. Speaking of “false knowledge” is nonsense, exactly like speaking of “married bachelors.” Nobody can know that the earth is flat for the simple fact that it is not. Yet libraries are full of “false knowledge.” So speaking of LIS as a discipline in which we are concerned with knowledge instead of content is at least imprecise and at worst mistaken. LIS deals with contents understood as meaningful data. This has nothing to do with data handling in the sense of a mechanical and brainless crunching and management of bytes. It is, rather, connected with the activity of stewardship of a semantic environment.”

reduzem o documento, como serviço de informação de referência, educação do usuário na utilização de instrumentos e ferramentas, além da gestão administrativa, política e financeira de uma biblioteca. A gestão de conhecimento organizacional, os estudos voltados à comunicação científica, formais ou principalmente informais, e a análise de domínios do conhecimento científico, dentro da ciência da informação, são também alguns exemplos que escapam do gerenciamento dos conteúdos dos documentos.

Apesar de a biblioteconomia e ciência da informação não ter como objeto o conhecimento em si, esse objeto não se limita apenas às fontes de informação ou ao conteúdo. Ao colocar a biblioteconomia e a ciência da informação como uma disciplina única, sintetizar as definições utilizadas por Floridi (2002a) para a biblioteconomia e para a ciência da informação pode levar à conclusão, por constituírem uma definição única sem exposição clara, que o campo trabalha unicamente em torno do registro de informação. Entretanto, também pode ocultar não apenas a generalidade do campo e a multiplicidade de objetos portadores de informação, como também a especificidade das disciplinas e os trabalhos que estas executam.

A biblioteconomia, como campo do conhecimento e habilidade profissional, trabalha com a seleção, aquisição, organização e uso dos registros informacionais, mas entendendo os registros informacionais como forma de conhecimento registrado, este por si mesmo social, e em função da efetiva comunicação que ocorre na interação entre o conhecimento registrado e o usuário. Esse campo não se limita ao conhecimento científico-técnico da gestão dos registros informacionais e do atendimento das demandas da comunidade de usuários, mas abrange também o conhecimento político-administrativo da biblioteca e dos métodos, meios e formas para realizar um serviço de leitura eficiente (Buonocore, 1972; Arruda; Chagas, 2002a). Este serviço de leitura não se concretiza apenas com o ato de ler, no contato do usuário com o documento, em um uso imediato do registro informacional, mas é expandido para sua compreensão, sua interpretação, sua transformação e seu hábito. Este conjunto de objetivos pertencente à biblioteconomia não se subsume ao registro gráfico, mas se expande para o usuário, para a comunidade e para a sociedade.

A ciência da informação muda de um foco restrito ao registro de informação na forma de documento para o foco ampliado da informação, suas propriedades,

comportamento e fluxo, objetivando meios de processá-la para seu uso eficiente. Para alcançar este objetivo, a ciência da informação busca investigar as representações da informação de forma interdisciplinar (Borko, 1968). A ciência da informação, neste sentido, amplia as fontes de informação para além do registro no sentido adotado pela biblioteconomia: não apenas os livros e usuários de uma instituição ou comunidade, mas considera como fonte de informação a própria instituição, a comunicação formal ou informal de um campo científico, as métricas da comunicação científica, entre outras fontes de informação que ajudem a entender a extensão de um domínio do conhecimento, o impacto da informação em um segmento social, ou, em certa medida, a forma de um conhecimento socializado com ou sem registro.

É importante ressaltar que na literatura que trata da biblioteconomia e da ciência da informação apresenta divergências quanto ao relacionamento estabelecido entre os dois campos. Entretanto, seguindo a linha adotada por Floridi (2002a), ainda que se apresente de forma ambígua na busca pela definição do campo, é possível divergir quanto a sua adoção para uma “real natureza da biblioteconomia e ciência da informação”. A introdução da epistemologia na biblioteconomia e ciência da informação, proposta por Shera (1972) e criticada por Floridi (2002a), não propõe para o campo um foco na epistemologia, na filosofia do conhecimento, e centralizar sua pesquisa na natureza do conhecer, mas reconhece uma relação interdisciplinar do seu objeto, enquanto objeto epistêmico, que existe em razão do conhecimento, com a epistemologia. Por ser a finalidade da informação, ou do uso da informação por meio do seu registro, a criação, construção ou alteração do conhecimento individual ou social, o viés epistemológico que se estabelece de forma interdisciplinar não é inconsistente com a natureza da biblioteconomia e ciência da informação, que possui como objeto a informação ou os problemas informacionais. A unidade da biblioteconomia e a ciência da informação como campo conjunto leva em consideração, entre outros pontos, a semelhança entre a teoria e a prática dos dois campos nessa aproximação do objeto.

A definição de Floridi (2002a) para a biblioteconomia e ciência da informação parte, em primeira instância, de uma disciplina destituída de investigação teórica ou filosófica sobre seu objeto, sua prática profissional e científica. Essa investigação não apenas é limitada de sua prática, como todo o seu desenvolvimento precedente passa a ser subsumido à filosofia da informação. Em

segunda instância, a definição reduz o campo à prática em relação ao documento, sem estabelecer fronteiras com a documentação, mas com um escopo limitado em relação a esta, conduzindo pesquisas aplicadas à sua origem, conservação e comunicação. Floridi (2002a) propõe uma definição de biblioteconomia e ciência da informação para clarificar a atuação da disciplina, mas, apesar de restringir o campo, deixa em aberto questões fundamentais de sua definição, como a extensão do ciclo de vida do documento estudado pela biblioteconomia e ciência da informação, as relações interdisciplinares firmados pela disciplina, os fenômenos concretos nos quais lida, ou os sentidos dos serviços no qual orienta sua atuação.

Floridi (2002a) busca analisar a relação entre biblioteconomia e ciência da informação e filosofia, em busca de suas semelhanças e diferenças. Iniciando sua seção de defesa do argumento de que a epistemologia social não poderia prover uma fundação para a biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) afirma que muitas vezes a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia são associadas por nível, escopo e tópicos de investigação. Em nota sobre essa afirmação, Floridi (2002a) exemplifica sua defesa com dois trabalhos de Joseph Z. Nitecki, de 1993 e 1995. Floridi (2002a) afirma que a natureza precisa dessa relação, apesar de “intuitiva e inegável”, tem se provado uma tarefa complexa e controversa. Sobre a associação entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia, em nível, escopo e tópicos de investigação, Floridi apresenta:

Biblioteconomia e ciência da informação (BCI) tem sido com frequência associado à filosofia por causa do *nível*, *escopo* e *tópicos* de suas investigações. A relação entre os dois campo parece intuitiva e inegável, mas especificar sua natureza precisamente tem se provado uma tarefa complexa e controversa.

Tem sido sugerido, de forma bastante influente, que ambas as disciplinas compartilham o mesmo *nível* metateórico de investigação: 'Biblioteconomia e filosofia, cada uma possuindo conteúdo material exclusivo (tal como é), muito provavelmente possuem a mesma forma última; e elas são metaciências par excellence' (Wright, 1977, p. 11-12, citado em Harold, 2001). Esta visão é sugestiva porém incorreta, como discutirei na seção 3.

Sobre o *escopo* e *tópico* de investigação, foi considerado que:

Como a sua profissão [bibliotecário], a minha [filósofo] também possui impulso sobre, como seu domínio apropriado, o todo do conhecimento, o todo da cultura; nada é suposto de ser alheio a nós, e nós devemos estar preparados sob circunstâncias adequadas para ser úteis no que diz respeito a qualquer e toda área de preocupação humana. Como vocês, nós não podemos nem mesmo começar a ocupar-nos com a substância e o conteúdo deste infinito domínio, mas apenas com sua forma, com sua estrutura, com sua ordem, com a inter-relação das várias partes. (Kaplan, 1965, citado em Gorman, 2000)

Infelizmente, esta sugestão é insatisfatória por ser demasiado vaga. BCI e filosofia certamente compartilham um escopo enciclopédico, mas isto é igualmente verdadeiro para a ciência em geral. Filosofia, como a ciência, é um termo guarda-chuva para uma larga variedade de disciplinas. Precisamos de algo bem mais específico, se quisermos entender sua relação com a BCI. Esta necessidade foi bem expressa por Hjørland (2000, p. 6): 'O desafio real para a ciência da informação [que é BCI] é portanto desenvolver conhecimento específico, que seja relativamente independente do conhecimento subjetivo, mas que não seja uma abstração vazia'.⁵³ (Floridi, 2002a, p. 38-39, tradução nossa).

Dando prosseguimento ao argumento sobre a relação entre biblioteconomia e ciência da informação e filosofia, Floridi (2002a) cita o primeiro ponto de semelhança, a sugestão de que ambas as disciplinas compartilham o mesmo nível metateórico de investigação. Para ilustrar seu argumento, Floridi (2002a) recupera uma citação de H. Curtis Wright, retirado do artigo de Ken R. Herold "Librarianship and philosophy of information", em que Wright cita que biblioteconomia e filosofia, apesar de possuírem materiais próprios de investigação, muito provavelmente compartilham a mesma forma última, sendo ambas metaciências por excelência. Floridi (2002a) afirma, então, que esta visão é sugestiva, mas incorreta, e deixa a argumentação sobre ele em sua seção 3, sobre filosofia da informação.

Em continuação à sua exposição sobre as semelhanças entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia, Floridi (2002a) aborda o escopo e tópico de investigação. Floridi (2002a) cita um artigo de Abraham Kaplan,

⁵³ "Library and information science (LIS) has often been closely associated to philosophy because of the *level*, *scope* and *topics* of their investigations. The relation between the two fields seems intuitive and undeniable, but specifying its precise nature has proved a complex and controversial task.

It has been suggested, rather influentially, that both disciplines share the same metatheoretical *level* of investigation: 'Librarianship and philosophy, while each possessing unique material content (such as it is), very probably have the same ultimate forms; and they are both metasciences par excellence' (Wright, 1977, pp. 11-12, cited in Harold, 2001). This view is suggestive but incorrect, as I shall argue in section 3.

Regarding the *scope* and *topic* of investigation, it has been held that:

Like your profession [librarian], mine [philosopher] also has thrust upon it, as its appropriate domain, the whole of knowledge, the whole of culture; nothing is supposed to be foreign to us, and we ought to be prepared under suitable circumstances to be helpful with regard to any and every area of human concern. Like you, we cannot even begin to occupy ourselves with the substance and content of this endless domain, but only with its form, with its structure, with its order, with the inter-relations of the various parts. (Kaplan, 1965, cited in Gorman, 2000)

Unfortunately, this suggestion is unsatisfactory because too vague. LIS and philosophy certainly share an encyclopaedic scope, but this holds equally true of science in general. Philosophy, like science, is an umbrella word for a large variety of disciplines. We need something much more specific, if we wish to understand its relation with LIS. This requirement has been well expressed by Hjørland (2000, p. 6): 'The real challenge for information science [that is LIS] is therefore to develop specific knowledge, which is relatively independent of subject knowledge, but which is not an empty abstraction'."

“The age of the symbol: a philosophy of library education” sobre filosofia e biblioteconomia citado por Michael Gorman no livro “Our enduring values: librarianship in the 21st century”, em que Kaplan, um filósofo, cita semelhanças do seu campo de atuação com a atuação do bibliotecário. Kaplan, na citação feita por Floridi (2002a), estabelece uma relação de semelhança entre as duas práticas na investigação de todo o domínio do conhecimento, sem deixar de fora nenhuma área do interesse humano, e, ao não se ocupar com a substância ou conteúdo deste domínio, mas com sua forma, tratar da inter-relação que há em sua estrutura.

Comentando sobre o trecho de Kaplan, Floridi (2002a) trata a sugestão presente no texto de uma semelhança de escopo e tópico de investigação como demasiado vaga. Para Floridi (2002a), apesar de a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia possuírem um escopo enciclopédico, isso também é verdade para a ciência. Floridi (2002a) ressalta que “filosofia” e “ciência” são palavras “guarda-chuva” para uma variedade de disciplinas e que seria necessário algo mais específico do que a comparação tratada por Kaplan para entender a relação entre a filosofia e a biblioteconomia e ciência da informação. Para exemplificar essa necessidade, Floridi (2002a) cita um artigo de Birger Hjørland, “Library and information science: practice, theory and philosophical basis”, em que o autor afirma que o real desafio para a ciência da informação é desenvolver um conhecimento específico, relativamente independente do conhecimento sobre algum assunto, e que não se limite a uma abstração vazia.

De uma forma geral, pode-se identificar, a partir da consideração apresentada por Floridi (2002a), uma confusão específica na diferença entre a postulação de uma equivalência entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia e a tentativa de construção de uma base filosófica para a biblioteconomia e ciência da informação. A relação “intuitiva e inegável” entre filosofia e biblioteconomia e ciência da informação possui uma natureza bem específica, até certo ponto, dentro da literatura do campo. Os estudos de Nitecki (1993, 1995), utilizados por Floridi (2002a) para exemplificar a existência de uma sugestão de relação entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia, são estudos visando o desenvolvimento de uma filosofia fundacional dos estudos e das práticas da biblioteconomia. A relação entre a biblioteconomia e a filosofia, no sentido proposto por Nitecki (1993, 1995), é evidente: uma ciência necessita de uma base filosófica para sua estrutura, e há uma tentativa por parte do autor de se criar um

corpo filosófico próprio desta ciência que dê conta das especificidades do próprio campo. Nitecki (1993, 1995) não estabelece uma relação da biblioteconomia com a filosofia como a biblioteconomia sendo uma metateoria que abarca as disciplinas da filosofia (epistemologia, metafísica, ética), mas busca construir uma filosofia própria da biblioteconomia (ou “metabiblioteconomia”), suas definições e características metafísicas e epistemológicas, ao mesmo tempo que deixa claro não haver semelhança entre o emprego destes termos em sua teoria com o uso técnico delas dentro do campo da filosofia.

Aceitando como verdadeiras as sugestões da associação entre a filosofia e a biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) afirma ser uma visão muito influente a equivalência de nível metateórico entre as duas. Apresentando apenas a citação de Kaplan para exemplificar sua afirmação, Floridi (2002a) defende que essa visão é incorreta e deixa a discussão deste ponto para seção posterior, sem explicar se esse nível metateórico se limita ao estudo do objeto da biblioteconomia e ciência da informação ou, como no caso da filosofia, à toda extensão da experiência humana. Cabe ressaltar que a afirmação de que, assim como a filosofia, a biblioteconomia e ciência da informação possa ser metateórica ou metacientífica – como é utilizado por Wright – não implica em afirmar que ambas sejam igualmente metateóricas. Considerar que a biblioteconomia e ciência da informação possa ser metacientífica é defender que há em sua teoria algo que se aplique não somente a uma ciência, mas a um conjunto de ciências afins, o que é uma afirmação diferente de dizer que sua teoria se aplique a toda ciência.

Em seu argumento sobre o escopo e tópicos de investigação, Floridi (2002a) recupera um trecho de Kaplan, um filósofo, escrevendo para bibliotecários sobre a filosofia do campo da biblioteconomia. Apesar de procurar exemplificar a defesa da semelhança entre escopo e tópicos de investigação da biblioteconomia e ciência da informação e da filosofia, o trecho citado apenas traz uma aproximação quanto ao escopo: Kaplan (1964) afirma que, tal como os filósofos, o escopo de investigação da biblioteconomia não se concentra no conteúdo, mas na forma. Para Kaplan (1964), no entanto, os tópicos são diferentes. Kaplan (1964) considera que a filosofia se ocupa com a natureza humana, enquanto que a biblioteconomia se ocupa com a informação, o fluxo, os meios e as pessoas que tornam possível a transmissão da cultura.

A afirmação de Floridi (2002a), de que a sugestão exemplificada por Kaplan no trecho citado seria vaga, é correta. Kaplan (1964) no trecho não deixa claro de que forma os campos da biblioteconomia e ciência da informação ou da filosofia abordam o conhecimento, e não se propõe a colocar quais e como são abordados os tópicos de investigação de cada campo. Indo além do trecho, entretanto, Floridi (2002a) parece fazer uma extrapolação do tema de escopo e tópicos de investigação para a comparação quanto à semelhança entre os dois campos. Floridi (2002a) estabelece uma relação entre o escopo enciclopédico da biblioteconomia e ciência da informação, da filosofia e da ciência em geral. Ao colocar a filosofia, junto com a ciência, como termo guarda-chuva para uma variedade de disciplinas, Floridi (2002a) coloca a filosofia como um conceito aglutinador dos campos filosóficos específicos – como a epistemologia e a ética – e às disciplinas filosóficas direcionadas a campos específicos – como a filosofia da matemática, a filosofia da sociologia e, por consequência, a filosofia da biblioteconomia. Da mesma forma, a ciência, como conceito aglutinador, se diferencia dos campos – como as ciências cognitivas – e das disciplinas que lidam com fenômenos de modo mais específico – como a psicologia – que o termo integra. Essa comparação, entre biblioteconomia e ciência da informação, filosofia e ciência, confunde a profundidade do escopo da filosofia e da biblioteconomia e ciência da informação. A literatura da biblioteconomia e ciência da informação a coloca, por vezes, como metadisciplina ou disciplina científica, mas concorda em afirmar que, diferente da filosofia, não pretende abarcar toda a experiência humana. O escopo enciclopédico da biblioteconomia e ciência da informação se direciona a compreender a forma como se dissemina o conhecimento humano para que, ao concentrar-se em conhecer a forma mais do que o conteúdo do conhecimento, esteja apta a abarcar todo o conhecimento produzido.

A exposição de Hjørland no artigo citado por Floridi (2002a) demonstra essa relação. Hjørland (2000) utiliza a descrição de Lena Olsson sobre as estratégias profissionais da área da documentação, da biblioteconomia e da ciência da informação para pensar o uso do conhecimento do campo. De acordo com essa descrição, a biblioteconomia e ciência da informação, como campo utilizador e produtor de conhecimento, encontra-se, em uma dimensão, abrangendo as orientações voltadas à forma ou ao conteúdo (por exemplo, o desenvolvimento de um catálogo satisfatório completo ou uma base de dados que recupere todos os assuntos contidos nos documentos), e, em outra dimensão, abrangendo as

orientações especialistas ou generalistas (por exemplo, a especialização em um assunto ou forma ou uma formação que objetiva abarcar a maior variedade de tópicos). Hjørland (2000) no trecho citado expande a descrição de Olsson para chamar a atenção que o desafio do campo, em sua visão, é desenvolver um conhecimento especializado próprio que seja, ao mesmo tempo, enciclopédico no sentido de conseguir aplicar sua prática a todo conhecimento humano produzido, sendo, assim, “relativamente independente do conhecimento de assuntos”, mas que não seja uma mera abstração, sem se relacionar com os problemas particulares dos campos em que atua na própria produção de conhecimento.

A associação entre biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia, por seu nível, escopo e tópicos de investigação, pode ser estabelecida com base em suas semelhanças e diferenças. Em relação ao nível, a filosofia, tanto como campo guarda-chuva quanto em suas disciplinas, pretende-se metateórica, por ser um campo investigativo de toda a experiência humana e, portanto, abarcar a multiplicidade de visões sobre um mesmo problema ao passo que também investiga os problemas que surgem de sistemas de conhecimento. A biblioteconomia e ciência da informação, por sua vez, não encontra consenso na afirmação de sua metateoria, sendo, por vezes, vista como metaciência (ou metadisciplina) dos campos que investigam a informação, e, em outras visões, como campo ou disciplina autônoma. Acrescentando a essa possível característica metateórica, há também a consideração de Floridi (2002a) sobre o que constitui uma metateoria. Para Floridi (2002a), a abordagem metateórica se caracteriza por uma investigação dos problemas que surgem de sistemas organizados de conhecimento. Nessa perspectiva, a biblioteconomia e ciência da informação, tanto por investigar os problemas de informação que surgem em sociedade quanto por investigar os problemas que surgem em seu próprio campo (epistemologia, ensino do campo, mercado e prática profissional) pode ser vista como metateórica.

Quanto ao escopo, a filosofia e a biblioteconomia e ciência da informação pretendem-se enciclopédicas, mas por vieses diferentes. Enquanto a filosofia se pretende enciclopédica para abarcar a multiplicidade de experiências e posicionamentos, a biblioteconomia e ciência da informação centra-se na estrutura para abarcar todas as áreas que o conhecimento humano se ocupa. Quanto aos tópicos de investigação, apesar de não terem sido abordados por Floridi (2002a), são os que mais caracterizam os campos. A biblioteconomia e ciência da informação

pode inserir em sua investigação os tópicos estudados pela filosofia, como pensar a epistemologia na aquisição do conhecimento, a ética da prática informacional ou uma filosofia do campo. Porém é característico da biblioteconomia e ciência da informação sua aproximação do conhecimento humano com ênfase em sua estrutura e sua inter-relação.

6.4 A filosofia da informação como fundação teórica

Floridi (2002a) constrói uma defesa da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada partindo da consideração de uma crise de identidade intrínseca à disciplina, causada pela tentativa de encaixar fundações teóricas incompatíveis com as necessidades dos estudos, e defende que a melhor opção para essa resposta se encontra na filosofia da informação. Floridi (2002a) sustenta sua defesa na crítica da epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, na sugestão de uma nova fundação teórica na filosofia da informação e na proposta de se ver a biblioteconomia e ciência da informação como disciplina aplicada da filosofia da informação, respondendo aos questionamentos do campo e ajudando-o a se construir. Adiantando as propostas de seu artigo, Floridi defende que:

Nas conclusões, eu promovo duas sugestões adicionais. Primeiro, a crise de 'identidade' sofrida pela BCI foi o resultado natural de uma justificada porém precoce busca por uma contraparte filosófica que emergiu apenas recentemente, denominada FI. Por muitas décadas, pesquisadores em BCI estiveram fazendo as perguntas certas, mas pesquisadores em filosofia ainda não estavam prontos para respondê-las.⁵⁴ (Floridi, 2002a, p. 38, tradução nossa).

No trecho citado, Floridi (2002a) propõe tratar na conclusão de seu artigo de duas sugestões. A primeira delas é a sugestão da filosofia da informação como solução para uma “crise de identidade” corrente na biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) defende que os pesquisadores em biblioteconomia e ciência da informação por décadas fizeram as questões corretas, mas que a filosofia não estava ainda pronta para respondê-las. Essa crise é apresentada como

⁵⁴ “In the conclusion, I advance two further suggestions. First, the ‘identity’ crisis undergone by LIS was the natural outcome of a justified but precocious search for a philosophical counterpart that has emerged only very recently, namely PI. For many decades, researchers in LIS have been asking the right questions but researchers in philosophy were not yet ready to answer them.”

consequência natural de uma busca por uma filosofia equivalente ao campo que ainda não havia surgido, no que Floridi (2002a) propõe ser a filosofia da informação.

Floridi (2012) reafirma em seu outro artigo a sua conclusão do artigo de 2002 em que sugere que a “crise de identidade” presente na ciência da informação é uma consequência natural de uma busca precoce por uma contraparte filosófica que, segundo o autor, apenas recentemente emergiu, a filosofia da informação. Floridi (2012) sugere também que o desenvolvimento da ciência da informação não deveria se apoiar em uma teoria emprestada.

Nas conclusões, eu sugeri que a crise de "identidade" sofrida pela CI foi um resultado natural de uma justificada porém precoce busca por uma contraparte filosófica que emergiu apenas recentemente, denominada FI. O desenvolvimento da CI não deveria se apoiar em uma teoria emprestada, pré-embalada.⁵⁵ (Floridi, 2012, p. 259, tradução nossa).

Adentrando na exposição das conclusões, Floridi (2002a) coloca duas sugestões. A primeira delas defende que a “crise de identidade” da biblioteconomia e ciência da informação é um resultado natural de sua busca por uma fundação teórica porque sua contraparte filosófica, a filosofia da informação, emergiu somente recentemente. Essa afirmação carrega o pressuposto de que, dentro da biblioteconomia e ciência da informação, não poderia surgir uma base filosófica que representasse seu campo de estudos. A sugestão é colocada de tal forma que, para concordar com o autor, é necessário assumir que surja, de dentro da filosofia, uma contraparte que se ocupa de pensar sobre seus objetos, problemas e desafios para que sua identidade seja firmada. Sugere-se, assim, que o desenvolvimento de uma ciência e sua busca por uma filosofia própria não pode partir de dentro, resultando naturalmente em uma crise de identidade. A conclusão que se segue para essa sugestão depende de uma redução do problema de identidade do campo da biblioteconomia e ciência da informação. O problema da crise de identidade da biblioteconomia e ciência da informação, por vezes, pode ser associado à importação de teorias exógenas ao campo, à incerteza quanto ao seu objeto de estudo, à proximidade histórica e teórica dos campos de estudos que lidam com a informação e que por vezes se confundem, ou associado a uma mudança de um

⁵⁵ “In the conclusion, I suggested that the “identity” crisis undergone by IS has been the natural outcome of a justified but precocious search for a philosophical counterpart that has emerged only recently, namely PI. The development of IS should not rely on some borrowed, pre-packaged theory.”

paradigma científico de moderno para o pós-moderno. Floridi (2002a), no entanto, reduz todas essas possibilidades a uma questão simples de ausência de um campo autônomo dentro da filosofia que dá identidade ao campo da biblioteconomia e ciência da informação.

A sugestão da filosofia da informação como solução para a crise de identidade da biblioteconomia e ciência da informação é corroborada por Floridi (2002a) por meio da afirmação de que os pesquisadores no campo por muito tempo fizeram as perguntas certas, mas que os pesquisadores em filosofia não estavam prontos para respondê-las. A fundação filosófica e o problema interno de crise de identidade da biblioteconomia e ciência da informação são colocados, assim, como um problema externo. Floridi (2002a) atribui a responsabilidade de resolução dos problemas internos da biblioteconomia e ciência da informação ao campo da filosofia, tanto como uma supervalorização da filosofia, utilizando de sua analogia, de “paternalizar” os campos científicos, quanto de desvalorizar a biblioteconomia e ciência da informação como campo autônomo responsável por seus próprios problemas.

Floridi, considerando a ciência da informação e a biblioteconomia como sinônimos, deixando de lado o desenvolvimento interno das disciplinas, defende que a ciência da informação não deveria depender de uma fonte externa para o seu desenvolvimento teórico. A afirmação de Floridi (2012) propõe um desenvolvimento teórico interno à disciplina, ao mesmo tempo que propõe a adoção de outra fundação teórica.

A defesa da existência dessa crise de identidade pode ser vista como o pressuposto para seu argumento da adoção da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada. A partir da existência de uma crise de identidade da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) propõe uma causa para essa crise, uma tentativa por parte dos pesquisadores de resolvê-la e uma solução correta a ser adotada. A crise de identidade afirmada por Floridi (2002a) é tratada em meio a sua proposta de solução para o problema englobando a consideração da filosofia da informação como fundação teórica para a biblioteconomia e ciência da informação. Floridi constrói seu argumento de existência de uma crise e proposta para sua solução como:

A BCI vem debatendo sua fundação teórica e sua posição acadêmica pelo menos desde os anos de 1930, quando a Chicago Graduate Library School começou. Como Ostler e Dahlin (1995) têm enfatizado, essa longa crise, provocada pela abordagem pragmática, representa um desafio teórico e uma oportunidade histórica, especialmente na sociedade da informação:

A abordagem pragmática de Dewey nos deixou sem as ferramentas teóricas que são necessárias para lidar com o problema da Era Informacional (p. 683) [...] a profissão de bibliotecário está experienciando uma mudança paradigmática, uma grande chance na maneira com que bibliotecários executam seu trabalho. [...] O lado positivo desta crise de confiança é que ela fornece uma maravilhosa oportunidade de reconsiderar a fundação de nossa profissão e a educação profissional bibliotecária. (p. 684).

Infelizmente, muitas tentativas anteriores de tirar vantagem desta oportunidade aparentaram ter se movido em uma direção errada. Pesquisadores foram atraídos por uma variedade de filosofias amigáveis porém pré-estabelecidas, ao invés de lutarem por seu próprio espaço no campo filosófico. Assim, Zwadlo (1997) notou que, para a biblioteconomia:

obter uma filosofia é algo como emprestar um livro em nossas bibliotecas. Porém, assim como os livros emprestados, as filosofias emprestadas não pertencem realmente a nós, sempre precisam ser renovadas, e acabamos por devolvê-las, apenas para emprestar outras. (p. 105).

Algumas vezes esse 'processo de empréstimo' entre BCI e filosofia tem sido mediado pela própria ES e sua metodologia interdisciplinar (Shera, 1970 é um bom exemplo). Em todo caso, o resultado tem sido, nas palavras de Peirce (1992), uma espécie de gueto intelectual:

Nosso campo importa teoria das comunicações, educação, linguística, administração, psicologia, sociologia, e uma série de outras disciplinas. Que estranho. Não muitas outras disciplinas aceitam dissertações embasadas na tradição intelectual de outros campos. Esta pesquisa é menos interdisciplinar do que poderíamos chamar de 'extra-disciplinar'. Tal pesquisa busca fundação teórica em outras disciplinas, ao invés de usar de importação seletiva para enriquecer a nossa. Vivemos em uma espécie de gueto intelectual; nossos pesquisadores mais talentosos buscam favorecimento ao imitar práticas de disciplinas consideradas superiores à nossa. (p. 641) Tivemos prestando tão pouca atenção à nossa história intelectual que talvez tenhamos que reconstruí-la -- quase do zero. (p. 643).

Ainda assim, a oportunidade histórica permanece. O debate fundacionalista tem durado tanto porque a BCI esteve procurando por algo que ainda não estava disponível, denominado FI. Como uma nova área de pesquisa que apenas recentemente se tornou um campo acadêmico reconhecido, a FI pode indicar a direção a tomar, mas muito trabalho de base ainda precisa

ser feito e a BCI pode fornecer uma contribuição essencial.⁵⁶ (Floridi, 2002a, p. 47, tradução nossa).

Floridi (2002a) apresenta sua conclusão com três citações para argumentar que a crise de identidade da biblioteconomia e ciência da informação se radica no debate de sua fundação teórica, iniciada pela abordagem de Melvil Dewey, e continuada pela adoção de filosofias de outras disciplinas como fundação, ao invés de buscar o próprio espaço no campo filosófico. Floridi (2002a) utiliza as citações de três artigos da biblioteconomia e ciência da informação, de Ostler e Dahlin (1995), Zwadlo (1997) e Pierce (1992), para sustentar seu argumento. A oportunidade histórica, proposta por Floridi (2002a), é a de cessar o debate fundacional da biblioteconomia e ciência da informação ao adotar como teoria o campo filosófico da filosofia da informação em um trabalho de contribuição com o desenvolvimento da pesquisa de base do campo.

Floridi (2002a) ressalta que a biblioteconomia e ciência da informação tem debatido sua fundação teórica e sua posição acadêmica pelo menos desde a

⁵⁶ "LIS has been debating its theoretical foundation and academic status at least since the 1930s, when the Chicago Graduate Library School began. As Ostler and Dahlin (1995) have stressed, this long crisis, triggered by a pragmatic approach, represents a theoretical challenge and a historical opportunity, especially in the information society:

Dewey's pragmatic approach leaves us without the theoretical tools that are necessary to deal with the problem of the Information Age (p. 683) [...] the library profession is experiencing a paradigm shift, a major change in the way that librarians do their work. [...] The positive side of this crisis of confidence is that it provides a wonderful opportunity to reconsider the foundation of our profession and professional library education. (p. 684).

Unfortunately, many past attempts to take advantage of this opportunity appear to have moved in the wrong direction. Researchers have been lured by a variety of friendly but pre-established philosophies instead of fighting for their own place in the philosophical field. Thus, Zwadlo (1997) has noted that, for librarianship:

obtaining a philosophy is something like borrowing a book from our libraries. But, like the borrowed books, the borrowed philosophies do not really belong to us, always seem to need to be renewed, and we end up returning them, only to borrow others. (p. 105).

Sometimes this 'borrowing process' between LIS and philosophy has been mediated by SE itself and its interdisciplinary methodology (Shera, 1970 is a good example). In any case, the result has been, in the words of Peirce (1992), a sort of intellectual ghetto:

Our field imports theory from communications, education, linguistics, management, psychology, sociology, and a host of other disciplines. How odd. Not many other disciplines accept dissertations grounded in the intellectual traditions of other fields. This research is less interdisciplinary than what might be called 'out-disciplinary'. Such research seeks theoretical foundation in other disciplines, rather than using selective importation to enrich our own. We live in a kind of intellectual ghetto; our most talented researchers seek favor by imitating practices of disciplines considered superior to our own. (p. 641) We have paid so little attention to our own intellectual history that we may have to reconstruct it – almost from scratch. (p. 643).

Yet, the historical opportunity remains. The foundationalist debate has lasted for so long because LIS was looking for something that was not yet available, namely PI. As a new research area that has only very recently become a recognizable academic field, PI can indicate the direction to take, but much groundwork still needs to be done and LIS can provide an essential contribution.

década de 1930, com o surgimento da Graduate Library School de Chicago. Floridi (2002a) cita o posicionamento de Larry Ostler e Therrin Dahlin sobre a crise da biblioteconomia despertada pela abordagem pragmática, que representa um desafio e uma oportunidade, especialmente na sociedade da informação. Floridi (2002a) cita trechos do artigo de Ostler e Dahlin, “Library education: setting or rising sun?”, em que os autores afirmam que a abordagem pragmática de Melvil Dewey deixou a biblioteconomia sem as ferramentas teóricas necessárias para lidar com a era da informação. Em um segundo trecho, os autores afirmam que a profissão bibliotecária está experimentando uma mudança de paradigma, e em trecho seguinte afirmam que o lado positivo dessa crise de confiança é que provê uma oportunidade de reconsiderar as fundações da profissão e da educação profissional.

Em seu artigo, Ostler e Dahlin (1995) defendem que a biblioteconomia teve seu desenvolvimento com Melvil Dewey focado nas operações pragmáticas das ocupações em bibliotecas, empregando pouca atenção à formação da educação profissional para os avanços sociais. O foco da biblioteconomia estadunidense na linha pragmática de Dewey, para Ostler e Dahlin (1995), deixou de lado a integração de pensadores teóricos, como Ralph Shaw e Jesse Shera, em uma teoria da biblioteconomia que guiasse a prática. A hipótese de Ostler e Dahlin (1995) é que essa preferência pela prática sobre a teoria gerou uma crise de confiança sobre uma visão unificada acerca de uma identidade da profissão, e que a mudança de paradigma oferece a oportunidade de olhar para as raízes intelectuais da biblioteconomia e sua herança histórica, criticando as teorias dos pensadores da disciplina e focando sua energia em construir um corpo teórico, tomando esses desafios como responsabilidade intelectual.

Floridi (2002a) inicia seu argumento tratando de uma crise de identidade presente na biblioteconomia e ciência da informação causada pelo debate de sua fundação teórica desde a fundação da Graduate Library School de Chicago. Ostler e Dahlin (1995), por sua vez, tratam em seu artigo de uma crise diferente da abordada por Floridi (2002a).

Para Ostler e Dahlin (1995), a crise da biblioteconomia não se caracteriza pelo extenso debate fundacional, mas uma crise de confiança nos bibliotecários, educadores e administradores da academia, de ameaça de substituição de suas universidades por graduações voltadas à tecnologia e demonstrada pelo fechamento de universidades de biblioteconomia. Ostler e Dahlin (1995) supõem que essa crise

pode ser resultado de uma mudança de paradigma, mas sobretudo resultado da pouca atenção dada às raízes intelectuais e históricas da disciplina: “Perhaps because we have ignored some of our deeper thinkers over the years, we now find ourselves without a unifying vision of who we are and where we are going as a profession.” (Ostler; Dahlin, 1995, p. 684)

Partindo de crises diferentes com causas díspares, Ostler e Dahlin (1995) chegam a soluções distintas das de Floridi (2002a). A oportunidade que se apresenta para Ostler e Dahlin (1995) não é a de resolver o debate fundacional, mas antes entrar nele para descobrir as teorias já produzidas, reformar os currículos e garantir melhores serviços de informação para o público. Ostler e Dahlin defendem como proposta de solução para a crise da biblioteconomia como:

Como uma profissão nós temos agora a chance de olhar profundamente para nossas raízes intelectuais e herança teórica. Devemos examinar criticamente teorias de todos os pensadores bibliotecários e focar uma nova energia na construção de teorias como uma importante responsabilidade profissional. A medida que novas abordagens teóricas se desenvolvem pelo tempo, os currículos das escolas de biblioteconomia devem ser reformadas para refletir novas teorias. Educadores e praticantes da biblioteconomia devem aprender a trabalhar juntos para criar programas de educação em biblioteconomia inovadores.⁵⁷ (Ostler; Dahlin, 1995, p. 684, tradução nossa).

A proposta de Ostler e Dahlin (1995) de oportunidade para encontrar uma solução para a crise de identidade da biblioteconomia é a de projetar o olhar para o campo e suas teorias, ainda que esquecidas, para construir novas teorias e reformar os currículos para que atendam a essas teorias.

Floridi (2002a) afirma que muitas tentativas de aproveitar a oportunidade de reconsiderar as fundações e educação da profissão bibliotecária aparentam ter seguido uma direção errada. Floridi (2002a) afirma também que pesquisadores foram atraídos por uma variedade de filosofias pré-estabelecidas ao invés de lutarem por um espaço próprio dentro do campo filosófico. Floridi (2002a), citando Jim Zwadlo, afirma que, para a biblioteconomia, ter uma filosofia é como pegar emprestado um livro: não pertence a ela, sempre precisa ser renovada, e acaba devolvendo-a para emprestar outra.

⁵⁷ “As a profession we now have a chance to look deeply at our intellectual roots and theoretical heritage. We must critically examine theories from all library thinkers and focus new energy on theory-building as an important professional responsibility. As new theoretical approaches develop over time, library school curricula must be reformed to reflect fresh theories. Library educators and practitioners must learn to work together to create innovative library education programs.”

Zwadlo (1997) em seu artigo analisa três artigos, de John M. Budd, Garry P. Radford e Archie L. Dick, em que os autores, considerando o positivismo a base filosófica da biblioteconomia e ciência da informação, propõem sua mudança para, respectivamente, a fenomenologia, o trabalho de Michel Foucault, ou a combinação de abordagens que possam se opor a essa base filosófica. Zwadlo (1997), em sua análise, critica que os três autores convergem para a ideia de que a filosofia para a biblioteconomia é algo a se substituir, criando um vácuo de poder e o preenchendo com um novo, e defende que não é necessária a escolha de apenas uma teoria que se possa trocar, mas sim desenvolver um método de lidar com as contradições definido como a fusão de ideias e teorias de forma prática e utilizável.

Floridi (2002a), tomando um posicionamento diferente, afirma que muitas tentativas por parte dos pesquisadores de biblioteconomia e ciência da informação de aproveitar a oportunidade de reconsiderar as fundações e educação da profissão bibliotecária aparentam ter seguido uma direção errada. Floridi (2002a) afirma também que os pesquisadores foram atraídos por uma variedade de filosofias amigáveis pré-estabelecidas, enquanto que o movimento correto seria lutarem por um espaço próprio dentro do campo filosófico. Floridi (2002a), citando Jim Zwadlo em seu artigo "We don't need a philosophy of library and information science – we're confused enough already", afirma que, para a biblioteconomia, ter uma filosofia é como pegar emprestado um livro: não pertence a ela, sempre precisa ser renovada, e acaba devolvendo-a para emprestar outra. Em resumo, na biblioteconomia, defende Floridi (2002a), obter uma filosofia tem sido adotar uma filosofia externa para substituir uma outra filosofia, também externa, que está sendo utilizada. A proposta de Floridi (2002a), entretanto, segue semelhante à prática criticada por Zwadlo (1997): partindo da consideração que é necessário e que há uma filosofia da biblioteconomia e ciência da informação, propõe-se retirar a filosofia vigente para substituir por uma nova.

Para entender a oposição entre as duas propostas, é necessário antes retornar à citação utilizada por Floridi (2002a) como justificção da direção errada da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) utiliza a citação de Zwadlo (1997) afirmando que para a biblioteconomia a filosofia é algo que se empresta. Zwadlo (1997), porém, parece não concordar que essa é uma prática comum a todo o campo. O trecho citado por Floridi (2002a) é o final de uma exposição feita por Zwadlo (1997), em que o autor aborda três artigos, de Budd, Radford e Dick, e cita

que neles os autores consideram o positivismo, que é uma filosofia emprestada das ciências naturais, está na base filosófica da biblioteconomia e ciência da informação, e propõem uma substituição dessa filosofia por uma nova. Zwadlo (1997, p. 119), então, cita que “The three writers each propose a different replacement, and all together convey the idea that for LIS, obtaining a philosophy is something like borrowing a book from our libraries.”

Zwadlo (1997), em seu artigo, critica a proposta de substituição de uma filosofia por outra como fundamento da biblioteconomia e ciência da informação, questiona se o positivismo é realmente a filosofia da biblioteconomia e ciência da informação e defende que a característica do campo em sua fundação teórica é o estado de “confusão”, a fusão de ideias, sustentando uma “filosofia de não necessitar uma filosofia” e buscando meios de lidar com as contradições para resolver problemas específicos sem precisar estar preso a uma filosofia. Zwadlo (1997) critica a crença de considerar o positivismo como “inimigo comum” na competição por teorias fundacionais da biblioteconomia e ciência da informação, e afirma haver outro “inimigo” dentro dessa competição:

O real inimigo do pensamento é a ideia que devemos resolver conflitos entre teorias escolhendo uma delas. Confrontados com teorias concorrentes, nosso trabalho como bibliotecários é suportar a confusão, acolhê-la, trabalhar com ela, não mudar de uma filosofia limitada e limitante para outra.⁵⁸ (Zwadlo, 1997, p. 119, tradução nossa)

O erro de direção proposto por Zwadlo (1997) não se dá quanto a qual filosofia escolher, mas na convicção de que é preciso escolher uma em detrimento de todas as outras possibilidades. A crítica aos três autores feita por Zwadlo (1997) deriva a conclusão dessa necessidade de escolha de uma convicção de que haja uma filosofia fundamental da biblioteconomia e ciência da informação que, sendo uma filosofia incompatível, precisa ser substituída, no processo de empréstimo e troca de filosofia. A oportunidade para Zwadlo (1997), assim, aparece multifacetada: ao escolher a filosofia de não ter filosofia, o pesquisador pode adotar a filosofia que escolher, desde que esta o ajude a lidar da melhor forma com o problema a fim de construir uma solução que melhor se encaixe no todo da teoria e da prática.

⁵⁸ “The real enemy of thought is the idea that we should settle conflicts among theories by choosing only one of them. Faced with competing theories, our role as librarians is to endure confusion, welcome it, work with it, not shift from one limited and limiting philosophy to another.”

Floridi (2002a), então, adota uma convicção semelhante à apontada por Zwadlo (1997) de que há uma filosofia fundacional para a biblioteconomia e ciência da informação, definida como a epistemologia social, defende que esta fundação é incompatível e propõe a troca dessa filosofia, concluindo pela necessidade de escolha de uma filosofia fundacional, e defende que essa substituição deve ser feita para a filosofia da informação. Pode-se concluir, por essa defesa de Floridi (2002a), de que o processo tido pelo autor como prática da biblioteconomia se repete, com a adição a essa prática de uma proposição para que haja uma contribuição, por parte da biblioteconomia e ciência da informação, na construção do campo no qual empresta a sua filosofia fundacional, a filosofia da informação.

Floridi (2002a) defende que o processo de “empréstimo” que ocorre entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia por vezes é mediado pela epistemologia social e sua metodologia interdisciplinar, citando como exemplo o livro de Shera, “Sociological foundations of librarianship”. Floridi (2002a) cita Sydney Pierce para argumentar que o processo de empréstimo fundacional tem sido a criação de um “gueto intelectual”, e que não é comum em outras disciplinas a presença de dissertações fundamentadas na tradição intelectual de campos externos. Na citação de Floridi (2002a), Pierce ressalta que essas pesquisas procuram fundação teórica em outras disciplinas, ao invés de usar de uma importação seletiva para enriquecer o próprio campo, e que, nesse “gueto intelectual”, os pesquisadores mais talentosos imitam práticas de disciplinas consideradas superiores à biblioteconomia e ciência da informação. O segundo trecho de Pierce citado por Floridi (2002a) destaca que prestou-se tão pouca atenção à história intelectual da biblioteconomia e ciência da informação que talvez seja necessário reconstruí-la quase do zero.

Pierce (1992), em seu artigo, defende que há um problema de imagem de bibliotecários e educadores do campo da biblioteconomia e ciência da informação, expresso em sua experiência envolvendo pesquisas de doutorado que fundamentam sua teoria em outras disciplinas, em oposição ao enriquecimento teórico do campo. Pierce (1992) defende que, para corrigir esse problema, é preciso prestar atenção à história intelectual da biblioteconomia e ciência da informação, não apenas no campo da pesquisa, mas principalmente no ensino da disciplina, recuperar os textos e autores clássicos e reconstruir a teoria com um corpo de preocupações, métodos e problemas de pesquisa que foram desenvolvidos ao longo do tempo.

Após citar o processo de empréstimo de filosofia que ocorre na biblioteconomia, Floridi (2002a) defende, utilizando as palavras de Pierce, que há na biblioteconomia e ciência da informação a criação de um “gueto intelectual” causado pela importação de teorias de outras disciplinas para o campo. Como exemplo dessa importação, Floridi (2002a) cita a mediação entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia feita pela epistemologia social de Jesse Shera. Pierce (1992), em seu artigo, critica a inclinação de pesquisadores em biblioteconomia e ciência da informação de importarem teorias que fundamentam seus estudos e conduzem suas práticas científicas sem atenção ao corpo teórico produzido na biblioteconomia e ciência da informação ao longo da história. Ao defender disciplinas de “alemães mortos” no ensino de biblioteconomia e ciência da informação, Pierce (1992) propõe a construção ou reconstrução da história intelectual do campo, composta pelos trabalhos de pesquisadores seminais, que tratem da fundação teórica do campo e criem uma literatura clássica com um corpo central de conhecimento próprio da biblioteconomia e ciência da informação. Dentro dessa história intelectual, Ostler e Dahlin (1995), que se baseiam também no trabalho de Pierce (1992) para seu artigo, defendem, entre outros autores, a inserção dos estudos de Shera.

A epistemologia social é uma disciplina proposta por Margaret Egan e Jesse Shera em um artigo intitulado “Foundations of a theory of bibliography” voltada ao estudo da comunicação do conhecimento na estrutura social (Egan; Shera, 1952). Por ausência de uma nomenclatura melhor, Egan e Shera (1952) propuseram o nome de “epistemologia social” a sua teoria, carregando esse nome por objetivar suspender a epistemologia do nível individual de aquisição do conhecimento para o nível da aquisição de conhecimento da sociedade. Essa disciplina se propunha a estudar os processos “by which society as a whole seeks to achieve a perceptive or understanding relation to the total environment – physical, psychological and intellectual” (Egan; Shera, 1952, p. 132). A disciplina busca, portanto, não meramente compreender como uma sociedade adquire conhecimento, mas investigar a produção, fluxo e consumo da comunicação da informação em todas as partes da sociedade, integrando todas as formas de comunicação, sua diferenciação intelectual e a sua integração em uma estrutura social complexa como força determinante na formação da sociedade.

Por isso, o foco de atenção para a nova área de estudo aqui descrita como epistemologia social é a análise da produção, distribuição, e utilização de produtos intelectuais em praticamente o mesmo estilo daquele em que a produção, distribuição, e utilização de produtos materiais tem sido há tempos investigado. A comunicação gráfica fornece evidência objetiva do processo.⁵⁹ (Egan; Shera, 1952, p. 133-134, tradução nossa)

Egan e Shera (1952) propõem o avanço do estudo em direção a uma análise dos tipos de informação, conhecimento e reflexões necessários para as atividades humanas, para a criação de uma metodologia aplicável às situações que requerem conhecimento, e no desenvolvimento de técnicas descritivas das unidades de informação para a manipulação eficiente dos materiais. Desta forma, a teoria de Egan e Shera (1952) é formulada como uma proposta para a investigação e prática eficiente de registros gráficos, segundo os autores a preocupação principal da biblioteconomia e da bibliografia, e visa corrigir a abordagem teórica e metodológica do estudo dessa comunicação.

A teoria da epistemologia social de Egan e Shera (1952) pode ser vista como uma importação seletiva de teorias para o enriquecimento do campo da biblioteconomia e ciência da informação preconizado por Pierce (1992). Ao trazer estudos de comunicação, epistemologia, sociologia e bibliografia, Egan e Shera (1952) constroem uma teoria que serve de fundamento interdisciplinar para a biblioteconomia e ciência da informação, não como único mas como parte de, no trabalho de mediação entre os registros gráficos como atividade social e o usuário. A epistemologia social, desta forma, como uma interdisciplina, não compõe o corpo teórico da biblioteconomia e ciência da informação, mas sua aplicação no campo proporciona o desenvolvimento de teorias, métodos e problemas de pesquisa e compõem a estrutura na qual os pesquisadores podem investigar para questionar sobre seu objeto.

Floridi (2002a) defende que a oportunidade de resolução da crise da biblioteconomia e ciência da informação permanece disponível. Floridi (2002a) afirma que o debate fundacional da biblioteconomia e ciência da informação durou tanto tempo porque a disciplina procurou por algo que ainda não estava disponível, a filosofia da informação. Floridi (2002a) defende, também, que a filosofia da informação, como uma nova área de investigação que apenas recentemente

⁵⁹ "Thus the focus of attention for the new area of study here described as social epistemology is the analysis of the production, distribution, and utilization of intellectual products in much the same fashion as that in which the production, distribution, and utilization of material products have long been investigated. Graphic communication provides objective evidence of the process."

recebeu reconhecimento acadêmico, pode indicar a direção a ser tomada pela biblioteconomia e ciência da informação, porém que muito trabalho de base ainda precisa ser feito, e que a biblioteconomia e ciência da informação pode ter uma contribuição essencial nesta tarefa.

6.5 Crítica da epistemologia social como fundação teórica

Acerca do relacionamento entre biblioteconomia e ciência da informação e epistemologia social, Floridi (2002a, 2004a, 2012) defende que o relacionamento proposto como fundação teórica não se adequa, e defende a proposta de que a epistemologia social deveria ser substituída pela filosofia da informação.

ES e BCI não fazem um casamento feliz porque BCI trabalha em um nível mais fundamental do que a epistemologia. Seu objeto não é o conhecimento em si mas as fontes de informação que o tornam possível, ainda que apenas indiretamente. [...]

Focar apenas no conhecimento – quer para acessar ou criticar sua possibilidade e natureza – introduz um viés epistemológico inconsistente com a real natureza da BCI. Claro, qualquer coisa pode ser uma fonte de conhecimento sobre si ou seu referente. Entretanto, isto é exatamente o porquê a BCI possui um escopo muito mais amplo que a epistemologia. Seria muito enganador concluir que o objeto da BCI é assim apenas o domínio do conhecimento organizado em si, ainda que alguém adote o conceito muito liberal de conhecimento de Shera.⁶⁰ (Floridi, 2002a, p. 41, tradução nossa, interpolação nossa).

Floridi (2002a) defende que a epistemologia social e a biblioteconomia e ciência da informação não fazem um “casamento feliz”, uma vez que a biblioteconomia e ciência da informação trabalha em um nível mais fundamental do que a epistemologia. Para Floridi (2002a), o objeto da biblioteconomia e ciência da informação não é o conhecimento em si, mas as fontes de informação, como tratado anteriormente. A partir da consideração do objeto da biblioteconomia e ciência da informação como as fontes de informação, e não especificamente de conhecimento, Floridi (2002a) argumenta que focar no conhecimento, na avaliação ou crítica de sua

⁶⁰ “SE and LIS do not make a happy marriage because LIS works at a more fundamental level than epistemology. Its object is not knowledge itself but the information sources that make it possible, even if only indirectly. [...]

To focus only on knowledge – whether to assess or criticize its possibility and nature – introduces an epistemological bias inconsistent with the real nature of LIS. Of course, anything can be used as a source of knowledge, at least because, reflexively, anything can be a source of knowledge about itself and its reference. However, this is exactly why LIS has a much wider scope than epistemology. It would be very misleading to conclude that LIS’ object is therefore only the domain of organized knowledge itself, even if one adopts Shera’s very liberal concept of knowledge.”

possibilidade e sua natureza, introduz na biblioteconomia e ciência da informação um viés epistemológico que não condiz com sua natureza. Floridi (2002a) chama a atenção que qualquer coisa pode ser usada como fonte de conhecimento e que, por isso, a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo maior que a epistemologia. Floridi (2002a) afirma ser muito enganador concluir que o objeto da biblioteconomia e ciência da informação se resume ao domínio do conhecimento organizado, ainda que se adote o que em sua visão seria um conceito liberal de conhecimento proposto por Shera.

Floridi (2002a) adota uma metáfora antropomórfica do relacionamento entre a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social que não deixa claro o que pretende criticar desse relacionamento. Ao afirmar que a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social não fazem um “casamento feliz” não se sabe se Floridi (2002a) critica estabelecer uma relação de hierarquia, onde a epistemologia social é tomada como base teórica para a biblioteconomia e ciência da informação, estabelecer uma relação de integração, com a biblioteconomia e ciência da informação sendo parte da epistemologia social, estabelecer uma relação interdisciplinar entre os dois campos ou sequer se critica estabelecer uma relação proximal dos dois campos estudando o mesmo objeto.

A justificativa para o “casamento” ruim entre biblioteconomia e ciência da informação e epistemologia social, colocada como sendo que o nível de trabalho da biblioteconomia e ciência da informação está em um nível mais fundamental do que a epistemologia, pode ser considerada como não adequada à crítica do relacionamento entre as disciplinas. A epistemologia social, seja a proposta de Shera ou mesmo de outros autores, não atende ao mesmo escopo ou objeto da epistemologia. Floridi (2002a), em sua argumentação para provar que a epistemologia social não serve como base filosófica suficiente para a biblioteconomia e ciência da informação, coloca a epistemologia social de Shera como sendo a epistemologia do conhecimento social, para argumentar contra esta teoria, e, em seguida, a reduz sua consideração para a epistemologia para criticar a relação desta com a biblioteconomia e ciência da informação.

Para analisar a relação entre epistemologia e biblioteconomia e ciência da informação, cabe fazer antes uma consideração sobre o surgimento da epistemologia social. Como citado anteriormente, a epistemologia social surgiu de uma proposta feita por Margareth Egan e Jesse Shera (1952). Para a criação desse

corpo de conhecimento que os autores chamaram de “epistemologia social”, Egan e Shera (1952) partiram do argumento de que os filósofos, ao longo do tempo, especularam as fontes e métodos do conhecimento, sua validade e seus limites, mas que a epistemologia se ocupou com os processos intelectuais do conhecimento a nível do indivíduo. Para Egan e Shera (1952), os psicólogos adotaram essa especulação, mas também não chegaram ao ponto de avaliar a integração que ocorre dentro da estrutura social. Como terceiro ponto de argumento para a criação desse corpo de conhecimento, Egan e Shera (1952) ressaltam que os sociólogos, mesmo tendo endereçado sua pesquisa para o comportamento dos seres humanos em grupo, empregaram pouca atenção para as forças e processos intelectuais que dão forma à estrutura social.

Para Egan e Shera (1952), não somente era necessária uma fundação filosófica para a biblioteconomia, mas uma disciplina que expandisse os estudos da epistemologia para uma vertente social, buscando abarcar o conhecimento socialmente produzido e compartilhado. Neste sentido, a epistemologia social, bem como a biblioteconomia e ciência da informação, trabalha em um nível menos fundamental do que a epistemologia, em discordância com o afirmado por Floridi (2002a). A epistemologia, por trabalhar em um nível mais fundamental, investiga o que é o conhecer, o que é o conhecimento, como ocorrem e como é possível ocorrer estes processos, e é composta pelas correntes que buscam responder qual é a natureza última do conhecimento. A partir destes fundamentos, a epistemologia social de Shera busca compreender a forma como o conhecimento se dá em sociedade, os fluxos do conhecer social e da comunicação social que ocorre por meio dos registros.

Ao tratar da natureza da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) faz duas afirmações: a) que qualquer coisa pode ser usada como fonte de conhecimento e b) porque qualquer coisa pode ser fonte de conhecimento, a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo mais amplo do que a filosofia do conhecimento. Essas afirmações se comunicam com uma construção argumentativa feita por Floridi (2002a) em afirmar que o objeto de estudo da biblioteconomia e ciência da informação, por sua vocação enciclopédica, se preocupa com uma grande variedade de fontes de informação que tornam o conhecimento possível. Contudo, Floridi (2002a) não deixa claro a extensão do que considera como campo da epistemologia que trata no argumento como menos

amplo do que a biblioteconomia e ciência da informação. Sendo a epistemologia a filosofia do conhecimento – que se difere, por exemplo, da filosofia do conhecimento no campo científico – é possível seguir para duas interpretações quanto à posição adotada em relação à extensão do campo, sendo uma visão mais concreta e uma visão mais abstrata.

Em uma visão mais concreta da epistemologia, que se aproxima do argumento de Floridi (2002a), a filosofia do conhecimento se ocuparia com o conhecimento efetivamente gerado pelas fontes. Neste sentido proposto, a epistemologia se ocuparia com o conhecimento feito real, os processos que tornaram possível sua ocorrência, sua construção ou descoberta e a relação que o ser humano estabelece com ele. Considerando esta como aplicação da epistemologia ao campo, a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo muito mais amplo, pois não se ocupa unicamente com o conhecimento na forma em que foi gerado, mas com a sua transmissão futura e sua transformação.

Por outro lado, a epistemologia, em uma visão mais abstrata, não consideraria apenas o que é usado como fonte de conhecimento, mas abarcaria também o que pode ser usado como fonte de conhecimento, ainda que não esteja sendo aplicado em ato. A epistemologia, neste sentido, se ocupa não somente com o conhecimento feito real, mas com as possibilidades de conhecimento. A partir desta aplicação da epistemologia, a biblioteconomia e ciência da informação não se ocupa apenas com a transmissão e transformação do conhecimento, mas se aproxima das fontes de informação a partir de sua potencialidade de influenciar no conhecimento. As fontes de informação são, assim, aquilo que comunicam o conhecimento ao usuário específico, mas também aquilo que pode comunicar um conhecimento ao usuário ainda indeterminado. Neste sentido, a biblioteconomia e ciência da informação não tem seu escopo mais ampliado ao da epistemologia, mas alinhado ao dela: a fonte de informação o é por ser fonte de conhecimento.

A posição inconclusiva de Floridi (2002a) na definição de epistemologia deixa pouca base para analisar sua concepção da relação entre esta e a biblioteconomia e ciência da informação. Na concepção de Floridi (2002a) a relação entre a epistemologia e a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia se estabelece como abarcadora a totalidade do objeto. Para Floridi (2002a), estabelecer uma relação entre biblioteconomia e ciência da informação é, seguindo suas afirmações, focar apenas no conhecimento e tornar a biblioteconomia e ciência

da informação uma “epistemologia aplicada”. Floridi (2002a) coloca sua argumentação de forma que a presença de um viés epistemológico implica nesse foco no conhecimento, avaliando ou criticando sua possibilidade e natureza, ainda que, conforme citado por Shera (1972), a biblioteconomia também derive da comunicação e possua ligação com a linguística. Cabe ressaltar que, para Shera (1972), a relação entre a epistemologia e a biblioteconomia se apresenta diferente das considerações feitas por Floridi (2002a), em que critica a biblioteconomia e ciência da informação ser considerada algo como uma epistemologia aplicada. Shera (1972) considera a epistemologia uma preocupação da biblioteconomia porque esta, ao lidar com a comunicação por registros gráficos, se aproxima de seu objeto como um objeto epistêmico. Essa relação estabelecida entre as disciplinas não se dá de forma fundacional, com a biblioteconomia e ciência da informação respondendo às aplicações da epistemologia, mas uma preocupação que sugere atenção, um olhar cuidadoso com o objeto para não deixar de fora seus aspectos epistemológicos de conteúdo e relacionamento.

Floridi (2002a) afirma haver, nos textos de Shera, uma posição denominada por ele de “liberal” sobre seu conceito de conhecimento. Shera, em seus textos, faz uma utilização pouco rigorosa do conceito de conhecimento, representando em um momento o objeto da epistemologia, em outros o conhecimento profissional, e em outros o conhecimento registrado, específico da epistemologia social. Esse caos conceitual pode dificultar o entendimento de qual conceito Shera procura utilizar em uma afirmação, mas não leva à conclusão de que sua epistemologia social seja uma epistemologia *tout court*. O conhecimento organizado abarcado pelo domínio da biblioteconomia e ciência da informação se refere às fontes de informação, às práticas que influem no fluxo de conhecimento socializado, à transmissão de conhecimento através do tempo e do espaço e aos sistemas e dispositivos que tornam possível a transformação do fluxo de informação em conhecimento individual e coletivo. Tendo isso como base, a conclusão de Floridi (2002a) de que colocar o domínio do conhecimento organizado como objeto da biblioteconomia e ciência da informação seria “errôneo” carece de substância. O objeto da biblioteconomia e ciência da informação não se reduz a esse domínio, e não pretende-se que o seja, mas também não se encontra tão distante da prática como pode fazer parecer ser.

Floridi (2002a) critica a epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação a partir da consideração de dois campos de

estudos: a sociologia do conhecimento e a epistemologia do conhecimento social. Floridi (2002a) não considera, portanto, a epistemologia social como um campo ou disciplina autônoma, mas um termo guarda-chuva usado para descrever esses dois campos mencionados. Por consequência dessa inferência, a teoria da epistemologia social de Shera não recebe a atenção apropriada de vertente da epistemologia social, e Floridi (2002a) não dedica atenção em seu artigo para a diferenciação entre o estudo das causas e condições históricas do conhecimento (sociologia do conhecimento) ou o estudo crítico e conceitual da dimensão social multi-agente do conhecimento (epistemologia do conhecimento social) e o estudo da interação entre conhecimento ou comunicação de ideias e a atividade social (epistemologia social). Para criticar a relação entre a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social, Floridi (2002a) faz primeiramente uma comparação entre a biblioteconomia e ciência da informação e a sociologia do conhecimento.

Diferente da SdC [sociologia do conhecimento], a BCI possui uma posição normativa e consequentemente requer mais do que uma pura abordagem descritiva. A biblioteca é um lugar onde necessidades e valores educacionais e comunicacionais são implementados, defendidos e promovidos, onde conteúdos são acessados e selecionados para o público, e onde práticas como catalogação, por exemplo, estão longe de serem atividades neutras, sem avaliação. Essa posição normativa faz com que a BCI incline-se para a ECS [epistemologia do conhecimento social].⁶¹ (Floridi, 2002a, p. 39, tradução nossa, interpolação nossa)

Floridi (2002a) afirma que, diferente da sociologia do conhecimento, que possui uma posição descritiva do estudo empírico das causas históricas e condições do conhecimento, a biblioteconomia e ciência da informação adota uma posição normativa que requer mais do que uma abordagem descritiva. Floridi (2002a) argumenta que a biblioteca é o lugar onde as necessidades e valores educacionais e comunicacionais são implementados, defendidos e promovidos; onde conteúdos são avaliados e selecionados para o público; e onde as práticas estão longe de serem neutras. Para Floridi (2002a), portanto, essa posição normativa faz com que a biblioteconomia e ciência da informação se incline em direção à epistemologia do

⁶¹ "Unlike SoK, LIS has a normative stance and hence requires more than a purely descriptive approach. The library is a place where educational and communication needs and values are implemented, defended and fostered, where contents are assessed and selected for the public, and where practices like cataloguing, for example, are far from being neutral, evaluation-free activities. This normative stance make LIS lean towards ESK."

conhecimento social, o estudo crítico e conceitual das dimensões sociais do conhecimento.

Apesar da pouca afinidade entre a sociologia do conhecimento, segundo a descrição de Floridi (2002a), e a biblioteconomia e ciência da informação, a ligação entre os dois campos não pode ser tida como inexistente. Na perspectiva de Shera (1972)⁶², por exemplo, a biblioteca, enquanto espaço de atividades que não se coloca como neutra, requer do bibliotecário mais do que alguém treinado para encontrar um livro específico em um acervo específico. Para Shera (1972), o bibliotecário deve ser um mediador efetivo entre as pessoas e os registros gráficos. Shera (1972) defende que, para que a biblioteconomia possa ser formadora sobre os meios de acesso aos registros de conhecimento, é necessário o entendimento não apenas da natureza do conhecimento, mas também do papel que o conhecimento desempenha na parte da sociedade em que atua, e que a profissão de bibliotecário deve procurar responder a quatro problemas fundamentais:

O problema da cognição – como o homem conhece.

O problema da cognição social – as maneiras pelas quais a sociedade conhece e a natureza do sistema sociopsicológico por meio do qual o conhecimento pessoal torna-se conhecimento social.

O problema da história e filosofia do conhecimento, como elas se desenvolveram através do tempo e nas variadas culturas.

O problema dos mecanismos e sistemas bibliográficos existentes e a extensão em que eles estão em congruência com a realidade do processo comunicacional e os achados da investigação epistemológica.⁶³ (Shera, 1972, p. 114, tradução nossa)

Entre os pontos que a biblioteconomia precisa responder para que o trabalho do bibliotecário possa efetivamente ser o mediador entre pessoas e registros gráficos do conhecimento, Shera (1972) defende que as condições históricas e filosóficas que desenvolveram o conhecimento ao longo do tempo e entre as variadas culturas, que Floridi (2002a) caracteriza como sociologia do

⁶² Apesar de Floridi tratar a biblioteconomia como um conjunto com a ciência da informação e analisar a epistemologia social a partir desta perspectiva, Shera apresenta a epistemologia social como teoria relacionada com a biblioteconomia. Compreende-se essa distinção entre as duas propostas, mas analisa-se os conceitos a partir da visão de Floridi para o campo.

⁶³ “The problem of cognition – how man knows.

The problem of social cognition – the ways in which society knows and the nature of the sociopsychological system by means of which personal knowledge becomes social knowledge.

The problem of the history and philosophy of knowledge as they have evolved through time and in variant cultures.

The problem of existing bibliographic mechanisms and systems and the extend to which they are in congruence with reality of the communication process and the findings of epistemological inquiry.”

conhecimento, deve ser um dos componentes de estudo da disciplina. O conhecimento, nesta visão, não é dissociado de seu tempo histórico e cultural, tanto para sua organização, identificando tendências e lacunas do próprio conhecimento, quanto para situar a pessoa na perspectiva do conhecimento (Shera, 1972).

Partindo da consideração da sociologia do conhecimento como inadequada para a fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) direciona sua análise para a relação entre a epistemologia do conhecimento social e a biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) defende que Shera considera a epistemologia social como epistemologia do conhecimento social mais do que como sociologia do conhecimento. Floridi (2002a) cita como exemplo a exposição de Shera sobre a diferença entre epistemologia social e sociologia do conhecimento. Shera (1970) cita que o sentido em que emprega “epistemologia social” é quase o inverso do sentido de sociologia do conhecimento. Porém, Shera (1970) não trata da dicotomia sociologia do conhecimento-epistemologia do conhecimento social traçada por Floridi (2002a), mas do tópico de estudo que propõe. A sociologia do conhecimento, de acordo com Shera (1970), se ocupa em estudar como o conhecimento foi influenciado pelos fatos sociais, a influência da sociedade sobre o conhecimento. A epistemologia social, na comparação feita por Shera (1970), não é o contrário dessa abordagem, mas faz o caminho de estudo inverso, investigando o impacto do conhecimento sobre a sociedade. Essa definição feita por Shera (1970) não coloca a consideração da epistemologia do conhecimento social no quadro comparativo.

Floridi (2002a) continua sua análise da epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação partindo da inferência de que Shera (1970), por tratar a epistemologia social como inverso da sociologia do conhecimento, estivesse direcionando a epistemologia social como sinônimo de epistemologia do conhecimento social. Floridi (2002a) estabelece uma crítica quanto aos ramos da epistemologia do conhecimento social sem apresentar indicativos de que Shera defende a epistemologia do conhecimento social como fundamentação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, da biblioteconomia ou da sua epistemologia social. Floridi (2002a) argumenta que a interpretação de Shera de sua epistemologia social se encaixa no que define como epistemologia do conhecimento social, mas não apresenta um comparativo.

Floridi (2002a) também não apresenta uma definição elaborada da epistemologia social de Shera para analisar a teoria do autor. Floridi (2002a) cita que Shera (1965, p. 27) considera a epistemologia social a disciplina que estuda “those processes by which society as a whole seeks to achieve a perceptive or understanding relation to the total environment – physical, psychological and intellectual”. Floridi (2002a) considera que, por Shera defender que sua epistemologia social não é sinônimo de sociologia do conhecimento – e por haver, em sua concepção, apenas dois tipos de epistemologia social – por conclusão Shera defenderia que sua epistemologia social é epistemologia do conhecimento social:

De acordo com Shera, a BCI teórica deveria se direcionar à filosofia da filosofia do conhecimento e se tornar uma espécie de epistemologia do conhecimento social aplicada. Isto poderia estar certo?⁶⁴ (Floridi, 2002a, p. 40, tradução nossa).

Floridi (2002a) estabelece uma crítica à epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação com base na consideração de Shera de relação entre os campos. Shera, em trecho citado por Floridi (2002a), afirma que a biblioteconomia, por lidar com o conhecimento, está enraizada na epistemologia e na epistemologia social. A partir desta afirmação, Floridi (2002a) argumenta em direção à conclusão de que esse enraizamento significa tornar a biblioteconomia e ciência da informação uma epistemologia do conhecimento social aplicada. Assim, Floridi (2002a) analisa a biblioteconomia e ciência da informação em comparação com duas vertentes possíveis da epistemologia do conhecimento social, que Floridi (2002a) define como clássica e revolucionária.

Ambas ECS clássica e revolucionária são *prescritivas*. Seu objetivo último é estabelecer, por exemplo, não o que alguém acredita sobre as estrelas, mas que alguém deveria, e está justificado a acreditar sobre elas. Ambas compartilham em princípio o mesmo escopo de investigação, nomeadamente as dinâmicas sociais do (alegadamente, para o ramo revolucionário) fenômeno *epistêmico*. Tudo isso é ao mesmo tempo demais e de menos para fornecer uma fundação satisfatória para a BCI. É demais em termos de objetivo, porque a BCI pode ser normativa mas não é e não deveria ser epistemologicamente prescritiva. É de menos em termos de escopo, porque, como uma consequência de sua vocação enciclopédica, a BCI se preocupa com uma variedade muito ampla de fontes, de livros para crianças à mapas astrológicos antigos, de registros digitais de escritório a vídeos de esportes. Tais diferenças em objetivo e escopo escapam da análise de Shera, talvez por causa do sentido demasiado geral que ele

⁶⁴ “According to Shera, theoretical LIS should address the philosophy of the philosophy of knowledge and become a sort of applied epistemology of social knowledge. Could this be right?”

incorpora ao conceito de 'conhecimento' em seus ensaios mais teóricos.⁶⁵ (Floridi, 2002a, p. 40, tradução nossa).

Argumentando que a epistemologia do conhecimento social não provê o necessário para a fundação da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) expõe que a epistemologia do conhecimento social, na forma de suas duas ramificações, é prescritiva. Floridi (2002a) define essas ramificações como “clássica” e “revolucionária”. A abordagem clássica, segundo Floridi (2002a), se baseia na inteligência distribuída e nas interações epistêmicas de multiagentes, abrangendo o escopo de pesquisa para uma maior variedade de ramificações, buscando a descoberta e justificação do que é verdadeiro. A abordagem revolucionária, segundo Floridi (2002a), adota essa visão da abordagem clássica e, em sua versão extrema, usa-a para criticar o projeto cartesiano, argumentando que conhecimento, justificação e verdade são construções sociais.

Para Floridi (2002a), o que há de comum nas duas abordagens é seu objetivo de estabelecer o que alguém deveria e está justificado a acreditar sobre algo. Floridi (2002a) defende que este objetivo é, ao mesmo tempo, muito e pouco para prover uma fundação satisfatória para a biblioteconomia e ciência da informação: muito em termos de objetivo, pois a biblioteconomia e ciência da informação pode ser normativa, mas não deve ser epistemologicamente prescritiva, e pouco em termos de escopo, pois a biblioteconomia e ciência da informação se ocupa de uma vasta gama de fontes como consequência do seu escopo enciclopédico. Floridi (2002a) afirma que essas diferenças de objetivo e escopo escaparam da análise de Jesse Shera, e supõe ter ocorrido por seu conceito muito amplo de “conhecimento”.

A dicotomia criada por Floridi (2002a), entre epistemologia do conhecimento social “clássica” e “revolucionária”, não deixa claro em qual abordagem o autor busca encaixar a epistemologia social de Shera. Sua crítica à epistemologia do

⁶⁵ “Both classic and revolutionary ESK are *prescriptive*. Their ultimate aim is to establish, for example, not what one believes about the stars, but what one should, and is justified to, believe about them. Both share in principle the same scope of investigation, namely the social dynamics of (allegedly, for the revolutionary brand) *epistemic* phenomena. All this is at the same time too much and too little to provide a satisfactory foundation for LIS. It is too much in terms of aim, because LIS can be normative but it does not and should not be epistemologically prescriptive. It is too little in terms of scope, because, as a consequence of its encyclopaedic vocation, LIS concerns a much wider variety of sources, from children’s books to ancient astrological maps, from digital office records to sport videos. Such differences in aim and scope escaped Shera’s analysis, perhaps because of the too general meaning he attached to the concept of ‘knowledge’ in his most theoretical essays.”

conhecimento social não inclui as afirmações de Shera sobre sua teoria que a incluem em uma vertente ou outra. A epistemologia social de Shera, mais do que ser uma “epistemologia feita social”, como defende Floridi (2002a), não busca a justificação ou negação da justificação da verdade, presente respectivamente nas abordagens clássica e revolucionária, mas coloca o conhecimento produzido na forma de registros gráficos em contexto e fluxo social.

Neste contexto, a verdade não é algo a se estabelecer ou criticar, mas seu objetivo é situar o conhecimento em sua própria perspectiva, na maneira que alguém vê um segmento particular do conhecimento e como se constrói o pensamento (Shera, 1972). Nas palavras de Shera:

Perspectiva é algo mais que uma mera determinante formal do pensamento; ela é qualitativa, pois se relaciona com as características por meio do qual o conhecimento em qualquer estágio pode ser caracterizado – a natureza dos conceitos usados, a ausência ou presença de sinônimos ou contra-conceitos, os níveis de abstração, e a estruturação dos conceitos.⁶⁶ (Shera, 1972, p. 129, tradução nossa)

A perspectiva, na teoria de Shera, é importante para entender o contexto e os limites do conteúdo presente no registro gráfico. Diferente da abordagem revolucionária da epistemologia do conhecimento social, que questiona a verdade do conhecimento tendo como base a premissa de que o conhecimento possui uma perspectiva e que, portanto, a verdade é perspectivada, a epistemologia social de Shera (1972) considera a perspectiva, enquanto característica do conhecimento, é constitutivo da forma que é expresso, da estrutura, utilização e supressão dos conceitos. A estrutura, portanto, não se emprega na construção do conhecimento individual, mas situado em um tempo e espaço histórico de sua manifestação de modo social.

A inadequação da teoria da epistemologia social de Shera às vertentes da epistemologia do conhecimento social de Floridi (2002a) afeta a comparação para análise da epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação. A epistemologia social, como estudo do impacto do conhecimento ou da comunicação de ideias na sociedade, ocupa-se do estudo da produção, fluxo, integração e consumo dessa comunicação, em todas as suas formas, dentro da

⁶⁶ “Perspective is something more than a merely formal determinant of thinking; it is qualitative in that it relates to the traits by which knowledge at any given stage may be characterized – the nature of the concepts used, the absence or presence of synonymous or counter concepts, the levels of abstraction, and the structuring of the concepts.”

estrutura social, não sendo, desta forma, prescritivo. Não se ocupando com o que alguém deveria ou estaria justificado a acreditar, ou com as causas históricas e sociais do conhecimento, a epistemologia social se mostra como uma terceira vertente não abordada.

O deslocamento que Floridi (2002a) faz de tratar a epistemologia social como epistemologia do conhecimento social não afeta apenas a análise da fundação teórica do campo. Ao considerar a proposta de Shera radicada em uma teoria já consolidada, Floridi (2002a) dedica mais atenção à epistemologia do conhecimento social do que ao tratamento que Shera faz de sua própria teoria. Floridi (2002a) defende que, de acordo com Shera, a teoria da biblioteconomia e ciência da informação se direciona à “filosofia da filosofia do conhecimento” para se tornar uma parte aplicada da epistemologia do conhecimento social. Essa conclusão desconsidera a relação estabelecida por Shera para a biblioteconomia com a epistemologia social e com a epistemologia, sem abordar nessa relação a ciência da informação. Para Shera, a biblioteconomia trata da efetiva mediação da comunicação por meio de registros de conhecimento. A comunicação exercida por meio da linguagem não concretiza sua mediação somente no processo técnico de transmissão de sinais, mas também no seu enraizamento no contexto social amplo. A teoria do conhecimento feito social, portanto, não é base única da biblioteconomia, e essa variedade de teorias retira sua função de “epistemologia social aplicada”. A filosofia da biblioteconomia, portanto, não se encontra com uma única raiz na epistemologia social, mas estabelece com esta uma relação interdisciplinar.

A limitação, criada por Floridi (2002a), da biblioteconomia como “applied epistemology of social knowledge”, considerada pelo autor como grande em termos e objetivo e pequena em termos de escopo, baseada não apenas na redução da teoria de Shera de epistemologia social para epistemologia social como na redução da relação entre biblioteconomia e epistemologia social como fundação única é passível de contestação. Floridi (2002a) não apresenta argumentos suficientes para analisar sua consideração de que a epistemologia social não seja suficiente como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, uma vez que sua análise se direciona a avaliar se a sociologia do conhecimento ou a epistemologia do conhecimento social se encaixam como sua fundação teórica. A consideração, também, de que um desses campos seja a fundação teórica da biblioteconomia e

ciência da informação não apresenta embasamento na literatura do campo, inviabilizando a análise.

6.6 Interação entre os três campos

Floridi (2002a) indica haver uma relação intrínseca entre biblioteconomia e ciência da informação, como campo único, epistemologia social e filosofia da informação. Para explicar essa relação, Floridi (2002a) argumenta que a epistemologia social não é capaz de prover uma fundação para a biblioteconomia e ciência da informação. Floridi expõe o artigo como uma tentativa de explorar a localização e a distância entre biblioteconomia e ciência da informação, epistemologia social e filosofia da informação. Floridi (2002a) trata da motivação para seu artigo e a proposta que apresenta para a biblioteconomia e ciência da informação:

Quando Don Fallis gentilmente me convidou a contribuir com esse número especial da Social Epistemology, nós concordamos que seria interessante investigar o triângulo conceitual constituído pelos estudos teóricos em biblioteconomia e ciência da informação (BCI), epistemologia social (ES) e uma nova área de pesquisa filosófica que em outros contextos eu defini como a filosofia da informação (FI). Este artigo pode ser lido como uma exploração das forças internas regulando a localização e distância entre três pólos: BCI, ES e FI. A figura 1 sumariza a tese principal defendida nas páginas seguintes.

Deixe-me explicar. BCI está estritamente relacionada com a ES e a FI, mas na primeira seção eu tento mostrar que a ES não pode fornecer à BCI uma fundação satisfatória. Em termos de analogia familiar, BCI e ES são mais como irmãos e deveriam ser entendidas como compartilhando um progenitor comum, denominado FI.⁶⁷ (Floridi, 2002a, p. 37-38, tradução nossa).

Expondo as seções que serão apresentadas em seu artigo, Floridi (2002a) afirma existir uma relação de parentesco entre os campos, sendo mais adequado considerar a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social como

⁶⁷ "When Don Fallis kindly invited me to contribute to this special issue of Social Epistemology, we agreed that it would have been interesting to investigate the conceptual triangle constituted by theoretical studies in library and information science (LIS), social epistemology (SE) and a new area of philosophical research that in other contexts I have defined as the philosophy of information (PI). This paper can be read as an exploration of the internal forces regulating the location and distance between three poles: LIS, SE and PI. Figure 1 summarizes the main thesis defended in the following pages.

Let me explain it. LIS is strictly related to both SE and PI, but in the first section I try to show that SE cannot provide LIS with a satisfactory foundation. In terms of family resemblance, LIS and SE are more like siblings and should be understood as sharing a common parent, namely PI."

campos irmãos que têm como pai comum a filosofia da informação, o campo de estudo que se ocupa da natureza da informação, bem como sua dinâmica e seus problemas.

A relação sugerida entre biblioteconomia, ciência da informação, epistemologia social e filosofia da informação é aqui mencionada sem detalhes. Floridi (2002a) propõe uma aceitação da existência dessas relações como pressuposto para sua argumentação e, assim, poder afirmar que essa relação está colocada de forma incorreta no campo da biblioteconomia e ciência da informação. Em defesa da proposta do artigo, Floridi (2002a) afirma haver uma relação estreita entre biblioteconomia e ciência da informação, epistemologia social e filosofia da informação, em que o autor considera a epistemologia social como sendo a fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) assume que a posição da epistemologia social como base da biblioteconomia e ciência da informação se dá de forma consensual dentro do campo, para poder afirmar que essa relação entre fundação e disciplina não se dá de maneira satisfatória.

Floridi (2002a) argumenta, a seguir, que há, em divergência com a relação fundacional exposta anteriormente, uma relação proximal não exposta entre a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social, em que, nessa relação, a filosofia da informação seria a base fundacional comum aos dois campos. A biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social seriam, portanto, disciplinas equivalentes que se comunicam entre si diretamente ou através de um campo filosófico comum representado pela área da filosofia da informação, deixando em aberto na argumentação tanto a forma como os campos interagem entre si quanto a relação que estabelecem com a filosofia da informação. Floridi (2002a) trata as disciplinas citadas como “irmãs” que compartilham um “pai comum”, a filosofia da informação, em uma analogia dessas relações aberta à interpretação. A filosofia da informação então é apresentada como o campo que estuda a natureza conceitual da informação, sua dinâmica e problemas, deixando como essa apresentação suficiente para a relação fundacional tanto para a biblioteconomia e ciência da informação quanto para a epistemologia social.

Assim como em seu artigo de 2002, Floridi (2012) indica a existência de uma relação intrínseca entre a filosofia da informação, a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social, e que essa relação se dá de forma hierárquica,

tendo a filosofia da informação como campo filosófico fundacional da ciência da informação.

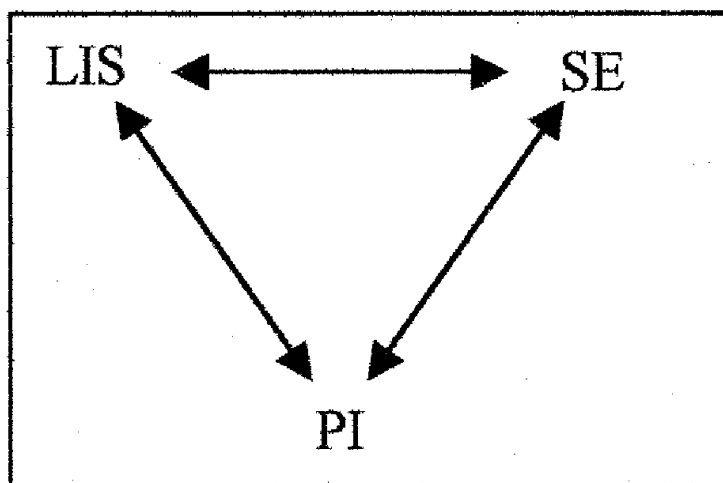
Em Floridi (2002) eu analisei as relações entre FI, CI e epistemologia social (ES). Naquele contexto, eu defendi que há uma relação natural entre filosofia e CI mas que a ES não pode fornecer uma fundação satisfatória para a CI. Em vez disso, a ES deveria ser vista como compartilhando um terreno comum com a CI, representado pelo estudo da informação, a ser investigado pela FI.⁶⁸ (Floridi, 2012, p. 259, tradução nossa).

Retornando à proposta de seu artigo de 2002 “On defining library and information science as applied philosophy of information”, em que analisa a relação entre filosofia da informação, biblioteconomia e ciência da informação e epistemologia social, Floridi (2012) reforça que no seu artigo argumenta para uma relação natural entre filosofia e biblioteconomia e ciência da informação, porém que a epistemologia social não poderia fornecer uma fundação para a ciência da informação, mas sim que ambas, ciência da informação e epistemologia social, compartilham uma fundação comum na filosofia da informação, representada pelo estudo da informação.

A proposta de relação entre biblioteconomia e ciência da informação, epistemologia social e filosofia da informação é apresentada por Floridi (2002a) por meio de uma figura que propõe ilustrar a forma como se estabelece o campo fundacional das disciplinas, reproduzida na figura 2.

⁶⁸ “In Floridi (2002) I analysed the relations between PI, IS and social epistemology (SE). In that context, I argued that there is a natural relation between philosophy and IS but that SE cannot provide a satisfactory foundation for IS. Rather, SE should be seen as sharing with IS a common ground, represented by the study of information, to be investigated by PI.”

Figura 2 – O triângulo fundacional



Fonte: (Floridi, 2002a, p. 38)

A figura exibe os três campos – biblioteconomia e ciência da informação (LIS), epistemologia social (SE) e filosofia da informação (PI) – em uma ligação triangular em que as setas saem de todos para todos, com a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social no topo, e com a filosofia da informação na base.

A disposição da figura do “Triângulo fundacional” sugere que os campos interagem entre si igualmente: da mesma forma que a filosofia da informação influencia na biblioteconomia e ciência da informação e na epistemologia social, os dois campos também influenciam na filosofia da informação, além de influenciarem entre si. Pode-se interpretar também, pela disposição, que, como defendido por Floridi (2002a), a filosofia da informação estaria na base dos outros dois campos, como um campo fundacional comum. O recorte do campo teria, então, a filosofia da informação interagindo como campo fundacional da biblioteconomia e ciência da informação e da epistemologia social, e estes seriam campos que intercambiam conhecimento de forma igualitária.

Floridi (2002a) defende que a biblioteconomia e ciência da informação pode estabelecer relações com abordagens voltadas para o social, mas que a base teórica da disciplina, bem como a base da epistemologia social, necessita ser voltada para a filosofia da informação.

A BCI pode ter muito a ganhar de uma variedade de abordagens socio-epistemológicas. Ambas ES e BCI, entretanto, parecem precisar de uma fundação mais básica e menos conceitualmente preenchida do que a filosofia do conhecimento em si. Ambas requerem uma *filosofia da informação* (FI) geral. A ES tem sido há algum tempo o campo filosófico no qual a BCI poderia se referir para suas necessidades teóricas, ainda assim esta deveria ser vista como uma segunda melhor opção. A proximidade entre BCI e ES é melhor entendida se explicada em termos de uma origem comum, como dois ramos da FI, ao invés de hierarquicamente.⁶⁹ (Floridi, 2002a, p. 41, tradução nossa).

Floridi (2002a) faz a afirmação de que a biblioteconomia e ciência da informação pode ter muito a ganhar com as abordagens socio-epistemológicas, porém que tanto a biblioteconomia e ciência da informação quanto a epistemologia social precisam de uma fundação mais básica e menos conceitualmente preenchida do que a filosofia do conhecimento. Para Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social requerem uma filosofia da informação geral. Floridi (2002a) defende que a epistemologia social, há algum tempo, vem sendo utilizada como campo filosófico no qual a biblioteconomia e ciência da informação procura respostas para suas teorias, mas que esse campo deveria ser visto como segunda opção. Para Floridi (2002a), portanto, a proximidade entre a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social é melhor entendida se tratadas como dois ramos subordinados à filosofia da informação, com esta sendo sua origem comum, ao invés de ver a biblioteconomia e ciência da informação subordinada à epistemologia social.

Floridi (2002a) apresenta sua tese principal – da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada – a partir de duas propostas: de que a biblioteconomia e ciência da informação, bem como a epistemologia social, necessitam de uma fundação mais básica do que a epistemologia; e de que ambas necessitam de uma fundação menos conceitualmente preenchida do que a epistemologia. Para ambos os entraves fundacionais, Floridi (2002a) sugere a filosofia da informação. Entretanto, Floridi (2002a) não dedica explicação para suas propostas.

⁶⁹ “LIS might have much to gain from a variety of socio-epistemological approaches. Both SE and LIS, however, seem in need of a more basic and conceptually less loaded foundation than the philosophy of knowledge itself. They both require a general *philosophy of information* (PI). SE has been for some time the philosophical field to which LIS could refer for its own theoretical needs, yet this should be seen as a second-best option. The closeness between LIS and SE is better understood if explained in terms of a common origin, as two branches of PI, rather than hierarchically.”

A primeira proposta de Floridi (2002a) não deixa claro o sentido que busca para uma “fundação mais básica”. Pode-se remeter esse sentido à tentativa de Floridi (2002a), em trechos anteriores, de colocar a biblioteconomia e ciência da informação como sendo “mais fundamental” do que a epistemologia, separando-a assim da epistemologia social. Entretanto, mesmo nesses trechos, Floridi (2002a) não deixa claro o sentido que busca para um campo “mais fundamental”. Floridi (2002a) argumenta a separação da biblioteconomia e ciência da informação da epistemologia, colocando-a separada do conhecimento, e, por conseguinte, do conhecimento social, pressupondo a informação algo mais básico e separado do conhecimento, que se torna apenas uma possibilidade.

Essa posição retorna a biblioteconomia e ciência da informação à centralidade das discussões que deram origem, inclusive, ao surgimento da proposta da epistemologia social de Shera: de que a informação que a biblioteconomia e ciência da informação se ocupa não possui relação social, que não é vista como produzida, administrada e utilizada socialmente, e que, de certa forma, é isenta, uma vez que atua de forma mais básica. Isso não significa que a biblioteconomia e ciência da informação, como proposta, seja a-social, uma vez que Floridi (2002a) sugere que ainda haja certa abertura para abordagens socio-epistemológicas. Mas, uma vez fundada em um campo “mais básico”, mais “fundamental”, essas preocupações são dispensáveis.

A segunda proposta não apresenta embasamento na argumentação, uma vez que a afirmação não foi apresentada em nenhum momento do texto de Floridi (2002a), como também não constitui uma justificativa para a tese. A proposta da necessidade de uma fundação para a biblioteconomia e ciência da informação que seja “menos preenchida” do que a epistemologia não apenas minimiza a atuação da epistemologia como um campo “muito cheio” para se estabelecer relações interdisciplinares ou fundacionais, como despreza as relações interdisciplinares que a própria biblioteconomia e ciência da informação estabelece e estabeleceu ao longo de sua história. A ciência da informação, para autores como Borko (1968) e Saracevic (1996), e a biblioteconomia e ciência da informação, para Hjørland (2000), para citar alguns exemplos, possuem interdisciplinaridade com diversos campos, como a linguística, a ciência da computação, a comunicação, a sociologia, a antropologia. Estes campos possuem uma grande diversidade de correntes e teorias que podem agregar muito nos estudos teóricos e práticos da biblioteconomia e

ciência da informação. Essa grande diversidade é uma das características da potencialidade da biblioteconomia e ciência da informação (Saracevic, 1996). Sugerir que um campo, por ser demasiado “populoso”, não se encaixa nos estudos da biblioteconomia e ciência da informação indiretamente pode invalidar qualquer relação já estabelecida pela biblioteconomia e ciência da informação com outros campos.

A segunda proposta carrega ainda uma segunda faceta: assumir que, por a filosofia da informação ser um campo menos preenchido, ela serve como fundação e proporciona espaço para a biblioteconomia e ciência da informação. Essa conclusão carrega dois enganos. De um lado, assume-se que não haja tanta divergência de teoria dentro da filosofia da informação e que, por isso, o campo serve de base sólida para a construção da biblioteconomia e ciência da informação dentro dele. Entretanto, a filosofia da informação de Floridi não é a única ou hegemônica linha dentro da filosofia da informação. Cabe-se, aqui, fazer uma diferenciação conceitual quanto à “filosofia da informação” em nenhum momento abordada por Floridi (2002a). Primeiramente, há a proposta de campo filosófico estabelecido por Floridi denominado “filosofia da informação”. Se Floridi estiver correto em sua proposta, a “filosofia da informação” é um campo de estudos autônomo dentro da filosofia, como a epistemologia e a fenomenologia, que investiga a informação e considera o aspecto informacional dos fenômenos e entes, como uma espécie de “informatologia”.

Segundo, uma abstração dos estudos produzidos nas ciências e nas filosofias que, mesmo filiados a um campo próprio, podem ser considerados como um grupo que interpreta o objeto a partir também de um aspecto informacional, podendo ser visto, interior a ele, “uma filosofia da informação”. Pode-se utilizar como exemplo dessa forma de “filosofia da informação” a proposta de Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2011) de afirmar que pode-se falar de filosofia da informação em anos anteriores ao surgimento do campo, em Platão, Descartes, Nietzsche ou Popper. E terceiro, a própria filosofia de Floridi, sua filosofia da informação que não apenas é inserida no campo e tratando do tema, mas que se difere de outras filosofias da informação por se constituir como teoria própria do autor, com seus fenômenos, conceitos e relações.

É válido enfatizar aqui que uma preocupação excessiva com os aspectos metateóricos da FI pode levar a perder o fato importante de que é perfeitamente legítimo falar de FI mesmo em autores que viveram séculos antes da revolução informacional, e por isso será extremamente frutífero desenvolver uma abordagem histórica e traçar a evolução diacrônica da FI, contanto que a estrutura técnica e conceitual das CIC [ciências da informação e comunicação] não sejam aplicadas anacronicamente, mas são usadas para fornecer o método conceitual e a perspectiva privilegiada para avaliar por completo as reflexões que foram desenvolvidas sobre a natureza, dinâmicas e utilização da informação antes da revolução digital (considere, por exemplo, *Fedro* de Platão, *Meditações* de Descartes, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* de Nietzsche, ou a concepção de mundo três de Popper).⁷⁰ (Floridi, 2002a, p. 44, tradução nossa, interpolação nossa).

É válido enfatizar aqui que uma preocupação excessiva com os aspectos metateóricos da FI pode levar alguém a perder o fato importante de que é perfeitamente legítimo falar de FI mesmo em autores que viveram séculos antes da revolução informacional. Por isso será extremamente frutífero desenvolver uma abordagem histórica e traçar a evolução diacrônica da FI, contanto que a estrutura técnica e conceitual das CIC [ciências da informação e computacional] não sejam aplicadas anacronicamente, mas são usadas para fornecer o método conceitual e a perspectiva privilegiada para avaliar por completo as reflexões que foram desenvolvidas sobre a natureza, dinâmicas e utilização da informação antes da revolução digital (considere, por exemplo, *Fedro* de Platão, *Meditações* de Descartes, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* de Nietzsche, ou a concepção de mundo três de Popper).⁷¹ (Floridi, 2002b, p. 138-139, tradução nossa, interpolação nossa).

É válido enfatizar aqui que uma preocupação excessiva com os problemas contemporâneos pode levar alguém a perder o fato importante de que é perfeitamente legítimo falar de filosofia da informação mesmo em autores que viveram séculos antes da revolução informacional, e por isso será extremamente frutífero desenvolver uma abordagem histórica e traçar a evolução diacrônica da FI, contanto que a estrutura técnica e conceitual das CIC [ciências da informação e da computação] não sejam aplicadas anacronicamente, mas são usadas para fornecer o método conceitual e a perspectiva privilegiada para avaliar por completo as reflexões que foram desenvolvidas sobre a natureza, dinâmicas e utilização da informação antes

⁷⁰ "It is worth stressing here that an excessive concern with the metatheoretical aspects of PI may lead to miss the important fact that it is perfectly legitimate to speak of PI even in authors who lived centuries before the information revolution, and hence that it will be extremely fruitful to develop a historical approach and trace PI's diachronic evolution, as long as the technical and conceptual frameworks of ICS [information and communication sciences] are not anachronistically applied, but are used to provide the conceptual method and privileged perspective to evaluate in full reflections that were developed on the nature, dynamics and utilization of information before the digital revolution (consider for example Plato's *Phaedrus*, Descartes' *Meditations*, Nietzsche's *On the Use and Disadvantage of History of Life*, or Popper's conception of a third world)."

⁷¹ "It is worth stressing here that an excessive concern with the metatheoretical aspects of PI may lead one to miss the important fact that it is perfectly legitimate to speak of PI even in authors who lived centuries before the information revolution. Hence it will be extremely fruitful to develop a historical approach and trace PI's diachronic evolution, so long as the technical and conceptual frameworks of ICS [information and computational sciences] are not anachronistically applied but are used to provide the conceptual method and privileged perspective to evaluate in full the reflections that were developed on the nature, dynamics, and utilisation of information before the digital revolution (consider, for example, Plato's *Phaedrus*, Descartes's *Meditations*, Nietzsche's *On the Use and Disadvantage of History of Life*, and Popper's conception of a third world)."

da revolução digital.⁷² (Floridi, 2008, p. 115, tradução nossa, interpolação nossa)

É válido enfatizar aqui que uma preocupação excessiva com os aspectos metateóricos da FI pode obscurecer o fato importante de que é perfeitamente legítimo falar de FI mesmo em autores que viveram séculos antes da revolução informacional. Será frutífero desenvolver uma abordagem histórica e traçar a evolução diacrônica da FI, contanto que a estrutura técnica e conceitual das CIC [ciências da informação e computacional] não sejam aplicadas anacronicamente, mas são usadas para fornecer o método conceitual e a perspectiva privilegiada para avaliar por completo as reflexões que foram desenvolvidas sobre a natureza, dinâmicas e utilização da informação antes da revolução digital.⁷³ (Floridi, 2011, p. 15, tradução nossa, interpolação nossa).

Ao falar de uma “filosofia da informação geral”, Floridi (2002a) busca afirmar a inserção da biblioteconomia e ciência da informação no *campo* da filosofia da informação. Entretanto, essa inserção não acontece de forma unilateral. A presença de uma disciplina em um campo ocorre pela comunidade de pesquisadores identificando teorias, problemas e soluções de sua disciplina dentro do corpo teórico do campo ao longo do tempo, com o campo respondendo suas indagações – ou seja, de pesquisadores do campo se interessando pela teoria, problemas e soluções apresentados por e para os pesquisadores da disciplina.

A partir da consideração sobre a presença de uma disciplina em um campo, pode-se retornar ao segundo engano da conclusão proposta por Floridi (2002a): a existência de um espaço em um campo não justifica a inserção de uma disciplina neste espaço pois, diferente de haver investigação e interesse dos dois lados para essa integração, essa inserção seria forçada. Se o campo não apresenta respostas para as indagações concretas dos pesquisadores; se as pesquisas deste campo não mostram interesse, ou demonstram desconhecimento pelos estudos desenvolvidos na disciplina; se a distância entre a teoria fundamental e a aplicação prática for

⁷² “It is worth stressing here that an excessive concern with contemporary issues may lead one to miss the important fact that it is perfectly legitimate to speak of a philosophy of information even in authors who lived before the information revolution, and hence that it will be extremely fruitful to develop a historical approach and trace PI's diachronic evolution, as long as the technical and conceptual frameworks of ICS [information and computer sciences] are not anachronistically applied, but are used to provide the conceptual method and privileged perspective to evaluate in full reflections that were developed on the nature, dynamics and utilisation of information before the digital revolution.”

⁷³ “It is worth stressing here that an excessive concern with the metatheoretical aspects of PI may obscure the important fact that it is perfectly legitimate to speak of PI even in authors who lived centuries before the information revolution. It will be fruitful to develop a historical approach and trace PI's diachronic evolution, as long as the technical and conceptual frameworks of ICS [information and computational sciences] are not anachronistically applied, but are used to provide the conceptual method and privileged perspective to evaluate in full reflections that were developed on the nature, dynamics, and utilization of information before the digital revolution.”

intransponível; então, ainda que no discurso faça sentido, não há razão para a inserção. A ciência é uma prática construída pelos pesquisadores que a praticam, e não meramente uma construção lógica. Advogar em defesa da inserção de uma disciplina em um campo requer mais que conclusão; requer investigar as relações práticas dos pesquisadores e das pesquisas.

É possível ampliar a afirmação de Floridi (2002a) a favor da necessidade de uma “filosofia da informação geral” para a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social para o ramo da filosofia da informação, a necessidade de estudos que considerem o aspecto informacional dos fenômenos. Essa informação vai de encontro com a tese de Floridi (2002a) de inserção da biblioteconomia e ciência da informação no campo da filosofia da informação, mas possui certa validade. Essa consideração não possui completa validade porque assumir que a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social não considerem o aspecto informacional dos fenômenos incute em erro. A consideração desse aspecto é o cerne fundamental da biblioteconomia e ciência da informação que, sem ele, não teria um objeto de pesquisa. E, por ter essa consideração, afirmar que o estudo dentro da biblioteconomia e ciência da informação pressupõe a consideração de uma filosofia, implícita ou explícita, que considere o aspecto informacional do objeto que se propõe investigar é uma conclusão impossível de escapar.

Floridi (2002a) faz a defesa da filosofia da informação como fundamento da biblioteconomia e ciência da informação a partir de uma abordagem incompleta sobre os atuais fundamentos da referida disciplina. Ao afirmar que a epistemologia social tem sido utilizada como base filosófica da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) ignora não apenas a relação estabelecida entre os dois campos, como todo o corpo teórico que serve de base para a biblioteconomia e ciência da informação. Longe de ser o único campo que serve de base para a fundamentação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, a teoria levada adiante por Shera de epistemologia social, proposta originalmente por Egan e Shera, é uma das muitas teorias adotadas pelos pesquisadores da biblioteconomia e ciência da informação para sua fundamentação. como exemplo dessa divergência de considerações sobre essa fundação teórica, Zwadlo (1997), no artigo citado por Floridi (2002a), cita a consideração do positivismo como base da biblioteconomia e ciência da informação, a existência de propostas de adoção de outras fundações teóricas, e até mesmo a sua consideração de que a base teórica do campo não é

definida e única. Além das teorias importadas, há também o movimento de interdisciplinaridade teórica para a construção da fundação da biblioteconomia e ciência da informação, como foi sugerido como prática por Pierce (1992). As relações fundamentais de interdisciplinaridade, estabelecidas dentro da biblioteconomia e ciência da informação, se constituem por um intercâmbio ou adoção de teorias desenvolvidas por outros campos e utilizadas na formação de uma fundamentação própria do campo. Assim, o desafio proposto pela biblioteconomia e ciência da informação não é a adoção irrestrita de teorias como base fundacional do campo, mas integrar as teorias desenvolvidas em outros campos à sua própria teoria, de forma a estudar melhor seu objeto. Desta forma, não se considera ter uma melhor opção que abarque todos os aspectos estudados para a biblioteconomia e ciência da informação, mas procura-se criar um corpo teórico próprio, com o auxílio de diversas teorias, para o estudo do seu objeto.

Floridi (2002a) propõe, finalmente, que a biblioteconomia e ciência da informação, ao invés de ser considerada subordinada à epistemologia social como sua parte aplicada, seja considerada, junto com a epistemologia social, subordinada à filosofia da informação como sua parte aplicada. A proposta para uma “origem” para a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social enraizada na filosofia da informação ignora não apenas a relação existente entre as duas disciplinas, mas também sua origem histórica. A epistemologia social surgiu de uma proposta de Margareth Egan e Jesse Shera no artigo “Foundations of a theory of bibliography”. O objetivo era criar uma base teórica para a comunicação gráfica que desse conta do estudo do desenvolvimento da criação, circulação e uso dos registros gráficos como forma materializada do conhecimento humano por uma perspectiva social. A proposta, levada adiante por Shera, se desenvolveu para ser considerado um campo próprio em sua teoria e integrado à biblioteconomia. A biblioteconomia e ciência da informação, por sua vez, surge da prática de organização dos registros gráficos do conhecimento humano pela biblioteconomia, no século XVI, desenvolve-se a partir da revolução científica no século XVIII como biblioteconomia e bibliografia, no início do século XX com a documentação e a biblioteconomia especializada, ramifica-se em ciência da informação em meados do século XX com a explosão informacional, os estudos de recuperação da informação e a revolução tecnológica. A filosofia da informação, surgindo após esses eventos,

aparece como proposta por Floridi no final da década de 1990 e estruturada em 2002 (Floridi, 2010).

A origem proposta por Floridi (2002a) não é apresentada, portanto, de forma histórica ou epistemológica, mas retórica. A biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social, como ramo da filosofia da informação, são subsumidos à esta por sua vinculação teórica, que passa a ser pertencente à filosofia da informação. O que se sucede à proposta é mais um encaixe do que um desenvolvimento: A biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social concedem seu desenvolvimento à filosofia da informação, tornando-se parte desta, sem a necessidade que haja uma integração prévia de teorias e aproximação dos estudos desenvolvidos por ambos os campos. A concessão de espaço e a incongruência teórica são utilizadas como argumentos para essa junção, que tem como proposta a filosofia da informação hierarquicamente superior aos dois campos.

6.7 Substituição da fundação teórica

Floridi aborda o tratamento da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada em diversos de seus artigos.

Na terceira seção, eu junto os dois fios e, seguindo Harold (2001), procuro mostrar que a BCI deveria ser entendida como FI aplicada.⁷⁴ (Floridi, 2002a, p. 38, tradução nossa).

Em seu artigo de 2002, Floridi (2002a) propõe abordar a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, acompanhando a proposta do artigo de Herold sobre biblioteconomia e filosofia da informação, de 2001, citando-o como apoio a seu argumento central.

Segundo, um bom teste para um candidato 'fundacional' é verificar se este está apto a aprender com sua contraparte aplicada. Eu argumento que a FI passa neste teste. O desenvolvimento da BCI como FI aplicada pode contribuir frutuosamente e substancialmente para o crescimento da pesquisa básica teórica da própria FI. A BCI não precisa adquirir uma fundação filosófica pronta, ela pode desempenhar um papel chave em moldar uma.⁷⁵ (Floridi, 2002a, p. 38, tradução nossa).

⁷⁴ "In the third section, I put together the two strands and, following Harold (2001), I try to show that LIS should be understood as applied PI."

⁷⁵ "Second, a good test for a 'foundational' candidate is to check whether it is able to learn from its applied counterpart. I argue that PI passes this test. The development of LIS as applied PI can

Floridi (2002a) propõe tratar nas conclusões de seu artigo, além da sugestão de uma crise dentro da biblioteconomia e ciência da informação, a sugestão baseada na afirmação de que a filosofia da informação execute o papel de equivalência como fundação da biblioteconomia e ciência da informação por estar habilitada a aprender com sua “equivalente aplicada”. Para Floridi (2002a), o desenvolvimento da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada pode contribuir para o crescimento de pesquisas teóricas da filosofia da informação. Como defesa a esse argumento, Floridi (2002a) afirma que a biblioteconomia e ciência da informação não necessita adquirir uma teoria pronta, mas formar uma fundação filosófica própria.

A sugestão proposta por Floridi (2002a) se baseia na afirmação de que a filosofia da informação, como contraparte filosófica da biblioteconomia e ciência da informação, pode ser considerada apta a atuar como candidata “fundacional” de sua contraparte aplicada. Floridi (2002a) sugere haver um teste para avaliar se um campo candidato pode aprender por sua parte aplicada, e que a filosofia da informação é capaz de passar nesse teste, aprendendo com a biblioteconomia e ciência da informação, e que, assim, o desenvolvimento da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia aplicada pode contribuir com o crescimento da própria filosofia da informação.

O segundo argumento para a filosofia da informação como candidata fundacional para a biblioteconomia e ciência da informação é que esta não precisa importar uma filosofia pronta, mas pode ter uma atuação chave no processo de dar forma à filosofia da informação. A afirmação de que a filosofia da informação pode aprender com a biblioteconomia e ciência da informação parece correta. Uma vez que os dois campos compartilham conceitos, como informação, conhecimento, sentido, etc., a utilização de estudos da biblioteconomia e ciência da informação na filosofia da informação pode vir a agregar no campo, porém cabe investigação que avalie se a presença desses estudos de aprendizado se faz correta para atestar a validade da proposta de Floridi (2002a).

fruitfully and substantially contribute to the growth of basic theoretical research in PI itself. LIS does not need to acquire some ready-made philosophical foundation, it can play a key role in shaping one.”

Cabe ressaltar também que, na ausência desses estudos, concluir a partir do argumento proposto por Floridi (2002a) que a filosofia da informação seja o campo fundacional da biblioteconomia e ciência da informação pode incorrer em erro. A biblioteconomia e ciência da informação compartilha conceitos não apenas com a filosofia da informação, que veio surgir posteriormente à formação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, mas também com outros campos, como a sociologia, a antropologia, a ciência da computação, a documentação, para citar alguns.

Desconsiderar este contexto em favor de apenas um campo é desconsiderar o desenvolvimento histórico da biblioteconomia e ciência da informação e seu corpo de experiência. O último argumento é exposto na forma de convite para que a biblioteconomia e ciência da informação construa em conjunto a base teórica da filosofia da informação, não apenas como campo autônomo, mas como uma filosofia da informação que seja sua base fundacional e se desenvolva em seus moldes, sem que seja necessário adquirir uma filosofia pronta. O argumento desconsidera, no entanto, que a adoção da filosofia da informação como fundação filosófica para a biblioteconomia e ciência da informação, diferente da construção de uma base própria, é a adoção de uma base “pré-fabricada”, como criticado pelo autor, dado que a filosofia da informação já possui seu desenvolvimento.

Floridi (2012) retorna a sua consideração abordada em artigo anterior, “On defining library and information science as applied philosophy of information” de 2002, em que defende a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada.

Em Floridi (2002) eu analisei as relações entre FI, CI e epistemologia social (ES). Naquele contexto, eu defendi que há uma relação natural entre filosofia e CI mas que a ES não pode fornecer uma fundação satisfatória para a CI. Em vez disso, a ES deveria ser vista como compartilhando um terreno comum com a CI, representado pelo estudo da informação, a ser investigado pela FI. Naquele contexto, eu descrevi a natureza da FI como a área filosófica que estuda a natureza conceitual da informação, suas dinâmicas e problemas, e então defini a CI como uma forma de FI aplicada. A hipótese suportada era que a FI deveria substituir a ES como a disciplina

filosófica que melhor pode fornecer a fundação conceitual para a CI.⁷⁶ (Floridi, 2012, p. 259, tradução nossa).

No artigo, Floridi (2002a) analisa a relação entre filosofia da informação, biblioteconomia e ciência da informação e epistemologia social. Floridi (2012) ressalta que anteriormente argumenta para uma relação natural entre filosofia e biblioteconomia e ciência da informação, porém que a epistemologia social não poderia fornecer uma fundação para a ciência da informação, mas sim que ambas, ciência da informação e epistemologia social, compartilham uma fundação comum na filosofia da informação, representada pelo estudo da informação. Revisitando sua definição de filosofia da informação como área filosófica que estuda a natureza conceitual da informação, Floridi (2012) retorna a sua consideração de ciência da informação como filosofia da informação aplicada. Para Floridi (2012), a epistemologia social deveria ser substituída pela filosofia da informação como disciplina filosófica que fornece fundação conceitual para a ciência da informação.

Floridi (2012) reafirma sua posição de que, como a ciência da informação estuda a informação, ela se encontra no território da filosofia da informação, que estuda a natureza da informação, sua dinâmica e problemas, e que assim a ciência da informação é definida como filosofia da informação aplicada. O escopo do estudo comum à ciência da informação e a epistemologia social é tido por Floridi (2012) como o estudo da informação, apresentado de forma geral. Para Floridi (2012), o terreno comum do estudo da informação é investigado pela filosofia da informação e, por isso, ela é a base fundacional das duas disciplinas.

Como visto, a definição de Floridi (2012) da ciência da informação como filosofia da informação aplicada é suportada pela hipótese de que a filosofia da informação deveria substituir a epistemologia social como fundação teórica da ciência da informação. A hipótese suportada traz consigo a consideração de que a ciência da informação, tratada por Floridi como todo o campo da biblioteconomia e ciência da informação, tem como fundação conceitual de sua teoria e prática a epistemologia social. Essa consideração não reflete o desenvolvimento das teorias,

⁷⁶ "In Floridi (2002) I analysed the relations between PI, IS and social epistemology (SE). In that context, I argued that there is a natural relation between philosophy and IS but that SE cannot provide a satisfactory foundation for IS. Rather, SE should be seen as sharing with IS a common ground, represented by the study of information, to be investigated by PI. In that context, I outlined the nature of PI as the philosophical area that studies the conceptual nature of information, its dynamics and problems, and then defined IS as a form of applied PI. The hypothesis supported was that PI should replace SE as the philosophical discipline that can best provide the conceptual foundation for IS."

correntes e perspectivas da ciência da informação, como apresentado na seção 2 desta dissertação, englobando as abordagens físicas da informação, como transmissão de sinais de um emissor para um receptor, as abordagens cognitivistas da informação, como componente de modificação da estrutura de conhecimento, ou as abordagens socializadas da informação, que leva em consideração o contexto social da dinâmica da informação e dos sujeitos que interagem com ela. A última visão citada mais se aproxima da concepção de epistemologia social de Shera, porém é uma aproximação demasiado generalizada para considerá-la como fundação conceitual da ciência da informação.

Em seu artigo de 2002, Floridi (2002a) aborda a epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação e defende que esta não se encaixa como proposta para uma fundação teórica. Floridi (2002a) aborda seu conceito de filosofia da informação e defende que a biblioteconomia e ciência da informação deveria ser vista como filosofia da informação aplicada.

Agora que temos uma ideia clara do que é FI, podemos combinar as análises desenvolvidas nas duas seções anteriores e concentrar nas vantagens de definir a BCI como FI aplicada.

A FI apresenta-se também como uma filosofia da BCI. Isto significa que a BCI pode ser interpretada como FI aplicada e esta pode substituir completamente a ES como fundação teórica da BCI.⁷⁷ (Floridi, 2002a, p. 46, tradução nossa).

Floridi (2002a) inicia a defesa de sua tese da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, combinando as análises feitas nas duas seções anteriores do artigo. Para Floridi (2002a), a filosofia da informação também se apresenta como filosofia da biblioteconomia e ciência da informação, interpretando a biblioteconomia e ciência da informação como aplicação da filosofia da informação, que substitui a epistemologia social como fundação teórica.

Na perspectiva de Floridi (2002a), a condição de disciplina aplicada pressupõe a inserção desta no campo no qual se aplica. Essa perspectiva se observa não apenas na consideração da teoria da biblioteconomia e ciência da informação residir em um espaço da filosofia, mas na sua consideração anteriormente citada de refutar a biblioteconomia e ciência da informação como

⁷⁷ "Now that we have a clearer idea of what PI is, we can combine the analyses developed in the previous two sections and concentrate on the advantages of defining LIS as applied PI. PI presents itself also as a philosophy of LIS. This means that LIS could be interpreted as applied PI and the latter could replace SE entirely as LIS' theoretical foundation."

epistemologia social aplicada. A partir dessa consideração, Floridi (2002a) busca “retirar” a biblioteconomia e ciência da informação de sua fundação teórica atual e mudá-la para a filosofia da informação. A consideração de Floridi (2002a) da biblioteconomia e ciência da informação como epistemologia social aplicada e da subordinação da primeira dentro da última são, dentro de sua argumentação, dois pontos importantes para a consideração da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada.

A proposta de reposição da epistemologia social pela filosofia da informação na fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação parte, primeiramente, da afirmação de Floridi (2002a) de que a filosofia da informação se apresenta também como uma filosofia da biblioteconomia e ciência da informação. Porém, conforme apresenta Floridi (2002a) em sua explicação sobre um campo filosófico, desta vez uma metateoria (investigando os problemas que surgem dos sistemas organizados de conhecimento), a filosofia da informação não apresenta um corpo de pesquisa suficientemente difundido para que leve-se a considerá-la como filosofia da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) expõe que um campo filosófico se desenvolve apenas se:

- está apto a se apropriar de uma interpretação explícita, clara e precisa da questão clássica “o que é x?”, apresentando-se assim como uma específica ‘filosofia de’;
- a interpretação apropriada se torna um atrativo no qual as investigações no novo campo podem convergir utilmente;
- o atrator prova ser suficiente para resistir a forças centrífugas que podem tentar reduzir o novo campo para outros campos de pesquisas já bem estabelecidos; e
- o novo campo é suficientemente rico para ser organizado em subcampos claros e, assim, permitir especialização.⁷⁸ (Floridi, 2002a, p. 42, tradução nossa).

A partir de suas condições e sua teoria, pode-se inferir que:

a) a filosofia da informação não é capaz de fornecer uma explícita, clara e precisa definição da questão “o que é biblioteconomia e ciência da informação?”, tanto como campo conjunto quanto tratando das disciplinas como autônomas, não

⁷⁸ “• it is able to appropriate an explicit, clear and precise interpretation of the classic “what is x?” question, thus presenting itself as a specific ‘philosophy of’;
 • the appropriated interpretation becomes an attractor towards which investigations in the new field can usefully converge;
 • the attractor proves sufficiently to withstand centrifugal forces that may attempt to reduce the new field to other fields of research already well-established; and
 • the new field is rich enough to be organized in clear sub-fields and hence allow for specialization.”

estabelecendo de forma clara e precisa os limites entre a biblioteconomia e a ciência da informação, quais seus pontos em comum, seu escopo, objeto e abordagens, sem que, para isso, acabe por desconsiderar a própria literatura do campo;

b) a filosofia da informação não possui investigadores dentro do campo convergindo suas pesquisas em direção a essa pergunta;

c) não possuindo uma definição atrativa para a questão “o que é biblioteconomia e ciência da informação?”, a filosofia da informação, apresentando-se como uma “filosofia da biblioteconomia e ciência da informação”, não consegue evitar a dispersão da pesquisa sobre a natureza da biblioteconomia e da ciência da informação para outros campos, como por exemplo para a filosofia da biblioteconomia ou a epistemologia da ciência da informação, que buscam responder ao questionamento proposto.

A filosofia da informação, na tentativa de substituir a parte de fundamentação teórica que a epistemologia social executa, não se propõe a responder os questionamentos levantados por Shera (1972) para a filosofia da biblioteconomia. Nessa perspectiva, a filosofia da informação encontra um limite ao se apresentar como candidato a substituto para a filosofia da biblioteconomia e ciência da informação. Além disso, pela diversidade teórica presente na base da biblioteconomia e ciência da informação, a filosofia da informação não possui amplitude suficiente para substituir todas as disciplinas que fornecem fundamentação teórica ao campo.

Defendendo a filosofia da informação como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) propõe uma reflexão como teste para averiguar se a biblioteconomia e ciência da informação pode ser vista como filosofia da informação aplicada, apresentando sua análise de quatro variáveis:

A FI é uma alternativa viável à ES como fundação da BCI? Para ver se de fato é, vamos revisar as quatro variáveis de abordagem, nível, objeto e escopo de pesquisa e objetivo:

- assim como a FI, a BCI aceita a abordagem pós-cartesiana representada pelo quadro dinâmico da inteligência distribuída e interações de multi-agentes;
- assim como a FI, a BCI não é puramente metateórica mas possui um nível de investigação fenomenologicamente enviesado e um escopo holístico e enciclopédico. Não há uma teoria, ciência ou outro corpo de conhecimento específico ou único estudado pela BCI (se houvesse, isto iria simplesmente negar óbvia posição enciclopédica da BCI). Estamos então concluindo que a BCI é uma ciência puramente *fenomenológica*, no sentido visto acima? Claro que não. A BCI possui uma intrínseca vocação para olhar para seus objetos por um nível de segunda ordem. O fato de que a

BCI compartilha com a FI uma tensão entre as duas perspectivas, e não deveria meramente ser reduzida a uma ou a outra;

- o objeto de pesquisa da BCI é a informação não no sentido forte, técnico de dados bem-formados, significantes e verdadeiros (Floridi, a publicar), mas no sentido fraco e mais específico de dados registrados ou *documentos*. Archibald MacLeish, citado por Gorman (2000, p. 18), fala brilhantemente da 'asserção implícita da biblioteca da imanência do significado'. A BCI não cobre todo o terreno da FI, mas está preocupada mais especificamente com o ciclo de vida dos documentos;
- uma vez baseada na FI, a BCI pode ser normativa sobre o que pode contar como seus objetos e como esses objetos deveriam ser manipulados, sem correr o risco de ser epistemologicamente prescritiva.⁷⁹ (Floridi, 2002a, p. 46, tradução nossa).

Floridi (2002a) propõe uma reflexão em quatro pontos para a consideração da filosofia da informação como fundação para a biblioteconomia e ciência da informação, nas variáveis de abordagem, nível, objeto e escopo de pesquisa e de objetivo.

Na variável de abordagem, Floridi (2002a) argumenta que a filosofia da informação e a biblioteconomia e ciência da informação adotam a abordagem pós-cartesiana representada pela inteligência distribuída e interação de multi-agentes.

Na variável de nível, Floridi (2002a) argumenta que a filosofia da informação e a biblioteconomia e ciência da informação são metateóricas e fenomenologicamente enviesadas em sua investigação, além de possuírem um escopo enciclopédico. Para Floridi (2002a), não há nenhuma teoria, ciência ou qualquer corpo de conhecimento único ou específico estudado pela biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) defende que a biblioteconomia e ciência da informação é uma ciência fenomenológica, mas também possui uma vocação de

⁷⁹ "Is PI a viable alternative to SE as a foundation of LIS? To see that it is, let us review the four variables of approach, level, object and scope of research and goal:

- like PI, LIS accepts the post-Cartesian approach represented by the dynamic frame of distributed intelligence and multi-agents' interactions;
- like PI, LIS is not purely metatheoretical but has a phenomenologically-biased level of investigation and a holistic and encyclopaedic scope. There is no specific or unique theory, science or other body of knowledge studied by LIS (if there were, this would simply deny the obvious encyclopaedic stance of LIS). Are we then to conclude that LIS is a purely *phenomenological* science, in the sense seen above? Of course not. LIS does have an intrinsic vocation to look at its objects from a second-order level. The fact is that LIS shares with PI a tension between the two perspectives, and should not be merely reduced to one or the other;
- LIS' object of research is information not in the strong, technical sense of well-formed, meaningful and truthful data (Floridi, forthcoming), but in the weaker and more specific sense of recorded data or *documents*. Archibald MacLeish, cited by Gorman (2000, p. 18), speaks brilliantly of 'the library's implicit assertion of the immanence of meaning'. LIS does not cover all PI's ground, but is concerned more specifically with documents' life cycles;
- once it is based on PI, LIS can be normative about what should count as its objects and how its objects should be handled, without running the risk of being epistemologically prescriptive."

olhar seu objeto como fenômeno de segunda ordem, compartilhando com a filosofia da informação uma tensão entre as duas perspectivas (fenomenológica e metateórica).

Quanto à variável do objeto, Floridi (2002a) afirma que a biblioteconomia e ciência da informação estuda a informação não no sentido que define como forte e técnico de dado bem-formado, significativo e verdadeiro, mas no sentido mais fraco e específico de documento ou dado registrado. Assim, para Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação não cobre todo o campo da filosofia da informação, mas se preocupa especificamente com o ciclo de vida dos documentos. Floridi (2002a) reforça seu argumento com uma citação de Archibald MacLeish em que o autor trata de uma asserção implícita da biblioteconomia de considerar o significado como imanente. Para Floridi (2002a), uma vez que esteja baseada na filosofia da informação, a biblioteconomia e ciência da informação pode ser normativa no que considera como seu objeto e em como ele pode ser manejado sem se tornar epistemologicamente prescritiva.

Floridi (2002a) parte da conclusão de sua tese, da filosofia da informação como fundação da biblioteconomia e ciência da informação, para apresentar seus argumentos em quatro variáveis: abordagem, nível e escopo, objeto de pesquisa e o que define como objetivo. Floridi (2002a) busca traçar paralelos entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia da informação. Para Floridi (2002a), a semelhança entre os dois campos apenas não ocorre quanto ao objeto de pesquisa, tendo a biblioteconomia e ciência da informação um objeto inscrito no campo da filosofia da informação, mas não cobrindo todo seu território.

Floridi (2002a) adota uma posição dúbia quanto a relação da abordagem pós-cartesiana e a biblioteconomia e ciência da informação – a inteligência individual dinâmica e as interações epistêmicas ou doxásticas de multi-agentes. Em sua seção sobre a epistemologia social enquanto fundação da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi (2002a) cita essa característica como presente na epistemologia do conhecimento social enquanto apresenta os motivos que o leva a considerar essa teoria como insuficiente, ao passo que utiliza a mesma característica, presente agora na filosofia da informação, para a aproximar da biblioteconomia e ciência da informação. Tendo, assim, os três campos essa característica em comum, ou seja, a adoção de uma abordagem que considera a inteligência individual algo dinâmico, passível de mudança e não perfeito em si, e a possibilidade de múltiplos agentes em

interação com o conhecimento, juízos e crenças, deve-se atentar ao fato de que essa característica comum não está presente apenas nestes campos. Dada essa multiplicidade de alternativas que se encaixam nessa abordagem, o argumento da filosofia da informação como campo hierárquico da biblioteconomia e ciência da informação pode perder força.

Floridi (2002a) afirma em sequência que a biblioteconomia e ciência da informação possui um nível de investigação metateórico e de inclinação fenomenológica. No nível de investigação, a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia da informação possuem semelhanças. A biblioteconomia e ciência da informação possui um viés fenomenológico por investigar a informação como fenômeno proveniente dos documentos. Ao mesmo tempo, possui um viés metateórico ao se apoiar nos estudos produzidos em outros campos, criando um conjunto com essas teorias, que utiliza para investigar seu objeto. Não apenas no estudo do objeto, a biblioteconomia e ciência da informação também apresenta um viés metateórico, segundo a definição de Floridi (2002a, 2002b, 2008, 2009, 2011), ao investigar os problemas que surgem de seu próprio sistema organizado de conhecimento. Este é o caso, por exemplo, da filosofia da biblioteconomia. A filosofia da biblioteconomia não possui força para se tornar um campo autônomo, mas se apresenta como ramo da biblioteconomia que investiga os pressupostos e teorias do campo e da prática biblioteconômica.

Floridi (2002a) defende que, assim como a filosofia da informação, a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo holístico e enciclopédico, sem concentrar seus estudos em uma teoria, ciência ou outro corpo de conhecimento. É possível retirar da afirmação duas interpretações. A primeira, considera que a biblioteconomia e ciência da informação não possui um corpo específico de conhecimento constituinte de seus estudos e objetivamente sem limitação, como sugerido na seção de seu artigo que trata das semelhanças entre filosofia e biblioteconomia e ciência da informação. Sua proposição, de que a biblioteconomia e ciência da informação possui um escopo enciclopédico, visto a partir de sua prática como disciplina, sugere que todos os estudos poderiam dela fazer parte pois, caso contrário, negaria-se a posição enciclopédica afirmada. A essa interpretação se contrapõe o fato de a biblioteconomia e ciência da informação ser um campo de estudos que desenvolve pesquisas sobre seu objeto e sua epistemologia. O desenvolvimento dessas pesquisas constitui seu corpo teórico e

traça as limitações do seu corpo de estudos, sendo possível criticá-lo, transformá-lo e estender seu escopo de campo ou disciplina científica. A existência da incorporação de múltiplas teorias e ciências dentro do campo da biblioteconomia e ciência da informação não justifica o enciclopedismo holístico e irrestrito, pois a aplicação destes se dá a partir da delimitação de sua aplicação no entendimento do objeto de estudos da biblioteconomia e ciência da informação ou na melhor compreensão de seus problemas.

A segunda interpretação que se pode apreender da segunda variável apresentada considera o escopo da biblioteconomia e ciência da informação toda forma de registro do conhecimento, ciência ou teoria como objeto de estudo sem focar em seu conteúdo e, assim, tornando o escopo holístico e enciclopédico. Essa consideração, porém, se refere mais ao objeto de estudo do que à disciplina da biblioteconomia e ciência da informação. Seu escopo, portanto, não é holístico, mas direcionado à informação presente em documentos, sistemas e organizações, sem restrição ao escopo do objeto. Neste sentido, a biblioteconomia e ciência da informação compartilha parcial semelhança com a filosofia da informação, pois ambas possuem um escopo enciclopédico, no sentido de não restringir o conteúdo de seu objeto, porém a filosofia da informação, como campo de investigação, também possui o escopo holístico de estudar toda e qualquer manifestação do fenômeno da informação.

Em sua argumentação sobre o objeto de pesquisa, Floridi (2002a) divide o sentido de informação em forte-fraco e em técnico-específico. Essa descrição visa gerar uma noção de amplo-restrito para o sentido do conceito de informação, mas não deixa claro o que pretende com o sentido de “técnico” para o conceito, em contraposição ao sentido de “específico”. Para Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação considera como “informação” apenas o sentido restrito de dado registrado em documento, desconsiderando o significado contido na informação por uma “asserção implícita da imanência do significado”, em oposição ao sentido amplo de informação como dado verdadeiro, significante e bem formado, sentido defendido por Floridi em outro artigo citado. Apesar de não haver um consenso no campo da biblioteconomia e ciência da informação para o conceito de informação, a descrição que parte de Floridi (2002a) de informação como dados registrados, a desconsideração do significado da informação e a adoção do objeto de pesquisa da disciplina sendo o ciclo de vida dos documentos é redutora do

campo da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) utiliza, como exemplo da definição de documento na ciência da informação, um artigo de Michael Buckland, “What is a ‘document’?”. Neste artigo, Buckland (1997) cita a importância da definição de documento para os estudos envolvendo sistemas de informação, por lidarem com a forma física da informação. A forma física da informação, entretanto, não é a única propriedade da informação relevante para a ciência da informação.

Buckland (1991), em um artigo publicado anteriormente, tratou do que considerava ser os três usos do conceito de informação para a ciência da informação. Em sua interpretação, a ciência da informação lida com documentos na forma de informação-corno-coisa, mas sua intenção é informar (informação-corno-processo) e gerar conhecimento (informação-corno-conhecimento) por meio desse manejo (Buckland, 1991). Cabe ressaltar que a proposta de Buckland (1991) aqui citada é apenas uma das muitas propostas para o conceito de informação. O objeto da ciência da informação é debatido em diversos textos da literatura, e a construção do conceito de informação é amplo e não se encerra em uma única proposta. Assim como muitos autores trabalham o conceito, há também literatura que trata dos conceitos correlatos à informação para o campo, entre eles o conceito de documento.

A biblioteconomia e ciência da informação não se preocupa, portanto, unicamente com o objeto limitado do ciclo de vida dos documentos. Floridi (2002a), ao reduzir o objeto de pesquisa do campo ao ciclo de vida dos documentos, ainda que implícita e não intencionalmente retira a capacidade da biblioteconomia e ciência da informação de investigar a própria epistemologia, os conceitos utilizados e seus sentidos, o fluxo de influência dos pesquisadores, entre outros conhecimentos internos da ciência. Essa perspectiva redutora do objeto em sentido “fraco” não leva em consideração os ramos da ciência da informação que vão além do ciclo de vida dos documentos, mas que também abarcam seu conteúdo, como a organização do conhecimento, as pessoas em interação com a informação, como o estudo e a educação de usuários, a estrutura do documento e do conhecimento, como os estudos linguísticos do documento e da informação, ou a estrutura do sistema organizado de conhecimento que é a ciência. Todos os ramos e sentidos de estudo consideram a informação como algo além da simplificação de “dados registrados”,

considerando o sentido “uma conclusão na mente, uma leitura, uma interpretação.”⁸⁰ (MacLeish, 1972, p. 361, tradução nossa).

Cabe, também, inserir junto às perspectivas de informação dentro do campo as práticas de campos historicamente presentes no estudo da informação científica, como os estudos de sistemas de informação, a documentação e a informatika russa. Esses estudos não consideravam a informação encerrada nos documentos, mas buscavam criar sistemas onde a informação poderia ser localizada, estudar o ciclo de vida da informação descolada de seu documento, em comunicações científicas, comunicações informais, congressos e colégios invisíveis, para citar alguns enfoques de estudo. A informação, descolada do seu registro, circula e é replicada, tendo seu sentido mais importante que seu registro.

Floridi (2002a) condiciona o pertencimento da biblioteconomia e ciência da informação no campo da filosofia da informação para que seja capaz de normalizar o que a disciplina pode considerar seu objeto e como ele pode ser manejado, sem que, nessa prática, acabe sendo prescritiva no que pode ser considerado conhecimento. Esse condicionamento visa justificar a proposta de Floridi (2002a) da retirada da posição da biblioteconomia e ciência da informação como epistemologia do conhecimento social aplicada para se tornar filosofia da informação aplicada, apresentada em seção anterior em seu artigo. A proposição de Floridi (2002a) parte de uma consideração inicial que não existe, pois a biblioteconomia e ciência da informação, ou mesmo apenas a biblioteconomia, não se apresenta como epistemologia do conhecimento social aplicada ou mesmo como epistemologia social aplicada. A relação interdisciplinar entre a biblioteconomia e ciência da informação e a epistemologia social, por não serem um campo único, permite que ambas possuam características próprias divergentes de abordagem, escopo ou objeto de pesquisa. Essa proposição da normatividade da biblioteconomia e ciência da informação sobre seus objetos também deve considerar as implicações da argumentação de Floridi (2002a) em tratar uma disciplina aplicada subsumida inteiramente ao campo no qual pertence e as características do campo da biblioteconomia e ciência da informação. Desta forma, mesmo não estando baseada na filosofia da informação, a biblioteconomia e ciência da informação não se propõe a estabelecer o que pode ou não ser considerado como conhecimento.

⁸⁰ “a conclusion in the mind, a reading, an interpretation.”

Retirando-se a proposta de substituição da epistemologia social pela filosofia da informação e considerando apenas a argumentação isolada, a proposição de Floridi (2002a) se apresenta como uma proposta para a inserção da biblioteconomia e ciência da informação no campo da filosofia da informação para que, assim, ela possa ser normativa quanto ao seu objeto sem ser epistemologicamente prescritiva. Floridi (2002a), no entanto, não apresenta um argumento que impossibilite que a biblioteconomia e ciência da informação execute essa função dentro de seu próprio campo. A alternativa para isso seria negar a possibilidade da biblioteconomia e ciência da informação de desenvolver estudos filosóficos que pensassem seu campo e seu objeto. Por possuir um nível de investigação metateórico, que na definição de Floridi (2002a) se caracteriza por uma investigação dos problemas que surgem de um sistema organizado de conhecimento, como é a ciência, a biblioteconomia e ciência da informação pode, com o auxílio de diversas teorias, investigar o próprio campo, ser normativa quanto ao seu objeto e, caso seja adequado, escapar do risco de ser epistemologicamente prescritiva, sem que, para isso, seja necessário ocupar um espaço na filosofia da informação.

A apresentação de Floridi (2002a) para consolidar a proposta de fundação da biblioteconomia e ciência da informação na filosofia da informação parte de uma visão incompleta do campo da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi (2002a) considera a biblioteconomia e ciência da informação um campo indefinido e aberto, ao mesmo tempo que adota um objeto restrito. Para Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação limita seu conceito de informação apenas ao documento, e por isso concentra-se no seu manejo, sem considerar o seu conteúdo e limitando seu uso ao acesso. Por se concentrar no manejo, a biblioteconomia e ciência da informação, na visão de Floridi (2002a), aceitaria qualquer ciência, teoria ou conhecimento, pois seu campo se constitui apenas de sua prática aplicada. Tendo seu corpo teórico inadequadamente composto pela epistemologia social, afirma Floridi (2002a), a biblioteconomia e ciência da informação necessitaria da filosofia da informação para regular os aspectos teóricos de sua prática.

Floridi (2002a) prossegue sua defesa da filosofia da informação como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação com uma proposta de que a disciplina contribua com o desenvolvimento do campo da filosofia da informação.

Na medida em que a FI satisfaz o papel de uma fundação teórica da BCI, ela fornece um entendimento sistemático dos conceitos básicos relacionados com a biblioteconomia e ciência da informação, estudando a natureza, valores e objetivos das práticas na biblioteconomia. A filosofia da biblioteconomia tem procurado muitas vezes por alguma fonte externa de suporte teórico, fora do seu escopo real. Ao contribuir com o desenvolvimento da FI, a BCI pode continuar a tarefa de desenvolver sua própria fundação teórica a partir de dentro. Este é um bom sinal de que podemos finalmente ter adotado a abordagem correta.⁸¹ (Floridi, 2002a, p. 47-48, tradução nossa).

Floridi (2002a) argumenta que, a medida em que a filosofia da informação é tida como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, ela pode prover o entendimento sistemático sobre os conceitos básicos da disciplina estudando a natureza, valores e objetivos da prática em biblioteconomia. Floridi (2002a) afirma que a filosofia da biblioteconomia procurou por alguma fonte externa do seu escopo um suporte teórico, e que, ao contribuir com o desenvolvimento da filosofia da informação, a biblioteconomia e ciência da informação pode continuar a desenvolver sua própria fundação teórica, sendo um sinal de que se encontrou a abordagem correta para solucionar o problema de identidade da biblioteconomia e ciência da informação.

A proposta de Floridi (2002a) para que a biblioteconomia e ciência da informação contribua com a filosofia da informação sugere que a disciplina possa, de dentro da filosofia, construir sua própria fundação teórica. Porém, partindo de sua definição do campo como disciplina aplicada da filosofia da informação, a tarefa de desenvolver a fundação teórica seria desempenhada pela filosofia da informação. A contribuição da biblioteconomia e ciência da informação, na perspectiva de Floridi (2002a), para o desenvolvimento da filosofia da informação se apresenta pela condução de pesquisas empíricas das teorias propostas pela filosofia da informação, ao oferecer o suporte teórico. A proposta de Floridi (2002a) leva a concluir que a biblioteconomia e ciência da informação não deveria procurar uma filosofia externa que dê suporte para a construção de sua fundação teórica, mas sim adentrar em um campo filosófico para “construir” seu espaço, à medida que executa suas pesquisas

⁸¹ “Insofar as PI satisfies the role of a theoretical foundation of LIS, it provides a systematic understanding of the basic concepts related to library and information science, by studying the nature, value and goals of practices in librarianship. The philosophy of librarianship has often been looking for some external source of theoretical support, outside its real scope. By contributing to the development of PI, LIS can carry on the task of developing its own theoretical foundation from within. This is a good sign that we might finally have taken the right approach.”

aplicadas. Em contrapartida, a filosofia da informação, o campo filosófico sugerido para ser aquele que desenvolve as pesquisas básicas para a biblioteconomia e ciência da informação, investigaria seus pressupostos, valores e natureza.

Em artigo posterior, Floridi (2012) retorna a suas conclusões de que a filosofia da informação cumpre o papel de fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação.

Em uma contribuição posterior (Floridi 2004b), eu defendo a sugestão que, como FI aplicada, a CI pode frutuosamente contribuir com o crescimento de pesquisa teórica básica em FI e fornecer sua própria fundação.⁸² (Floridi, 2012, p. 259, tradução nossa).

Floridi (2012) retoma ao seu artigo “LIS as applied philosophy of information: a reappraisal”, de 2004, para reforçar sua defesa da ciência da informação como filosofia da informação aplicada e que, com esta proposição, a ciência da informação poderia contribuir com o crescimento da pesquisa teórica da filosofia da informação e construir sua própria fundação.

Apesar de não apresentar a proposta de contribuição da ciência da informação na construção da base teórica da filosofia da informação e da sua própria fundação, Floridi (2012) defende a mesma proposta em outros textos (Floridi, 2002a, 2004a). A proposta da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada é argumentada em seu artigo de 2002 e reforçada no artigo de 2004.

Esse reforço (Floridi, 2004a), reiterado em seu artigo de 2012, apresenta a conclusão como solução evidente e única para o problema proposto de estabelecer uma fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação.

Então eu não vejo porque a BCI não pode ser fornecida com uma abordagem igualmente teórica, capaz de abordar questões que o praticante usual e o especialista considerariam muito abstrato para merecer atenção em práticas diárias (observe que estou falando sobre camadas, não pessoas; alguém pode vestir diferentes chapéus em diferentes contextos; este não é o problema aqui). Ao final, eu concordo que a FI deve buscar explicar uma ampla gama de fenômenos e práticas. Eu acrescentaria que este é precisamente o desafio à frente. O escopo da FI abrange toda uma variedade de práticas, precisamente porque o objetivo da FI é fundacionalista.⁸³ (Floridi, 2004a, p. 659, tradução nossa).

⁸² “In a later contribution (Floridi 2004b), I defended the suggestion that, as applied PI, IS can fruitfully contribute to the growth of basic theoretical research in PI itself and provide its own foundation.”

⁸³ “So I do not see why LIS cannot be provided with an equally theoretical approach, capable of addressing issues that the ordinary practitioner and the expert would deem too abstract to deserve

Então parece-me que a CI poderia ser fornecida com uma abordagem igualmente teórica, capaz de abordar questões que o praticante usual e o especialista considerariam muito abstrato para merecer atenção em práticas diárias (observe que estou falando sobre camadas, não pessoas; alguém pode vestir diferentes chapéus em diferentes contextos; este não é o problema aqui). Ao final, eu concordo que a FI deve buscar explicar uma ampla gama de fenômenos e práticas. Eu acrescentaria que este é precisamente porque o objetivo da FI é fundacionalista.⁸⁴ (Floridi, 2012, p. 260, tradução nossa).

Floridi (2004a, 2012) defende o posicionamento de que não há motivos para que não haja uma abordagem teórica para a biblioteconomia e ciência da informação, capaz de abordar problemas que o profissional e o especialista considerariam abstrata demais para receber atenção na prática diária.

Floridi (2004a, 2012) argumenta em favor de considerar a filosofia da informação como base teórica da biblioteconomia e ciência da informação capaz de abordar conceitos e problemas que atendam à prática profissional de informação e as investigações especializadas. Em sua defesa, Floridi (2004a, 2012) aponta a necessidade que a teoria da biblioteconomia e ciência da informação abarque os dois tipos de prática profissional, do especialista e trabalhador comum, sendo a filosofia da informação a opção que se apresenta para que a teoria caminhe neste sentido. A proposta de Floridi (2004a, 2012), colocada corretamente de que a biblioteconomia e ciência da informação deve ter uma abordagem teórica que proponha problemas que não são concretos e específicos das práticas diárias, sugere não haver desenvolvimento neste sentido presente dentro dos estudos da disciplina. Floridi (2004a, 2012) considera ser a filosofia da informação a solução para a ausência de uma abordagem teórica abstrata na biblioteconomia e ciência da informação, tendo a disciplina como ramo aplicado que se ocupa das soluções práticas no cotidiano e o ensino para formar profissionais que atuarão nestas práticas.

attention in everyday practices (mind that I'm talking about layers not people; one can wear different hats in different contexts; this is not the issue here). In the end, I agree that PI should seek to explain a very wide range of phenomena and practices. I would add that this is precisely the challenge ahead. The scope of PI spans a whole variety of practices, precisely because the aim of PI is foundationalist."

⁸⁴ "So it seems to me that IS could be provided with an equally theoretical approach, capable of addressing issues that the ordinary practitioner and the expert would deem too abstract to deserve attention in everyday practices (mind that I am talking about layers, not people; one can wear different hats in different contexts; this is not the issue here). In the end, I agree that PI should seek to explain a very wide range of phenomena and practices. I would add that this is precisely because the aim of PI is foundationalist."

6.8 Panorama das considerações abordadas por Floridi

Entre as principais afirmações de Floridi sobre a biblioteconomia e a ciência da informação pode-se destacar que:

- a) A biblioteconomia e a ciência da informação não são disciplinas separadas, mas sinônimos, constituindo uma disciplina única, referida como "biblioteconomia e ciência da informação" (library and information science – LIS), e formando um conjunto com as ciências da comunicação e da computação;
- b) A biblioteconomia e ciência da informação apresenta uma crise de identidade, causada por uma falta de fundação teórica adequada, e que é solucionada pelo surgimento da filosofia da informação;
- c) A biblioteconomia e ciência da informação, na tentativa de solucionar sua crise de identidade, buscou encaixar diversas teorias de outras disciplinas em sua fundação teórica, sendo a principal a epistemologia da informação, levando a considerar a biblioteconomia e ciência da informação uma "epistemologia do conhecimento social aplicada", mas essa posição não é adequada;
- d) A biblioteconomia e ciência da informação é melhor entendida como filosofia da informação aplicada, em que a filosofia da informação atua como base fundacional para aquela;
- e) Os métodos e técnicas da biblioteconomia e ciência da informação, na sua consideração, foram base para o surgimento da filosofia da informação;
- f) Sendo a biblioteconomia e ciência da informação uma filosofia da informação aplicada, a filosofia da informação é responsável por avaliar e moldar as bases conceituais, teóricas e metodológicas da biblioteconomia e ciência da informação e influenciar nas escolhas dos pesquisadores, atuando como uma "filosofia da biblioteconomia e ciência da informação";
- g) A biblioteconomia e ciência da informação possui escopo enciclopédico e holístico, não estudando nenhuma teoria, ciência ou corpo de conhecimento específico;
- h) A biblioteconomia e ciência da informação não lida com conhecimento, mas com o conteúdo; em outras palavras, ela não normatiza o que pode ser

considerado como verdadeiro e justificável, mas gerencia o que possui valor semântico;

- i) A biblioteconomia e ciência da informação tem como objeto o estudo aplicado dos dados registrados em documentos, seus ciclos de vida, processo, técnicas e dispositivos nos quais são implementados, administrados e regulados;
- j) A biblioteconomia e ciência da informação, tendo a filosofia da informação como base, aplica seus princípios fundamentais e técnicas gerais para resolver problemas práticos e lidar com fenômenos específicos e concretos, ao passo que também conduz pesquisas empíricas para serviços práticos.

A relação entre os temas tratados nas categorias e as afirmações apresentadas por Floridi foi organizada no quadro abaixo:

Quadro 6 – Síntese das categorias tratadas por Floridi

Temas	Descrição	Conteúdo	Categorias	Exemplos
Natureza epistemológica e identidade	Trada do conceito de biblioteconomia e ciência da informação, da sua fundação teórica, a crise de identidade e da tentativa de sua resolução.	Itens a, b, c, d, g, j	Definição de biblioteconomia e ciência da informação, Relações entre filosofia da informação e biblioteconomia e ciência da informação, Relações interdisciplinares, A filosofia da informação como fundação teórica, Crítica da epistemologia social como fundação teórica, Interação entre os três campos, Substituição da fundação teórica	“A BCI vem debatendo sua fundação teórica e sua posição acadêmica pelo menos desde os anos de 1930, quando a Chicago Graduate Library School começou.” (Floridi, 2002a, p. 47, tradução nossa).
Fundação teórica	Trata da construção da fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação e da proposta de substituição pela filosofia da informação.	Itens b, c, d, f, g, j	Relações interdisciplinares, A filosofia da informação como fundação teórica, Interação entre os três campos, Substituição da fundação teórica	“Ambas ES e BCI, entretanto, parecem precisar de uma fundação mais básica e menos conceitualmente preenchida do que a filosofia do conhecimento em si. Ambas requerem uma filosofia da informação (FI) geral. A ES tem sido há algum tempo o campo filosófico no qual a BCI poderia se

				referir para suas necessidades teóricas, ainda assim esta deveria ser vista como uma segunda melhor opção. A proximidade entre BCI e ES é melhor entendida se explicada em termos de uma origem comum, como dois ramos da FI, ao invés de hierarquicamente.” (Floridi, 2002a, p. 41, tradução nossa).
Objeto e prática de pesquisa	Trata da orientação de pesquisa dentro da biblioteconomia e ciência da informação	Itens c, e, f, g, h, i, j	Definição de biblioteconomia e ciência da informação, Relações entre filosofia da informação e biblioteconomia e ciência da informação, Relações interdisciplinares, Substituição da fundação teórica	“o objeto de pesquisa da BCI é a informação não no sentido forte, técnico de dados bem-formados, significantes e verdadeiros (Floridi, a publicar), mas no sentido fraco e mais específico de dados registrados ou documentos. [...] A BCI não cobre todo o terreno da FI, mas está preocupada mais especificamente com o ciclo de vida dos documentos;” (Floridi, 2002a, p. 46, tradução nossa).

Fonte: elaborado pelo autor

Floridi define a biblioteconomia e a ciência da informação como uma disciplina, a "biblioteconomia e ciência da informação", confusa com sua posição acadêmica, sua fundamentação teórica, seu objeto de estudo e com sua prática. A disciplina, em sua consideração, adota teorias externas com pouco ou nenhum critério a fim de preencher a lacuna existente em sua consideração de seus fundamentos, atravessando décadas sem conseguir responder suas perguntas básicas. Floridi considera ter encontrado a solução para essa crise de identidade acadêmica, teórica e prática com um campo filosófico capaz de tutorar a investigação básica da disciplina, resolvendo sua crise ao mesmo tempo em que recebe de volta a investigação empírica para suas teorias.

Floridi, no entanto, revela dedicar pouca atenção à essa disciplina que considera como ramo do campo que defende. Tanto em extensão de trabalho, com pouco desenvolvimento de sua proposta de base fundacional para a biblioteconomia e ciência da informação, quanto de profundidade teórica, como o próprio exemplo de consideração da biblioteconomia e da ciência da informação como uma única disciplina, Floridi demonstra fazer uma apologia com repertório pouco embasado para sua defesa. Suas críticas quanto à natureza epistemológica da biblioteconomia e da ciência da informação, incorporando-as não apenas em uma disciplina única, como unindo-as também à ciência da comunicação e à ciência da computação, utiliza-se de argumentos sobre uma crise de identidade relativa a uma base fundacional para fazer uma proposta que reformula não apenas sua natureza conceitual como seus objetos, considerando-a uma disciplina aplicada da filosofia da informação voltada aos objetos materiais veiculadores de informação, os documentos. A natureza epistemológica da biblioteconomia e da ciência da informação aborda pouco da consideração que o campo faz de si, da sua herança teórica, sua prática científica e da conceituação de seus objetos. A consideração de sua natureza pragmática, voltada à prática da administração de documentos, desconsidera a filosofia da biblioteconomia, que a considera não apenas seu lado prático de gestão de ambientes informacionais, as bibliotecas, como das premissas que envolvem sua prática como ciência social e os aspectos teóricos que envolvem seu domínio, e desconsidera o desenvolvimento da ciência da informação como disciplina com componente prático, voltada ao desenvolvimento de sistemas de informação, e com componente teórico, que investiga a natureza da informação em ambiente social e dos seus mecanismos. Essa redução das duas disciplinas a uma disciplina conjunta desconsidera, também, suas transformações, as correntes de pensamento que se desenvolveram em sua história, as considerações conceituais e o estado da arte, progresso e presente.

A dedicação de Floridi dada a sua consideração de biblioteconomia e ciência da informação, quanto à fundação teórica, também apresenta pouco desenvolvimento. Sua proposta de fundação teórica na filosofia da informação apresenta pouco desenvolvimento. Sua crítica direcionada à epistemologia social de Shera como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação não apenas apresenta o problema citado de consideração das disciplinas como única, estendendo a consideração de Shera da epistemologia social como relacionada à

biblioteconomia para a ciência da informação, como se direciona a aspectos não relacionados com a teoria proposta por Egan e Shera e continuada por este último para a disciplina de epistemologia social, concentrando-se na sociologia do conhecimento e na epistemologia do conhecimento social. Além de seu primeiro artigo, Floridi não desenvolve a relação entre a filosofia da informação e a biblioteconomia e ciência da informação em direção a respostas dos questionamentos propostos para o campo com base em sua consideração da natureza, objeto e práticas propostos para a disciplina. A definição de biblioteconomia e ciência da informação, tratada apenas em seu artigo de 2002, não responde como a filosofia da informação pode contribuir efetivamente aos problemas particulares da disciplina, ou como o desenvolvimento de pesquisas em biblioteconomia e ciência da informação contribuem com a filosofia da informação. O resultado termina por ser uma fundação teórica desconectada de sua contraparte aplicada por não apresentar desenvolvimento em direção à integração de problemas e respostas, de pesquisas e filosofia da prática. A proposta de resolução de uma crise não apresenta meios para a sua efetivação e se resume a uma redução do campo para se tornar parte de outro, e que é abandonado por não ter adesão.

A profundidade quanto ao objeto e à prática da biblioteconomia e da ciência da informação, como consequência dos dois pontos apresentados anteriormente, deixa lacunas que inviabilizam a consideração da proposta de campo de Floridi. A distância entre a consideração de conhecimento posta por Floridi embasada na epistemologia clássica e revolucionária e a consideração de conhecimento para a biblioteconomia e para a ciência da informação não é abordada, e a extensão do conceito de documento, que chega até mesmo a uma disciplina nomeada em seu favor e que não recebe menção, torna destoante tratar dos mesmos termos em contextos diferentes, a consideração de Floridi e a consideração do campo da biblioteconomia e da ciência da informação. A consideração de Floridi para o objeto da biblioteconomia e ciência da informação, os dados registrados, e sua prática de gerenciamento do ciclo de vida desse objeto muda o foco do sujeito que se relaciona com a informação para a manutenção técnica dos dados, aparenta resolver uma crise de identidade mas retorna às discussões em parte superadas do aspecto apenas técnico e pragmático do trabalho biblioteconômico. A ausência dessas discussões nos trabalhos de Floridi, ao invés de superá-las, resgata-as apenas com

novas características, a equivalência total da biblioteconomia com a ciência da informação, em uma única disciplina, e sua subordinação à filosofia da informação.

Em síntese, a proposta de Floridi aparenta ser uma reformulação total do campo de estudo da informação, incorporando biblioteconomia, ciência da informação, ciência da comunicação e ciência da computação. Apesar de ser uma reformulação, Floridi não apresenta pontos necessários para o estabelecimento de uma disciplina, autônoma em si e dependente da filosofia da informação conforme sua proposta, e parece deixar para outros pesquisadores a tarefa de estabelecer os pontos essenciais de sua própria proposta. A abordagem da literatura da biblioteconomia e da ciência da informação carece substância, dado o aporte teórico já construído pelas disciplinas, que pode ser justificado com o pertencimento da disciplina de "biblioteconomia e ciência da informação" à literatura de filosofia da informação, mas que não se sustenta caso se questione essa premissa. Para a confirmação de sua teoria, um trabalho extenso de comparação da literatura produzida e de suas considerações deveria ser feito em direcionamento a uma proposta de "biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada", demonstrando os pontos de convergência e divergência do estado atual da dita disciplina. Floridi, no entanto, não prossegue esses estudos, deixando sua "filosofia da biblioteconomia e ciência da informação" sem amparo teórico para seu estabelecimento. A biblioteconomia e a ciência da informação têm muito a ganhar com a construção de uma filosofia que trate de sua natureza, objetos e práticas de forma a auxiliar os pesquisadores que se incorporem ao campo, mas somente se essa construção não se imponha ao desconsiderar sua herança teórica, sua prática atual e sua projeção social. A reformulação de seus conceitos pode acontecer se a pesquisa estiver disposta a demonstrar como conceitos antigos não se encaixam em seu uso e a empenhar esforços para reconstruí-los em conjunto com a epistemologia dos campos que utilizam esses conceitos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do levantamento das citações sobre biblioteconomia e ciência da informação presentes nas obras de Luciano Floridi, pretendeu-se refletir sobre as definições encontradas tendo como base a teoria da ciência da informação, sua conceituação de estudos dentro da sua literatura.

Esta pesquisa apresentou dificuldades quanto à seleção dos materiais, apresentando quatro resultados repetidos e 18 resultados indexados erroneamente. Dos trabalhos encontrados de Luciano Floridi, quatro resultados não foram acessados: o artigo "Selling NHS patient data", de Jessica Morley, Nicola Hamilton e Luciano Floridi, publicado em 2024 na BJM, os capítulos "The philosophy of information: ten years later" de Luciano Floridi, publicado no livro "Putting information first: Luciano Floridi and the philosophy of information", de 2011, e "Applied philosophy of AI as conceptual design", publicado no livro "A companion to applied philosophy of AI", de 2025 e o artigo "Intelligenza artificiale: il divorzio tra azione e intelligenza", de Luciano Floridi, publicado em 2021 na AUT AUT como tradução de um texto de Floridi, mas que não aparece equivalente nos resultados levantados na base de dados.

Outro desafio para o tratamento de dados se apresenta quanto ao conteúdo dos trabalhos de Floridi. Foi necessário apresentar trechos com repetições literais, pois o autor não apenas reproduz seus trechos integralmente em contextos diferentes, como faz pequenas alterações. Um exemplo é o tratamento que faz para as ICS, em que apresenta como "information and communication sciences", "information and computation sciences" e "information and computational sciences". Como são apresentados contextos diferentes, não fica claro se o autor deseja reforçar um argumento apresentado anteriormente ou modificar a interpretação de seu trecho. Buscou-se, desta forma, analisar dentro do contexto do texto apresentado e do conjunto de obras. Os textos também são reproduzidos na íntegra, seja por particionamento de textos anteriores, conjunção de textos em uma monografia ou republicação de artigos como capítulos de livros.

A seleção feita sobre a produção filosófica de Floridi resultou no extrato de 29 textos de sua autoria que citam "biblioteconomia" e "ciência da informação". Destas obras, Floridi dedica atenção às disciplinas especialmente em seis textos (Floridi, 2002a, 2002b, 2004a, 2008, 2011, 2012), onde ele desenvolve sua proposta

de considerá-las como parte da filosofia da informação. O projeto por ele adotado inicia-se em 2002, e apresenta pouco desenvolvimento ao longo das publicações posteriores.

Pode-se criar, ao analisar a literatura, duas diferenças entre as disciplinas no tratamento de Floridi sobre o tema. Primeiro, pode-se notar a inclusão da ciência da informação em um conjunto chamado “ciências da informação e comunicação/computação”, que engloba a ciência da informação em um grupo de disciplinas que contém a ciência da computação e/ou a ciência da comunicação. Em seu artigo sobre a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, Floridi (2002a) adota o termo “ciência da informação e comunicação”, enquanto em demais textos, sobre filosofia da informação, o autor adota o termo “ciência da informação e computação”. A segunda diferença de tratamento das disciplinas é o tratamento da biblioteconomia e da ciência da informação como uma disciplina comum, a “biblioteconomia e ciência da informação” (no inglês, LIS). Conclui-se, acerca desse tratamento, que há na proposta de Floridi a consideração de equivalência entre os termos “biblioteconomia”, “ciência da informação” e “biblioteconomia e ciência da informação” como sinônimos, representando a mesma disciplina.

A participação da ciência da informação no conjunto das “ciências da informação e comunicação/computação” é abordada por Floridi principalmente nas obras em que trata sobre a constituição da filosofia da informação, em que aborda a presença dessa disciplina na constituição do seu surgimento. Na perspectiva de Floridi, a filosofia da informação parte do ponto de vantagem do uso dos métodos e teorias das ciências da informação e comunicação/computação, que servem de base para a sua construção e, em seguida, passam a fazer parte da filosofia da informação, que assume a responsabilidade por investigar seus pressupostos, teorias e desenvolvimento ao se colocar como “filosofia das ciências da informação e da comunicação/computação”. A ciência da informação, empregada em um conjunto, se associa às tecnologias de informação e comunicação (TIC), dentro de um espaço de desenvolvimento tecnológico e da era da informação ou sociedade da informação, e é tida como um dos antecedentes da filosofia da informação que, a partir do amadurecimento das considerações acerca da informação nesse espaço social de desenvolvimento, passa a integrar esse campo que une o filosófico e o científico em torno desse fenômeno de primeira ordem que é a informação e dos

fenômenos de segunda ordem que são os problemas que surgem dos sistemas organizados de conhecimento.

O tratamento dado a essa disciplina conjunta não é especificado, mas, por estarem reunidos sob a mesma filosofia da informação, que se concentra na investigação da informação, pode-se inferir que partilham do mesmo objeto dessa ciência, mas que adotam perspectivas, metodologias e teorias diferentes para estudá-lo. A computação, tratada por Floridi em outros trabalhos, recebe certa atenção, porém a ciência da informação, apesar de mencionada em vários textos, recebe atenção apenas em conjunto com a biblioteconomia, no segundo tratamento encontrado em sua produção.

O tratamento da ciência da informação e da biblioteconomia nas obras de Floridi é tomado como a "biblioteconomia e ciência da informação", e esse tratamento está presente nos trabalhos em que o autor mais dedica atenção à disciplina. O termo aparece frequentemente associado com a argumentação de sua relação com a epistemologia social e com a filosofia da informação. A argumentação central de Floridi sobre a disciplina se concentra na consideração de que a epistemologia social não se apresenta como boa fundação teórica para a biblioteconomia e ciência da informação, que a filosofia da informação se apresenta como melhor fundação teórica para a biblioteconomia e ciência da informação, e que a biblioteconomia e ciência da informação deveria ser vista como uma filosofia da informação aplicada. Os artigos que tratam sobre o tema se concentram na apresentação da defesa desses argumentos (Floridi, 2002a) e no reforço desta posição defendida (Floridi, 2004a, 2012). Floridi parte da consideração da alternativa da epistemologia social como fundação da biblioteconomia e ciência da informação, elaborando uma crítica a epistemologia social de Shera e defendendo a filosofia da informação como uma fundação teórica melhor para a biblioteconomia e ciência da informação a favor de considerá-la como filosofia da informação aplicada.

A epistemologia social, como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, é apresentada como insuficiente para a função proposta por Floridi. A proposta de Shera de relação entre as disciplinas não é analisada por Floridi, e o autor analisa a epistemologia social a partir da sociologia do conhecimento e da epistemologia do conhecimento social, direcionando suas considerações a partir delas. Floridi critica a proposição da sociologia do conhecimento, da epistemologia do conhecimento social clássica e revolucionária como fundação teórica da

biblioteconomia e ciência da informação e chega a conclusão de que essas teorias não atendem ao cargo proposto por, respectivamente, não ser a consideração de Shera além de ter uma posição descritiva e por ser muito em termos de objetivo e pouco em termos de escopo.

A consideração da sociologia do conhecimento e da epistemologia do conhecimento social como representantes da epistemologia social deixa em aberto a investigação sobre as relações da epistemologia social como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação. Entre as discussões, pode ser inserido o questionamento de se a epistemologia social de fato é aplicada como fundação teórica da biblioteconomia e da ciência da informação. Torna-se necessário, também, um estudo aprofundado sobre a ambiguidade do termo "epistemologia social" da forma como é posto da teoria de Egan e Shera. A ambiguidade do termo se relaciona com o emprego de "epistemologia" como um ramo da filosofia, e seu estudo pode indicar uma adequação do conceito ou a reestruturação terminológica da disciplina.

A consideração de Floridi da filosofia da informação como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação é apresentada de forma a considerar que haja uma lacuna entre a consideração que Floridi tem do campo – e que coloca como disciplina – e a consideração que o próprio campo tem de si mesmo. Floridi faz considerações gerais sobre a ciência da informação em diversos textos, mas, nos textos em que dedica mais atenção à disciplina, apresenta divergências quanto ao seu escopo, objeto de pesquisa e objetivo e a consideração que o campo tem quanto a essas variáveis.

Floridi apresenta uma crise de identidade causada por uma até então incapacidade dos filósofos de responderem com uma fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação, questionando investigações direcionadas a problemas específicos que o autor trata como gerais, porém sem a profundidade de relacionar essas investigações com o corpo teórico do campo. Essa apresentação cria a impressão de seletividade das fontes sem o rigor necessário para tratar o problema proposto. A crise de identidade tratada por Floridi se torna subjetiva pelo tratamento adotado. Ao apresentar seu argumento, Floridi retira de contexto os trechos selecionados, interpretando as falas dos autores de modo a fazer com que os textos defendam seus argumentos sem explicar ao interlocutor sua interpretação com base no original, e sim do seu recorte. A proposta da filosofia da informação

como fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação não se anula, mas perde força frente a essa distorção, que pode levar ao descrédito da justificativa apresentada.

A proposta de Floridi para a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia aplicada tem como base a defesa de uma crise de identidade dentro da disciplina, cuja solução para essa crise foi buscada por parte dos pesquisadores ao longo da história da biblioteconomia e ciência da informação mas que ainda não havia surgido a resposta correta para sua solução. Floridi defende que essa crise é consequência natural da busca e da ausência de uma contraparte filosófica que respondesse às questões propostas pela disciplina. Porque essa crise não está bem fundamentada e porque a tentativa de resolução é tomada a partir de dados incompatíveis com a literatura citada, uma melhor investigação dos pressupostos é necessária para dar reforço ou negar a proposta apresentada.

A proposta da filosofia da informação como fundação teórica para a biblioteconomia e ciência da informação apresentada por Floridi segue o método criticado por Zwadlo (1997), de consideração de uma fundação inadequada presente no campo investigado e sua substituição por uma fundação que melhor se encaixe em seus estudos. Floridi considera ser a fundação teórica da biblioteconomia e ciência da informação a epistemologia social, expõe seus argumentos de crítica à sociologia do conhecimento e à epistemologia do conhecimento social como representações da epistemologia social, defendendo sua inadequação, e propõe sua substituição pela filosofia da informação, defendendo uma ligação histórica e estrutural entre campo filosófico e disciplina, tendo como consequência a possibilidade de crescimento mútuo.

A biblioteconomia e ciência da informação, apresentada por Floridi, é tida como uma disciplina composta pela junção entre a biblioteconomia e a ciência da informação e é apresentada também conjuntamente, por meio da ciência da informação, com as ciências da comunicação e da computação. O limite e a distância entre essas disciplinas não são abordadas por Floridi, e diversas vezes são apresentadas no conjunto mencionado de "ciências da informação e comunicação/computação". A biblioteconomia e ciência da informação, para Floridi, é uma disciplina aplicada da filosofia da informação, que se ocupa do estudo prático dos documentos como registros de dados, os serviços e dispositivos que possibilitam sua implementação, aplicando os princípios desenvolvidos pela filosofia

da informação em problemas práticos e concretos, conduzindo pesquisas empíricas para as pesquisas de base em filosofia da informação. Essa definição cria um limite claro entre a pesquisa aplicada, sob responsabilidade da biblioteconomia e ciência da informação, e a pesquisa básica, de responsabilidade da filosofia da informação, e postula a reconsideração do objeto da disciplina como dados registrados em documentos, a estruturação ou dissolução dos limites entre a biblioteconomia e a ciência da informação e traça uma base teórica definida e permanente na filosofia da informação.

O objeto da biblioteconomia e ciência da informação, definido como sendo os dados registrados em documento, se distancia das considerações propostas de informação. Floridi considera o objeto da disciplina como o documento a partir da separação entre informação e conhecimento e da consideração de que há na biblioteconomia e ciência da informação uma ênfase no conteúdo ao mesmo tempo em que há uma crença por parte desta na imanência do significado. Floridi defende também a inscrição do objeto da biblioteconomia e ciência da informação subscrito ao objeto da filosofia da informação, tendo esta como objeto a informação em sentido holístico. Desta forma, a biblioteconomia e ciência da informação lidaria com a informação em um sentido restrito de informação como dados registrados, preocupando-se com sua circulação sem se ater à significação. Essa caracterização do objeto limita suas práticas e teorias, uma vez que a informação como dado registrado encerra sua atuação social e seu desenvolvimento enquanto conhecimento intersubjetivo. A objetividade da restrição da informação em um suporte não pode servir de parâmetro único para a consideração do objeto nos estudos desenvolvidos dentro do campo. A proposição de um conceito de informação não é objetivo deste trabalho, entretanto pode-se concluir, com base no estudo proposto, que a definição a ser adotada deve abarcar as práticas hodiernamente presentes dentro do campo, e o encerramento do objeto em dado registrado pode afetar a aplicação de diversos estudos.

A limitação da biblioteconomia e ciência da informação como disciplina responsável pela aplicação de estudos práticos para a resolução de problemas específicos, deixando a cargo da filosofia da informação o desenvolvimento de pesquisas teóricas e técnicas, precisa ser melhor trabalhada em relação com sua fundamentação teórica desenvolvida ao longo da história. Floridi defende uma responsabilidade da filosofia da informação de estruturar as metodologias e teorias

das ciências da informação, da comunicação e da computação por terem servido de ponto de partida para o surgimento do campo e, assim, suas teorias e metodologias estariam subsumidas a ela. Floridi defende, assim, a existência de uma hierarquia entre a biblioteconomia e ciência da informação e a filosofia da informação, com esta sendo a fundação teórica da disciplina e responsável por desenvolver sua pesquisa básica, ética e ontológica. Floridi estabelece, também, a restrição de seu objeto, como parte do objeto maior da filosofia da informação. Tendo por objeto os dados registrados em documento, a biblioteconomia e ciência da informação se ocuparia de seus estudos práticos sobre sua circulação, conservação e valorização para propósitos orientados ao serviço. Os estudos teóricos da dinâmica da informação, das relações que estabelece, prática ou conceitualmente, ou os próprios pressupostos da ação de pesquisa ou prática da disciplinas estariam, assim, inseridos na filosofia da informação, retirando sua participação da biblioteconomia e ciência da informação, que estaria responsável pela aplicação desses princípios. A ciência da informação e a biblioteconomia possuem um desenvolvimento de pesquisa fundamental dentro do próprio campo, e a consideração de sua condição científica estando localizada centrada na pesquisa prática e retirada de sua pesquisa teórica não apenas contrapõe à propostas dentro do próprio campo (por exemplo, Borko, 1968), como as retira do campo da biblioteconomia e ciência da informação para localizá-las na filosofia da informação.

Para que a filosofia da informação funcione como base teórica da ciência da informação torna-se necessário que o desenvolvimento teórico da ciência da informação se torne parte da filosofia da informação, para que assim ela possa contribuir com o crescimento de ambos os campos. Sem que sua contraparte, a filosofia da informação, tome para si a investigação dos problemas da ciência da informação, e busque meios de solucioná-los, a incorporação da ciência da informação na filosofia da informação se torna apenas uma absorção lógica do campo sem resultados práticos.

A adoção da proposta de Floridi, da filosofia da informação como teoria fundamental da biblioteconomia e ciência da informação, necessita que sua implementação seja feita de forma correta. A prática científica da biblioteconomia e ciência da informação não pode ser dissociada de sua teoria, tornando-a apenas uma "disciplina aplicada" preocupada com as práticas relacionadas à informação. As teorias da biblioteconomia e da ciência da informação possuem importância

conceitual para sua prática, e seu desenvolvimento, que, por terem característica de pesquisa pura, não se direcionam a problemas definidos, faz de sua característica teórica importante nesse desenvolvimento.

A consideração de Floridi da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada também deve ser criticada. Floridi, ao sugerir essa proposta, considera a opção evidente e incontornável, e defende "não ver motivos" para que assim não o seja. Entretanto, como este estudo mostra, as proposições da argumentação apresentam incompletude face ao corpo teórico consolidado da ciência da informação e da biblioteconomia. Para que esta opção seja considerada incontornável, os argumentos para essa aplicação da biblioteconomia e ciência da informação precisam ser melhor ajustados. Um exemplo dessa incompletude, que se pode observar na literatura de Floridi, é que, ao colocar a filosofia da informação como também a filosofia da biblioteconomia e ciência da informação, torna-se necessário, de acordo com os critérios de Floridi para a construção de um campo filosófico, que esta se dedique à investigação de seu objeto de inquirição – neste caso, a natureza, princípios e dinâmicas da biblioteconomia e ciência da informação. Floridi desenvolve sua argumentação sobre biblioteconomia e ciência da informação em poucos artigos, entretanto avança pouco em sua teoria, sendo a maior parte de sua produção voltada ao assunto apenas o reforço do seu posicionamento inicial.

A proposta de Floridi para a biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, constituída como a transformação do campo da biblioteconomia e ciência da informação em uma disciplina aplicada pertencente ao campo da filosofia da informação, retira sua autonomia investigativa de poder procurar responder seus questionamentos e problemas, definir sua fundação teórica e esvazia, prévia e posteriormente, sua investigação conceitual. Considerando toda pesquisa que se aproxima da informação como constituinte da filosofia da informação, Floridi retira da biblioteconomia e ciência da informação a responsabilidade de investigação teórica. Essa consideração parte de um pressuposto presente no tratamento das disciplinas científicas feitas por Floridi ao afirmar, seja na biblioteconomia e ciência da informação fundamentada na epistemologia social ou na epistemologia, seja no tratamento dado à biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, que uma disciplina aplicada de um campo responde unicamente às questões propostas por sua

fundação teórica, externa à disciplina, que é a responsável por seu desenvolvimento teórico.

A aceitação da validade da proposta de biblioteconomia e ciência da informação de Floridi comporta, em sua totalidade: a consideração do objeto sendo os dados registrados em documentos, centrado na disposição de conteúdos; o escopo de pesquisa empírica orientada aos serviços, processos, técnicas e dispositivos que efetivam a implementação dos documentos em problemas práticos e definidos; a adoção da filosofia da informação como campo fundacional da disciplina, estando esta subscrita dentro do campo; a concessão de seu desenvolvimento teórico à filosofia da informação, estando esta, como campo fundacional, responsável pelo desenvolvimento de seus fundamentos, teorias e métodos; e a reestruturação das relações interdisciplinares que a disciplina estabelece, não mais como construção de sua base fundacional, mas orientadora das práticas aplicadas por ela.

Torna-se necessário um estudo aprofundado sobre as afirmações da fundação teórica da biblioteconomia e da ciência da informação a fim de avaliar a proposta de Floridi da consideração da filosofia da informação como melhor opção. Não é prudente considerar a asserção da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada de forma acrítica, seja por considerar a semelhança tida como clara entre os objetos ou por uma colocação histórica baseada em retórica.

O problema de pesquisa, de quais seriam as definições de biblioteconomia e de ciência da informação nas obras de Luciano Floridi, concentrou-se principalmente em uma obra do autor, em que ele trata diretamente de conceituar a disciplina de biblioteconomia e ciência da informação. Nos demais trabalhos em que trata da biblioteconomia e ciência da informação, Floridi se concentra em defender sua tese da biblioteconomia e ciência da informação como filosofia da informação aplicada, dando mais atenção às críticas feitas à sua tese do que à definição do campo. Desta forma, tendo retirado o conceito de "biblioteconomia e ciência da informação" de seu artigo (Floridi, 2002a) e analisando as citações em sua obra, este trabalho não se limitou a apresentar a definição pontuada por Floridi, mas analisou, a partir de seus textos, suas considerações sobre o objeto da biblioteconomia e ciência da informação, as fundações teóricas que apresenta para o campo, as relações que estabelece com as disciplinas, o escopo de estudo, nível de investigação e as

lacunas que sua teoria apresenta, em relação à literatura da biblioteconomia e da ciência da informação, como campos distintos, e na própria relação interna nos textos de Floridi. Este trabalho não responde, portanto, apenas quanto ao conceito de "biblioteconomia e ciência da informação" presente nas obras de Floridi, mas também quanto à posição da disciplina no corpo teórico de Floridi em relação ao corpo teórico da biblioteconomia e da ciência da informação.

Em estudos futuros sobre os campos da biblioteconomia e da ciência da informação, projeta-se pesquisas sobre a posição científica dos campos, suas fundações teóricas, seus objetos e a relação que estabelecem entre si. Ainda e em relação com os campos teórico, projeta-se os estudos sobre as relações que os dois campos estabelecem com disciplinas próximas, como é o caso abordado por Floridi da comunicação e da ciência da computação. Estes estudos podem ajudar a compreender mais os limites e projeções dos campos, as transformações ocorridas interna e externamente e seu espaço social.

Com relação à filosofia, projeta-se estudos sobre a filosofia da biblioteconomia e a filosofia da ciência da informação. Investigar os pressupostos filosóficos auxilia por buscar apresentar os fios condutores que ligam os estudos e práticas dos campos. As relações entre a biblioteconomia e a ciência da informação com a filosofia da informação também podem ser investigadas, em continuação a este estudo, em busca das proximidades e distâncias entre esses campos.

Os estudos sobre a epistemologia social podem-se projetar em investigar a relação desta com a biblioteconomia e com a ciência da informação, bem como expandir e delimitar o conceito de epistemologia social. Como revelado, a exposição de Floridi sobre a relação entre epistemologia social e biblioteconomia não foi abordada apropriadamente, ficando em aberto a relação entre elas e entre a epistemologia social e a ciência da informação com base em uma análise de suas literaturas. A partir desta projeção estende-se também o estudo do conceito de conhecimento para a biblioteconomia e para a ciência da informação e sua relação com os objetos dos campos e com o conceito de conteúdo.

O estudo desenvolvido apresenta as lacunas presentes entre a consideração de Floridi sobre a biblioteconomia e a ciência da informação e a consideração das pesquisas em biblioteconomia e em ciência da informação que colocam em questão a suposição de que essa fundação teórica é incontornável. A biblioteconomia e a ciência da informação podem crescer muito e ajudar a crescer

outros campos ao estabelecer relações interdisciplinares de investigação. Porém, para que esse crescimento ocorra de forma saudável, é necessário que o olhar sobre o objeto de investigação que a abordagem deve buscar se aproximar de sua realidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros; São Paulo: Associação Brasileira de Profissionais da Informação (ABRAINFO), 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de biblioteconomia e ciências afins: português-inglês**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação no mundo da técnica. **Trans-in-formação**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 49-54, set./dez. 1989.

BELKIN, Nicholas J. The concept of information in informatics. In: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow. **Problems of information science**. Moscow: FID/RI Committee, 1975. p. 74-89.

BELKIN, Nicholas J. Information concepts for information science. **Journal of Documentation**, London, v. 34, n. 1, p. 55-85, jan. 1978. DOI: <https://doi.org/10.1108/eb026653>. Disponível em: <https://www.emerald.com/jd/article-abstract/34/1/55/224650/INFORMATION-CONCEPTS-FOR-INFORMATION-SCIENCE>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 27, n. 4, p. 197-204, jul./ago. 1976. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.4630270402>. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630270402>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BORKO, Harold. Information science: what is it?. **American Documentation**, Washington, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.5090190103>. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090190103>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRADFORD, Samuel Clement. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BROOKES, Bertram C. The fundamental equation of information science. In: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee

"Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow.
Problems of information science. Moscow: FID/RI Committee, 1975. p. 115-130.

BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Part I. Philosophical aspects. **Journal of Information Science**, Amsterdam, v. 2, n. 3-4, p. 125-133, jun. 1980. DOI: <https://doi.org/10.1177/016555158000200302>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/016555158000200302>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as a thing. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199106%2942%3A5%3C351%3A%3AAID-ASI5%3E3.0.CO%3B2-3>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BUCKLAND, Michael Keeble. Emanuel Goldberg, electronic document retrieval, and Vannevar Bush's memex. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 43, n. 4, p. 284-294, maio 1992. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199205\)43:4%3C284::AID-ASI3%3E3.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199205)43:4%3C284::AID-ASI3%3E3.0.CO;2-0). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199205%2943%3A4%3C284%3A%3AAID-ASI3%3E3.0.CO%3B2-0>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BUCKLAND, Michael Keeble. Documentation, information science, and library science in the U.S.A. **Information Processing & Management**, London, v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0306-4573\(95\)00050-Q](https://doi.org/10.1016/0306-4573(95)00050-Q). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/030645739500050Q>. Acesso em: 01 dez. 2025.

BUCKLAND, . What is a "document"? **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 48, n. 9, p. 804-809, set. 1997. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199709\)48:9%3C804::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-V](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199709)48:9%3C804::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-V). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199709%2948%3A9%3C804%3A%3AAID-ASI5%3E3.0.CO%3B2-V>. Acesso em: 05 abr. 2026.

BUONOCORE, Domingo. **Diccionario de bibliotecología**: términos relativos a la bibliología, bibliografía, bibliofilia, biblioteconomía, archivología, documentología, tipografía y materias afines. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Marymar, 1976.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly**, Boston, v. 176, n. 1, p. 101-108, 1945.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidor, 1971.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: CAPURRO, Rafael. **Digital Library**. [s.l.: s.n], 2017. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 01 dez. 2025.

CARRIÓN GÚTIEZ, Manuel. **Manual de bibliotecas**. 2. ed. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalino de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DEBONS, Anthony; HORNE, Esther E. NATO Advanced Study Institutes of Information Science and foundations of information science. **Journal of the American Society of Information Science**, Hoboken, v. 48, n. 9., p. 794-803, set. 1997. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199709\)48:9%3C794::AID-ASI4%3E3.0.CO;2-M](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199709)48:9%3C794::AID-ASI4%3E3.0.CO;2-M). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199709%2948%3A9%3C794%3A%3AAID-ASI4%3E3.0.CO%3B2-M>. Acesso em: 01 dez. 2025.

DEBONS, Anthony; OTTEN, Klaus. Foundations of a concept for an education program in information science. **American Documentation**, Washington, v. 20, n. 4, p. 346-351, out. 1969. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.4630200415>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.4630200415>. Acesso em: 01 dez. 2025.

DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, Emilio. **La investigación en biblioteconomía y documentación**. Gijón: Ediciones Trea, 2002.

EDICIC. **Encontros Edicic**. San José: Edicic, [2024]. Disponível em: <https://edicic.org/pt/eventos/encontros-edicic/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

EGAN, Margaret Elizabeth; SHERA, Jesse Hauk. Foundations of a theory of bibliography. **The Library Quarterly**, College Park, v. 22, n. 2, p. 125-137, abr. 1952. DOI: <https://doi.org/10.1086/617874>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/617874>. Acesso em: 05 abr. 2026.

FEATHER, John; STURGES, Paul. **International encyclopedia of information and library science**. London; New York: Routledge, 2003.

FERNANDES, Geni Chaves. Informação, documento e o resto na construção da realidade social. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-26, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/9>. Acesso em: 17 fev. 2025.

FLORIDI, Luciano. On defining library and information science as applied philosophy of information. **Social Epistemology**, Abingdon, v. 16, n. 1, p. 37-49, 2002a. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02691720210132789>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02691720210132789>. Acesso em: 05 abr. 2026.

FLORIDI, Luciano. What is the philosophy of information?. **Metaphilosophy**, Oxford, v. 33, n. 1-2, p. 123-145, jan. 2002b. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9973.00221>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9973.00221>. Acesso em: 01 dez. 2025.

FLORIDI, Luciano. Two approaches to the philosophy of information. **Minds and Machine**, Dordrecht, v. 13, n. 4, p. 459-469, nov. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1026241332041>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1026241332041>. Acesso em: 01 dez. 2025.

FLORIDI, Luciano. LIS as applied philosophy of information: a reappraisal. **Library Trends**, Baltimore, v. 52, n. 3, p. 658-665, 2004a. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2142/1682>. Acesso em: 05 abr. 2026.

FLORIDI, Luciano. Preface. In: FLORIDI, Luciano (ed.). **The Blackwell guide to the philosophy of computing and information**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004b. p. xi-xiv. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470757017.fmatter>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9780470757017.fmatter>. Acesso em: 05 abr. 2026.

FLORIDI, Luciano. Open problems in the philosophy of information. **Metaphilosophy**, Oxford, v. 35, n. 4, p. 554-582, jul. 2004c. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9973.2004.00336.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9973.2004.00336.x>. Acesso em: 01 dez. 2025.

FLORIDI, Luciano. Trends in the philosophy of information. In: ADRIAANS, Pieter; VAN BENTHEM, Johan (ed.). **Philosophy of information**. Amsterdam: North-Holland, 2008. (Handbook of the Philosophy of Science, 8). p. 113-131. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-444-51726-5.50009-1>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/chapter/edited-volume/abs/pii/B9780444517265500091>. Acesso em: 04 dez. 2025.

FLORIDI, Luciano. The information society and its philosophy: introduction to the special issue on "The philosophy of information, its nature, and future developments". **The Information Society: An International Journal**, Philadelphia, v. 25, n. 3, p. 153-158, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/01972240902848583>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01972240902848583>. Acesso em: 05 abr. 2026.

FLORIDI, Luciano. The philosophy of information: ten years later. **Metaphilosophy**, Oxford, v. 41, n. 3, p. 402-419, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9973.2010.01647.x>. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9973.2010.01647.x>. Acesso em: 04 dez. 2025.

FLORIDI, Luciano. **The philosophy of information**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

FLORIDI, Luciano. The road to the philosophy of information. In: DEMIR, Hilmi (ed.). **Luciano Floridi's philosophy of technology**. Dordrecht: Springer, 2012. (Philosophy of engineering and technology, 8). p. 245-271. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-007-4292-5_9. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-4292-5_9. Acesso em: 05 abr. 2026.

FLORIDI, Luciano. About – Luciano Floridi. In: FLORIDI, Luciano. **Philosophy of information**. [Yale], [2023]. Disponível em: <https://www.philosophyofinformation.net/about/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

FOSKETT, Douglas John. Informatics. **Journal of Documentation**, London, v. 26, n. 4, p. 340-369, abr. 1970. DOI: <https://doi.org/10.1108/eb026504>. Disponível em: <https://www.emerald.com/jd/article-abstract/26/4/340/223471/Informatics>. Acesso em: 01 dez. 2025.

FREIRE, Isa Maria. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. 166 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/342>. Acesso em: 04 dez. 2025.

GARCÍA EJARQUE, Luis. **Diccionario del archivero-bibliotecario**: terminología de la elaboración, tratamiento y utilización de los materiales propios de los centros documentales. Gijón: Ediciones Trea, 2000.

HAYES, Robert Mayo. Education in information science. **American Documentation**, Washington, v. 20, n. 4, p. 362-365, out. 1969a. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.4630200419>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630200419>. Acesso em: 01 dez. 2025.

HAYES, Robert Mayo. Information science in librarianship. **Libri**, Berlim, v. 19, n. 3, p. 216-236, 1969b. DOI: <https://doi.org/10.1515/libr.1969.19.1-4.216>. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/libr.1969.19.1-4.216/html>. Acesso em: 01 dez. 2025.

HJØRLAND, Birger. Library and information science: practice, theory and philosophical basis. **Information Processing and Management**, Oxford, v. 36, n. 3, p. 501-531, maio 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0306-4573\(99\)00038-2](https://doi.org/10.1016/S0306-4573(99)00038-2). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306457399000382>. Acesso em: 05 abr. 2026.

HJØRLAND, Birger. Library and information science (LIS). In: HJØRLAND, Birger; GNOLI, Claudio (ed.). **ISKO encyclopedia of knowledge organization**. Toronto: ISKO, 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/lis>. Acesso em: 04 dez. 2025.

ILHARCO, Fernando. **Filosofia da Informação**: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow. **Problems of information science**. Moscow: FID/RI Committee, 1975.

KAPLAN, Abraham. The age of the symbol: a philosophy of library education. **The Library Quarterly**, College Park, v. 34, n. 4, p. 295-304, out. 1964. DOI: <https://doi.org/10.1086/619264>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/619264>. Acesso em: 05 abr. 2026.

KLEMPNER, Irving M. Information science unlimited?... A position paper. **American Documentation**, Washington, v. 20, n. 4, p. 339-343, out. 1969. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.4630200413>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630200413>. Acesso em: 01 dez. 2025.

JÄRVELIN, Kalervo; VAKKARI, Pertti. The evolution of library and information science 1965-1985: a content analysis of journal articles. **Information Processing & Management**, London, v. 29, n. 1, p. 129-144, jan./fev. 1993. DOI: [https://doi.org/10.1016/0306-4573\(93\)90028-C](https://doi.org/10.1016/0306-4573(93)90028-C). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/030645739390028C>. Acesso em: 01 dez. 2025.

LAVILLE, Cristian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LEITE, Leonardo Ripoll Tavares. **Confiabilidade informacional**: a filosofia da informação e o desenvolvimento da leitura crítica no ambiente virtual. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194083>. Acesso em: 15 dez. 2025.

LÓPEZ YEPES, José. **La documentación como disciplina**: teoría e historia. 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.

MACHADO, Ana Maria Nogueira. **Informação e controle bibliográfico**: um olhar sobre a cibernética. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MACLEISH, Archibald. The premise of meaning. **The American Scholar**, Washington, v. 41, n. 3, p. 357-362, jan./mar. 1972. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41208780>. Acesso em: 05 abr. 2026.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINEZ DE SOUSA, José. **Diccionario de bibliología y ciencias afines**. 3. ed. Gijón: Ediciones Trea, 2004.

MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de. MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Diálogos entre a informatika e a ciência da informação: um olhar a partir da Teoria Matemática da Comunicação e da Epistemologia Social. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2021v8n1.p61-76>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5794>. Acesso em: 01 dez. 2025.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. R. Structure and main properties of scientific information. In: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow. **Problems of information science**. Moscow: FID/RI Committee, 1975. p. 53-73.

NITECKI, Joseph Z. **Metalibrarianship**: a model for intellectual foundations of library information science. [S.l.: s.n.], 1993. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED363346>. Acesso em: 05 abr. 2026.

NITECKI, Joseph Z. **Philosophical aspects of library information science in retrospect. Preliminary edition**. [S.l.: s.n.], 1995. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED381162>. Acesso em: 05 abr. 2026.

ORERA ORERA, Luisa. Concepto de biblioteconomía. In: ORERA ORERA, Luisa (ed.). **Manual de biblioteconomía**. Madrid: Síntesis, 1998. p. 19-42.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, A03, p. 1-13, out. 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/1269>. Acesso em: 01 dez. 2025.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Gimenez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. In: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 9., 11-13 mar. 2009, Valencia. **Anais [...]**. València: Universitat Politècnica de València, 2009. p. 306-326. Disponível em: https://iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/989df-528-544_dotta-ortega.pdf. Acesso em: 04 dez. 2025.

OSTER, Larry J.; DAHLIN, Therrin C. Library education: setting or rising sun?. **American Libraries**, Chicago, v. 26, n. 7, p. 683-684, jul./ago. 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25633668>. Acesso em: 05 abr. 2026.

PIERCE, Sydney. Dead Germans and the theory of librarianship. **American Libraries**, Chicago, v. 23, n. 8, p. 641-643, set. 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25632667>. Acesso em: 05 abr. 2026.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. **A ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. 278 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/35>. Acesso em: 04 dez. 2025.

PINHEIRO, Lêna Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005.

RABELLO, Rodrigo. História dos conceitos e ciência da informação: apontamentos teórico-metodológicos para uma perspectiva epistemológica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 26, p. 17-46, jul./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2008v13n26p17>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n26p17>. Acesso em: 01 dez. 2025.

RAYWARD, Warden Boyd. The origins of information science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 48, n. 4, p. 289-300, abr. 1997. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199704\)48:4%3C289::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-S](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199704)48:4%3C289::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-S). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199704%2948%3A4%3C289%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-S>. Acesso em: 01 dez. 2025.

REITZ, Joan M. **Dictionary for Library and Information Science**. Westport, London: Libraries Unlimited, 2004.

REVOREDO, Túlio de Moraes. **A filosofia da informação na ciência da informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi**. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17213>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília, DF: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1973.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62,

jan./jun. 1996. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 01 dez. 2025.

SARACEVIC, Tefko. Information science. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999. DOI:
[https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(1999\)50:12%3C1051::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Z](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:12%3C1051::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-Z). Disponível em:
<https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%281999%2950%3A12%3C1051%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-Z>. Acesso em: 01 dez. 2025.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana: The University of Illinois Press, 1949.

SHERA, Jesse Hauk. **Libraries and the organization of knowledge**. Editado por Douglas John Foskett. Hamden: Archon Books, 1965. Disponível em:
<https://archive.org/details/librariesorganiz00sher>. Acesso em: 05 abr. 2026.

SHERA, Jesse Hauk. **Sociological foundations of librarianship**. New York: Asia Publishing House, 1970. Disponível em:
<https://archive.org/details/sociologicalfoun0000sher/>. Acesso em: 05 abr. 2026.

SHERA, Jesse Hauk. **The foundations of education for librarianship**. New York: Wiley-Becker and Hayes, 1972.

SHERA, Jesse Hauk; CLEVELAND, Donald B. History and foundations of information science. In: WILLIAMS, Martha E. (ed.). **Annual Review of Information Science and Technology**. New York: American Society for Information Science, 1977. v. 12. p. 249-275.

SHERA, Jesse Hauk; EGAN, Margaret Elisabeth. Exame do estado atual da biblioteconomia e da documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. p. 15-61.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das «ciências» documentais à ciência da informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SUAVE, Aline Laureano. **Ciência da informação e filosofia da informação**: perspectivas de relação a partir do estudo das publicações do GT1 do ENANCIB. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.uel.br/handle/123456789/12557>. Acesso em: 15 dez. 2025.

TAYLOR, Robert Saxton. Professional aspects of information science and technology. In: AMERICAN DOCUMENTATION INSTITUTE. **Annual Review of Information Science and Technology**. Editado por Carlos A. Cuadra. New York: John Wiley & Sons, 1966. v. 1. p. 15-40.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VIGNOLI, Richele Grengé. **Informação líquida**: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento. 2021. 606 f. Tese (Doutorado em Ciência da informação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade de Marília, Marília, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216385>. Acesso em: 01 dez. 2025.

WERSIG, Gernot. Sociology of information and information science: implications for research and scientific training. In: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow. **Problems of information science**. Moscow: FID/RI Committee, 1975. p. 170-183.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to Information Science. **Information Scientist**, [local], v. 9, n. 4, p. 127-140, dez. 1975.

WILLIAMS, Robert V. The documentation and special libraries movements in the United States, 1910-1960. **Journal of the American Society for Information Science**, Hoboken, v. 48, n. 9, p. 775-781, 1997. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199709\)48:9%3C775::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199709)48:9%3C775::AID-ASI2%3E3.0.CO;2-O). Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199709%2948%3A9%3C775%3A%3AAID-ASI2%3E3.0.CO%3B2-O>. Acesso em: 04 dez. 2025.

YOVITS, Marshall C. Information science: towards the development of a true scientific discipline. **American Documentation**, Washington, v. 20, n. 4, p. 369-376, out. 1969. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.4630200421>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.4630200421>. Acesso em: 01 dez. 2025.

YOVITS, Marshall C. A theoretical framework for the development of information science. In: INTERNATIONAL FEDERATION FOR DOCUMENTATION. Study Committee "Research on the Theoretical Basis of Information", 24-26 abr. 1974, Moscow. **Problems of information science**. Moscow: FID/RI Committee, 1975. p. 90-114.

ZWADLO, Jim. We don't need a philosophy of library and information science – we're confused enough already. **The Library Quarterly**, College Park, v. 67, n. 2, p. 103-121, abr. 1997. DOI: <https://doi.org/10.1086/629928>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/629928>. Acesso em: 05 abr. 2026.

**APÊNDICE A - LISTA DE TRABALHOS RECUPERADOS COM AUTORIA DE
LUCIANO FLORIDI**

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
1	1993	The problem of the justification of a theory of knowledge, part I: some historical metamorphoses	Acesso ao PDF	Artigo
2	1994	The problem of the justification of a theory of knowledge, part II: morphology and diagnosis	Acesso ao PDF	Artigo
3	1995	Cupiditas Veri Videndi: Pierre de Villemandy's dogmatic vs. Cicero's sceptical interpretation of 'Man's desire to know'	Acesso ao PDF	Artigo
4	1995	Internet: which future for organized knowledge, Frankenstein or Pygmalion?	Acesso ao PDF	Artigo
5	1996	Brave.net.world: the internet as a disinformation superhighway?	Acesso ao PDF	Artigo
6	1996	Internet: Which Future for Organized Knowledge, Frankenstein or Pygmalion?	Acesso ao PDF	Artigo
7	1996	The Internet: which future for organised knowledge, Frankenstein or Pygmalion? Part 1	Acesso ao PDF	Artigo
8	1996	The Internet: which future for organised knowledge, Frankenstein or Pygmalion? Part 2	Acesso ao PDF	Artigo
9	1997	Anschriften der Mitarbeiter des ersten Heftes	Acesso ao PDF	Artigo
10	1997	Scepticism and Animal Rationality: the Fortune of Chrysippus' Dog in the History of Western Thought	Acesso ao PDF	Artigo
11	1998	La logica e il pensiero visivo	Acesso ao PDF	Artigo
12	1999	Information ethics: On the philosophical foundation of computer ethics	Acesso ao PDF	Artigo
13	2001	Artificial evil and the foundation of computer ethics	Acesso ao PDF	Artigo
14	2002	Mapping the foundationalist debate in computer ethics	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
15	2002	On defining library and information science as applied philosophy of information	Acesso ao PDF	Artigo
16	2002	On the intrinsic value of information objects and the infosphere	Acesso ao PDF	Artigo
17	2002	What is the philosophy of information	Acesso ao PDF	Artigo
18	2003	From Data to Semantic Information	Acesso ao PDF	Artigo
19	2003	Two Approaches to the Philosophy of Information	Acesso ao PDF	Artigo
20	2003	The renaissance of epistemology (in The Cambridge History of Philosophy 1870-1945)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
21	2004	Preface (in The Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
22	2004	Information (The blackwell guide to the philosophy of computing and information)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
23	2004	LIS as Applied Philosophy of Information: A Reappraisal	Acesso ao PDF	Artigo
24	2004	On the logical unsolvability of the Gettier Problem	Acesso ao PDF	Artigo
25	2004	On the Morality of Artificial Agents	Acesso ao PDF	Artigo
26	2004	Open Problems in the Philosophy of Information	Acesso ao PDF	Artigo
27	2004	Outline of a Theory of Strongly Semantic Information	Acesso ao PDF	Artigo
28	2004	The tragedy of the digital commons	Acesso ao PDF	Artigo
29	2005	Consciousness, Agents and the Knowledge Game	Acesso ao PDF	Artigo
30	2005	Editorial introduction – Ethics of New Information Technology	Acesso ao PDF	Artigo
31	2005	How to Do Philosophy Informationally (Professional Knowledge Management)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
32	2005	La Filosofia dell'informazione e i suoi problemi	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
33	2005	Per una filosofia dell'informazione	Acesso ao PDF	Artigo
34	2005	Solving the symbol grounding problem: a critical review of fifteen years of research	Acesso ao PDF	Artigo
35	2005	The ontological interpretation of informational privacy	Acesso ao PDF	Artigo
36	2005	The philosophy of information a methodological point of view	Acesso ao PDF	Conferência
37	2005	The Philosophy of Presence From Epistemic Failure to Successful Observation	Acesso ao PDF	Artigo
38	2006	Four challenges for a theory of informational privacy	Acesso ao PDF	Artigo
39	2006	Information ethics: Agents, artefacts and new cultural perspectives	Acesso ao PDF	Artigo
40	2006	Information technologies and the tragedy of the Good Will	Acesso ao PDF	Artigo
41	2006	The logic of being informed	Acesso ao PDF	Artigo
42	2007	A Look into the Future Impact of ICT on Our Lives	Acesso ao PDF	Artigo
43	2007	A Praxical Solution of the Symbol Grounding Problem	Acesso ao PDF	Artigo
44	2007	Global Information Ethics: The Importance of Being Environmentally Earnest	Acesso ao PDF	Artigo
45	2008	A defence of informational structural realism	Acesso ao PDF	Artigo
46	2008	Understanding Epistemic Relevance	Acesso ao PDF	Artigo
47	2008	Artificial intelligence's new frontier: Artificial companions and the fourth revolution	Acesso ao PDF	Artigo
48	2008	Information ethics: a reappraisal	Acesso ao PDF	Artigo
49	2008	Information Ethics: Its Nature and Scope (in Information Technology and Moral Philosophy)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
50	2008	The Method of Levels of Abstraction	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
51	2008	Trends in the Philosophy of Information (in Philosophy of Information v. 8)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
52	2008	Global Information Ethics: The Importance of Being Environmentally Earnest (in Human Computer Interaction)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
53	2008	Foundations of Information Ethics (in The Handbook of Information and Computer Ethics)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
54	2009	Against digital ontology	Acesso ao PDF	Artigo
55	2009	Logical fallacies as informational shortcuts	Acesso ao PDF	Artigo
56	2009	The enduring scandal of deduction	Acesso ao PDF	Artigo
57	2009	Turing's Imitation Game: Still an Impossible Challenge for All Machines and Some Judges—An Evaluation of the 2008 Loebner Contest	Acesso ao PDF	Artigo
58	2009	Global Information Ethics: The Importance of Being Environmentally Earnest (in Cross-Disciplinary Advances in Human Computer Interaction: User Modeling, Social Computing, and Adaptive Interfaces)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
59	2009	Global Information Ethics: The Importance of Being Environmentally Earnest (in Selected Readings on Global Information Technology)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
60	2009	Information Technology (in A Companion to the Philosophy of Technology)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
61	2009	Introduction	Acesso ao PDF	Artigo
62	2009	Network Ethics: Information and Business Ethics in a Networked Society	Acesso ao PDF	Artigo
63	2009	Philosophical Conceptions of Information (in Formal Theories of Information)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
64	2009	The information society and its philosophy: Introduction to the special issue on "the philosophy of information, its nature, and future developments"	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
65	2009	The ethics of information transparency	Acesso ao PDF	Artigo
66	2009	Web 2.0 vs. the Semantic Web A Philosophical Assessment	Acesso ao PDF	Artigo
67	2010	How to Account for Information (in Thinking Machines and the Philosophy of Computer Science: Concepts and Principles)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
68	2010	Information, possible worlds and the cooptation of scepticism	Acesso ao PDF	Artigo
69	2010	Introduction to the special issue on the nature and scope of information	Acesso ao PDF	Artigo
70	2010	Levels of abstraction and the Turing test	Acesso ao PDF	Artigo
71	2010	Preface (in Towards a Comprehensive Intelligence Test (TCIT) Reconsidering the Turing Test for the 21st Century Symposium)	Acesso ao PDF	Conferência
72	2010	The philosophy of information: Ten years later	Acesso ao PDF	Artigo
73	2010	The rediscovery and posthumous influence of scepticism (in The Cambridge Companion to Ancient Scepticism)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
74	2011	On the Morality of Artificial Agents (in Machine Ethics)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
75	2011	Semantic Information and the Correctness Theory of Truth	Acesso ao PDF	Artigo
76	2011	A defence of constructionism: Philosophy as conceptual engineering	Acesso ao PDF	Artigo
77	2011	Children of the Fourth Revolution	Acesso ao PDF	Artigo
78	2011	Energy, Risks, and Metatechnology	Acesso ao PDF	Artigo
79	2011	Harmonising Physis and Techne: The Mediating Role of Philosophy	Acesso ao PDF	Artigo
80	2011	Mephedrone (4-methylmethcathinone; 'meow meow'): chemical, pharmacological and clinical issues	Acesso ao PDF	Artigo
81	2011	The case for e-trust	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
82	2011	The Construction of Personal Identities Online	Acesso ao PDF	Artigo
83	2011	The Informational Nature of Personal Identity	Acesso ao PDF	Artigo
84	2011	The New Ethical Responsibilities of Internet Service Providers	Acesso ao PDF	Artigo
85	2011	The Philosophy of Information	Acesso ao PDF	Livro completo
86	2012	Semantic information and the network theory of account	Acesso ao PDF	Artigo
87	2012	An empirical study on using visual embellishments in visualization	Acesso ao PDF	Artigo
88	2012	Big Data and Their Epistemological Challenge	Acesso ao PDF	Artigo
89	2012	Degenerate Epistemology	Acesso ao PDF	Artigo
90	2012	Hyperhistory and the Philosophy of Information Policies	Acesso ao PDF	Artigo
91	2012	IQ: Purpose and dimensions (in ICIQ 2012, the 17th International Conference on Information Quality)	Acesso ao PDF	Conferência
92	2012	Technologies of the Self	Acesso ao PDF	Artigo
93	2012	The Road to the Philosophy of Information	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
94	2012	Turing's three philosophical lessons and the philosophy of information	Acesso ao PDF	Artigo
95	2013	A Defence of the Principle of Information Closure against the Sceptical Objection (New Challenges to Philosophy of Science)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
96	2013	Distributed Morality in an Information Society	Acesso ao PDF	Artigo
97	2013	E-ducation and the Languages of Information	Acesso ao PDF	Artigo
98	2013	Information Quality	Acesso ao PDF	Artigo
99	2013	Introduction (in Symposium: The Future of Philosophical Research according to Journal Editors)	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
100	2013	Technology's In-Betweeness	Acesso ao PDF	Artigo
101	2013	Things	Acesso ao PDF	Artigo
102	2013	What is a Philosophical Question?	Acesso ao PDF	Artigo
103	2014	Artificial Agents and Their Moral Nature (The Moral Status of Technical Artefacts)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
104	2014	Information closure and the sceptical objection	Acesso ao PDF	Artigo
105	2014	At the Information Desk (in The New York Review of Books)	Acesso ao PDF	Carta
106	2014	Big Data and Information Quality (The Philosophy of Information Quality)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
107	2014	Erratum (The Ethics of Information Warfare)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
108	2014	Foreword (in Management of Broadband Technology and Innovation)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
109	2014	Hyperhistory and the Philosophy of Information Policies	Acesso ao PDF	Artigo
110	2014	Information Quality, Data and Philosophy (The Philosophy of Information Quality)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
111	2014	Introduction (The Philosophy of Information Quality)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
112	2014	Open Data, Data Protection, and Group Privacy	Acesso ao PDF	Artigo
113	2014	Perception and Testimony as Data Providers	Acesso ao PDF	Artigo
114	2014	Perception and Testimony as Data Providers (Theories of Information, Communication and Knowledge)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
115	2014	Preface (in Protection of Information and the Right to Privacy – A New Equilibrium?)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
116	2014	Technological Unemployment, Leisure Occupation, and the Human Project	Acesso ao PDF	Artigo
117	2014	Technoscience and Ethics Foresight	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
118	2014	The Latent Nature of Global Information Warfare	Acesso ao PDF	Artigo
119	2014	The Rise of the MASs (Protection of Information and the Right to Privacy - A New Equilibrium?)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
120	2014	What Is Visualization Really For? (The Philosophy of Information Quality)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
121	2014	The Fourth Revolution in our Self-Understanding (in Philosophy, Computing and Information Science)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
122	2015	A Proxy Culture	Acesso ao PDF	Artigo
123	2015	Commentary on The Onlife Manifesto (The Onlife Manifesto)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
124	2015	Free Online Services: Enabling, Disenfranchising, Disempowering	Acesso ao PDF	Artigo
125	2015	Hyperhistory and the Philosophy of Information Policies (The Onlife Manifesto)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
126	2015	Introduction (The Onlife Manifesto)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
127	2015	On malfunctioning software	Acesso ao PDF	Artigo
128	2015	The anti-counterfeiting trade agreement: the ethical analysis of a failure, and its lessons	Acesso ao PDF	Artigo
129	2015	The logic and philosophy of information corner: Presentation and call for papers	Acesso ao PDF	Artigo
130	2015	The New Grey Power	Acesso ao PDF	Artigo
131	2015	The Politics of Uncertainty	Acesso ao PDF	Artigo
132	2015	Toleration and the Design of Norms	Acesso ao PDF	Artigo
133	2016	Faultless responsibility: on the nature and allocation of moral responsibility for distributed moral actions	Acesso ao PDF	Artigo
134	2016	Hyperhistory, the Emergence of the MASs, and the Design of Infraethics	Acesso ao PDF	

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
135	2016	Hyperhistory, the Emergence of the MASs, and the Design of Infraethics (in Information, Freedom and Property)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
136	2016	Introduction (The Ethics of Biomedical Big Data)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
137	2016	Introduction: The Philosophy of Information	Acesso ao PDF	Artigo
138	2016	Mature Information Societies—a Matter of Expectations	Acesso ao PDF	Artigo
139	2016	On Human Dignity as a Foundation for the Right to Privacy	Acesso ao PDF	Artigo
140	2016	Technology and Democracy: Three Lessons from Brexit	Acesso ao PDF	Artigo
141	2016	The Debate on the Moral Responsibilities of Online Service Providers	Acesso ao PDF	Artigo
142	2016	The Ethics of Algorithms: Mapping the Debate	Acesso ao PDF	Artigo
143	2016	The Ethics of Big Data: Current and Foreseeable Issues in Biomedical Contexts	Acesso ao PDF	Artigo
144	2016	The Ethics of Big Data: Current and Foreseeable Issues in Biomedical Contexts (The Ethics of Biomedical Big Data)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
145	2016	Tolerant Paternalism: Pro-ethical Design as a Resolution of the Dilemma of Toleration	Acesso ao PDF	Artigo
146	2016	What is data ethics?	Acesso ao PDF	Artigo
147	2017	The Ethics of Cloud Computing	Acesso ao PDF	Artigo
148	2017	A Plea for Non-Naturalism As Constructionism	Acesso ao PDF	Artigo
149	2017	Digital's Cleaving Power and Its Consequences	Acesso ao PDF	Artigo
150	2017	Even good bots fight: The case of Wikipedia	Acesso ao PDF	Artigo
151	2017	Infraethics—on the Conditions of Possibility of Morality	Acesso ao PDF	Artigo
152	2017	New Civic Responsibilities for Online Service Providers (The Responsibilities of Online Service Providers)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
153	2017	Robots, Jobs, Taxes, and Responsibilities	Acesso ao PDF	Artigo
154	2017	The Design of the Internet's Architecture by the Internet Engineering Task Force (IETF) and Human Rights	Acesso ao PDF	Artigo
155	2017	The Logic of Design as a Conceptual Logic of Information	Acesso ao PDF	Artigo
156	2017	The Moral Responsibilities of Online Service Providers (The Responsibilities of Online Service Providers)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
157	2017	The October 2014 United States Treasury bond flash crash and the contributory effect of mini flash crashes	Acesso ao PDF	Artigo
158	2017	The Political Economy of Death in the Age of Information: A Critical Approach to the Digital Afterlife Industry	Acesso ao PDF	Artigo
159	2017	The Unsustainable Fragility of the Digital, and What to Do About It	Acesso ao PDF	Artigo
160	2017	Transparent, explainable, and accountable AI for robotics	Acesso ao PDF	Artigo
161	2017	Una defensa del construccionismo: la filosofía como ingeniería conceptual	Acesso ao PDF	Artigo
162	2017	Why a Right to Explanation of Automated Decision-Making Does Not Exist in the General Data Protection Regulation	Acesso ao PDF	Artigo
163	2018	AI4People - An Ethical Framework for a Good AI Society - Opportunities, Risks, Principles, and Recommendations	Acesso ao PDF	Artigo
164	2018	An ethical framework for the digital afterlife industry	Acesso ao PDF	Artigo
165	2018	Artificial Intelligence and the 'Good Society': The US, EU, and UK Approach	Acesso ao PDF	Artigo
166	2018	Artificial Intelligence, Deepfakes and a Future of Ectypes	Acesso ao PDF	Artigo
167	2018	Atypical employment and disability in the digital economy: Accountability gap leaves disabled app developers' rights unprotected	Acesso ao PDF	Artigo
168	2018	Crowdsourced science: sociotechnical epistemology in the e-research paradigm	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
169	2018	Don't grant robots legal personhood	Acesso ao PDF	Artigo
170	2018	How AI can be a force for good	Acesso ao PDF	Artigo
171	2018	Oxidative stress and inflammation induced by environmental and psychological stressors: a biomarker perspective	Acesso ao PDF	Artigo
172	2018	Regulate artificial intelligence to avert cyber arms race	Acesso ao PDF	Artigo
173	2018	Semantic Capital: Its Nature, Value, and Curation	Acesso ao PDF	Artigo
174	2018	Soft Ethics and the Governance of the Digital	Acesso ao PDF	Artigo
175	2018	Soft ethics, the governance of the digital and the General Data Protection Regulation	Acesso ao PDF	Artigo
176	2018	Soft Ethics: Its Application to the General Data Protection Regulation and Its Dual Advantage	Acesso ao PDF	Artigo
177	2018	The grand challenges of Science Robotics	Acesso ao PDF	Artigo
178	2018	Theory of signs and statistical approach to big data in assessing the relevance of clinical biomarkers of inflammation and oxidative stress	Acesso ao PDF	Artigo
179	2018	What a maker's knowledge could be	Acesso ao PDF	Artigo
180	2019	Key Ethical Challenges in the European Medical Information Framework	Acesso ao PDF	Artigo
181	2019	An Ethical Code for Posthumous Medical Data Donation (The Ethics of Medical Data Donation)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
182	2019	Autonomous Vehicles: from Whether and When to Where and How	Acesso ao PDF	Artigo
183	2019	Clinical applications of machine learning algorithms: beyond the black box	Acesso ao PDF	Artigo
184	2019	Enabling digital health companionship is better than empowerment	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
185	2019	Enabling Posthumous Medical Data Donation: A Plea for the Ethical Utilisation of Personal Health Data (The Ethics of Medical Data Donation)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
186	2019	Enabling Posthumous Medical Data Donation: An Appeal for the Ethical Utilisation of Personal Health Data	Acesso ao PDF	Artigo
187	2019	Establishing the rules for building trustworthy AI	Acesso ao PDF	Artigo
188	2019	Ethical Medical Data Donation: A Pressing Issue (The Ethics of Medical Data Donation)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
189	2019	Google Health and the NHS: overcoming the trust deficit	Acesso ao PDF	Artigo
190	2019	Marketing as Control of Human Interfaces and Its Political Exploitation	Acesso ao PDF	Artigo
191	2019	Prayer-Bots and Religious Worship on Twitter: A Call for a Wider Research Agenda	Acesso ao PDF	Artigo
192	2019	Preface and acknowledgments (in The Ethics of Medical Data Donation)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
193	2019	Translating Principles into Practices of Digital Ethics: Five Risks of Being Unethical	Acesso ao PDF	Artigo
194	2019	What the Near Future of Artificial Intelligence Could Be	Acesso ao PDF	Artigo
195	2020	AI and Its New Winter: from Myths to Realities	Acesso ao PDF	Artigo
196	2020	An ethically mindful approach to AI for health care	Acesso ao PDF	Artigo
197	2020	Artificial Intelligence as a Public Service: Learning from Amsterdam and Helsinki	Acesso ao PDF	Artigo
198	2020	Artificial Intelligence Crime: An Interdisciplinary Analysis of Foreseeable Threats and Solutions	Acesso ao PDF	Artigo
199	2020	Ethical Foresight Analysis: What it is and Why it is Needed?	Acesso ao PDF	Artigo
200	2020	Ethical guidelines for COVID-19 tracing apps	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
201	2020	From What to How: An Initial Review of Publicly Available AI Ethics Tools, Methods and Research to Translate Principles into Practices	Acesso ao PDF	Artigo
202	2020	GPT-3: Its Nature, Scope, Limits, and Consequences	Acesso ao PDF	Artigo
203	2020	How to Design AI for Social Good: Seven Essential Factors	Acesso ao PDF	Artigo
204	2020	Information and design: book symposium on Luciano Floridi's The Logic of Information	Acesso ao PDF	Artigo
205	2020	Mind the App—Considerations on the Ethical Risks of COVID-19 Apps	Acesso ao PDF	Artigo
206	2020	Online Information of Vaccines: Information Quality, Not Only Privacy, Is an Ethical Responsibility of Search Engines	Acesso ao PDF	Artigo
207	2020	Public Health in the Information Age: Recognizing the Infosphere as a Social Determinant of Health	Acesso ao PDF	Artigo
208	2020	Recommender systems and their ethical challenges	Acesso ao PDF	Artigo
209	2020	The ethics of AI in health care: A mapping review	Acesso ao PDF	Artigo
210	2020	The Ethics of Digital Well-Being: A Multidisciplinary Perspective (Ethics of Digital Well-Being)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
211	2020	The Ethics of Digital Well-Being: A Thematic Review	Acesso ao PDF	Artigo
212	2020	The Fight for Digital Sovereignty: What It Is, and Why It Matters, Especially for the EU	Acesso ao PDF	Artigo
213	2020	The Limits of Empowerment: How to Reframe the Role of mHealth Tools in the Healthcare Ecosystem	Acesso ao PDF	Artigo
214	2020	The poor performance of apps assessing skin cancer risk	Acesso ao PDF	Artigo
215	2020	Towards the Ethical Publication of Country of Origin Information (COI) in the Asylum Process	Acesso ao PDF	Artigo
216	2021	A definition, benchmark and database of AI for social good initiatives	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
217	2021	A Unified Framework of Five Principles for AI in Society (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
218	2021	Achieving a 'Good AI Society': Comparing the Aims and Progress of the EU and the US	Acesso ao PDF	Artigo
219	2021	Algorithmic Fairness in Mortgage Lending: from Absolute Conditions to Relational Trade-offs	Acesso ao PDF	Artigo
220	2021	An Empathy Imitation Game: Empathy Turing Test for Care- and Chat-bots	Acesso ao PDF	Artigo
221	2021	An Ethical Framework for a Good AI Society: Opportunities, Risks, Principles, and Recommendations (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
222	2021	Artificial intelligence and the climate emergency: Opportunities, challenges, and recommendations	Acesso ao PDF	Artigo
223	2021	Artificial Agents and Their Moral Nature (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
224	2021	Artificial Intelligence Crime: An Interdisciplinary Analysis of Foreseeable Threats and Solutions (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
225	2021	Artificial Intelligence, Deepfakes and a Future of Ectypes (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
226	2021	Autonomous Vehicles: From Whether and When to Where and How (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
227	2021	Big histories and information ethics (in Big and Little Histories)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
228	2021	Digital Time: Latency, Real-time, and the Onlife Experience of Everyday Time	Acesso ao PDF	Artigo
229	2021	Establishing the Rules for Building Trustworthy AI (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
230	2021	Ethical aspects of multi-stakeholder recommendation systems	Acesso ao PDF	Artigo
231	2021	Ethics as a Service: A Pragmatic Operationalisation of AI Ethics	Acesso ao PDF	Artigo
232	2021	Ethics-Based Auditing of Automated Decision-Making Systems: Nature, Scope, and Limitations	Acesso ao PDF	Artigo
233	2021	Ethics-Based Auditing to Develop Trustworthy AI	Acesso ao PDF	Artigo
234	2021	From What to How: An Initial Review of Publicly Available AI Ethics Tools, Methods and Research to Translate Principles into Practices (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
235	2021	How AI Can Be a Force for Good – An Ethical Framework to Harness the Potential of AI While Keeping Humans in Control (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
236	2021	How to Design AI for Social Good: Seven Essential Factors (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
237	2021	Innovating with Confidence: Embedding AI Governance and Fairness in a Financial Services Risk Management Framework (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
238	2021	Introduction – The Importance of an Ethics-First Approach to the Development of AI (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
239	2021	Local Explanations via Necessity and Sufficiency: Unifying Theory and Practice	Acesso ao PDF	Conferência
240	2021	Prayer-Bots and Religious Worship on Twitter: A Call for a Wider Research Agenda (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
241	2021	Regulate Artificial Intelligence to Avert Cyber Arms Race (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
242	2021	Robots, Jobs, Taxes, and Responsibilities (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
243	2021	Safeguarding European values with digital sovereignty: an analysis of statements and policies	Acesso ao PDF	Artigo
244	2021	The Chinese approach to artificial intelligence: an analysis of policy, ethics, and regulation	Acesso ao PDF	Artigo
245	2021	The Chinese Approach to Artificial Intelligence: An Analysis of Policy, Ethics, and Regulation (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
246	2021	The End of an Era: from Self-Regulation to Hard Law for the Digital Industry	Acesso ao PDF	Artigo
247	2021	The ethical debate about the gig economy: A review and critical analysis	Acesso ao PDF	Artigo
248	2021	The Ethics of AI in Health Care: A Mapping Review (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
249	2021	The Ethics of Algorithms: Key Problems and Solutions (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
250	2021	The European Legislation on AI: a Brief Analysis of its Philosophical Approach	Acesso ao PDF	Artigo
251	2021	The explanation game: a formal framework for interpretable machine learning	Acesso ao PDF	Artigo
252	2021	The Explanation Game: A Formal Framework for Interpretable Machine Learning (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
253	2021	The Ontological Interpretation of Informational Privacy (in Italian Philosophy of Technology)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
254	2021	Translating Principles into Practices of Digital Ethics: Five Risks of Being Unethical (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
255	2021	Trump, Parler, and Regulating the Infosphere as Our Commons	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
256	2021	Trusting Artificial Intelligence in Cybersecurity Is a Double-Edged Sword (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
257	2021	What the Near Future of Artificial Intelligence Could Be (in Ethics, Governance, and Policies in Artificial Intelligence)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
258	2022	The ethics of algorithms: key problems and solutions	Acesso ao PDF	Artigo
259	2022	A Unified Framework of Five Principles for AI in Society (in Machine Learning and the City: Applications in Architecture and Urban Design)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
260	2022	Challenges and best practices in corporate AI governance: Lessons from the biopharmaceutical industry	Acesso ao PDF	Artigo
261	2022	Conformity Assessments and Post-market Monitoring: A Guide to the Role of Auditing in the Proposed European AI Regulation	Acesso ao PDF	Artigo
262	2022	From algorithmic accountability to digital governance	Acesso ao PDF	Artigo
263	2022	How to Counter Moral Evil: Paideia and Nomos	Acesso ao PDF	Artigo
264	2022	Local Explanations via Necessity and Sufficiency: Unifying Theory and Practice	Acesso ao PDF	Artigo
265	2022	Metaverse: a Matter of Experience	Acesso ao PDF	Artigo
266	2022	New deepfake regulations in China are a tool for social stability, but at what cost	Acesso ao PDF	Artigo
267	2022	On Algorithms: Ethical and Epistemological Questions. Interview with Igor Pelgrefi	Acesso ao PDF	Entrevista
268	2022	The Economy of Waste	Acesso ao PDF	Artigo
269	2022	The epistemological foundations of data science: a critical review	Acesso ao PDF	Artigo
270	2022	The UK reform of data protection: key changes and their ethical, social and legal implications	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
271	2022	The US Algorithmic Accountability Act of 2022 vs. The EU Artificial Intelligence Act: what can they learn from each other?	Acesso ao PDF	Artigo
272	2023	AI as Agency Without Intelligence: on ChatGPT, Large Language Models, and Other Generative Models	Acesso ao PDF	Artigo
273	2023	AI in Support of the SDGs: Six Recurring Challenges and Related Opportunities Identified Through Use Cases (in The Ethics of Artificial Intelligence for the Sustainable Development Goals)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
274	2023	App store governance: Implications, limitations, and regulatory responses	Acesso ao PDF	Artigo
275	2023	Artificial intelligence regulation in the United Kingdom: a path to good governance and global leadership?	Acesso ao PDF	Artigo
276	2023	Climate Change and the Terrible Hope	Acesso ao PDF	Artigo
277	2023	Correction to: The Switch, the Ladder, and the Matrix: Models for Classifying AI Systems	Acesso ao PDF	Artigo
278	2023	Digital Sovereignty, Digital Expansionism, and the Prospects for Global AI Governance (in Quo Vadis, Sovereignty?)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
279	2023	Governing artificial intelligence in China and the European Union: Comparing aims and promoting ethical outcomes	Acesso ao PDF	Artigo
280	2023	Introduction: Understanding the Ethics of Artificial Intelligence for the Sustainable Development Goals (in The Ethics of Artificial Intelligence for the Sustainable Development Goals)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
281	2023	Machine Unlearning: Its Nature, Scope, and Importance for a “Delete Culture”	Acesso ao PDF	Artigo
282	2023	Meta’s Oversight Board: A Review and Critical Assessment	Acesso ao PDF	Artigo
283	2023	On Good and Evil, the Mistaken Idea That Technology Is Ever Neutral, and the Importance of the Double-Charge Thesis	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
284	2023	On the Brussels-Washington Consensus About the Legal Definition of Artificial Intelligence	Acesso ao PDF	Artigo
285	2023	Online Altruism: What it is and how it Differs from Other Kinds of Altruism	Acesso ao PDF	Artigo
286	2023	Operationalising AI ethics: barriers, enablers and next steps	Acesso ao PDF	Artigo
287	2023	The AI gambit: leveraging artificial intelligence to combat climate change—opportunities, challenges, and recommendations	Acesso ao PDF	Artigo
288	2023	The Blueprint for an AI Bill of Rights: In Search of Enaction, at Risk of Inaction	Acesso ao PDF	Artigo
289	2023	The digital services act: an analysis of its ethical, legal, and social implications	Acesso ao PDF	Artigo
290	2023	The Ethics of Artificial Intelligence Principles, Challenges, and Opportunities	Acesso ao PDF	Livro completo
291	2023	The Ethics of Online Controlled Experiments (A/B Testing)	Acesso ao PDF	Artigo
292	2023	The EU Data Act in context: a legal assessment	Acesso ao PDF	Artigo
293	2023	The Switch, the Ladder, and the Matrix: Models for Classifying AI Systems	Acesso ao PDF	Artigo
294	2024	A Genealogical Approach to Algorithmic Bias	Acesso ao PDF	Artigo
295	2024	A Justifiable Investment in AI for Healthcare: Aligning Ambition with Reality	Acesso ao PDF	Artigo
296	2024	Accountability in artificial intelligence: what it is and how it works	Acesso ao PDF	Artigo
297	2024	Anthropomorphising Machines and Computerising Minds: The Crosswiring of Languages between Artificial Intelligence and Brain & Cognitive Sciences	Acesso ao PDF	Artigo
298	2024	Artificial Intelligence for the Internal Democracy of Political Parties	Acesso ao PDF	Artigo
299	2024	Artificial intelligence in support of the circular economy: ethical considerations and a path forward	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
300	2024	Artificial intelligence with American values and Chinese characteristics: a comparative analysis of American and Chinese governmental AI policies	Acesso ao PDF	Artigo
301	2024	Foreword: From AI-empowered philanthropy to philanthropy-driven AI (in The Routledge Handbook of Artificial Intelligence and Philanthropy)	Acesso ao PDF	Capítulo de livro
302	2024	Generative AI in EU law: Liability, privacy, intellectual property, and cybersecurity	Acesso ao PDF	Artigo
303	2024	Global AI governance: barriers and pathways forward	Acesso ao PDF	Artigo
304	2024	Hypersuasion – On AI's Persuasive Power and How to Deal with It	Acesso ao PDF	Artigo
305	2024	Introduction to the Special Issues: The Ethics of Artificial Intelligence: Exacerbated Problems, Renewed Problems, Unprecedented Problems	Acesso ao PDF	Artigo
306	2024	On the Future of Content in the Age of Artificial Intelligence: Some Implications and Directions	Acesso ao PDF	Artigo
307	2024	Open source intelligence and AI: a systematic review of the GELSI literature	Acesso ao PDF	Artigo
308	2024	Ransomware: Why It's Growing and How to Curb Its Growth	Acesso ao PDF	Artigo
309	2024	Regulation by Design: Features, Practices, Limitations, and Governance Implications	Acesso ao PDF	Artigo
310	2024	Smart cities: reviewing the debate about their ethical implications	Acesso ao PDF	Artigo
311	2024	Submarine Cables and the Risks to Digital Sovereignty	Acesso ao PDF	Artigo
312	2024	Supporting Trustworthy AI Through Machine Unlearning	Acesso ao PDF	Artigo
313	2024	Taking AI risks seriously: a new assessment model for the AI Act	Acesso ao PDF	Artigo
314	2024	Ten principles for responsible quantum innovation	Acesso ao PDF	Artigo
315	2024	The Hardware Turn in the Digital Discourse: An Analysis, Explanation, and Potential Risk	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
316	2024	Why the AI Hype is Another Tech Bubble	Acesso ao PDF	Artigo
317	2025	A Conjecture on a Fundamental Trade-Off Between Certainty and Scope in Symbolic and Generative AI	Acesso ao PDF	Artigo
318	2025	A replica for our democracies? On using digital twins to enhance deliberative democracy	Acesso ao PDF	Artigo
319	2025	A Robust Governance for the AI Act: AI Office, AI Board, Scientific Panel, and National Authorities	Acesso ao PDF	Artigo
320	2025	AI as Agency without Intelligence: On Artificial Intelligence as a New Form of Artificial Agency and the Multiple Realisability of Agency Thesis	Acesso ao PDF	Artigo
321	2025	An App a Day will (Probably Not) Keep the Doctor Away: An Evidence Audit of Health and Medical Apps Available on the Apple App Store	Acesso ao PDF	Artigo
322	2025	Assembly and expression in extended reality: transposing human rights across realities	Acesso ao PDF	Artigo
323	2025	Competing narratives in AI ethics: a defense of sociotechnical pragmatism	Acesso ao PDF	Artigo
324	2025	Content Studies: A New Academic Discipline for Analysing, Evaluating, and Designing Content in a Digital and AI-Driven Age	Acesso ao PDF	Artigo
325	2025	Correction: Submarine Cables and the Risks to Digital Sovereignty	Acesso ao PDF	Artigo
326	2025	Correction: The case for a broader approach to AI assurance: addressing “hidden” harms in the development of artificial intelligence	Acesso ao PDF	Artigo
327	2025	Cyber Risks to Next-Gen Brain-Computer Interfaces: Analysis and Recommendations	Acesso ao PDF	Artigo
328	2025	Distant Writing: Literary Production in the Age of Artificial Intelligence	Acesso ao PDF	Artigo
329	2025	Global Health in the Age of AI: Charting a Course for Ethical Implementation and Societal Benefit	Acesso ao PDF	Artigo

	Ano	Título	Documento	Tipologia documental
330	2025	Open-Source AI Made in the EU: Why it is a Good Idea	Acesso ao PDF	Artigo
331	2025	Policing Across and Within Metaverses: How Immersiveness Changes the Role of Police in Cyberspace	Acesso ao PDF	Artigo
332	2025	The case for a broader approach to AI assurance: addressing “hidden” harms in the development of artificial intelligence	Acesso ao PDF	Artigo
333	2025	Using Twitter to Detect Polling Place Issue Reports on U.S. Election Days	Acesso ao PDF	Artigo
334	2025	Where are they? A review of statistical techniques and data analysis to support the search for missing persons and the new field of data-based disappearance analysis	Acesso ao PDF	Artigo